

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Centro de Artes
Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais
Mestrado



Dissertação

***Reflexus: O pensamento reflexivo e a experiência estética na
formação docente em Artes Visuais da UFPel/ RS***

Raquel Casanova dos Santos Wrege

Pelotas, 2018

Raquel Casanova dos Santos Wrege

***Reflexus*: O pensamento reflexivo e a experiência estética na
formação docente em Artes Visuais da UFPel/ RS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação (Mestrado) em Artes Visuais, Linha de pesquisa: Ensino de Arte e Educação Estética da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Artes Visuais.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Ursula Rosa da Silva

Pelotas, 2018

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas
Catalogação na Publicação

W944r Wrege, Raquel Casanova dos Santos

Reflexus : o pensamento reflexivo e a experiência
estética na formação docente em artes visuais da UFPEL/
RS/Raquel Casanova dos Santos Wrege ; Ursula Rosa da
Silva, orientadora. — Pelotas, 2018.

242 f. : il.

Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-Graduação
em Artes Visuais, Centro de Artes, Universidade Federal de
Pelotas, 2018.

1. Experiência estética. 2. Professor reflexivo. 3.
Formação docente em artes visuais. I. Silva, Ursula Rosa
da, orient. II. Título.

CDD : 370.71

Elaborada por Kênia Moreira Bernini CRB: 10/920

Raquel Casanova dos Santos Wrege

Reflexus: O pensamento reflexivo e a experiência estética na
formação docente em Artes Visuais da UFPel/ RS

Dissertação aprovada, como requisito parcial, para obtenção do grau de
Mestre em Artes Visuais, Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais,
Centro de Artes, Universidade Federal de Pelotas.

Data de defesa: 20 de fevereiro de 2018.

Banca examinadora:

.....
Profa. Dra. Ursula Rosa da Silva (Orientadora)
Doutora em Educação pela Universidade Federal de Pelotas

.....
Profa. Dra. Larissa Patron Chaves
Doutora em História pela Universidade Vale dos Sinos

.....
Profa. Dra. Luciana Gruppelli Loponte
Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio
Grande do Sul

.....
Profa. Dra. Helene Gomes Sacco Carbone
Doutora em Artes Visuais pela Universidade Federal do
Rio Grande do Sul

Dedico este trabalho a minha mãe Gislaine Casanova dos Santos Wrege e ao meu pai João Alberto Damé Wrege.

Agradecimentos

Aos meus familiares por acreditarem em mim, serem meu suporte e por todo o amor que sempre se fez presente em cada dia de minha vida. A minha mãe, por ser minha inspiração, pela garra, pelo grande incentivo para que eu pudesse seguir todos meus sonhos de construção pessoal e profissional e sua grandiosa dedicação em todos aspectos que sempre admiro muito. Ao meu pai, meu eterno agradecimento pelo carinho e apoio que sempre me deu em cada etapa e por me ensinar que ouvir também é uma forma de amar. Ao meu irmão, pelo carinho e companheirismo em nossa jornada juntos.

Ao meu namorado, Samuel Völz Lopes por todo apoio que me deu e esforço para me ajudar em cada parte desta jornada de estudo e formação.

Aos professores do Curso de Artes Visuais e do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da UFPel que me apresentaram novos horizontes e despertaram o ser pesquisador presente em minha formação.

Professora e Orientadora Úrsula Rosa da Silva que me apontou novos rumos, proporcionou este processo de aprendizagem e sempre colaborou para o desenvolvimento deste estudo junto ao Centro de Artes.

Professora Larissa Patron Chaves que me acompanha neste trajeto formativo desde a graduação em Artes Visuais Licenciatura na UFPel (2012-2015) e me possibilitou a experiência da pesquisa e do estágio docente para desenvolvimento deste projeto.

Agradeço muito a professora e artista Alice Monsell por me ampliar as visões do docente de artes, a partir das perspectivas da Arte Propositiva no ano de 2015 e através de seu relato na 3^o SIEPE/UFPel, que estão muito presentes neste trabalho desde sua concepção.

Assim como, o contato tanto nas disciplinas da graduação como durante as mediações do Projeto “Patafísica: Mediadores do imaginário” coordenado pela professora e artista Carolina Rochefort que me convidou a experimentar o encontro/trocas que a ação mediativa permite.

Ao Centro de Artes e em especial a Faculdade de Artes Visuais, local onde me constituí por inúmeras experiências e pude entrar em contato com diferentes percepções de mundo.

A CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) pelo apoio concedido para efetivação desta pesquisa.

Aos meus colegas e alunos que participaram intensamente do projeto tornando possível esta pesquisa e enriquecendo o trabalho com suas valiosas reflexões. Jeferson Silveira pelo ânimo, apoio e por despertar outras possibilidades de perceber a educação e a arte. Amanda Delgado por abrir os diálogos, apresentar novas percepções e desenvolver momentos de trocas profundas. Ana Soares pela criatividade e apontar caminhos/ inquietações para pensar a formação. Luciula Anjos por gerar a integração e demonstrar as incertezas do trajeto formativo. Yanne Roberto pela disponibilidade e interesse em participar de cada etapa do projeto, possibilitando para todos a sensibilidade da educação e da criação em arte. Elair da Rocha que falou sobre os medos, angústias e inseguranças que permeiam o processo da formação docente em Arte Visuais e esteve sempre disposta para os momentos de diálogo em grupo ativando nossas reflexões. Silvia Nunes que através dos relatos de suas experiências nos mediou e nos motivou a repensar as práticas. Assim, também agradeço a todos os alunos que estiveram presentes mesmo que esporadicamente em algum desses profícuos encontros (Laura Torres, Diana Martins, Shayda Cazaubon, Everton Mendonça, Caroline Silveira, Cibele Gil, Raquel Mendes, Laura Oliveira, Greice Bizarro).

Além, de todos os visitantes/ fruidores que de diversos modos colaboraram ao explorar significados e percepções sobre o tema deste estudo.

Ao Centro de Artes e em especial a Faculdade de Artes Visuais, local onde me constituí por inúmeras experiências e pude entrar em contato com diferentes percepções de mundo.

A CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) pelo apoio concedido para efetivação desta pesquisa.

E a Deus, por me conceder a graça de alcançar mais uma etapa de meus sonhos e participar dessa busca como parte de uma eterna evolução.

Gratidão!

**“O artista é aquele que fixa e torna acessível
aos demais humanos o espetáculo de que
participam sem perceber.”
Maurice Merleau-Ponty. (A dúvida de Cézanne)**

Resumo

WREGGE, Raquel Casanova dos Santos. **Reflexus**: O pensamento reflexivo e a experiência estética na formação docente em Artes Visuais da UFPel/ RS. 2018. 252f. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) - Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, Centro de Artes, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2018.

Esta dissertação propõe um pensar sobre o processo de formação inicial docente em Artes Visuais, a partir do conceito de ação-reflexiva embasado no ato perceptivo do sujeito para o mundo ao seu redor. Compreende-se que durante a graduação, no Curso de Artes Visuais Licenciatura, é necessário que o futuro educador de Artes Visuais possa experienciar esteticamente os aspectos formativos. Desse modo, trata-se a experiência estética como meio de despertar uma postura mais ativa do discente para sua formação inicial. O estudo parte de abordagem qualitativa e se dá através de pesquisa-ação tendo como público-alvo discentes do Curso de Artes Visuais modalidade Licenciatura da UFPel. Fundamenta-se teoricamente no pensamento fenomenológico de Merleau-Ponty (1990, 1992, 1999), na concepção de profissional reflexivo de Schön (2000) e de prática reflexiva de Perrenoud (2002).

Palavras-chave: Experiência estética; professor reflexivo; formação docente em Artes Visuais

Abstract

WREGGE, Raquel Casanova dos Santos. ***Reflexus***: Reflective thinking through art in teacher education in Visual Arts. 2018. 252f. Dissertation (Masters in Visual Arts) - Postgraduate Program in Visual Arts, Arts Center, Federal University of Pelotas, Pelotas, 2018.

This dissertation proposes to think about the process of initial teacher training in Visual Arts, from the concept of action-reflexive based on the perceptive act of the subject to the world around him. It is understood that during the undergraduate, in the Course of Visual Arts Degree, it is necessary that the future educator of Visual Arts can aesthetically experience the formative aspects. In this way, the aesthetic experience is treated as a means of awakening a more active posture of the student to his initial formation. The study is part of a qualitative approach and is given through the Research-Action-Participant having as target audience students of the Visual Arts Course UFPel's Licenciatura degree. It is theoretically based on Merleau-Ponty's phenomenological thinking (1990, 1992, 1999), on Schön's conception of reflexive professional (2000) and on reflexive practice by Perrenoud (2002).

Key- words: Aesthetic experience; reflective teacher; teacher training in Visual Arts

Lista de figuras

Figura 1	DESCARTES, René. Ilustração da Dióptrica, 1637.....	21
Figura 2	WREGGE, Raquel. Representação do processo reflexivo na formação docente em Artes Visuais.....	22
Figura 3	Esquema de inter-relações através da experiência estética.....	45
Figura 4	Convite online para participação do projeto.....	59
Figura 5	Painel 1, 80x100 cm, O significado de Arte.....	61
Figura 6	Painel 2, 80x100 cm, O significado de professor-artista....	64
Figura 7	Anotações do Discente F, 06 de novembro de 2016.....	70
Figura 8	Painel 3, 80x100 cm, O significado de artista.....	73
Figura 9	SILVEIRA, Jeferson, Obra Anotações, Fotografia, 2017....	78
Figura 10	Painel 4, 80x100 cm, O significado de fruidor.....	79
Figura 11	WREGGE, Raquel. Questionário efêmero. 09-03-2017 até dia 20-04-2017, escritos sobre papel pardo e colagem, 100 x 60 cm.....	83
Figura 12	WREGGE, Raquel. Proposição “Quadro em Branco?” 19-09-2016 até dia 20-04-2017, caneta em quadro branco, colagem.....	84
Figura 13	WREGGE, Raquel. Proposição “Quadro em Branco? ”.....	85
Figura 14	WREGGE, Raquel. Diário de Bordo, livro de artista, 2017...	86
Figura 15	SAFONS, Ana. Re- existir pela arte, varal de serigrafia, 2016.....	87
Figura 16	SAFONS, Ana. Vida cinza, livro de artista, 2014.....	87
Figura 17	DELGADO, Amanda. Entre muros, foto/objeto, 2016.....	88

Figura 18	ANJOS, Luciula. ARTEFORMAÇÃOARTE, óleo sobre tela, trecho escrito, 2016.....	89
Figura 19	ROBERTO, Yanne. Aula na rua, fotografia/ instalação e Depois da Aula na Rua, objeto/ áudio, 2013.....	90
Figura 20	Interação de uma fruidora, e graduanda do Curso de bacharelado em Artes Visuais, com a obra “Depois da aula na rua”.....	91
Figura 21	SILVEIRA, Jeferson. Anotações, Fotografia, 2017 e Arte, a história da sociedade, mural, 2017.....	91
Figura 22	Obra coletiva “Os painéis da formação”. Imagens de elaboração e montagem.....	92
Figura 23	Mediação com novelo de lã. Atividade 1. 23 de agosto de 2016.....	95
Figura 24	OITICICA, Hélio. Obra Tropicália, 1960.....	104
Figura 25	OITICICA, Hélio. Nildo da Mangueira, com Parangolé, 1964.....	106
Figura 26	CLARK, Lygia. Caminhando, 1964.....	108
Figura 27	Os quatro painéis resultados das atividades das oficinas, instalação constituinte da exposição “Reflexus”. 09 de março de 2017.....	120
Figura 28	Convite online para participação do projeto.....	164
Figura 29	Álbum virtual com sugestões de ideias para a confecção dos blocos, imagens retiradas do Google com a palavra-chave “livro de artista”.....	165
Figura 30	Descrição da atividade feita no dia 23 de agosto.....	166
Figura 31	Descrição da atividade feita no dia 30 de agosto.....	167

Figura 32	Descrição da atividade feita no dia 13 de setembro.....	168
Figura 33	Enquete sobre a participação na exposição e oportunidade de encontros em outros horários para pesquisa.....	168
Figura 34	Descrição da atividade feita no dia 06 de setembro.....	169
Figura 35	Publicação de um dos participantes da pesquisa no grupo sobre o trabalho que desenvolve no Hospital Espírita.....	169
Figura 36	Publicação de um dos participantes da pesquisa no grupo sobre a atividade realizada no encontro do dia 13 de setembro.....	170
Figura 37	Publicação sobre uma exposição realizada na Galeria A Sala do Centro de Artes da UFPel, na qual saliento sobre a relação professor-artista.....	171
Figura 38	Publicação de um dos participantes da pesquisa, citação sobre o que é ser professor segundo Rubem Alves.....	171
Figura 39	Publicação de um dos participantes da pesquisa sobre vídeo do filósofo Sérgio Cortella “O que importa é saber o que importa!”, em que o discente relaciona com o Ensino de professores.....	172
Figura 40	Descrição da atividade feita no dia 04 de outubro.....	172
Figura 41	Organizando a documentação dos participantes da exposição.....	173
Figura 42	Mudança de estratégia para a realização das atividades, possibilidade de entrega dos trabalhos pela internet.....	174
Figura 43	Postagem sobre atividade 6, chamada para participação da gravação do áudio.....	175

Figura 44	Postagem sobre o Projeto Político Pedagógico do Curso documento para download.....	175
Figura 45	Postagem sobre gravação de áudio do PPP.....	176
Figura 46	Postagem sobre o “Quadro em Branco”.....	177
Figura 47	Organizando para montagem dos painéis.....	178
Figura 48	Centro de Artes mobilizações sobre a MP 746.....	178
Figura 49	Pintura dos painéis.....	179
Figura 50	Trabalho coletivo para confecção dos painéis.....	179
Figura 51	Filme a Sociedade dos Poetas Mortos para discutir o papel do professor de arte no sistema escolar.....	180
Figura 52	Publicação de um discente sobre Jung.....	180
Figura 53	Grupo J 20, manifesto sobre arte e a relação com a política na atualidade para trabalhar sobre as mobilizações contemporâneas.....	181
Figura 54	Publicação de discente sobre uma citação de Nietzsche relacionada à Arte.....	182
Figura 55	Reunião pré-exposição.....	183
Figura 56	Convite da exposição.....	183
Figura 57	Artigo tratando sobre a fruição de obras com mais calma, denominada “ <i>slow art day</i> ”.....	184
Figura 58	Publicação de discente sobre Jung tratando da relação entre arte e vida.....	184
Figura 59	Link para participar do questionário online da pesquisa.....	185

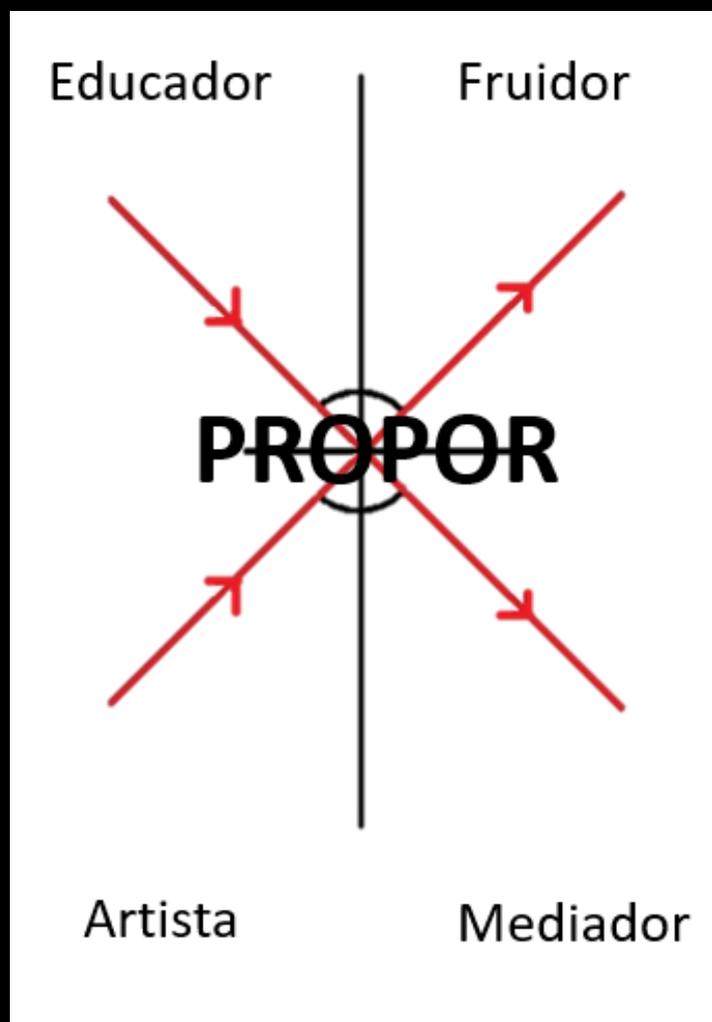
Lista de tabelas

Tabela 1	Análise de principais aspectos discutidos pelos estudantes, primeiro encontro do grupo em 23 de agosto de 2016.62
Tabela 2	Análise de principais aspectos discutidos pelos estudantes, segundo encontro do grupo em 30 de agosto de 2016.65
Tabela 3	Análise de principais aspectos discutidos pelos estudantes, terceiro encontro do grupo em 06 de setembro de 2016.73
Tabela 4	Análise de principais aspectos discutidos pelos estudantes, quarto encontro do grupo em 13 de setembro de 2016.74
Tabela 5	Escritas relacionadas a obra “Questionário efêmero”83
Tabela 6	Análise do planejamento de atividades das oficinas.162

Sumário

1. Início de Conversa.....	18
1.1. Pensar o Trajeto.....	20
1.2. Caminhos Metodológicos.....	29
2. Elementos do Diálogo formativo.....	38
2.1. Parar para pensar: o processo reflexivo na formação inicial docente	40
2.2. A experiência estética para pensar a formação superior em Artes Visuais – Licenciatura	44
2.3. Graduação em Artes Visuais relações entre vivências, experiências e a experiência estética.	51
3. A construção de uma atitude reflexiva para pensar a formação docente em Artes Visuais	57
3.1. Encontros de “Diálogo e proposições artísticas”	58
3.2. Perspectivas da formação: a Exposição <i>Reflexus</i>	82
4. Integrações entre mediador/ provocador/ propositor	93
4.1. Arte em ação: interação, relação e provocação	94
4.2. Das proposições: professor-propositor, artista-propositor e professor-artista	102
5. Percepções sobre a formação docente em Artes Visuais na UFPel	113
5.1. O diálogo e a criação através da arte: ativando percepções	114
5.2. Reflexus: uma exposição artística sobre o olhar de docentes de Artes Visuais	121
5.3. Docência em Artes Visuais na UFPel: aspectos constitutivos da formação	128
6. Considerações Finais	136
7. Referências	140
8. Apêndices	148

1. Início da conversa





O que é o homem? É esta a primeira e principal pergunta da Filosofia. (...). Se pensarmos nisto, a própria pergunta (...). Nasceu daquilo que refletimos sobre nós mesmos e sobre os outros e queremos saber, em relação ao que refletimos e vimos, o que somos e em que coisa nos podemos tornar, se realmente e dentro de que limites somos “artífices de nós próprios”, da nossa vida, do nosso destino. E isto queremos sabe-lo “hoje”, nas condições dadas hoje, pela vida “hodierna” e não por uma vida qualquer e de qualquer homem.

Antonio Gramsci

1.1. Pensar o trajeto

A imagem que introduz este Capítulo está fundamentada no significado do vocábulo “reflexão”. Conforme o Dicionário Caldas Aulete:

(re.fle.xão) [cs]

sf.

1. Ação ou resultado de refletir (-se).
2. Desvio de direção que sofre um corpo, quando, com certa velocidade, encontra outro corpo resistente; RICOCHETE: *O jogo do bilhar funda-se no conhecimento das leis da reflexão dos corpos elásticos.*
3. Desvio que dentro do mesmo meio sofre o raio de luz, de calor ou de som quando encontra um obstáculo: *A cor dos corpos é devida à reflexão parcial da luz que neles incide.*
4. Pensamento sério ou meditação profunda a respeito de determinado assunto, problema, ou sobre si mesmo: *Faz as coisas sem reflexão.*
5. Ensaio sobre um assunto, uma temática: *Reflexões sobre a globalização e seus efeitos.*
6. Fil. Atenção aplicada ao processo do entendimento, aos fenômenos da consciência e às próprias ideias

[Pl.: -xões.]

[F.: Do lat. *reflexionis*. Ver tb. *ângulo de reflexão*, no verbete *ângulo*.]

(REFLEXÃO. Dicionário Caldas Aulete, 2017. Disponível em: <<http://www.aulete.com.br/reflex%C3%A3o>>. Acessado em: 05 de ago. 2016).

As definições acima permeiam toda a escrita desta pesquisa. Mas, destaco “Pensamento sério ou meditação profunda a respeito de determinado assunto, problema, ou sobre si mesmo”, por esta apresentar um dos principais objetivos deste trabalho. Segue em paralelo aos conceitos a metáfora artística vinculada à apresentação visual do texto. Os argumentos que tratam do aspecto físico do espelho, também envolvem a sua construção semântica. Em Física adentramos no campo da Óptica, e encontramos explicações sobre as particularidades da luz quanto ao fenômeno da reflexão. Neste universo de estudos, temos base da Segunda Lei da Refração, elaborada no século XVII. Esta recebeu o título de dois cientistas, que mesmo tendo trabalhado de forma independente chegaram a mesma conclusão, o filósofo Descartes e do matemático Snell. A Lei de Snell-Descartes relaciona os ângulos que se formam na incidência e refração dos raios de luz. Entendo que a ação de refletir pode ser compreendida aqui, assim como, a representação dos raios na Física, relacionados entre si. Desse modo, podemos pensar sobre dois aspectos: refletir sobre a ação de “se formar” e sobre a ação de “formar alguém”. Ao propor que

os futuros docentes possam pensar sobre seu processo formativo e perceberem que isto influenciará em sua atuação docente ao formar outros sujeitos.

A palavra apresenta em sua origem etimológica, o seguinte significado: “Reflexo vem do latim re, ‘outra vez, novamente’, mais flexus, ‘dobrado, fletido’, do verbo flectere, ‘dobrar’”. (REFLETIR. Significado etimológico, 2017. Disponível em: <<http://origemdapalavra.com.br/site/palavras/reflexo/>>, acessado em: 19 de set. 2017). Partiremos desta metáfora para pensar a formação docente, dobrar-se ou flexionar-se sobre sua própria subjetividade, refletir sobre tudo aquilo que constituiu estes sujeitos enquanto discente de Artes Visuais.

Sendo assim, a imagem que destaco é uma representação visual dos raios incidente e refratado, publicada em 1637 no livro “Dióptrica”:

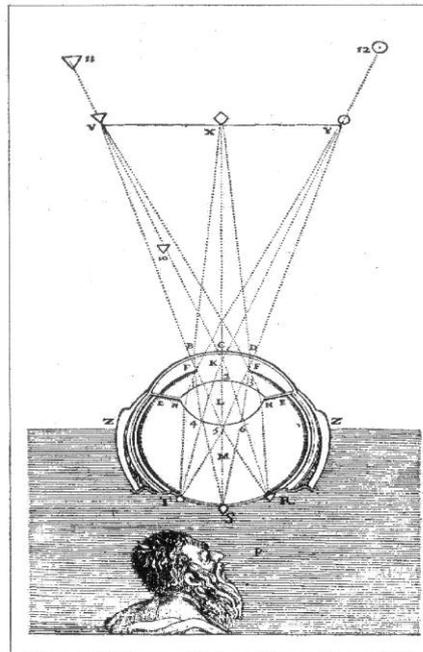


Figura 1- DESCARTES, René. Ilustração da Dióptrica, 1637.

Fonte: <. <https://melancoliaie.wordpress.com/2014/06/14/audicion-sonido-y-sujeto/>>, Acesso em: 05 de ago. 2016.

Inspirada nesta ilustração, desenvolvi metaforicamente a estrutura estética da dissertação, relacionada ao processo ótico. Assim como o espelho, em que podemos nos ver virtualmente num estado de comparação com o real. A proposta deste estudo foi perceber através de si e dos outros o processo da formação durante o tempo em que estiveram na graduação. Como raios de refração, estes pensamentos foram expressos e construíram novas percepções em outros sujeitos. Sendo assim, represento de modo figurativo esse processo:

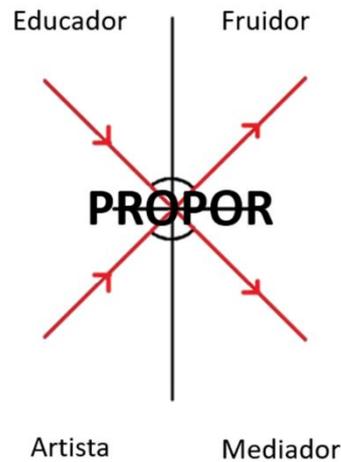


Figura 2- WREGGE, Raquel. Representação do processo reflexivo na formação docente em Artes Visuais.

Fonte: WREGGE, 2016.

Com destaque central está no meio da figura, o principal objetivo da pesquisa. Trata-se de uma proposição para: o pensar, a inquietação, a criação, a retomada do trajeto... e os raios que incidem e refratam, são assim representados pelas palavras que permearam a reflexão sobre o caminho formativo: educador, fruidor, artista e mediador. Palavras que estão presente em todas as discussões, e são intrínsecas durante o ensino-aprendizado em Artes Visuais. Além disso, a superfície espelhada que envolve o trabalho ilustra a busca por este olhar para si e para o outro. Segundo Jung, podemos tratar da percepção do eu e do outro, por meio da contemplação da superfície refletora:

Nos sonhos, um espelho pode simbolizar o poder que tem o inconsciente de “refletir” objetivamente o indivíduo — dando-lhe uma visão dele mesmo que talvez nunca tenha tido antes. Só através do inconsciente tal percepção (que por vezes choca e perturba a mente consciente) pode ser obtida — tal como no mito grego onde a repulsiva Medusa, cujo olhar transformava os homens em pedra, só podia ser contemplada em um espelho. (JUNG, 1964, p.200)

O espelho também carrega a ideia de identidade e alteridade, pensando a partir do eu e do outro. Desse modo, foi proposto o diálogo interno e externo, que o processo de criação pela arte permite. Desde a percepção sobre determinado tema que interessa ao sujeito até sua expressão para outros sujeitos que posteriormente seguem com suas próprias interpretações.

Alguns estudos na área de Educação em artes apontam a importância da reflexão e da experiência estética como aspecto relacionado na formação continuada, nota-se o quanto estes conceitos podem colaborar na atuação dos docentes no Ensino da Arte. Sendo assim, porque não investigarmos estes aspectos a serem melhorados, durante a formação inicial dos futuros docentes de Artes? No campo da Educação através da Arte apresenta-se como necessidade tratar não somente do profissional em atuação na escola, mas em igual relevância trazer esta abordagem de conceitos (experiência estética e reflexão) para o período anterior à sua prática profissional, que compreende o percurso da graduação. Sendo assim, neste estudo apresento minhas próprias vivências enquanto educadora, formada no Curso de Licenciatura em Artes Visuais, para pensar o modo como é abordada a formação de docentes em Artes Visuais contemporaneamente na Universidade Federal de Pelotas.

Um aspecto relevante sobre o interesse neste tema foi que, durante a graduação, percebi o quanto eu e meus colegas tínhamos medos e inseguranças durante o Curso, muitas vezes originadas por cobranças internas, baseadas em perspectivas subjetivas dos papéis (fruidor, artista, mediador, educador) que vivenciamos na formação. Destaco o medo de desenhar, que na maioria das vezes estava relacionado a insegurança de achar que não desenhava bem, por não se sentir “artista”, ou por se ver somente como “professor de Artes” e não se sentir capacitado para as práticas. No entanto, existem muitos motivos por trás destas angústias que podem estar relacionados aos valores introjetados em uma formação tradicional oriunda do ambiente escolar ou até mesmo concepções unilaterais do que é ser artista, desenhar bem, ser professor de Artes.... Observa-se que somente o conceito de artista já nos provoca para inúmeras questões:

O que você compreende que é ser artista? Necessariamente preciso saber uma técnica aprimorada para ser visto como artista? O que significa “desenhar bem”? Um artista pode ser professor? O professor de Artes deve ter uma produção artística? Ser professor de Artes é somente saber a parte teórica?

Todas essas questões estavam presentes nos diálogos com os discentes, mas como na maioria das vezes nem sempre existe a oportunidade de “parar para pensar” sobre esses medos, acabam surgindo conflitos e confusões, que os

influenciam negativamente na forma como compreendem o Ensino de Artes Visuais. Neste contexto, surge a importância de refletir, de pensar no sentido proposto por Dewey: “(...) uma pergunta a responder, incerteza a esclarecer, (...) A natureza do problema a resolver determina o objetivo do pensamento e este objetivo orienta o processo do ato de pensar. ” (DEWEY, 1959, p.24). Sendo assim, esta pesquisa fomenta os questionamentos, provoca a inquietação, sugere a expressão e possibilita a reflexão mais aprofundada, ainda durante a formação no Curso Superior.

Aliado ao interesse pelo tema da formação em Artes Visuais Licenciatura, fundamenta-se a concepção de experiência estética segundo a Fenomenologia, o que me levou a observar os conceitos próprios da filosofia de Merleau-Ponty (1990, 1992, 1999) como: intencionalidade, estado de abertura do sujeito, “corpo-próprio”, a percepção sensível... entremeados nas ações propostas. A partir daí o objetivo principal deste estudo foi desenvolver uma possibilidade de ativar a percepção sensível de estudantes do último semestre de licenciatura em Artes Visuais da UFPel para o processo formativo que se envolveram na graduação. Desse modo, propor uma postura ativa do grupo para o redor (contexto formativo), oportunizar a expressividade sobre o tema partindo do princípio de que é preciso haver a intencionalidade destes sujeitos na realização das atividades. Compreende-se que o interesse e o despertar perceptivo destes sujeitos durante sua formação no Curso influenciará estes sujeitos em sua construção pessoal e profissional. A experiência estética atravessando o perfil de formação do futuro docente quanto aos aspectos constituintes enquanto: educador, fruidor, artista e mediador.

Aprofundo questões que surgiram em uma pesquisa anterior, desenvolvida durante a minha graduação no Curso de Artes Visuais Licenciatura da UFPel entre 2012 e 2015. No Trabalho de Conclusão de Curso intitulado “Da navegação à deriva: Um estudo sobre a experiência estética na formação superior em Artes Visuais – Licenciatura”, busquei analisar como havia se dado a experiência estética durante a formação da primeira turma de Artes Visuais Licenciatura, com os discentes do último semestre, em que foram efetivadas as mudanças no novo Projeto Político Pedagógico implementado em 2010. O trabalho abordou como tema principal a separação ou integração entre os papéis de fruidor, mediador, professor e artista. As preocupações iniciais que impulsionaram a realização da pesquisa surgiram dos acadêmicos, que apontaram nas entrevistas algumas percepções sobre sua

formação como: “não me sinto artista, não sei fazer mediações, indiferença ao processo de fruição, medo de ser mediado”, além de dificuldades em definir alguns conceitos próprios da área de Artes Visuais. Muitos demonstravam inseguranças quanto à identificação desses papéis do profissional de Ensino da Arte e dificuldade de compreensão de si enquanto futuro docente. Por meio de entrevistas e análise dos documentos que regem o Ensino Superior em Artes Visuais, pude levantar subsídios para pensar sobre a formação. Alguns aspectos, analisados no Trabalho de Conclusão de Curso, foram motivadores para dar continuidade a este estudo. Sendo assim, esta pesquisa de Mestrado surge da necessidade de:

— Gerar mais contato dos discentes com as concepções sobre a formação do licenciado em Artes Visuais que se encontram no Projeto Político Pedagógico;

— Refletir sobre a formação que os acadêmicos optaram durante o Curso e o que isso os proporcionou como construção pessoal e profissional;

— Promover a reflexão sobre as escolhas ao longo da formação de futuros docentes de Artes Visuais como uma forma de desenvolver a percepção desses sujeitos em relação ao Ensino das Artes Visuais;

— Refletir as opções de formação do Curso, já que este oportuniza aos acadêmicos uma carga horária de formação livre e complementar de 18%. Desse modo é uma formação mais subjetiva e se torna relevante que os discentes possam pensar mais ativamente sobre seu currículo.

A pesquisa realizada em 2015 destacou, por meio das análises de dados: a dificuldade dos discentes em compreender o conceito de experiência estética, necessidade de expressar reflexões sobre sua formação, ideias confusas quanto à articulação ou não dos aspectos de formação professor/mediador/fruidor/artista, desconhecimento do Projeto Político Pedagógico do Curso, desinteresse quanto ao perfil profissional almejado pelos discentes nas escolhas do Curso. A partir deste diagnóstico prévio, entendi ser relevante através deste projeto oportunizar momentos de reflexão quanto às decisões que os estudantes tomaram em sua formação universitária. Se é possível notar essas inseguranças e confusões no decurso da graduação, se faz necessário analisar melhor este contexto e propor novas formas de transformar os aspectos negativos em algo positivo que servirão

de fundamentos na futura atuação profissional. Ou seja, na maioria das vezes, os formandos não têm a espaço no currículo para refletir sobre suas motivações no Curso, avaliar o que houve de bom, o que podia ter melhorado, o que faltou, compreender os medos que tiveram.... Essa perspectiva, seja a de reflexão ou mesmo de passividade, seguirá quando estes sujeitos estiverem inclusos como formadores na rede de Ensino. Na maioria das vezes, o sujeito que se forma sem compreender este processo de modo mais atento aceita facilmente a postura de do professor como mero “transmissor” de informações, ou reproduzidor de dados no processo de ensino-aprendizagem. Perrenoud (2002) discute esta questão: “Parte dos estudantes não gosta de refletir, ou seja, prefere absorver e restituir saberes; isto é que o ofício de discente — que os levou à Universidade — os habituou a fazer sem questionar muito (...). ” (PERRENOUD, 2002, p. 80). O problema é que estes profissionais nem mesmo conseguem ser capazes de repensar suas práticas, pois não estão habituados com a reflexão.

Tendo em vista este contexto diversificado de enfoques sobre o tema que em geral está vinculada à prática continuada da formação, nesta pesquisa realizada junto ao programa de Pós-graduação em Artes Visuais, na linha de Educação Estética e Ensino da Arte, procurei estabelecer reflexões através de propostas artísticas que levassem os acadêmicos a pensar a formação. O tema principal é o estudo o desenvolvimento do pensar reflexivo aliado a experiência estética sobre a formação docente inicial em Artes Visuais na Universidade Federal de Pelotas/ RS.

Dentre as questões que fundamentam a pesquisa:

- Como despertar uma atitude filosófica nos graduandos, que os leve a pensar sobre sua formação como futuros docentes de Artes Visuais?
- Qual a importância de refletir sobre a formação obtida durante a graduação?

Tendo em vista os aspectos geradores do estudo, acima apontados, apresento a questão fundamental:

- Considerando a experiência estética como ativação da percepção sensível vivida pelo sujeito e a atitude reflexiva como a sua conseqüente atribuição de significados, busca-se compreender qual a importância da reflexão sobre a formação docente aliada à experiência estética durante a graduação do futuro profissional docente em Artes Visuais?

A partir dessas delimitações do estudo aponto como objetivo geral:

- Compreender a relevância da reflexão, através de experiência estética por meio de discussão e da produção artística, em relação ao desenvolvimento de uma compreensão da formação individual de si como futuro educador em Artes e coletiva tendo como amplitude o Curso de Licenciatura em Artes Visuais da UFPel.

Dentre os objetivos específicos que esta análise procura definir melhor, encontram-se:

- Problematizar concepções da formação no Curso de Artes Visuais Licenciatura, partindo do processo de percepção estética tendo como público-alvo da pesquisa discentes e docentes do Centro de Artes da UFPel;

- Identificar se há modificação no posicionamento crítico e estético dos discentes frente à forma como compreendem sua formação no Curso, por meio da experiência estética na prática artística e reflexiva;

- Estudar os conceitos de experiência estética e reflexão quanto suas implicações na formação de futuros docentes no Curso de Artes Visuais Licenciatura;

- Refletir sobre a formação dos acadêmicos de licenciatura em Artes Visuais a partir de atividades de cunho artístico e filosófico sobre as percepções da formação de cada estudante;

- Analisar formas de desenvolver a percepção e a expressão de questões prementes e descobertas dos discentes durante a graduação assim como, aspectos constituintes das experiências em sua formação.

As atividades desenvolvidas através desta pesquisa buscam o despertar de ideias através da experiência estética em relação às escolhas formativas, para que os graduandos ampliem seu olhar e isto os auxiliem no processo ao longo do Curso de “autoformação/ heteroformação/ ecoformação”, como define Nóvoa (2001):

E quem forma o formador? As respostas são idênticas: o formador forma-se a si próprio, através de uma reflexão sobre os seus percursos pessoais e profissionais (autoformação); o formador forma-se na relação com os outros, numa aprendizagem conjunta que faz apelo a consciência, os sentimentos e as emoções (heteroformação); o formador forma-se através das coisas (dos saberes, das técnicas, das culturas, das artes, das tecnologias) e da sua compreensão crítica (ecoformação).

Numa dupla perspectiva: caminhada do formador enquanto eu pensante e sensível que se convoca na sua construção pessoal e caminhada do formador na sua relação com os outros, ajudando-os a mobilizarem-se para o processo formativo. (NÓVOA, 2001, p 24)

Para tanto foram realizadas atividades com acadêmicos do último semestre do Curso de Artes Visuais Licenciatura- 2016, além de reverberar também em grupos de docentes e discentes de diferentes Cursos do Centro de Artes da UFPel. Apresento os dados produzidos através de imagens, registro em diário de bordo, entrevista, questionário online, transcrição de atividades realizadas nas oficinas e na exposição. Analiso esse conjunto de percepções através da fundamentação teórica, na qual utilizei como base: Merleau-Ponty (1990, 1992, 1999), Schön (2000), Perrenoud (2002) e Josso (2010) tratando de conceitos como experiência estética, formação de si, experiências de formação, reflexão-na-ação e prática reflexiva.

Merleau-Ponty (1990, 1992, 1999) apresenta conceitos principais da fenomenologia como o “estado de abertura” do sujeito para que se efetive a experiência estética. Trata-se dessa experiência estética fundamentada pela percepção sensível do sujeito para o mundo ao seu redor, e externalizada através da expressão poética. Como explica Ursula Silva (2011) no livro “A Infância do Sentido: ensino de filosofia e racionalidade estética em Merleau-Ponty” oriundo da tese de doutorado: “O estado de abertura para o mundo é o modo de atenção do sujeito que volta seu olhar para algo que o arrebatava, algo que antes não o chamava, mesmo estando ali. A intencionalidade faz este movimento de uma instauração da atenção para algo.” (SILVA, 2011, P.33). Nesse sentido, despertar o olhar para suas escolhas formativas atentando para algo que antes não foi tido como motivo de reflexão e compreender sua atitude mais ativa na graduação.

Schön (2000) na abordagem sobre formação de professores compreende o profissional reflexivo enquanto atuante em sua prática profissional de ensino-aprendizagem por meio da “reflexão na ação”. Esse conceito se torna relevante ao formar, assim como, futuramente sendo que o docente graduado auxiliará na formação de outros sujeitos.

Perrenoud (2002) trata da “prática reflexiva” como o desenvolvimento de uma postura do sujeito. No decorrer da formação o graduando vai transformando sua identidade de estudante e adquirindo a noção de um profissional responsável pelas suas próprias decisões.

Josso (2010) através de sua concepção do sujeito como ser em formação, por meio da autorreflexão desenvolver uma consciência formativa. Compreendendo as experiências formadoras tanto no sentido das que alimentam nossas dúvidas e incertezas, quanto as que alimentam nossa autoconfiança.

1.2. Caminhos Metodológicos

Neste capítulo, abordo questões metodológicas referentes ao processo de investigação utilizado. Trata-se de uma pesquisa de cunho qualitativo, pois os dados coletados envolvem aspectos para compreensão de um grupo e problemáticas formativas. Como explica Tatiana Gerhardt (2009) “A pesquisa qualitativa não se preocupa com representatividade numérica (...)” (GERHARDT, 2009, p.31). O estudo centra em descobrir e analisar a relevância da prática reflexiva durante a formação de futuros educadores de Artes Visuais, portanto é um dado que não busco quantificar, mas compreender frente ao contexto atual de formação deste grupo:

A pesquisa qualitativa preocupa-se, portanto, com aspectos da realidade que não podem ser quantificados, centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais. (...) trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. (GERHARDT, 2009, p. 32).

O propósito é gerar a reflexão, promover inquietações sobre o tema, propor uma nova atitude ou mesmo a percepção deste outro modo de se compreender na formação. Os dados que resultam deste processo de análise do tema, demonstram que foi possível desenvolver a reflexão e o quanto essa experiência aliada a expressão artística auxiliou o grupo para pensar sobre a formação.

O processo de pesquisa caracterizou-se também por ser descritivo, através da observação participante. Para Triviños (1978) “Este tipo de estudo pretende descrever os fatos e fenômenos de determinada realidade”. (TRIVIÑOS, 1987, p. 112). Assim, estive inserida no contexto de formação dos graduandos da Licenciatura em Artes Visuais durante o último semestre em que cursaram a graduação, procurando juntamente com eles compreender seu processo formativo através da expressão poética.

De igual modo, a etapa da exposição também foi uma saída de campo, pois estive naquele espaço de interação analisando possíveis relações com a temática estudada. No local permaneci imersa durante os sete dias desde o período inicial até o final de cada dia. Procurando vivenciar cada momento com os fruidores, estabelecendo conexões com a pesquisa teórica e sua relação prática, registrando por meio de fotografias, gravando áudios, entrevistando participantes, mediando visitantes, anotando percepções em meu diário de bordo, destacando reflexões trazidas pelos fruidores que ali transitavam e produzindo arte relativa ao tema juntamente com o grupo discente. Assim como aborda Martins (2006), penso o diário de bordo como modo de registro, de criação poética e de reflexão: “Educadores que registram em seus diários de bordo, as conquistas, os desacertos, as inquietudes diárias e refletem sobre eles, sem descanso.” (MARTINS, 2006. p.2).

Na pesquisa anterior, referente ao meu Trabalho de Conclusão de Curso em 2015, foi detectada a necessidade dos graduandos poderem expressar sobre suas perspectivas formativas. Através de entrevistas semiestruturadas, e foi possível por meio de um primeiro diagnóstico descritivo, perceber a necessidade de aprofundar este tema no Curso de Artes Visuais Licenciatura da UFPel. Assim surge a motivação deste estudo em que exploro sobre a problematização dos aspectos que constituem a formação dos discentes no Curso a partir da perspectiva pessoal e coletiva dos formandos. A pesquisa através da arte incluiu como pressuposto a experiência, que tanto no sentido do individual como do coletivo, trata-se de uma “prática social e coletiva, em produção cultural sobre a qual as pessoas costumam refletir.” (ALMEIDA, 2009, p.23). O estudo abarca processos reflexivos através da experiência dos sujeitos com a reflexão artística, tendo como tema a formação docente, portanto busco uma abordagem que se desenvolve permeada pela subjetividade. Para tratar da ideia de formação do futuro educador de Artes Visuais nos aspectos que tangem sua própria subjetividade, busquei dar voz para o grupo: deixá-los conversar sobre o tema de modos diversos, acolhendo as suas expressividades. Logo após as atividades, por meio dos dados produzidos, compreender os sentidos atribuídos ao tema e o quanto este processo reflexivo foi possível por meio das práticas artísticas propostas.

Tendo em vista, que objetivava a expressão dos sujeitos tem-se duas etapas fundamentais: as atividades propostas nas oficinas e o resultado deste trabalho que

culminou com a organização da exposição *Reflexus*. Durante todo esse processo obtive as percepções do grupo por meio de diferentes meios, como: entrevista, gravação de áudio durante as conversas das oficinas, trabalhos artísticos, questionário online, fotografias, relatório de atividades envolvendo o estudo através do grupo do facebook e um diário de bordo.

Dois registros de cada etapa foram construídos: Diário de Campo I – Relatório das Oficinas (ver em Apêndice F) e o Diário de Campo II – Relatório de atividades vinculadas à Exposição “*Reflexus*” (ver em Apêndice G). O Diário de Campo I foi constituído do planejamento das atividades, observação inicial do grupo em sala de aula durante o estágio docente, descrição do que havia sido desenvolvido nas oficinas. A observação passou a ser participante, quando comecei as ações com os discentes, pois não haveria mais o distanciamento entre pesquisador e grupo, mas a integração e a interatividade constante entre todos: “A observação participante permite captar uma variedade de situações ou fenômenos que não são obtidos por meio de perguntas. Os fenômenos são observados diretamente na própria realidade.” (GERHARDT, 2009, p. 75).

Desse modo, o estudo desenvolve-se como pesquisa-ação, pelo aspecto participativo junto ao grupo em cada etapa. Na definição de Fonseca (2002):

A pesquisa-ação pressupõe uma participação planejada do pesquisador na situação problemática a ser investigada. O processo de pesquisa recorre a uma metodologia sistemática, no sentido de transformar as realidades observadas, a partir de sua compreensão, conhecimento e compromisso para ação dos elementos envolvidos na pesquisa (FONSECA, 2002, p. 34).

Após a análise do grupo, tendo em vista já o problema de pesquisa, o planejamento das oficinas se deu permeado pelos conceitos de mediação e proposição. Buscava despertar a interação no grupo por meio do diálogo e da expressão. Como metodologia de trabalho reflexivo referencial para a etapa das oficinas tem-se a concepção de “comunidade de investigação” na abordagem de Lipman (1995). Segundo, o autor o termo “comunidade de investigação” advém de Charles Pierce, investigador científico, cuja ideia é “todos podendo ser considerados como formando uma comunidade por estarem igualmente dedicados à utilização de procedimentos semelhantes no desenvolvimento de objetivos idênticos” (LIPMAN, 1995, p.31). Para o autor é possível desenvolver a percepção de comunidade de investigação no

espaço de sala de aula, estabelecendo a compreensão de que: “(...) os alunos dividem opiniões com respeito, desenvolvem questões a partir das ideias dos outros, desafiam-se entre si para fornecer razões a opiniões até então não apoiadas, auxiliarem uns aos outros ao fazer inferências (...)” (Id. Ibid., p.31). As oficinas deste modo trazem como foco constitutivo a proposta dos questionamentos, de levantar hipóteses, de repensar práticas, de efetivar trocas, permitir maior interação no grupo, ativar percepções.... Sendo assim, parte da concepção da prática crítica no sentido mesmo que define Lipman (1995) de estar em diálogo constante entre todos do grupo. Aspectos em comum com os discentes permitiram um diálogo mais fluído, pois tanto eu quanto eles passamos pelo processo formativo no Curso de licenciatura em Artes Visuais da UFPel. Portanto, ainda que me vissem como uma pesquisadora e alguns me chamavam de professora, na maioria das vezes eu estava inserida nestes diálogos como mais uma colega na roda estabelecendo trocas com eles. Assim não houve separações de hierarquias, mas uma horizontalidade de diálogo e maior liberdade para efetivar a mediação.

Foi detectado através da pesquisa com os discentes, a falta de momentos reflexivos durante a graduação para pensar sua formação. Portanto, o foco não está nas atividades isoladas que foram realizadas nas oficinas, mas sim em um processo totalizante que se funda sobre a questão base: qual a relevância da prática reflexiva através da Arte na formação de educadores de Artes Visuais? Assim sendo, as oficinas, conversas, mediações, a exposição, são elaboradas para proporcionar esses momentos de “parar para pensar”. Fonseca (2002) define que:

O objeto da pesquisa-ação é uma situação social situada em conjunto e não um conjunto de variáveis isoladas que se poderiam analisar independentemente do resto. Os dados recolhidos no decurso do trabalho não têm valor significativo em si, interessando enquanto elementos de um processo de mudança social. O investigador abandona o papel de observador em proveito de uma atitude participativa e de uma relação sujeito a sujeito com os outros parceiros. O pesquisador quando participa na ação traz consigo uma série de conhecimentos que serão o substrato para a realização da sua análise reflexiva sobre a realidade e os elementos que a integram. A reflexão sobre a prática implica em modificações no conhecimento do pesquisador. (FONSECA, 2002, p. 35).

No decurso da prática de pesquisa, também fui atravessada pela experiência proposta, modificada e permeada por diferentes percepções. O desenvolvimento mais aprofundado e de outros olhares para o mesmo tema levou a uma compreensão amplificada do tema. No decorrer do processo de observação, descrição, atuação,

realização das atividades e análise, o envolvimento se dá em diferentes planos e novas perspectivas passam a integrar a pesquisa. Para melhor análise do material coletado, optou-se pelo uso do Diário de Bordo como estratégia de documentação e reflexão enquanto sujeito participante/pesquisadora. O material se fez presente no transcorrer do processo de pesquisa onde apresento as narrativas, observações, alguns relatos e temáticas que circulam em torno do tema de estudo. Foi possível registrar e detalhar o contexto atual do Ensino da Arte assim como, o envolvimento com o grupo de estudo. A experiência do registro de pensamentos também foi proposta para os discentes realizarem durante as oficinas e fora dos encontros para que pudessem levar para casa esse material como espaço de registro de suas reflexões. Esse espaço de diálogo interno garante a oportunidade de se autocompreender, na medida em que o sujeito passa a expor suas percepções de modo mais livre sem tanto medo do que o outro possa pensar. Nota-se muitas vezes que os discentes nas aulas se sentem acanhados pelo medo do que o outro está pensando. No entanto, é preciso enxergar o espaço de estudo como local de livre expressão e de abertura para abarcar múltiplos significados. Muitas vezes as inseguranças e medos aumentam porque não os encaramos como algo que pode nos ajudar na autocompreensão do que somos, como aborda Josso (2010):

(...) as experiências formadoras são tanto as que alimentam a autoconfiança como as que alimentam as dúvidas e as incertezas. Neste sentido, considerar que a experiência pode ser sentida por si e pelos outros como “positiva” ou “negativa” é exprimir, em linguagem emocional, a ideia de que as aprendizagens comportam uma alternância e, por vezes, uma construção complexa de hábitos. (JOSSO, 2010, p.41- 42).

É no momento de dialogar e de exercitar a expressão que nos deparamos com novas formas de perceber aquilo que nos aflige e assim pode surgir a emergência de transformação. Do mesmo modo, isso segue para o discente durante a graduação frente às dúvidas do seu encaminhamento profissional. Colocar em reflexão sua formação auxilia a se compreender enquanto futuro sujeito formador. Tatiana Gerhardt (2009) detalha a relevância do Diário de Campo como instrumento de pesquisa:

(...) um caderno com espaço suficiente para anotações, comentários e reflexão, para uso individual do investigador em seu dia a dia. Nele se anotam todas as observações de fatos concretos, fenômenos sociais, acontecimentos, relações verificadas, experiências pessoais do investigador,

suas reflexões e comentários. Ele facilita criar o hábito de escrever e observar com atenção, descrever com precisão e refletir sobre os acontecimentos. O diário de campo, muito utilizado em estudos antropológicos, é um instrumento muito complexo, que permite o registro das informações, observações e reflexões surgidas no decorrer da investigação ou no momento observado. (GERHARDT, 2009, p.76).

Para que o processo reflexivo pudesse se tornar presente na graduação e ser mais bem analisado como pesquisa, o estudo divide-se em duas etapas complementares: o projeto das oficinas de “Diálogo e proposições” e a Exposição “*Reflexus*: Formação docente em Artes Visuais”.

Na primeira etapa, o público-alvo foram os acadêmicos do último semestre do Curso de Artes Visuais do ano de 2016. O grupo no decorrer das oficinas foi modificando, pois era totalmente livre a participação e as atividades eram abertas aos discentes interessados. Foram ao total oito encontros, cada um com duração de uma hora depois das aulas de Projeto em Artes II¹ e o número de participantes variou de doze a três. A escolha deste grupo baseia-se em alguns motivos: estes discentes logo estarão atuando no mercado de trabalho, no final do Curso os discentes podem relatar mais sobre as experiências obtidas durante a formação, assim como surge a necessidade de dialogar sobre as pesquisas que estão estudando para seu Trabalho de Conclusão de Curso, além disso, a realização do meu estágio docente do Programa de Pós- Graduação na disciplina de Projeto em Artes II (TCC) cujos discentes que estavam adentrando mais na pesquisa sobre Ensino da Arte gerou neles maior interesse em participar das discussões do Projeto. Nesta etapa foram as atividades foram elaboradas para que os estudantes tivessem a oportunidade de se expressar sobre a formação tanto por meio das conversas coletivas quanto pelo fazer artístico. Um momento de diálogo para repensar práticas docentes do Curso, descobrir conceitos referentes à área de estudo, pensar sobre o perfil profissional que buscam, adquirir conhecimento sobre o Projeto Político Pedagógico que os guia, esclarecer dúvidas, apresentar descontentamentos, ver os aspectos positivos da formação, buscar referências sobre os assuntos discutidos, repensar a formação que tiveram e como poderia ser melhorada.... Juntamente com as conversas foram desenvolvidos os trabalhos artísticos dos discentes relacionados ao tema da formação docente.

¹ A Disciplina de Projeto em Artes II apresentava total de quatro créditos, sendo ofertada no Curso de Artes Visuais Licenciatura, no segundo semestre de 2016. Tendo como ementa: Os diferentes tipos de métodos na investigação, bem como a discussão sobre o trabalho de campo, arrolamento, análise e interpretação das fontes. Construção da argumentação e instrumentalização no campo de análise da arte/educação. Elaboração do relatório final de pesquisa em forma de monografia.

Foi proposta ao final dos encontros da primeira etapa a elaboração de uma exposição coletiva, sendo deixado ao critério dos estudantes quais trabalhos gostariam de expor e como iria se constituir o espaço. Assim, inicia-se a segunda etapa do Projeto como resultado dos trabalhos desenvolvidos pelos alunos nas oficinas, a exposição objetivava integrar ao grupo de modo abrangente outros acadêmicos em formação, assim como os atuais docentes do Curso de Artes Visuais Licenciatura da UFPel. Ao total foram seis expositores tendo doze obras apresentadas com diversas materialidades e conceitos que giravam em torno do tema principal. A exposição foi realizada no corredor do segundo andar do Centro de Artes (prédio em que o grupo tem as aulas), durante o período de 09 de março a 16 de março de 2017, as atividades de mediação acabaram envolvendo a participação de outros sujeitos para construção de novos trabalhos e diálogos sobre o tema. A escolha deste espaço foi motivada pelo fato de haver grande circulação tanto dos futuros educadores de Artes Visuais como dos atuais que os formam o Curso. Através de obras propositivas e da interação do público com a exposição, se buscou ativar novas reflexões sobre o tema advindas dos discentes e dos docentes, de modo a enriquecer o Projeto e gerar outras percepções. Sendo planejado no decorrer da exposição atividades mediativas aos novos integrantes que se demonstraram dispostos a esses momentos de conversas e trocas.

Na constituição dos dados para estudo do tema abordado na pesquisa, destaco abaixo as nove principais fontes e o modo utilizado para análise:

– Diário de bordo:

Caderno em que realizei minhas anotações sobre as etapas da pesquisa e percepções sobre o tema; (Ver Apêndice F);

– Tabela de planejamento das oficinas:

Consta informações relativas às oficinas como as datas, descrição das atividades elaboradas no Pré-projeto de pesquisa, e alunos envolvidos em cada encontro. (Ver Apêndice D);

– Material produzido pelos alunos:

Trabalhos artísticos e anotações entregues relacionadas às discussões da pesquisa;

– Degravação de áudio:

Durante as oficinas foram gravadas as conversas tendo consentimento dos alunos participantes. (Ver Apêndice H);

– Registros fotográficos:

Em ambas as etapas foram registrados os momentos de criação e fruição;

– Entrevista semi-orientada:

Foi realizada entrevista com dois discentes que se dispuseram ao diálogo durante a montagem dos seus trabalhos na exposição, as questões abarcavam a experiência que tiveram no decorrer do Projeto, como se sentiam em expor um trabalho artístico e como isto era percebido na formação deles. Além, do depoimento de um docente do Curso de Bacharelado em Artes Visuais, que estava sendo mediado durante a exposição. (Ver Apêndice C);

– Questionário:

Foi enviado para os alunos participantes da oficina um questionário online. Para a análise destes dados separei as respostas em uma tabela, por tipo de método utilizado (entrevista, depoimento ou questionário), temática (oficinas ou exposição) e indivíduo referente. Através da tabela foi possível analisar de modo mais geral e também específico as concepções e percepções que cada um desenvolveu durante o processo da pesquisa. (Ver Apêndice A e B);

– Registro de atividades via rede social:

Através do facebook mantive o grupo atualizado das atividades e tópicos de interesse ao tema. (Ver Apêndice E);

– Relatório de atividades vinculadas à Exposição “*Reflexus*”:

Registro por escrito de aspectos que me chamaram atenção durante o período expositivo. (Ver Apêndice G).

A documentação e coleta desses dados permitiu o aprofundamento da análise em múltiplas perspectivas sobre o tema da pesquisa. A criação artística estimulou o processo reflexivo, sendo esta o meio de expressão de suas percepções. Desse modo, além do material desenvolvido pelo grupo, como pesquisadora/participante das atividades houve diversas produções artísticas minhas que permearam a pesquisa. São resultados também de pensamentos gerados durante as oficinas e proposições que oportunizam o encontro com outros sujeitos abarcando a temática analisada. Esse conjunto de dados, contém relações pessoais dos indivíduos com a formação, assim como incluí suas reflexões coletivas sobre o Curso e a Educação de modo abrangente.

No primeiro capítulo “Início de conversa” apresentam-se a: origem da pesquisa, revisão literária sobre o tema, principais conceitos e autores utilizados como referências, questão principal, questões subjacentes, objetivos geral e específicos, metodologia e a estrutura da dissertação.

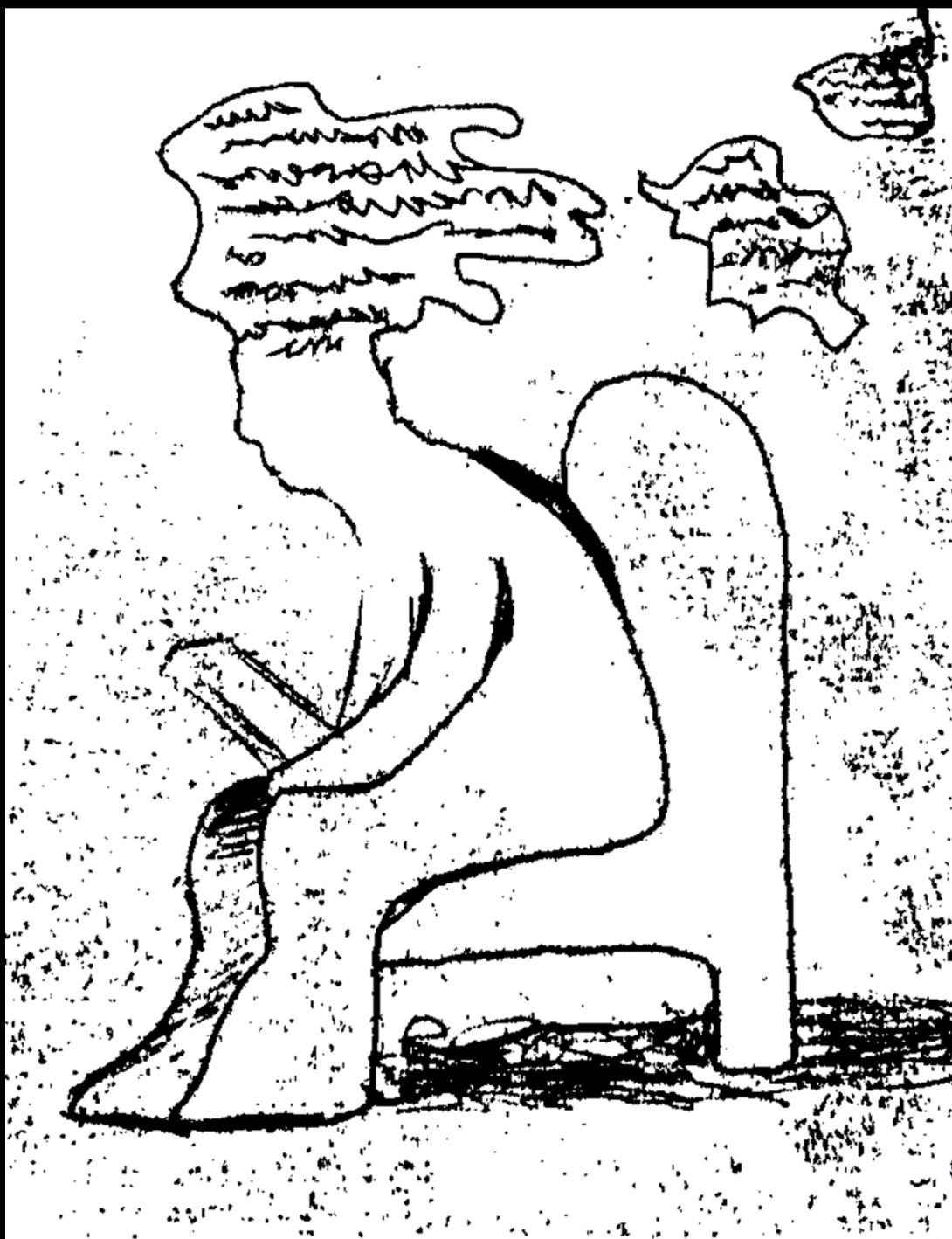
Em “Elementos do diálogo formativo” fundamentam-se os conceitos que nortearam a pesquisa com base em seus respectivos estudiosos: processo reflexivo na formação docente, experiência estética, vivências e experiências.

No terceiro capítulo, “ A construção da atitude reflexiva na formação docente em Artes Visuais”, foram esmiuçadas as atividades realizadas nas duas etapas da pesquisa.

Logo após, “Integrações entre mediador/ provocador/ propositor” destacam-se como os papéis de “mediador, provocador e propositor” foram centrais na elaboração e realização de ambas etapas. E no subcapítulo, destaca-se a relação da Arte Propositiva e seus respectivos representantes para pensar a formação de docentes e artistas.

O capítulo 5 “Percepções sobre a formação docente em Artes Visuais na UFPel”, desenvolve uma análise pontual sobre as percepções dos sujeitos coletadas e que estão relacionadas ao tema da pesquisa em cada uma das etapas. Por fim, através de revisão bibliográfica foram analisados os aspectos da formação docente em Artes Visuais nos principais documentos que regem o Ensino Superior: Diretrizes Curriculares Nacionais, Lei de Diretrizes e Bases da Educação e o Projeto Político Pedagógico do Curso de Artes Visuais Licenciatura da UFPel.

2. Elementos do diálogo formativo





O diálogo foi uma das questões mais importantes no surgimento da Filosofia.

Serviu de modelo teórico de uma ação prática. Platão, na Antiguidade clássica, usou-o como estilo para mostrar que a Filosofia dependia da conversação. Ele queria mostrar que ela não era uma teoria isolada das relações humanas.



Que nascia do cada um que contato com outro. Chegou a

pensamento era o mesma num “falar com os conhecemos tão de linguagem. O pensamento precisava das palavras, da gramática, da língua, do imaginário, do mito, para se expressar e, por isso, o cuidado com a escolha e o uso de todos estes elementos era tão essencial.

da diferença pensamento de entrava em o pensamento de dizer que o diálogo da alma consigo sentido muito próximo do “falar com os próprios botões” que

de linguagem. O pensamento precisava das palavras, da gramática, da língua, do imaginário, do mito, para se expressar e, por isso, o cuidado com a escolha e o uso de todos estes elementos era tão essencial.

Marcia Tiburi

2.1. Parar para pensar: o processo reflexivo na formação inicial docente

(...) diante dos problemas apresentados pelo seu existir, o ser humano tende para a reflexão (...). Na medida em que somos seres sensíveis e racionais, estamos sempre dando sentido às coisas. (...). Assim, no cotidiano, somos levados a momentos de parada, a fim de retornar o significado dos atos e pensamentos (...). (ARANHA, 1998, p.42).

A referência de Maria Aranha (1998), nos leva a pensar na possibilidade de um processo formativo crítico e reflexivo, para que possamos em nossas ações buscar dar mais sentido ao nosso redor e desenvolver nossa percepção para o mundo. Ou seja, a concepção de um professor que detem uma verdade e apenas “transmite seu conhecimento” aos discentes não é mais a única maneira de tratar a formação. Durante muito tempo, ficamos ligados a esta visão pedagógica, e em muitas escolas/universidades ainda vemos essa metodologia de ensino presente.

Quando se pensa no nível superior de Ensino, principalmente nas licenciaturas, compreende-se que é importante questionar sobre o modelo de ensino tradicional, ou como intitula Lipman (1995) “paradigma-padrão” em que há fortemente definida a atitude hierárquica do professor como o único que provém o conhecimento. O autor distingue o processo educacional a partir de dois aspectos divergentes: “o paradigma-padrão da prática normal e o paradigma reflexivo da prática crítica. ” (LIPMAN, 1995, p 29). Em uma prática normal o professor é compreendido como o domínio de conhecimentos que irá repassar aos alunos, por meio de absorção de informações e muito se vê nesta fala a ideia de que que ensinar é transmitir conhecimentos, voltando-se ao conceito do aluno como “tábula rasa”. Em uma prática crítica/ reflexiva, o autor aponta que o foco educacional é a participação, alunos e professores questionam-se entre si, o professor assume que pode errar, esperasse que os alunos reflitam e não se buscam apenas informações, mas a percepção de relações nos temas investigados. Ou seja, é necessário que se estabeleçam trocas entre os sujeitos. Atualmente, mesmo sendo bastante questionada a abordagem de ensino “padrão”, nas universidades e na sociedade de modo geral, nem sempre as práticas docentes efetivam para a transformação desta visão durante o processo de ensino-aprendizagem. De modo, que parece ser mais “fácil” reproduzir o perfil do “professor transmissor”, do que modificar o contexto

pensando-se como um profissional reflexivo, criador e pesquisador. O perfil de formação profissional no Ensino Superior exposto no artigo 43 da Lei nº 9.394/96 de Diretrizes e Base da Educação, trata sobre uma formação que objetiva: “I - estimular a criação cultural e o desenvolvimento do espírito científico e do pensamento reflexivo. ” (Nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação, Lei nº 9.394/96). Nesse aspecto mais amplo que inclui a reflexão, o processo de ensino-aprendizagem se estabelece através da mediação, da troca de saberes mútuos entre alunos e o docente. Ao partir da experimentação para construir um saber relacionado às práticas do contexto profissional. Esta proposta pode ser melhor compreendida neste trecho de Paulo Freire em “Pedagogia da autonomia”:

É preciso, e aí já vai um destes saberes indispensáveis, que o formando, desde o princípio mesmo de sua experiência formadora, assumindo-se como sujeito também da produção do saber, se convença definitivamente de que ensinar não é *transferir conhecimento*, mas criar as possibilidades para sua produção ou a sua construção. (FREIRE, 1996, p.22).

Schön (2000) trabalha com o conceito de “reflexão-na-ação”, referente a toda reflexão que se dá durante alguma ação prática. O autor apresenta como exemplo, em seu livro “Educando o profissional reflexivo”, as aulas dadas em um ateliê de arquitetura, no qual os discentes estão envolvidos com seus projetos e precisam aprender enquanto realizam uma prática profissional, ele explica como sendo essa reflexão de “pensar o que fazem, enquanto o fazem” a possibilidade de “reflexão-na-ação”. Do mesmo modo, trago essa proposta para o contexto formativo de futuros profissionais do Ensino da Arte. Traço um paralelo com o relato de Schön sobre uma educação que objetiva o pensamento proporcionado pela prática, através da reflexão sobre o processo formativo dos alunos e futuros formadores. Schön (2000) comenta que a “reflexão-na-ação” se desenvolve pelos profissionais durante situações de incerteza, singularidade e conflitos, que se dão na realização prática. Ele explica que durante a ação o processo reflexivo pode se fazer presente. Nesse mesmo sentido, a cada nova etapa da graduação se torna importante repensar sobre as escolhas tidas anteriormente:

(...) podemos refletir no meio da ação, sem interrompê-la. Em um presente-da-ação (...) se pode interferir na situação em desenvolvimento, nosso pensar serve para dar forma ao que estamos fazendo, enquanto ainda o fazemos. (SCHÖN, 2000, p.32).

Assim, é possível compreender a ação prática de “se formar como educador de Artes Visuais” permeada por esses momentos em que os estudantes se deparam com incertezas perante as escolhas que farão no decorrer do Curso ou mesmo conflitos em relação ao que aprenderam. Refletir sobre a ação de “se formar” ou mesmo sobre a ação de “formar alguém” é como, o próprio sentido da palavra diz, dobrar-se ou flexionar-se sobre sua própria subjetividade, tudo aquilo que o constituiu até o momento enquanto discente de Artes Visuais. A ideia de estar em um Curso de licenciatura perpassa o que se pensa sobre o Ensino da Arte e o que se objetiva quanto ao papel na educação deste futuro profissional. Durante as conversas que estabeleci junto aos estudantes, inúmeras vezes surgiram as palavras: insegurança, medo, dúvida, angústia, confusão, ou seja, refletir sobre sua formação é como refletir sobre uma ação que envolve a questão prática das próprias escolhas dos estudantes durante a graduação.

Esses momentos de “refletir-na-ação”, podem ser pensados como uma pausa em meio à sua rotina no Curso. Questões mal resolvidas e não repensadas pelos estudantes acabam transformando-se em conflitos subjetivos relacionados ao próprio Curso. No entanto, durante as inúmeras atividades das disciplinas e projetos, poucos são os momentos de parada para pensar. Os discentes preocupam-se com seu conteúdo acadêmico e assim parece que estabelecem uma longa distância de sua própria subjetividade, sendo que as duas estão inter-relacionadas. Os alunos permanecem com a mesma lógica de “ensino-aprendizagem” oriunda do sistema escolar. Automatizados em seu cotidiano acadêmico não param e questionam o que vivem na formação, apenas seguem um currículo para fechar a carga horária do Curso e na maioria das vezes não sabem quase nada sobre o que se oportuniza na concepção do Projeto Político Pedagógico do Curso. Como argumento, deste processo de restrição do pensar destaco esta citação de Dewey:

Quando as crianças fazem perguntas, manda-se que se calem; suas atividades de exploração e de investigação são inconvenientes e, portanto, tratadas como importunas; ensinam-se os alunos a decorar trechos e, destarte, somente se formam associações verbais de um único sulco, em lugar de conexões variadas e flexíveis com as próprias coisas de que falam os trechos; não se organizam planos e projetos que façam o estudante olhar para a frente, prever, e na execução dos quais, cada coisa terminada levante novas questões, sugira novas empresas. (DEWEY, 1959, p.63).

Nota-se, como foi possível na pesquisa realizada em 2015 (meu Trabalho de Conclusão de Curso), que a maioria dos estudantes desconhece e tampouco se preocupa em saber o que trata os documentos de Ensino que abordam a sua própria formação. Porém, acredito que estes sejam materiais de grande relevância para que futuros docentes de Artes Visuais obtenham uma visão mais ampla de sua própria área de estudo e de si mesmos enquanto futuros sujeitos formadores. Estes momentos de “parar para pensar”, como afirma Arendt (1977), nesta pesquisa objetivaram o contato com esses pensamentos e poder discuti-los em grupo auxiliou para uma melhor autocompreensão. Trata-se de um momento de pausa, para que se estabeleça o diálogo interior do sujeito em relação às próprias indagações. Esse pensamento é motivado por: “(...) alguma perplexidade, confusão ou dúvida. (...). Há alguma coisa que o ocasiona e o provoca. ” (DEWEY, 1959, p.24). O objetivo da reflexão não é obter respostas para as dúvidas, é até mesmo o contrário, porque na maioria das vezes as aumentamos durante esses momentos de parada, provocamos para novas perspectivas, como fala Arendt (1977):

[...] as múltiplas e incessantes ocupações da existência humana no mundo, nunca encontra uma solução definitiva para os seus enigmas, mas está pronto para respostas sempre novas à pergunta a respeito do que está realmente em questão. (ARENDR, 1977, p. 211-212)

Podemos perceber a graduação, assim como Schön (2000) se refere à prática profissional de seus estudantes, permeada por situações problemáticas que se dão fora do conhecimento técnico. Durante o Curso, muito além do conteúdo obrigatório, existem as decisões que geram o perfil profissional que os estudantes objetivam para si. No entanto, essas decisões não são claras, mas são fundamentadas pela subjetividade desses sujeitos e pelas experiências boas e negativas que tiveram durante a sua vida (no sentido que abarca as vivências obtidas até mesmo antes da graduação). É possível pensar o Ensino, como sendo uma prática que desenvolve o papel do “auto-educador”. Schön (2000) aborda o conceito de “auto educador”, ele compreende que na prática educacional o estudante apesar de ter um instrutor para ajudar, somente aprenderá por conta própria (SCHÖN, 2000, p.73). Ou seja, por mais que outras pessoas tentem instruí-lo no processo, é preciso haver o entendimento do próprio sujeito em relação àquilo que está fazendo. Assim, trago o termo do “auto-educador” para compreender a formação, como uma atitude do

estudante que pode a partir das experiências que vive tentar se compreender melhor enquanto profissional formador e o que isso pode lhe proporcionar como referência ao que futuramente irá desenvolver em sala de aula.

Trata-se de uma perspectiva diferente, entre o mero sujeito matriculado em disciplinas para preencher sua carga horária e um sujeito perceptivo frente a sua formação capaz de pensar sobre sua base profissional e abordar de forma crítica essas referências fundamentando assim suas ações. Torna-se cada dia mais necessário a compreensão de um mediador do processo de ensino-aprendizagem, pois é uma ação ligada à outra, ambas construtivas e que envolvem a participação de todos.

Paulo Freire (1996) discorre sobre formação no sentido de que: "(...) quem forma se forma e re-forma ao formar e quem é formado forma-se e forma ao ser formado. (...). Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender." (FREIRE, 1996, p.23). Assim, pensar o significado de "auto-educador" também é estabelecer esta relação entre o ser docente e o discente, papéis que são reflexo um do outro num mesmo sujeito.

Desse modo, o processo reflexivo sobre formação pode ser compreendido como uma prática profissional que se dá durante a graduação do docente em Artes Visuais. Perceber-se como "auto-educador" é um aspecto relevante para entender o aluno em momentos de reflexão que o constituirão como profissional mais consciente desse processo. O discente por meio da arte passa a expressar com maior fluidez a sua subjetividade, e assim consegue se compreender melhor e perceber os aspectos que fazem parte do Curso para sua futura atuação no Ensino. Como explica Dewey (1974) "Ele tem que enxergar por si próprio e a sua maneira (...). Ninguém mais pode ver por ele, e ele não poderá ver apenas 'falando-se a ele (...)". (DEWEY, 1974, p. 151). Nesse processo de autoconhecimento é o próprio sujeito que motivado pelas proposições passa a se analisar, realizar descobertas, criar dúvidas e expressar seus conflitos internos para reelaborar suas percepções.

2.2. A experiência estética para pensar a formação superior em Artes Visuais – Licenciatura

A experiência da percepção nos põe em presença do momento em que se constituem para nós as coisas, as verdades, os bens (...) a percepção nos dá uns logos em estado nascente, (...) ela nos ensina, fora de todo

dogmatismo, as verdadeiras condições da própria objetividade; (...) ela nos recorda as tarefas do conhecimento e da ação. Não se trata de reduzir o saber humano ao sentir, mas de assistir ao nascimento desse saber, de nos torná-lo tão sensível quanto o sensível, de reconquistar a consciência da racionalidade (...). (MERLEAU-PONTY, 1990, p.63).

O conceito de experiência estética assim como o de ação reflexiva são bastante utilizados nas pesquisas atuais de Ensino da Arte a partir de autores como PEREIRA (1996), DUARTE JÚNIOR (2003), DEWEY (2010) e LARROSA (2001), sendo que se encontram muitos estudos vinculados à formação continuada. Desse modo, venho aprofundar o diálogo entre experiência estética e processo reflexivo, por meio de propostas que auxiliem os acadêmicos a se compreenderem e pensarem sobre o que os constituirá como futuros docentes de Artes Visuais.

No Trabalho de Conclusão de Curso "Da navegação à deriva: Um estudo sobre a Experiência Estética na formação superior em Artes Visuais – Licenciatura", abordei três papéis desempenhados pelo educador de Artes Visuais na graduação perpassados pelo conceito de experiência estética:



Figura 3- Esquema de inter-relações através da experiência estética.

Fonte: WREGGE, 2015, p. 14.

Durante o período de graduação percebi que em diferentes momentos estava em contato com a experiência estética. Por exemplo, quando me assumi como uma artista criadora de uma poética própria, como mediadora em sala de aula ou em um espaço de arte junto aos alunos, e de igual modo ao vivenciar o processo de fruição

durante apresentação de trabalhos artísticos de colegas na faculdade, visitando obras em museus/galerias e até mesmo durante algum momento do cotidiano, pois não o processo de percepção estética não se limita apenas quando há o encontro com arte. Com o domínio da linguagem artística compreendemos o mundo de forma atenta, despertando os sentidos, articulando materiais, formas, pensamentos e desse modo podemos por meio da expressão desenvolver relações entre o nosso mundo individual e o redor que envolve também o coletivo. Assim compreendo que o mediador/educador de artes pode também trabalhar com a sua concepção de artista ao propor novas experiências de expressão em sala de aula gerando inquietações nos outros sujeitos. Através do projeto das oficinas juntamente com os alunos do meu estágio docente no PPGAV-UFPel, também fui motivada pelas provocações reflexivas de nossas discussões para criar arte. Desse modo, atuamos tanto como mediadores quanto artistas do processo reflexivo. A proposta da experiência com a expressão pela arte no projeto passou pelo momento das oficinas como fundamento para as sensibilizações, diálogos e questionamentos relacionados à formação e seguiu no exercício do grupo para sua prática de criação poética. Relaciono a minha ação e as ações dos alunos durante a pesquisa, com o movimento de criação do artista e do mediador constantemente. Estas relações são imbricadas, quando trabalhamos com o processo de reflexões sobre o tema e articulamos isto na produção de um material artístico. O contínuo exercício da criação/discussão proporcionado pelos encontros estimulou repensar a formação, ativar memórias, repertórios de vida, contrapor ideias, despertar percepções, estar em um estado de questionamento e busca por novos olhares.

Do mesmo modo em que se interligam o papel do artista e do mediador, compreendo o fruidor como um sujeito em profunda criação desde que esteja de modo ativo em relação com o seu redor. A palavra fruidor pode estar relacionada não somente ao universo da arte, mas um posicionamento do sujeito em relação ao mundo. É possível depararmos com momentos de fruição:

(...) ao assistir as aulas, ao visitar galerias, ao conhecer artistas, ao ver trabalhos de outros colegas, ao me relacionar com as coisas ao meu redor estou a ativar processos subjetivos por meio da Arte. Também estou a despertar minha percepção para o mundo por meio de objetos, cores, formas, conceitos, imagens, proposições, performances.... Sinto mudar minha maneira de olhar, sentir, viver no mundo, minha maneira de pensar a Arte; mudar até mesmo meu ser e nele construir um repertório de vivências que a experiência estética pode oferecer. (WREGGE, 2015, p.15).

A experiência estética está ligada ao conceito de intencionalidade e “(...) somente onde houver um fenômeno de percepção e um sujeito com a intencionalidade de percebê-lo ocorrerá o fazer perceptivo. ” (CAMPOS, 2002, p. 121). O termo fenomenológico “intencionalidade” segundo Merleau-Ponty (1975) está vinculada ao corpo e faz parte de uma consciência do ser que está no mundo. Como trata Silva (2009) ao abordar o estado de abertura e a compreensão do termo intencionalidade:

O estado de abertura para o mundo é o modo de atenção do sujeito que volta seu olhar para algo que o arrebatava, algo que antes não o chamava, mesmo estando ali. A intencionalidade faz este movimento de uma instauração da atenção para algo. O olhar de artista, olhar de criança, espanta-se e mostra o novo. A atenção aponta e o corpo significa por meio de uma linguagem que pode, também, se dar em movimento, em transformação. (SILVA, 2009, p.32)

Neste sentido a intencionalidade é fundamental para que se estabeleça a relação do sujeito de experiência estética durante o processo de reflexão proposto e assim exerça os múltiplos papéis de sua formação (artista, fruidor, mediador/educador) como uma possibilidade. O filósofo aborda o termo “intencionalidade operante” em que o sujeito encarnado, no sentido de sua vivência corporal no mundo ou consciência-encarnada do corpo-sujeito, está em “(...) uma relação dialética onde sentidos estéticos podem surgir”. (MERLEAU-PONTY, 1996, p.16). Construir essas capacidades sensível/ lógica de fruição, criação e expressão abarca o processo de desenvolvimento humano permeado pela subjetividade de cada indivíduo. Através do contato com situações que permitem a construção da sensibilidade e da percepção é possível pôr em prática o conceito de experiência estética enquanto processo de reflexão do sujeito e de sua atitude ativa para o mundo ao redor.

Este estudo trata a percepção quanto à concepção de corpo-próprio, pelo qual se constitui a percepção sensível do sujeito, ou seja, a experiência estética como um fenômeno que está centrado na percepção. A percepção sensível é o modo como absorvermos o mundo ao nosso redor por meio dos sentidos e do pensar. Ao ativarmos nossa percepção podemos externalizá-la através da expressão poética, considerando a expressão de cada indivíduo uma possibilidade de visualidade. O processo, portanto, é uma possibilidade de entendimento do mundo permeado pela percepção própria de cada sujeito. Para que possa haver a experiência estética é necessário, o que Merleau-Ponty (1992) denomina como um estado de abertura da

percepção deste sujeito para o mundo ao seu redor. Por meio da percepção e da expressividade é possível que o sujeito consiga atribuir significado para o contexto ao seu redor. Sendo assim através de experiências estéticas se desenvolve o repertório ou mesmo a subjetividade. Levando este modo de perceber que a arte proporciona torna-se objetivo que os discentes possam despertar sua atenção para algo que sempre esteve presente, a sua própria formação, mas que muitas vezes não se detém a pensar sobre este processo de modo mais profundo.

O que se apreende por meio da experiência estética torna-se um saber sensível “incorporado” pelo sujeito que o vivencia. Como explica CAMPOS (2002):

Desvelar o sensível do ser reflete-se na apreensão do sensível do mundo, levando a transformar vivências em experiências estéticas. O sujeito possuidor dessa consciência e das suas possibilidades poderá buscar na intencionalidade acesso aos fenômenos do conhecimento. (CAMPOS, 2002, p. 44).

Durante a formação é possível que o futuro educador de Artes Visuais vivencie momentos de criação, de mediação e de fruição em diferentes aspectos através de: Projetos de Ensino/Pesquisa/Extensão, durante o contato com obras de arte em instituições como museus ou galerias, ao presenciar o processo de criação de colegas nas aulas, em oportunidades de estágios nas disciplinas de Educação, durante processos expositivos de seus trabalhos... No entanto, a vivência só irá se fundamentar como experiência estética se houver este estado de abertura/intencionalidade do sujeito, sua sensibilidade perceptiva atenta para o que o constitui nesta relação como corpo-próprio. O saber gerado pela experiência da percepção sensível surge por meio da relação entre corpo-sujeito e corpo-objeto. Pressupõe-se que a percepção seja para Merleau-Ponty como explica Silva (2011, p.33), um olhar fenomenológico sobre o mundo vinculado aos aspectos como a intencionalidade, a corporeidade, linguagem, pensamento e vivência do sujeito. O indivíduo envolvido na experiência estética tem seu corpo compreendido tanto como sujeito quanto como o objeto, é uma relação dialética e não-linear, que pressupõe o estado de abertura para o ato de criar, mediar ou fruir, sendo assim constitui-se o sentido estético. Portanto, não existe a separação dicotômica de sujeito e objeto, na percepção estética se estabelece uma relação de alteridade, de troca constante: “O espectador não é somente a testemunha que consagra a obra, ele é, à sua maneira, o executante que a realiza; o objeto estético tem necessidade do

espectador para aparecer” (DUFRENNE, 2008, p. 82). Para Merleau-Ponty (1990) a primeira relação que temos com o mundo se dá por meio da percepção, pela forma do sujeito vê o mundo com todo seu corpo, para depois ser construída a representação.

Em “Fenomenologia da Percepção” o autor aponta que “(...) não há nenhuma diferença entre pensar e perceber” (MERLEAU-PONTY, 1999, p.287), ou seja, cognitivo e emoção complementam-se. Por meio, do fazer artístico se percebe a relação entre sensível e inteligível de modo intrínseco, como explica Duarte Junior (2004) sobre o valor da Arte:

Se à arte cabe o papel de instrumento para a educação da sensibilidade e para a descoberta de uma outra forma de significação que não a conceitual, parece necessário que sua inserção em processos educacionais se faça em estreita comunhão com o desenvolvimento de valores éticos e de um raciocínio lógico. (DUARTE JR., 2004, p. 213).

A Arte gera uma apreensão que vai junto das capacidades intelectuais abranger a experiência estética envolvendo os sentidos do corpo para gerar um saber. Roland Barthes na palestra realizada em 1977, que originou a publicação intitulada “Aula”, destaca que as palavras saber e sabor apresentam a mesma origem etimológica no latim: “*Sapientia*: nenhum poder, um pouco de saber, um pouco de sabedoria, e o máximo de sabor possível. ” (BARTHES, 1977, p.45). Portanto, através da experiência que se dá pelo “corpo-próprio” é possível falar de um saber, como algo que vai muito além do simples conhecimento racional. Neste sentido corpóreo, a experiência reflexiva, permite a compreensão e a expressão da subjetividade: “Inelutavelmente, a aprendizagem estética funda-se de modo essencial, na experiência, que pressupõe nossa presença de ‘corpo inteiro’ perante as obras. ” (ALVES, 2010, p. 43). Através do desenvolvimento de práticas artísticas é possível desenvolver a formação sensível e reflexiva do sujeito. Sendo a experiência estética uma forma de ativar a percepção mais atenta para o mundo e capaz de gerar a percepção para as vivências que se teve na formação, esta é uma forma de dar significado e relevância para o que constitui o Ensino da Arte na contemporaneidade. Permitir aos discentes um olhar mais atento para o Curso, o perfil profissional que buscam, os conceitos da Educação em Artes Visuais e a efetiva prática pedagógica. Assim, desenvolvem uma compreensão mais

aprofundada sobre a área, tenham uma formação mais consciente relevante para sua atuação profissional.

A partir de Merleau-Ponty (1999) compreende-se o processo de reflexão, como criação de sentido. Sendo que a ação de refletir para o autor se torna relevante quando há o progresso entre a “visão ingênua” para a “visão refletida”:

Se a reflexão quer justificar-se enquanto reflexão, quer dizer, enquanto progresso em direção à verdade, ela não deve se limitar a substituir uma visão do mundo por uma outra, ela deve mostrar-nos como a visão ingênua do mundo é compreendida e ultrapassada na visão refletida. (MERLEAU-PONTY, 1999, p.287).

Interessante perceber essa ideia por meio de um exemplo, em que trago a proposta de refletir sobre formação no Curso. Podemos pensar sobre o fato de inicialmente um discente pressupor que não gostou das aulas de desenho, mas após repensar os motivos que levaram a esta afirmação ele acaba percebendo que havia inúmeros fatores que geraram essa visão negativa. Só assim compreende que ainda gosta de desenhar, porém esse interesse foi prejudicado porque sofreu algum bloqueio durante as aulas. Então, o que se faz em um processo como este de reflexão é mostrar como essa primeira impressão, na verdade, está permeada por outras características, e que envolve a subjetividade desse sujeito frente às experiências que teve. Não se trata de um pensar que meramente substitui o outro (por exemplo: antes eu gostava de desenhar, agora não gosto mais). Pelo contrário, como explicou Merleau-Ponty, através do ato reflexivo estimulamos a expressão dessas interpretações do sujeito. Esse sujeito que partiu da visão ingênua passa a vivenciar esse processo de se repensar constantemente, sendo esta uma atitude filosófica. As reflexões integradas às práticas artísticas e filosóficas de expressão do sujeito geram o processo de significação.

Em “Fenomenologia da Percepção”, explica sobre a “reflexão radical”, sendo que para ele essa reflexão é a que se dá consciente de si mesma durante a operação. Do mesmo modo, Schön nos apresenta o conceito de “reflexão-na-ação”. Quando o estudante de Artes Visuais Licenciatura (futuro educador de Artes Visuais e formador através do Ensino da Arte), passa a pensar sobre sua formação ele estará assim, refletindo durante a ação de se formar. Trata-se de um pensar enquanto se dá a própria prática formativa. É uma ação reflexiva, como Schön propõe, no sentido de que esses futuros docentes comecem a pensar sobre seu perfil

profissional e desse modo, passem a se perceber como agentes ativos na sua formação (ou, ação de formar).

O desenvolvimento de um ensino prático reflexivo pode somar-se a novas formas de pesquisa sobre a prática e de educação para essa prática, para criar um momento de ímpeto próprio, ou mesmo algo que se transmita por contágio. (SCHÖN, 2000, p.250).

Nesse sentido, a reflexão se torna um elemento fundamental para a formação tanto no sentido individual e até mesmo no aspecto coletivo que envolve o Curso como um todo. É preciso salientar que, diferente do aspecto reflexivo quando o educador já está atuando como docente na escola, aqui se faz importante à reflexão enquanto graduando em um Curso de licenciatura. Para isso a proposta é pensar sobre o currículo, estar ciente dos documentos que regem a formação no Ensino Superior, desenvolver postura crítica sobre o Curso, compreender suas percepções subjetivas, suas escolhas por determinadas áreas específicas... todos esses aspectos irão integrar-se na forma como o discente irá se compreender. As experiências de reflexão sobre o Ensino da Arte obtidas no decorrer da formação geram uma percepção mais aprofundada e contextualizada das situações práticas que o futuro docente irá se deparar.

Um ponto fundamental ao falar do processo reflexivo é o interesse desse sujeito para fazer parte de uma proposta como esta. É preciso que se sinta envolvido com as reflexões e que se sinta capacitado para o ato de expressão de suas interpretações sobre o tema. O “estado de abertura” do sujeito para essa experiência reflexiva deve ser constante, pois muitas vezes surgem novas percepções sobre as ações passadas ou modificações que envolvem como o sujeito se compreende no momento presente da ação.

2.3. Graduação em Artes Visuais relações entre vivências, experiências e a experiência estética.

Ao desenvolver os momentos de diálogo com os estudantes busca-se a reflexão sobre as experiências e vivências que o grupo de alunos obteve na graduação. Certamente a prática reflexiva aliada à expressão artística relativa a estas vivências oportuniza outro tipo de experiência. Uma experiência marcante em sua formação que se propõe como um pensar sensível, possibilitado pela percepção

ativa e que certamente os influenciará também em sua formação subjetiva. É importante salientar estas três distintas concepções, que nesta pesquisa são mencionadas com frequência: vivências, experiências de vida e experiência estética.

A vivência está relacionada a algo que nos acontece, está ligada ao que se sabe somente pela realidade do que se vive. Nesse sentido algo se torna uma vivência porque terá uma repercussão na vida de um sujeito que será duradoura. Nem tudo o que se vivencia toma significado perpétuo, é preciso que haja um sentido especial dado pelo sujeito que o vivencia.

Já a experiência tem como principal característica a “transformação” do sujeito. Pois este estará em estado de abertura, que é fundamental para que algo aconteça, de modo a tornar-se um saber pela experiência como aborda Larrosa (2004). Existe para o autor na etimologia da palavra o sentido de se expor para aquilo que se experimenta, sendo assim necessária a “paixão” no sentido do passional, da receptividade, da estesia ou de ser paciente dessa relação com o outro. Como ele argumenta: “Se a experiência é o que nos acontece e se o sujeito da experiência é um território de passagem, então a experiência é uma paixão.” (LARROSA, 2004, p. 158). Do mesmo modo, encontra-se na definição de Heidegger (1987), a concepção de “fazer a experiência” é o mesmo que ser modificado por aquilo que nos acontece:

Fazer uma experiência com algo significa que algo (...) nos acontece, nos alcança; que se apodera de nós, que nos tomba e nos transforma. Quando falamos em “fazer” uma experiência, isso não significa precisamente que nós a façamos acontecer, “fazer” significa aqui: sofrer, padecer, tomar o que nos alcança receptivamente, aceitar, à medida que nos submetemos a algo. (...) podemos ser assim transformados por tais experiências, de um dia para o outro ou no transcurso do tempo.² (HEIDEGGER, 1987, p. 143, tradução nossa).

Durante a formação somos perpassados por ambos os aspectos que podem nos constituir, há os momentos de vivências, que se caracterizam por tudo

² “Hacer una experiencia con algo - sea una cosa, un ser humano, un dios - significa que algo nos acaece, nos alcanza; que se apodera de nosotros, que nos tumba y nos transforma. Cuando hablamos de «hacer» una experiencia, esto no significa precisamente que nosotros la hagamos acaecer; hacer significa aquí: sufrir, padecer, tomar lo que nos alcanza receptivamente, aceptar, en la medida en que nos sometemos a ello. (...) podemos ser así transformados por tales experiencias, de un día para otro o en el transcurso del tiempo.” (HEIDEGGER, 1987, p. 143).

aquilo que vivenciamos e que poderá ter para o sujeito um significado duradouro, e as situações que envolvem a transformação e cujo saber se dá pela experiência.

A proposta desta pesquisa de buscar refletir sobre essas vivências e experiências que os formandos obtiveram na graduação também é de certo modo algo que pode transformar estes alunos e enriquecer esse processo de formação. O diálogo dos alunos nos encontros se fundamentou através daquilo que eles escolheram durante o Curso, no que presenciaram nas aulas, nos estágios que realizaram, nos encontros fora do espaço da universidade, em suas pesquisas de TCC... Cada um partilhou pontos de vistas sobre essas vivências e experiências. Essa troca por ser entendida como explica Westbrook (2010) na “Coleção Educadores do MEC- John Dewey”:

Pode-se mesmo dizer que tudo existe em função das relações mútuas, pelas quais os corpos agem uns sobre os outros, modificando-se reciprocamente. Esse agir sobre outro corpo e o sofrer de outro corpo uma reação é, em seus próprios termos, o que chamamos de experiência. Nosso conceito de experiência, longe, pois, de ser atributo puramente humano, alarga-se à atividade permanente de todos os corpos, uns com os outros. (Westbrook, 2010, p.33).

Neste sentido, o diálogo em grupo é uma experiência, que se dá por meio da interação entre alguns elementos como: a formação individual, a formação coletiva no Curso de Artes Visuais Licenciatura da UFPel, o papel do Ensino da Arte e a Arte na sociedade. A partir das conversas, do fazer artístico, da exposição e das reflexões sobre estas ações os sujeitos envolvidos são transformados e essa experiência ganha sentido também formativo. Como explica Westbrook (2010), é durante a experiência que o sujeito reflexivo e o objeto da reflexão sofrem alteração:

Qualquer experiência há de trazer esse resultado, inclusive as experiências humanas de reflexão e conhecimento. Com efeito, o fato de conhecer uma coisa importa em uma alteração simultânea no agente do conhecimento e na coisa conhecida. (WESTBROOK, 2010, p.34).

A alteração acontece tanto no “agente do conhecimento” (estudante modifica sua percepção) quanto sobre “a coisa conhecida” (o processo formativo do estudante e o que está sendo proporcionado pelo Curso). Para isso, se faz necessário ativar a percepção frente ao tema que é proposto. Com o processo de “reflexão consciente” das experiências vividas na graduação é possível compreender melhor o contexto formativo. A criação de significado para o trajeto percorrido no Ensino Superior em

Artes Visuais Licenciatura pelos discentes, só vai acontecer quando houver juntamente com o elemento perceptivo a análise, ou seja, o “parar para pensar” que aqui se propôs através do fazer artístico. Desse modo, se transformam as informações aprendidas em um saber que está fundamentado pela própria prática reflexiva capaz de gerar novas experiências formadoras.

Os estudantes através do fazer artístico proposto na pesquisa adquirem contato com o pensar reflexivo em diferentes momentos: nas oficinas de criação através das propostas para instigá-los, durante o processo de pensamento e sensibilização ao criar o trabalho expressivo e no momento de exposição/contato com outras subjetividades, de modo que, suas percepções dão base para se autocompreenderem na formação obtida no Curso de Artes Visuais Licenciatura. As experiências no decorrer do Curso fazem parte do modo como estes sujeitos percebem o mundo ao seu redor. Desde as experiências que resultam em aspectos positivos, assim como também, as que os influenciaram de modo negativo. Quando se repensa sobre essas situações e sobre elas é lançada uma nova perspectiva, passamos a internalizar o processo reflexivo ampliando a percepção para o que se viveu. Nesse aspecto, não se fala de aprender somente para adquirir conhecimento técnico, mas de um saber constituído pelo viver, ou seja, perpassado pelas experiências dando sentido para uma formação subjetiva. É preciso, como trata Larrosa (2004), que o sujeito possa se “ex- por”, mostrar suas confusões, medos e incertezas que surgem na graduação para repensá-los e assim poder ressignificá-los. Durante o diálogo existem as trocas que são feitas com os outros, essas trocas de pensamentos passam a influir diretamente no modo como percebemos o mundo. Experimentar está relacionado com a nossa existência, pois desde pequenos estamos sempre nos pondo em risco para poder compreender o mundo. Sendo que, quando realizamos uma ação necessitamos refletir (não apenas no pensar lógico, mas sensível) sobre essa ação seja antes, durante ou depois. Pois o processo reflexivo é natural ao ser humano. É por meio do pensar reflexivo, que uma simples ação ganha potência de significado para o sujeito. Começa-se a estabelecer conexões com outras pessoas, criar novas experiências em um processo que estará sempre se alargando, afinal, experimentar faz parte da vida e é o que faz a vida. Westbrook (2010) apresenta um interessante conceito da relação entre experiência reflexiva e o processo educacional que abarca o enriquecimento da vida:

Todas as vezes que a experiência for assim reflexiva, isto é, que atentarmos no antes e no depois do seu processo, a aquisição de novos conhecimentos mais extensos do que antes será um dos seus resultados naturais. A experiência alarga, deste modo, os conhecimentos, enriquece o nosso espírito e dá, dia a dia, significação mais profunda à vida. E é nisso que consiste a educação. Educar-se é crescer, não já no sentido puramente fisiológico, mas no sentido espiritual, no sentido humano, no sentido de uma vida cada vez mais larga, mais rica e mais bela, em um mundo cada vez mais adaptado, mais propício, mais benfazejo para o homem. (WESTBROOK, 2010, p.37).

Através da prática artística proporcionada pelo pensar reflexivo e geradora de novas reflexões, adquire-se o sentido para: as escolhas durante a graduação, para o Curso, para as aulas que se teve... ou seja, cada vivência tida no Curso passa a ter um sentido mais abrangente da formação desse sujeito e na forma como passará a perceber o contexto educacional. Trata-se de um movimento crítico e de um posicionamento mais atento para o que se vive. O pensamento crítico, como explica Schön (2000), permite “(...) reestruturar as estratégias de ação, as compreensões dos fenômenos ou as formas de conceber os problemas.” (SCHÖN, 2000, p.33). Nesse sentido, não somos mais sujeitos passivos para os quais as coisas já são dadas e por si só aceitamos. A atitude filosófica da reflexão, que pode se iniciar pelo ato de pôr em dúvida é naturalmente desenvolver um estado mais atento para o mundo, ou como, aborda Merleau-Ponty o desenvolvimento de uma “atitude frente ao mundo”. A pesquisa desenvolvida por meio das oficinas e da exposição trata desse aspecto como principal foco, o despertar da percepção sensível dos alunos/ atitude de formação ativa. Desse modo, que as atividades de reflexão e expressão puderam “Desvelar o sensível do ser (...) levando a transformar vivências em experiências estéticas.” (CAMPOS, 2002, p.44). A busca de expressar os significados que a formação é para cada um e a tentativa de compreender o que é ser docente em Artes Visuais. A potencialidade da experiência estética neste contexto é desenvolver nos alunos a percepção consciente para o Curso que os forma e dar sentido para o que vivenciaram e experienciaram. Como Dewey (1949) uma experiência ganha o caráter da compreensão estética quando a vivemos de maneira integral: “Ação, sentimento e significação são só uma coisa” (DEWEY, 1949, p.16) de igual modo ela pode ser tanto artística, prática como intelectual. A criação do pensamento pela arte trata-se de um movimento mais lento, de disponibilidade de sentir e perceber. O “parar para pensar”, proposição feita ao grupo de alunos em final de Curso os envolveu em uma experiência de caráter poético para sair do

automatismo e adormecimento que a formação acadêmica pode gerar, e adentrar no trajeto de estesia permeada pela escuta, expressão e a transformação de olhares.

Larrosa (2004) trata do quanto o processo de ensino-aprendizagem atual acaba destruindo o saber que se dá pela experiência, segundo o autor alguns aspectos como a lógica informação/opinião e a velocidade que se encontram nos aparatos educacionais são completamente o inverso ao sentido de gerar uma verdadeira aprendizagem pela experiência. Destaca que a formação está sendo vista como uma mera mercadoria, em que se apresentam o acúmulo de informações, a aceleração do tempo, currículos fragmentados... contexto que impede de fato que algo “nos transforme”:

Nessa lógica de destruição generalizada da experiência, estou cada vez mais convencido de que os aparatos educacionais também funcionam cada vez mais no sentido de tornar impossível que alguma coisa nos aconteça. Não somente, como já disse, pelo funcionamento perverso e generalizado do par informação/opinião, mas também pela velocidade. Cada vez estamos mais tempo na escola (e a Universidade e os cursos de formação do professorado formam parte da escola), mas cada vez temos menos tempo. Esse sujeito da formação permanente e acelerada, da constante atualização, da reciclagem sem fim, é sujeito que usa o tempo como um valor ou como uma mercadoria, um sujeito que não pode perder tempo, que tem sempre de aproveitar o tempo porque não pode ser que fique defasado em alguma coisa, não pode ser que não possa seguir o passo vez do que passa, não pode ser que fique para trás, e por isso mesmo, por essa obsessão por seguir o curso acelerado do tempo, já não tem tempo. E na escola o currículo se organiza em pacotes cada vez mais numerosos e mais curtos. Com o quê, também em educação, estamos sempre acelerados nada nos acontece. (LARROSA, 2004, p. 158)

Torna-se necessário conscientizar-se que o sujeito em formação é crítico, sensível e possui seus sentidos estéticos para percepção do mundo. Como argumenta Campos (2002) é preciso que nos ponhamos em “(...) permanente ‘estado de formação’, preparando-o para viver o inusitado, o descontínuo, o imprevisível, o contraditório, o transitório, presentes nos contextos dos novos tempos. ” (CAMPOS, 2002, p.95). E como desenvolver este estado de formação? Através do fazer reflexivo, que a arte tem como elementar podemos sair do automatismo e adentrar nas capacidades criativas da percepção.

3. A construção da atitude reflexiva na formação docente em Artes Visuais



3.1. Encontros de “Diálogo e proposições artísticas”

Na tentativa de proporcionar momentos de reflexão durante a formação, desenvolvi inicialmente na pesquisa o projeto de oficinas com enfoque na prática reflexiva e da expressão através de atividades com cunho artístico. Por essa motivação surge a seguinte questão: Como gerar a reflexão, sendo esta uma postura ativa na formação inicial docente em Artes Visuais, por meio da expressão artístico/poética?

Justifica-se esta investigação, por ser essencial a relevância de gerar a percepção do sujeito ainda durante a graduação quanto aos processos de aprendizagem que o constituirão como educador de Artes Visuais. Propor condições para que os estudantes possam sair do habitual, e desenvolvam o questionamento e posicionamento sobre as situações que envolvem o seu entorno no período de graduação. Assim salienta Martins (2006) no artigo “Entrevidas: a inquietude de professores-propositores”:

Para Eisner (1998, p.35) “a experiência tem sua gênese em nossa transação com as qualidades que constituem nossos entornos”. Somos afetados por essas qualidades que nos movem para invenção, quando as problematizamos, quando as vemos com o olhar estrangeiro, capaz de estranhar o que é familiar, quando criamos/ vivemos novas experiências de deslocamentos, de desaprendizagem de problematizações. (MARTINS, 2006, p.2).

Tendo em vista que o discente poucas vezes é questionado sobre o caminho que decidiu percorrer, investiga-se através de atividades reflexivas e artísticas o que a prática reflexiva por meio da arte pode proporcionar no percurso formativo. As atividades das oficinas foram elaboradas visando à percepção, sentir e o pensar articulados pela expressividade considerando a bagagem de vivências dos alunos e a linguagem artística. Sendo assim, trabalhou-se com alguns enfoques:

- a) Estímulos práticos de reflexões através da arte: apresentação de produção audiovisual, elaboração de trabalhos artísticos dos envolvidos nas discussões, propostas de intervenção artística realizadas no espaço de estudo, liberdade quanto às linguagens artísticas escolhidas, convites para participação

de eventos de arte e educação, mediação como forma de interação no grupo, fazer artístico como expressão.

b) Diálogo a partir de questões relativas à formação em Artes Visuais: conversas sobre as percepções individuais e coletivas quanto ao tema, análise sobre as escolhas no Curso (participação em projetos, disciplinas optativas, disciplinas obrigatórias, experiências com Ensino de Artes), discussão sobre o Projeto Político Pedagógico, apontamentos sobre o currículo do Curso.

Os encontros foram oportunizados para turma de Projeto em Artes II (TCC) do Curso de Artes Visuais Licenciatura da UFPel no segundo semestre do ano de 2016, tendo como professora titular Dr^a Larissa Chaves Patron. O projeto desenvolvido para os alunos que estavam finalizando o Curso consequentemente que estivessem cursando esta disciplina e tivessem interesse em participar de reuniões extraclasse. Cada encontro teve duração de aproximadamente uma hora, após a aula de Projeto em Artes II. Como esta pesquisa integrou meu estágio docente pelo Programa de Pós-graduação em Artes Visuais, durante as duas primeiras aulas fiz um relato de observação da turma e logo após enviei um convite para todos os discentes da turma participarem das Oficinas:

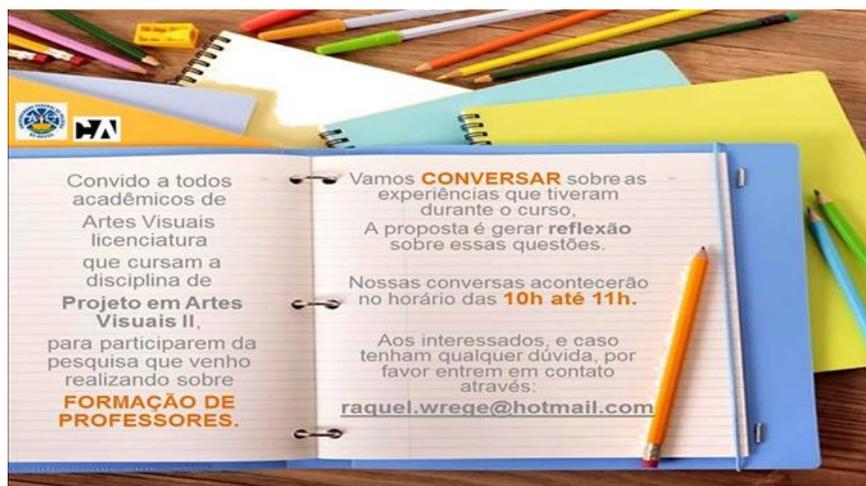


Figura 4- Convite online para participação do projeto.

Fonte: acervo pessoal, 2016

O convite foi enviado através de facebook e e-mail, este tipo de meio comunicacional foi escolhido por facilitar a divulgação abrangendo todos do público-alvo, além de ter falado durante as aulas sobre a proposta.

No decorrer dos oito encontros, os integrantes que participaram variaram bastante. Alguns alunos mantiveram a frequência em todos os encontros e outros iam esporadicamente. Aponto como um dos motivos desta evasão também o fato desta atividade não ser obrigatória no currículo. Muitos não quiseram participar pensando que seria “perda de tempo”. A partir destas questões, é possível discutir sobre o aspecto da “intencionalidade” dos alunos em trabalhar sobre esta temática. Importante salientar que as atividades eram abertas para todos que tivessem interesse em discutir a temática mais aprofundadamente. Devido à infrequência de alguns participantes do grupo e a inconstância da participação nas oficinas decidi perguntar aos acadêmicos os motivos. Dentre os apontamentos dos que não participaram dos encontros a maioria relatava:

- Falta de tempo,
- Por estarem fazendo o TCC tinham que ir para casa depois da aula escrever a pesquisa,
- Os horários de orientação eram depois da aula,
- Alguns argumentaram que estavam doentes e que não puderam ir às aulas.

Novamente vemos a questão do automatismo da formação presente nestes relatos, pois não havendo o fator da obrigatoriedade muitos alunos argumentam que em suas rotinas tem “cada vez menos tempo”, como Larrosa (2004) relata que descaracteriza o saber pela experiência, levando a formação em um caráter meramente mercadológico. Neste aspecto nota-se a concepção de Dewey (1959) de que o pensar envolve sair da rotina e do impulso, mas agir com uma intencionalidade:

Em primeiro lugar, é uma capacidade que nos emancipa da ação unicamente impulsiva e rotineira. Dito mais positivamente: o pensamento faz-nos capazes de dirigir nossas atividades com previsão e de planejar de acordo com fins em vista ou propósitos de que somos conscientes; de agir deliberada e intencionalmente a fim de atingir futuros objetos ou obter domínio sobre o que está, no momento, distante e ausente. Trazendo à mente as consequências de diferentes modalidades e linhas de ação, o pensamento faz-nos saber a quantas andamos ao agir. (DEWEY, 1959, p.26).

O hábito rotineiro é o de não se questionar e simplesmente seguir o que é tido como uma formação obrigatória para cumprir cargas horárias. Portanto, a proposta das oficinas é pensar num movimento inverso ao do costume.

No primeiro dia do encontro, em 23 de agosto de 2016, do total de 12 alunos da turma permaneceu 8 estudantes. A primeira proposta com o grupo foi o *brainstorming* com a palavra “Arte”. Inicialmente ficaram bem intimidados para falar sobre o termo, então para motivá-los fiz duas perguntas:

O que é arte? Qual o valor da arte na nossa sociedade?

Assim, aos poucos novas relações de palavras foram surgindo do grupo, e formando nosso primeiro painel:



Figura 5- Painel 1, 80x100 cm, O significado de Arte.

Fonte: acervo pessoal, 2016.

Arte= professor-artista, escapismo, morte do artista, cores, artesanato, arte menor, potencia, expressão, devaneio, desafio, reflexão, impulso, expiração, inspiração, alunos de artes visuais licenciatura como produtores de artes, cotidiano, delírio, arte-terapia, momento para nós mesmos, luz da vida.

Depois dessa conversa inicial, fomos para a segunda etapa da aula, na qual relataram sobre: Como foi escolher o Curso de Artes Visuais Licenciatura? Como foi vista esta escolha quando falaram para outras pessoas?

Percebi que este tipo de diálogo levou o grupo a trabalhar vários pontos como: questões da educação na atualidade, indecisões profissionais, traumas, práticas didáticas nas aulas, a impossibilidade de se formar um professor-artista... Discutiram a partir disso sobre: o currículo atual do Curso, as mudanças no Ensino da Arte com a medida provisória, as dificuldades na relação professor e aluno, o desestímulo durante a graduação quanto ao ser professor-artista, o significado de ser um artista, a formação do docente de Artes Visuais em outras instituições, a ideia do professor propositor, processos didáticos no Curso... Como podemos perceber nesta tabela em que destaco alguns dos aspectos tratados pelos estudantes neste primeiro encontro:

Tabela 1- Análise de principais aspectos discutidos pelos estudantes, primeiro encontro do grupo em 23 de agosto de 2016:

1º ENCONTRO- DIA 23 DE AGOSTO DE 2016	
Principais assuntos abordados pelos discentes	Degração de áudio do encontro
Necessidade de apresentar ao graduando os diferentes campos de trabalho que o profissional de educação em Artes Visuais pode atuar	Discente e- A falta de estímulo dos professores no quesito de profissão, são raros os que trabalham sobre uma profissão.
Estímulo ou não no currículo do Curso sobre a concepção do professor-artista	<p>Discente c- Também tem aqueles professores que estimulavam essa questão do professor-artista, e eles mesmos descrendo do próprio estímulo.</p> <p>Discente e- (...) ouvi de um professor que te diz: Professores são professores! (...) pra nós eu sinto que não existe um espaço ou possibilidades para a gente expor os nossos trabalhos, nós da licenciatura.</p> <p>Discente d- Seria uma alternativa de formação (...). Porque tem gente que não se sente artista, e isso também não é um problema. Eu acho que em vez da gente afirmar, a gente tem que pensar que esta é uma das possibilidades, como uma alternativa. Mas como vocês estão falando isso é um campo que tem que crescer. Porque, se ninguém estimular isso na gente, como é que a gente vai escolher? Escolher o tipo de professor que a gente quer ser? (...). É uma coisa que também não precisa ser separado...</p> <p>Discente c- Mas as vezes é separado, nesse momento eu sou artista...</p>

Arte vista como artesanato: Artesanato não é arte?	Discente h - Eu acho que outra coisa que as vezes é muito condenado aqui, é aquela questão do que é arte e o que é artesanato.
Artista é aquele que desenha bem	Discente a- Porque o ser artista tu podes fazer um curso técnico, no JA ³ ou tu podes ser um autodidata. Tem gente que pinta e nem fez curso nenhum. Então ser artista é de cada um de nós. Quando alguém pergunta: “Tu sabes desenhar bem? Não eu não sei, mas sei os métodos para levar a algum desenho. Eu posso ensinar a técnica.”
Possibilidade de o educador ser um artista propositor Perspectiva do artista/professor propositor	Pesquisadora- A arte ela proporciona o que para ti? Uma expressão das pessoas? Discente a- Ah! Para mim ela é como uma realização de ver e de ajudar os outros para algo mais humano. Pesquisadora - E aí tu te enxergas como professor propositor? Discente a- Isso, aí sim!
Problemas do estágio Conflitos entre realidade e teoria	Discente d- Quando chega no estágio sempre tem um monte de empecilho, tu conversa com a professora: “Ah! Não eles não fazem isso, não querem isso”, mas e ela já pensou em fazer de uma forma diferente?

Fonte: acervo pessoal, consultar o Apêndice G, 2017.

Outra atividade realizada com o grupo foi uma análise do histórico no Curso de cada um dos participantes. Era preciso que definissem: Quais as disciplinas que gostaram de cursar? Quais as disciplinas que não gostaram? Estas questões foram bastantes polêmicas, pois a maioria no grupo apenas destacou as disciplinas que não gostaram e as situações problemáticas. Com muita dificuldade e insistência o grupo apresentou algo que tivesse gostado. É interessante pensar sobre essa situação:

- O que leva os estudantes no fim do Curso apenas problematizarem sua formação pelo aspecto negativo?
- Como sairão do Curso que os formou abordando somente o que não gostaram?

Durante estas conversas os alunos mantiveram a mediação entre si, dialogando de modo ativo, interrelacionando as temáticas individuais com as coletivas e até mesmo provocando uns aos outros através de novas questões.

³ Referência feita à Esolca J.A. atuando desde 1983 em Pelotas/RS. São oferecidos regularmente cursos de desenho básico para iniciantes e desenho acadêmico e pintura.

No dia 30 de agosto de 2016, foram 4 alunos devido ao dia chuvoso, mas estes fizeram questão de participar da conversa. A palavra escolhida para o *brainstorming* foi “Professor-artista”, havia percebido que no encontro anterior faziam muitas referências a este termo relacionado às suas angústias e medos. Essa prática acabou enfatizando esta situação, suas expressões mostraram pessimismo, medos e inseguranças. Fizeram referências à crise na formação e sentiam confusões quanto ao termo “artista” como possibilidade de estar relacionado ao professor de artes. Pedi para que dessas palavras que foram mencionadas, cada um escolhesse três que melhor se identificavam como relativas ao termo.

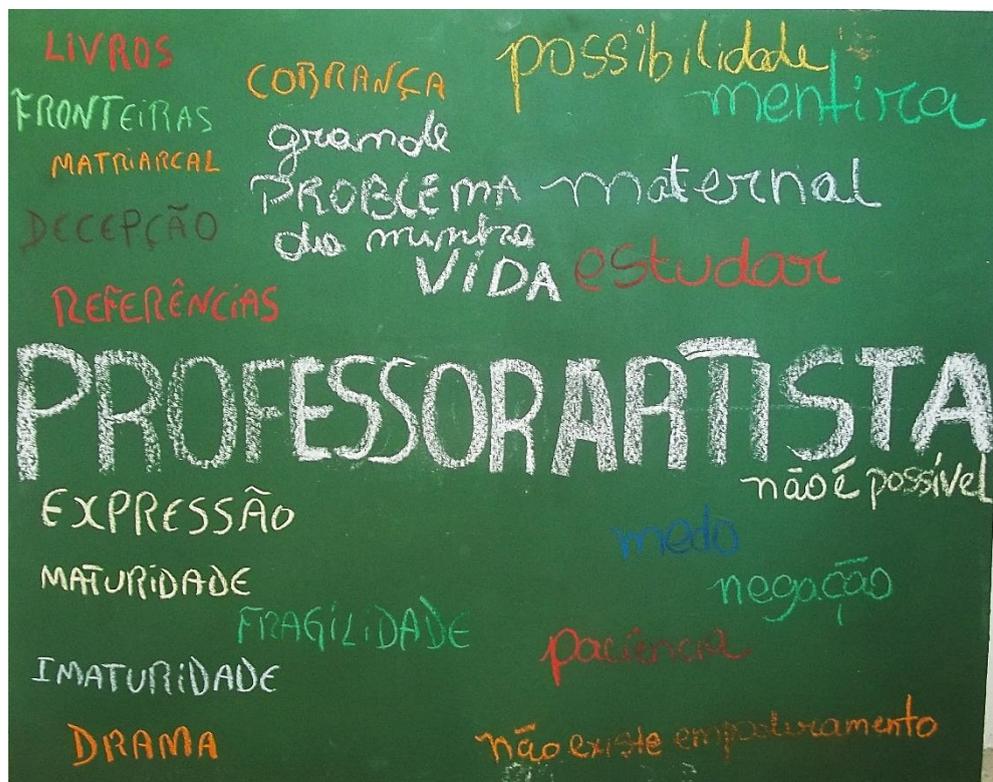


Figura 6- Painel 2, 80x100 cm, O significado de professor-artista

Fonte: acervo pessoal, 2016.

Professor-artista= livros, fronteiras, matriarcal, decepção, referências, cobrança, grande problema da minha vida, possibilidade, mentira, maternal, estudar, expressão, maturidade, fragilidade, imaturidade, drama, não existe empoderamento, negação, paciência, não é possível, medo.

Na segunda etapa da oficina, pedi que os alunos falassem sobre as disciplinas que gostaram no Curso e expliquei sobre a dinâmica de mediação com o novelo. Ao

iniciar a conversa um dos alunos segurava o novelo e depois iríamos repassando uns aos outros a linha, enquanto falavam de modo que relacionassem suas experiências a partir da questão motivadora. Comecei a atividade para que pudessem compreender o que faríamos e falei sobre a disciplina optativa de mediação que cursei no ano de 2015 em minha graduação no Curso de Artes Visuais Licenciatura da UFPel. Comentei o quanto isto me ajudou para pensar sobre a ideia do educador como um mediador. Percebi que muitos integrantes do grupo tinham participado desta optativa, de modo que a linha foi passada conforme os interesses em comum. No entanto, no decorrer da atividade o grupo de modo geral estendeu a fala para novamente os pontos negativos, tendo dificuldades de apontar o que gostou no Curso. Assim que começávamos uma introdução do que houve de bom, logo nas falas eles prosseguiram as visões negativas. Percebi que talvez sentissem mais necessidade de expressar estas angústias internas, como foi notado na primeira atividade sobre as percepções do termo professor-artista. A grande maioria dos alunos passou a comentar relatos de “traumas” ou situações que lhes marcaram no decorrer da formação como vemos na tabela abaixo:

Tabela 2- Análise de principais aspectos discutidos pelos estudantes, segundo encontro do grupo em 30 de agosto de 2016.

2º ENCONTRO- DIA 30 DE AGOSTO DE 2016	
Principais assuntos abordados pelos discentes	Degração de áudio do encontro
Professor-artista	Discente C: (...) mentira, maternal e fronteiras. Discente F: (...) não existe, mentira e fragilidade. Discente G: Não, para mim isto não é possível. Eu não quero ser professor. Eu só estou concluindo o Curso. Discente D: (...) maturidade, livros e possibilidade. (...). Para mim isto é engraçado. Porque quando eu estava em outra universidade era positivo e quando eu cheguei aqui isto ficou negativo.
Professor-propositor	Discente G: A pessoa nem se entende como artista, então é muito mais fácil tu aprenderes a ser professor-propositor, que vai chegar lá e vai mudar a realidade sem carregar aquele próprio peso.
Possibilidades da formação que envolvem escolha do papel de professor-artista	Discente c: (...) E por isso, eu falei aquela palavra mentira, pois vejo que muitas vezes os professores pregam sermos capazes de ser

	<p>professor-artista, mas acabamos nos distanciando porque a academia é Curso e o nome licenciatura nos distancia um pouco da arte. Algumas pessoas não querem ser artistas, algumas pessoas só querem ser professoras, e elas se sentem muito cobradas quando elas ouvem o termo professor-artista.</p> <p>(...). Então talvez falar menos o que é o termo professor-artista, e estimular mais o que é artista o que é professor.</p> <p>(...). É a mesma coisa quando você quer diluir a barreira entre professor e artista, de certo modo você vai criar mais motivos porque o artista vai contaminar o professor e o professor vai contaminar o artista.</p> <p>Discente G: Eu acho que mais seria a ideia de um artista-propositor em vez de professor-artista. Quando tu estás disposto a dar o melhor de si consegue ser um artista-propositor. Tu vais lá com essa bagagem que se leva e consegue com vontade ser um artista propositor em vez de professor-artista.</p>
O quesito da avaliação por nota na formação de docentes	Discente C: Eu gosto muito de professor que dá dez para todo mundo, ele menospreza a academia e fala assim, o que vale aqui é a experiência.
Não há no site do Curso as ementas das disciplinas	Discente D: Deveria ter no site da UFPel, para a gente ver as disciplinas. Isso é parte da ementa, mas não funciona, só quando começa o semestre.
Disciplina de Mediação	<p>Discente D: (...). Daí eu fiz e gostei muito, gostei mais pelo fato da Carol fazer tudo super bem, uma ótima didática.</p> <p>Discente F: Para mim também foi mediação e escolhi pela Carol (...)</p>
Disciplina de História da Arte	Discente G: Para mim foi superimportante ter as aulas de história da arte. A gente houve muito as pessoas dizerem que as obras de arte contemporânea não dão para entender nada e não servem para nada. Só que elas não sabem dessa trajetória da história que teve a arte. E a arte dá para entender a sociedade que a gente vive.
Disciplina de Cerâmica	Discente D: (...) gostei também que vou citar aqui foi cerâmica com a Ana Paula, das práticas que a gente já fez (...) pela liberdade de fazer (...).
Disciplina de desenho de figura humana	Discente C: Então a minha favorita foi desenho de figura humana. (...). E na questão de professor-artista, essa disciplina mexeu comigo porque eu vi na Nádia, pouco discurso e muita prática.
Crises quanto à formação	Discente F: Muita gente que está saindo e não quer voltar, isto está me preocupando. Está bem que ele não precise disso, não precise dar aula, mas enquanto meu amigo ele me disse que ficou saturado. Porque esta saturação? Que triste... porque o curso é muito bom. E nisso que eu não me vejo com a possibilidade de ser professor-

	<p>artista, eu acho que se tinha alguma possibilidade de ser artista morreu.</p> <p>Discente G: Eu na verdade não quero ser professora... nem artista, nem professora, nem proponente, nada!</p>
Apenas ver o lado negativo da formação	<p>Discente C: Uma coisa que é importante de falar, é que eu não estava conseguindo achar a disciplina favorita e eu estava sendo um pouco ingrata achando que eu não gostei de nenhuma. Mas acho que não, acho que é um pouco pelo contrário, eu gostei de muitas. (...). Eu até vou falar um pouco mais sobre isso, porque eu não vejo o pessoal elogiar e é um problema muito grande isso.</p>
Pouca relação entre as práticas artísticas e o fazer de sala de aula	<p>Discente D: Eu queria falar um pouco sobre o currículo. Aqui na UFPel tem bastante ateliê e isto para mim influencia para ser um professor-artista. De onde eu vim eles eram mais focados em ser professor, claro que tinha disciplinas artísticas, mas era mais adaptado para você colocar isto na escola. Isto eu senti falta aqui, pois o aluno vai chegar na escola não tem massa de modelar, canetinha ou tesoura...</p> <p>Discente G: Se eu não vou usar isso para fazer na sala de aula eu acho que condensa isso, apresenta só a ideia e usa o tempo livre para coisas que eu vou fazer em sala de aula.</p>

Fonte: acervo pessoal, consultar o Apêndice G, 2017.

De modo geral, os alunos levantam questões e refletem outras percepções que só tiveram como possibilidade, através do encontro com o outro e do diálogo que a mediação permite. Muitas percepções se modificaram no decorrer das falas e a interferência dos colegas os instigou para novas interpretações sobre os temas. Eles detectaram situações problemáticas no Curso, em suas escolhas e visões, mas também salientavam formas de mudar isto. Portanto, vejo que mesmo não seguindo a proposta de trabalhar o que gostaram no Curso, o processo inverso que se apresentou por meio da negação, também permitiu a reflexão sobre modos de transformar a realidade da formação individual e coletiva.

O encontro do dia 06 de setembro de 2016 foi diferenciado porque tive a oportunidade de todos os alunos da turma estarem presentes, já que eu estava trabalhando durante o horário da aula. E por ser um dia de aula normal, mantiveram-se a maioria até o fim das discussões, exceto dois alunos que se retiraram ao notarem

que não teria aula “teórica” da disciplina e sim uma discussão a partir de um filme. É interessante observar esse fato, pois uma destas estudantes que se retirou da aula havia comparecido ao primeiro encontro da pesquisa e comentado com ênfase sobre a didática na Universidade argumentando que não se discutia muito e que era sempre o mesmo modelo “tradicional” de ensino. No entanto quando lhe foi oportunizado esse espaço de diálogo achou de certo modo “desnecessário”, pois percebeu que não seria uma aula de teorização. Será que os alunos estão realmente dispostos a essas mudanças no processo de formação que acreditam ser necessárias? Como compreendem as práticas de reflexão pela arte? De fato, veem a reflexão pela arte como algo potencial? Que perfil esses futuros educadores de Artes Visuais buscam apenas através da formação teórica? A atitude reflexiva pode incomodar aqueles que preferem a formação fundada na “transmissão de conhecimentos”?

Novamente podemos pensar sobre o automatismo que Larrosa (2004) destaca como um dos destruidores da experiência no processo de ensino-aprendizagem. Estaremos longe de encontrar o saber pela experiência se apenas fixarmos ao processo de formação informações ou teorias esvaziadas de sentido, como aborda Dewey:

Informações são conhecimentos simplesmente adquiridos e armazenados. O saber é o conhecimento que atua no sentido de obter-se a capacidade de tornarmos nossa vida mais eficiente. As informações, em seu simples caráter de informações, não constituem um meio especial de exercitar-se a capacidade intelectual; e quanto ao saber, é ele o mais precioso fruto dessa educação. (DEWEY, 1959, p.70).

O estado de abertura para uma experiência é um dos pontos fundamentais da pesquisa, pois não se trata da formação como algo constituído pelo caráter da obrigatoriedade, mas pela consciência do sujeito que está nesse processo e os objetivos que busca em cada escolha que faz no Curso.

Neste dia foi escolhido para discussão em grupo o documentário “*Paul Klee, Le silence de l'Ange*” (Tradução para o português: “Paul Klee: O diário de um artista”) lançado mundialmente em 2011, dirigido por Michael Gaumnitz e produzido pela Alegria em 2005. O documentário apresenta de modo muito sensível os diferentes momentos que marcam a vida e a caminhada educacional/ artística de Paul Klee (1879-1940) que dentre suas ocupações destacou-se como poeta, pintor e professor

de arte na Bauhaus em 1921. Através de sua poética permeada pela figuração expressionista até as obras de cunho abstrato, apresenta diálogos com a situação sócio-política que o marcou no período em que viveu na Alemanha do regime nazista. Destaco alguns aspectos que me motivaram a trabalhar com este documentário:

- Desmistificar a figura do artista como gênio, que é inspirado e tem um talento. Apresentando então o perfil de um sujeito em constante trabalho e estudo, não apenas cercado pela pesquisa da poética, mas acompanhando as questões do ensino da arte;
- Perceber a relação entre a criação artística e os planejamentos de aula de Paul Klee para a Bauhaus;
- Salientar o processo de criação aliado a pesquisa para elaboração artística e pedagógica;
- Relações entre o diário do artista com o diário do professor, refletindo sobre questões do planejamento das aulas como um processo criativo permeado neste caso pelas percepções poéticas do artista;
- Salientar que apesar de reconhecermos o trabalho enquanto artista na História da Arte, Paul Klee assim como outros tantos (nesta mesma época, colega de trabalho Wassily Kandinsky) eram educadores de Artes em escolas e Universidades;
- Relação entre a vida do artista e o contexto que constitui sua subjetividade e marca sua produção artística;
- Escritos do professor (planejamentos, diários, relatórios...) como objeto de arte ou livro de artista, pensar sobre um perfil estético dos documentos de registro.

Durante a apresentação do filme pedi que fizessem apontamentos (poderia ser com formato livre: poema, trechos, citações, desenhos, esquemas...) sobre tudo que achassem curioso no que assistiram. Após finalizar o vídeo abrimos para discussão, momento em que os discentes puderam expressar suas percepções. Todos participaram ativamente do diálogo, sentiram-se bastante motivados para tratar sobre o tema da formação e os pontos que objetivei foram bem explorados. Interessante destacar o quanto o vídeo potencializou o trabalho reflexivo, trabalhando com o imaginário e a sensibilidade dos alunos para o tema de modo produtivo. Foram entregues sete registros gráficos no fim da aula com alguns aspectos em destaque,

surgiu em comum a questão docente em dois escritos. Na figura 7 a aluna escreve duas frases relacionadas ao processo de docência na vida de Paul Klee:

“Leve seus alunos para natureza” e “aulas teóricas” (anotações do Discente F, 2016):

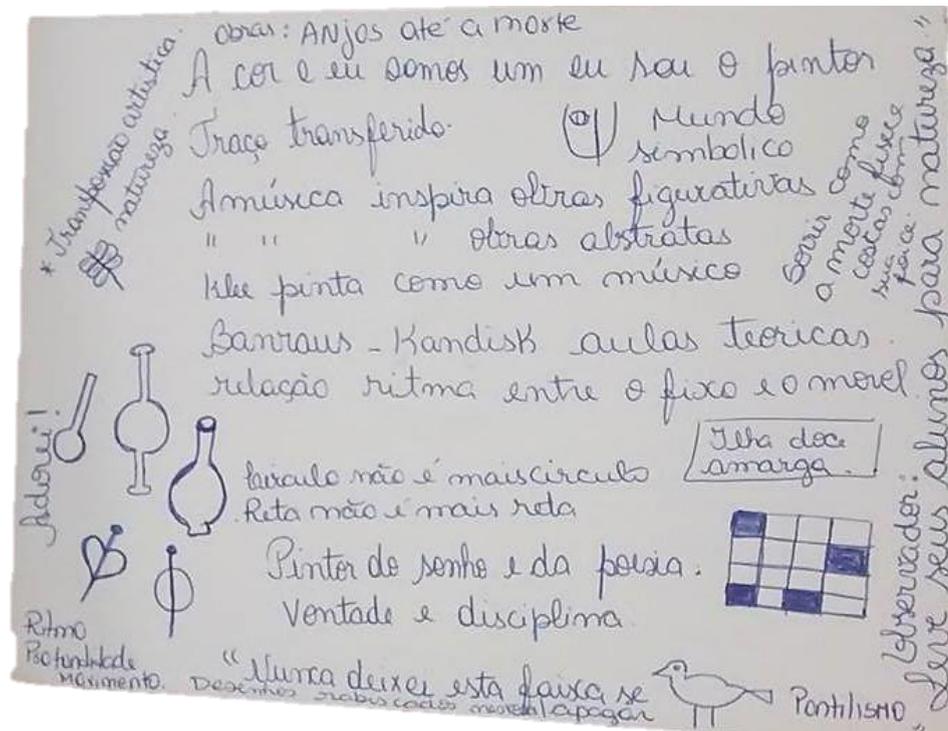


Figura 7- Anotações do Discente F, 06 de novembro de 2016.

Fonte: acervo pessoal, 2016.

Em outro registro foi apontada a docência nas seguintes reflexões:

“(...) começa a dar aulas” e “levar os alunos para natureza para simplesmente observar” (anotações do Discente B, 2016).

Apenas dois alunos destacaram a experiência do diário de artista:

“Diário c/ reflexões, vida infância, dia a dia” (anotações do Discente B, 2016) e “diário” (anotações do Discente J, 2016).

Cinco salientaram concepções do que seria o conceito de Arte e três pontuaram sobre o contexto de vida do artista. Todos os alunos anotaram sobre: a questão da técnica artística que permeava os estudos e a produção das obras; as relações que Paul Klee conseguia estabelecer entre as Artes Visuais (desenho, pintura, escultura) com outras disciplinas como a Música e a Física.

A tabela abaixo, salienta as percepções do grupo referentes as falas no momento de diálogo após o filme.

Tabela 3- Análise de principais aspectos discutidos pelos estudantes, terceiro encontro do grupo em 06 de setembro de 2016:

3º ENCONTRO- DIA 06 DE SETEMBRO DE 2016	
Principais assuntos abordados pelos discentes	Degração de áudio do encontro
Processualidade na criação artística	<p>Discente C: (...) acho importante mostrar os processos que ele fazia os desenhos. E aí também fala de vontade e disciplina!</p> <p>Discente a: (...) as pessoas ficam ansiosas porque tem que desenhar bem. Fala que o cara tinha nove mil desenhos, as pessoas nem tem nove e já... é muita pressa que as pessoas tem.</p> <p>Discente h: (...) que mesmo com essa disciplina toda no trabalho dele, ele não deixa de perder a sensibilidade. Eu vejo que assim, a gente mesmo muitas vezes levando para o nosso cotidiano pensando nos trabalhos muitas vezes acaba ficando insensível. Eu acho que a maioria de nós sabe isso lá no fundo, mas fica com o olhar aberto e se tem essa sensibilidade. Mas isso para sair, para gente pôr pra fora tudo isso... ela puxa a gente.</p> <p>Discente p: O que mais me chamou a atenção é que ele é um artista, mas ao mesmo tempo muito disciplinado. Eu acho que tem muito essa visão de quem é artista e produz vem uma luz divina e sai tudo aquilo sem.... No caso eu vejo isso até comigo, porque eu trabalho com fotografia...</p>
O que é ser artista?	<p>Discente b: Achei interessante que ele demonstra bem (...) que a obra não é imediatista. Que o ser artista não é algo divino que cai do céu. Tem todo o esforço dele, toda tentativa, estudo, envolvendo outras áreas de conhecimento...</p> <p>Discente i: Eu acho que é ser você mesmo.</p> <p>Discente g: Sensibilidade.</p> <p>Discente m: Pensamento.</p> <p>Discente h: Humano.</p> <p>Discente a: Criação, produzir.</p> <p>Discente n: Revolucionário, procurar algo novo.</p> <p>Discente o: Mente aberta para novas experiências.</p>
Vida acadêmica, muita teorização, pode bloquear o processo de criação e sensibilização	Discente i: Eu vou falar um pouco desta questão das formas de representação. Tipo eu não desenho, para mim eu não desenho, mas daí tu vê o trabalho dele e é muito simplificado. Tu

	<p>levas para a escola e o pessoal diz: “ah eu não quero desenhar professora”. E eu vejo o pessoal aqui falando da sensibilidade, a gente teve colegas que dentro da graduação pararam de desenhar. E tipo tem essa questão da acadêmica que te bloqueia de desenhar.</p> <p>Discente c: A gente trabalha com hipertrofias no centro de artes. A gente da licenciatura hipertrofia a cabeça e o pessoal do bacharelado hipertrofia a mão.</p>
<p>Artista e educador de artes em uma instituição</p> <p>Professor-artista</p>	<p>Discente f: (...) como tu dissesse de ele ser professor, acho que é bom de explorar isto até com os alunos. (...). Então é ser um professor e nos rabiscos dele ele já estava desenvolvendo a arte dele. (...) E a gente como professor, enquanto se prepara e pensa no aluno é um pouco artista. E a gente tinha falado sobre o professor-artista, e fiquei refletindo a semana toda sobre isso, então acho que a gente coloca um pouco e acaba sendo mesmo sem perceber.</p> <p>Discente f: Eu tive uma experiência muito boa no estágio, que a professora sugeriu que levasse os meus trabalhos para eles. E ele gostam muito de ver os trabalhos que a gente faz, eles sentem mais real. Claro é nosso papel mostrar as imagens, mas mostrar os teus abre um caminho. E os desenhos meus são muito primários, nas oficinas de desenho. E acho que a coisa rendeu. E eles esperavam que eu apresentasse alguma coisa, e eles se surpreenderam por ser mais comum.</p> <p>Discente i: Eu também trabalhei com vídeos e levei os meus próprios, e quando dei aula na quarta série levei trabalhos (...) dos meus colegas. E eles adoraram, porque não é só aquela coisa que os professores mostram.</p> <p>Discente n: Eu acho até interessante de falar que não sei se você conhece o Joseph Beuys, ele também tem um trabalho que trata do pensamento crítico, reflexivo que você está falando aqui com seus alunos. Ele também era professor, eu fui em uma exposição em São Paulo e tinha muitos trabalhos dele, ele era alemão... Tem alguma coisa do tipo “todo mundo é artista” e a arte como algo revolucionário, pode te ajudar no seu trabalho. Ele foi professor numa faculdade e foi expulso.</p>
<p>A oportunidade de reflexão</p> <p>Não uma aula de transmissão, mas de diálogo e interação</p>	<p>Discente a: (...) quero até te parabenizar pelo trabalho e acho que deveria ter mais na faculdade. Porque é muito fácil leiam tal, pesquisem tal e nem todo mundo tem o tempo todo para ler aquilo. Então é a primeira vez que eu estou vendo, não sabia desta questão e gostei muito do vídeo.</p>

Fonte: acervo pessoal, consultar o Apêndice G, 2017.

É interessante notar que durante a conversa, por meio da mediação e interação estabelecida, o grupo levantou uma série de questões relacionadas ao processo de formação, analisando de forma atenta aspectos do documentário e correlacionando com as percepções dos colegas. Utilizar o filme como princípio motivador das reflexões foi uma experiência muito positiva porque foi possível chegar a uma grande variedade de saberes e pontos na discussão. Além de estímulos estéticos (audiovisuais) que ativaram o imaginário do grupo, para desenvolver a discussão do documentário integrada ao contexto educativo. Como papel exercido pela criação artística, o filme proporciona uma experiência estética, aciona aspectos da sensibilização e gera reflexão sobre impressões do mundo em que se vive.

Dentre os aspectos que abordaram com frequência no diálogo, situo os principais pontos: o processo da criação do artista desde a pesquisa até a concepção de uma obra, o que é ser artista atualmente, os estereótipos do artista como “gênio”, percepções individuais de como o estudo acadêmico acaba bloqueando o grupo no que tange a criação em arte, sensibilização para perceber o mundo e expressar, citaram outros artistas que também atuaram como educadores, refletiram sobre a relação docente e artista, e também salientaram a importância dessas reflexões na formação. No final do encontro pedi para que falassem sobre: o que é ser um artista? Desse modo, foi constituído o terceiro painel:



Figura 8- Painel 3, 80x100 cm, O significado de artista.

Fonte: acervo pessoal, 2016.

Artista= mente aberta para novas experiências, pensamento, humano, expressão, sensibilidade, revolução, produzir, todos nós somos artistas, criação, ser você mesmo.

O quarto encontro foi no dia 13 de setembro de 2016, e estiveram presentes apenas 3 alunos. No primeiro momento realizamos o *brainstorming* com a palavra “Fruidor”. Houve bastante dificuldade para trabalhar com esse termo pois alguns nunca haviam ouvido, outros não sabiam como isso se efetivava na prática e muitos desconheciam o significado. A partir desta dúvida a discussão abarcou outros pontos pertinentes à pesquisa, como podemos observar na tabela que segue:

Tabela 4- Análise de principais aspectos discutidos pelos estudantes, quarto encontro do grupo em 13 de setembro de 2016:

4º ENCONTRO- DIA 13 DE SETEMBRO DE 2016	
Principais assuntos abordados pelos discentes	Degração de áudio do encontro
O que é fruir?	Discente a: Tem a ver com fluir. Discente g: (...) fluir ou absorver. Discente h: associao muito com interação...
Desconhecimento do que é fruir	Discente g: É que não é uma palavra muito comum... parece tão complicada. Então é um desuso total isso. Discente h: São palavras que estão no nosso cotidiano inserido e a gente não sabe...
Fruir somente arte ou fruir como atitude do sujeito para o mundo ao redor	Alterações na percepção do aluno por meio do diálogo com os colegas: Discente g: É na verdade eu sou uma fruidora digamos da própria arte em si. Arte! Não da questão professor aluno. Como eu ainda estou nessa negação do professor dentro de mim. Discente g: É, se fruir é tu teres essa experiência. Tu fruís em qualquer lugar. Pode-se fruir a vida, não é? Discente h: Tu podes fruir até dentro da tua própria casa! Discente g: É até em casa. Mas se a gente for restringir essa palavra até somente a nossa vida

	<p>aqui. Então seria um fruidor dentro da sala de aula? O que vem dessa interação do professor-aluno.</p> <p>Discente h: Até no momento que tu tens o primeiro dia numa sala de aula que tu queres conhecer teus alunos...</p> <p>Discente g: Essa questão também passa pela troca. A troca que se tem com os alunos, a experiência da aula toda é uma fruição ne?</p>
<p>O que é ser professor hoje? Para que serve ensinar a arte?</p>	<p>Discente a: Quantos dos alunos de fundamental e médio querem ser professores?</p> <p>Discente g: É para passar necessidade. Tu ensinas para todos os profissionais e ganha aquele salariozinho de morto de fome. Ai eu não quero, prefiro ser vendedor de loja.</p> <p>Discente h: (...) está desvalorizada essa carreira.</p>
<p>O que é mediador? O que é mediar?</p>	<p>Discente g: (...) eu nunca fui e uma galeria de arte e nunca tive um mediador. Nunca participei de medição como disciplina... esse conceito é tão vago como o de fruidor.</p> <p>Discente a: Mas quando trouxemos os alunos aqui (...). Isso foi uma mediação.</p>
<p>O que é arte?</p>	<p>Discente h: Sim para sensibilizar. A sociedade nossa está doente, não se enxerga nossas dificuldades e dores. Ser humano não enxerga a dor do outro. Sensibilizar! Eu quero falar da arte como um retorno social, um objetivo, a arte como função social. De dar outra visão para mudar.</p> <p>Discente a: Mas a arte é assim transformadora</p> <p>Discente g: É a forma de expressar isso.</p>
<p>É possível integrar os papéis de: Mediador, professor, artista e fruidor? Identidade de cada um em sua formação</p>	<p>Discente g: Bom, professor nem que a “vaca tussa”. Mediador é confuso. Artista eu não me considero porque me vejo mais como uma artesã. Fruidor (...) uma apreciadora de arte. Eu adoro observar, curtir, sentir... meus olhos brilham quando vejo arte. Acho que isso me fez parar aqui e descobrir que aqui não é o meu lugar. Deveria estar até no bacharelado e não aqui. Mas artista também eu não sou, eu não sou uma artista! Eu sou artesã.</p> <p>Discente h: Mas ela não sabe que o que ela produz é arte. Falta isso, sabe? Eu acho que ela precisa fazer a mediação para se sentir uma artista. Só assim, tu vais ser uma professora e ter uma expectativa de fruidora. Eu te conheço porque vivo a mais tempo na formação contigo, e conheço o teu trabalho eu sei que tu és uma artista. Conheço teu trabalho como artista e já vi tu mediar algo, embora tu achas que não foi mediação.</p>

	<p>Discente h: Porque a gente tem muito disso de (...) alunos sentadinhos, e daí pedir para falar... sabe? Então as vezes isso não funciona principalmente como um artista com a arte. Não funciona! E vem aquela coisa assim automática, de tu começas a mediar as coisas (...) na verdade está mediando eles e mediando a ti mesmo. E automaticamente tu passas a fruir! Tu passas a ser um fruidor. Os alunos começam a te perguntar e questionar coisas.</p>
<p>Escola e as barreiras da realidade</p>	<p>Discente a: Colégio particular não chama, concurso a gente tem que ficar esperando pra sair...</p> <p>Discente g: Estágio é muito pequeno, quando se vai para sala de aula a turma está pronta e estabelecida, contato com determinados professores (...). Nós somos intrusos naquela rotina da escola. Não consegue se mobilizar (...) Cheio de barreiras.</p>
<p>Processos de identificação e elaboração profissional- crise</p>	<p>Discente h: Para ser professora eu sou mediadora. E como artista eu prefiro observar para compor a fruição.</p> <p>Eu acho que como artista eu crio pouco. Quando eu me proponho a criar hoje primeiramente eu entro em pânico. Será que eu vou agradar? E assim fica aquela coisa será que vai fruir? Alcançar um objetivo? Mas como eu sou criativa, gosto de observar e criar... depois vai ficando mais leve. Leve! Mas hoje eu me vejo como professora. E como professora eu mudei o meu olhar. Para mediar alunos, mentes. É perigoso isso de preparar mentes, mas é importante dar essa informação de tudo que tu tens de conhecimento tu transmitir. O professor é um mediador. E não é todas as pessoas que vão seguir o que tu vais falar, mas absorvem alguns. Eu tive bons professores e absorvi coisas deles até os que não ensinaram muitas coisas tenho outras visões. Hoje quando vou para a sala de aula, vou com a questão do PIBID da pesquisa. Pesquisando pessoas e alunos. E o curso precisa ser mudado nesse sentido, a gente tem que estar mais na sala de aula. A gente tem dificuldades na escola, o não do professor ou diretor para o que é bom e diferente. E teu trabalho é bom e está sendo criticado. E quem perde com isso? A escola e a sociedade. Tem que mediar paciência e mentes. Enxerguei isso na cadeira de mediação que sensibiliza e entende o ser humano. Tem professores sem essa visão de entender as pessoas. A sociedade está cheia disso, falta. A arte está a todo tempo na nossa volta, mas não é valorizada e vista. A menos que seja um grande espetáculo e grande mídia.</p> <p>Discente g: Eu tenho esses papéis aqui de cabeça para baixo. E mediador quando tu falas é com a vida, que tu tens que ser tolerante, saber</p>

	<p>escutar, e isso envolve a mediação e acaba fruindo. Mas esses outros vou deixar... (risos)</p> <p>Discente a: Bom eu botei artista porque estou relacionado a arte e pacientes. E até veio da conversa aqui naquele outro dia. Porque eu também não me achava um artista, e essa visão mudou isso. Segundo eu coloquei o professor, pelos estágios que eu fiz e minha busca pelo conhecimento, tenho buscado formas e métodos de trabalho. Mediador é mistura do artista e do professor, porque possibilita a informação, estar em formação e assim buscar a transformação.</p>
O que precisa mudar no Curso	<p>Discente h: Eu acho que falta... para ti seres um professor e te dar o direito todos aqui de ser professor... é que a gente não tem muito contato com alunos na formação.</p>
Importância da reflexão	<p>Pesquisadora: A maioria das vezes essas pessoas não pensam nisso. Ninguém senta junto para conversar sobre o que significa essa graduação. É um movimento ao contrário. Se fala muito do professor que está dando aula... vocês teriam essa oportunidade aqui de hoje, falar sobre essas questões?</p> <p>Discente a: Não. Discente h: Não isso não existe. Discente g: Não isso é muito pouco.</p>

Fonte: acervo pessoal, consultar o Apêndice G, 2017.

Esta oficina abordou o modo como os alunos compreendiam a formação de seu perfil profissional oportunizada no Curso quanto aos papéis que podem desempenhar como: mediador, professor, artista e fruitor. A reflexão sobre a formação deles e o modo como se percebem no decorrer do Curso foi intensificada através da prática da representação visual aliada ao diálogo em grupo. Muitos conseguiram a partir da organização do registro das ideias transpassar nas falas como se constituíram enquanto profissionais e os parâmetros que buscaram na formação como base na sua visão do que é ser um educador de Artes Visuais. Foi dado para o grupo recortes de papéis coloridos que tinham escrito as palavras: mediador, professor, artista e fruitor. Neste registro fotográfico feito por um dos alunos de seu bloco de anotações, podemos observar uma representação baseada na atividade proposta:



Figura 9- SILVEIRA, Jeferson, Obra Anotações, Fotografia, 2017.

Fonte: acervo da autora, 2016.

Ao analisar a representação acima, nota-se que o aluno destacou o aspecto de artista como foco principal e em sua fala explica como essa concepção de si como professor-artista foi possível:

Bom eu botei artista porque estou relacionado à arte e pacientes. E até veio da conversa aqui naquele outro dia. Porque eu também não me achava um artista, e essa visão mudou isso. Segundo eu coloquei o professor, pelos estágios que eu fiz e minha busca pelo conhecimento, tenho buscado formas e métodos de trabalho. Mediador é mistura do artista e do professor, porque possibilita a informação, estar em formação e assim buscar a transformação. (Discente A, gravação de áudio encontro 4, 13 de setembro de 2016).

A construção do perfil profissional após a reflexão torna-se mais concisa e coerente junto ao modo como os estudantes se compreendem, a maneira que entendem o Curso e em maior abrangência o que significa o Ensino da Arte. Ele destaca em primeiro, que a sua visão de ser um artista antes das oficinas não era possível. Mas que através das conversas ele conseguiu mudar isso.

A palavra fruidor foi discutida com grande enfoque pelo grupo, conseguiram trabalharem suas percepções sobre o conceito através do diálogo. Os colegas começaram a questionar as perspectivas uns dos outros e gerar um aprofundamento dos termos e de sua visão prática. Aos poucos o que antes era um termo vazio de sentido, passou a ser fundamento em suas falas até mesmo para a compreensão do

que é ser um docente. Salientaram para o painel do termo fruidor as seguintes palavras:

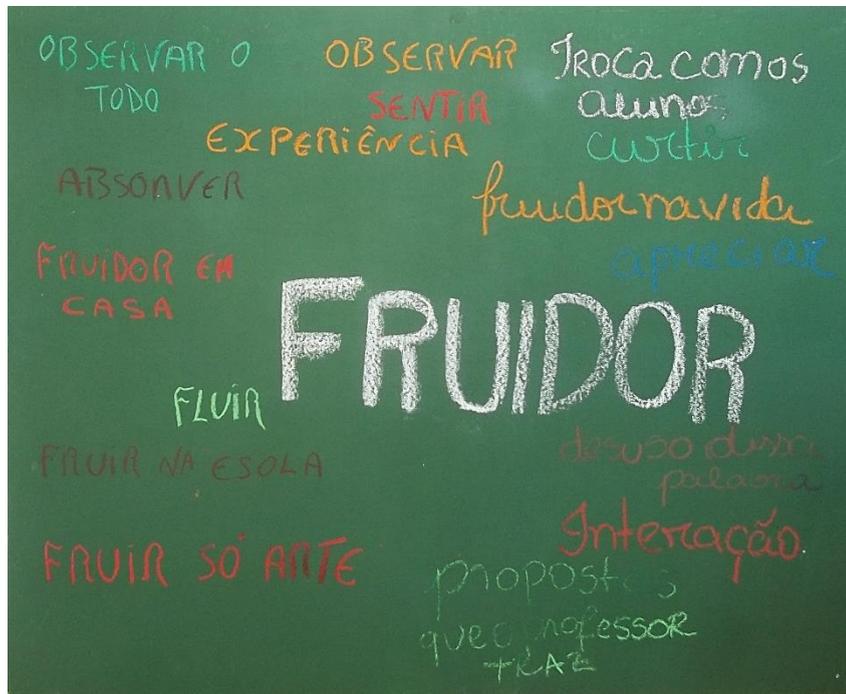


Figura 10- Painel 4, 80x100 cm, O significado de fruidor.

Fonte: acervo pessoal, 2016.

Fruidor= observar o todo, observar, sentir, experiência, troca com os alunos, curtir, fruidor na vida, absorver, fruidor em casa, apreciar, fluir, fruir só arte, desuso desta palavra, interação, propostas que o professor traz.

O termo permeou questões de: O que é fruir? A fruição está ligada somente com a arte? É possível fruir em sala de aula? O professor pode fruir? Assim como, foi apontado que desconheciam o significado termo.

Discutiu-se sobre o papel do professor no mundo contemporâneo e como é visto o Ensino da Arte nas escolas e na sociedade. O termo mediador ainda que alguns alunos tenham apresentado dificuldade em definir, pôde ser explicado pelos alunos quanto às relações que estabeleciam nas suas práticas docentes e experiências na formação junto ao Curso (recepção de estudantes no Centro de Artes, estágios nas escolas). Como plano de fundo das falas, acabaram alcançando o que seria o conceito de Arte e o sentido da Arte no mundo de hoje.

Quanto aos aspectos da formação foram abordados:

- É possível integrar os papéis (mediador, fruidor, professor e artista) na prática docente em Artes Visuais?
- Como compreendo a minha formação no Curso de Artes Visuais Licenciatura?
- O que pode ser modificado no Curso?
- Qual a relevância do processo reflexivo na formação?

Dos três alunos presentes neste dia, dois compreenderam os papéis de modo integrado, sendo que para estes durante as práticas de ensino-aprendizagem todos estão vinculados e se relacionam. Um dos alunos apresentou questionamentos sobre sua formação, apontando: que não se interessa pelo “ser docente” como profissão para si, que não se entende como um artista, mas que trabalha com o artesanato classificando-os em sua visão como distintos, que não se compreendia como mediador porque não teve contato com o termo, assim como, desconstruiu sua concepção de que “desconhecia o sentido de fruição” e passou a se assumir como fruidor em potencial não somente de arte, mas também em relação a vida.

No quinto encontro do dia 04 de outubro de 2016, elaboramos o projeto da exposição e discutimos sobre os trabalhos que iriam apresentar. A constituição da exposição foi planejada com a participação de três alunos que trataram das relações entre as obras e modo como seriam expostas.

Em 11 de outubro de 2016, houve uma reunião com representantes da AGA- Associação Gaúcha de Arte-educadores, abordando sobre a Medida Provisória 476 que previa a retirada das Artes do Ensino Médio no Brasil. A iniciativa do Centro de Artes em discutir com os acadêmicos partiu da ideia de que era preciso mobilizar e tratar dessa questão que se fez urgente no contexto educacional do Brasil. Os alunos de Projeto em Artes II, disciplina na qual realizei a atividade de estágio, estiveram presentes durante a reunião para reflexão coletiva proporcionada pelos docentes do Curso de Artes Visuais Licenciatura representados pela diretora Ursula Rosa da Silva e dois representantes da AGA, os professores Alberto Coelho e Auta Inês. Abordou-se a necessidade de mobilização dos estudantes juntamente com as escolas para refletir sobre a Medida Provisória. No entanto, os alunos pareciam desmotivados e sem “voz ativa” para tratar dessa temática. Ficou evidenciado na reunião que a falta do Diretório Acadêmico Estudantil e a pouca vontade dos alunos em se envolver politicamente, no sentido de tomar uma postura frente às questões que influenciam a

educação na contemporaneidade, são aspectos que acabam dificultando a crítica deste panorama de crise na educação. Os professores apontaram situações problemáticas referentes as decisões tomadas pelo governo do presidente interino Michel Temer e que tratam diretamente sobre arte, educação e o mercado de trabalho para docentes. Foram pontuados os seguintes tópicos: a polêmica sobre a extinção do Ministério da Cultura, a Medida Provisória 476 com a retirada de Artes da obrigatoriedade no Ensino Médio e a Proposta de Emenda à Constituição (PEC) 241, que prevê o congelamento de salários do funcionalismo e restrição do reajuste do salário mínimo a apenas inflação dos gastos públicos pelos próximos 20 anos. De modo geral, a reunião envolveu muita discussão sobre o que o Centro de Artes, centro formador de futuros docentes em Artes Visuais, poderia organizar como protesto frente às questões abordadas acima.

Como pesquisadora, sobre a formação docente nesta unidade da Universidade Federal de Pelotas focada no Curso de Artes Visuais Licenciatura, propus debater essas questões com os estudantes. Assim focamos na importância de usarmos a arte como forma de protesto dentro do próprio prédio, através de intervenções e instalações para abordar o descontentamento geral dos docentes e discentes pela situação. A partir deste encontro, foi eminente a necessidade de levar a diante a exposição planejada com os alunos e desenvolver trabalhos sobre o tema para promover a reflexão crítica.

No dia 18 de outubro de 2016 houve uma reunião geral, coordenada pela professora Ursula Rosa da Silva com estudantes e docentes do Centro de Artes em que foram tratadas de algumas demandas como: Fórum interdisciplinar para os discentes, o Plano de Desenvolvimento da Unidade, a Medida Provisória 746 e o Projeto Porto Cultural. Neste dia estiveram presentes alguns discentes do projeto e após a reunião nos juntamos para desenvolver um trabalho de audiovisual. Gravamos o áudio com trechos do Projeto Político Pedagógico do Curso de Artes Visuais Licenciatura da UFPel para posterior desenvolvimento de um trabalho. Para o grupo de cinco alunos foi o primeiro e único contato com o Projeto Político Pedagógico do Curso. Sua leitura foi relevante para analisar os aspectos que lhes chamavam a atenção sobre o tema da formação.

Após um longo período de greve das instituições federais com mobilizações, em 22 de novembro de 2016 reuni alguns integrantes do grupo que se dispuseram para colaborar na organização dos trabalhos para a exposição no Centro de Artes.

3.2. Perspectivas da formação: A exposição “*Reflexus*”

Na retomada do semestre pudemos desenvolver a segunda etapa da pesquisa que era direcionada para a Exposição. Como já havia sido comentado desde o princípio com os estudantes ao final do projeto organizaríamos uma exposição sobre o tema discutindo. Antes da greve havia recolhido alguns trabalhos elaborados pelos alunos nas oficinas, e na retomada das atividades aqueles que se dispuseram a apresentar suas obras no dia 9 de março pelo turno da manhã iriam colaborar com o dia da montagem. O local escolhido foi o saguão do segundo andar do Centro de Artes, e no penúltimo encontro discutiu-se em grupo como seriam as obras e a expografia. Cada integrante levou seus trabalhos durante o turno em diferentes momentos, pois estavam em aula, enquanto entregavam os trabalhos entrevistei dois expositores e coletei os dados de suas obras como: material, ano, título e autoria. Muitos mostraram-se surpresos quando lhes questionava sobre o objeto que criaram, não tinham pensado sobre título ou concepção dos materiais da obra. Aos poucos enquanto determinavam essas características para seus trabalhos começaram a assimilar o processo de criação que envolveu os objetos que seriam expostos.

Também produzi material reflexivo nas etapas da pesquisa e durante o período da greve estive envolvida com as atividades de mobilização do Centro de Artes. Motivada por essa discussão desenvolvi trabalhos instalados nos corredores da faculdade e que foram agregados à Exposição *Reflexus*:

	Diálogo	Teatro	
Ano passado	Aulas da faculdade	??????????????	Faz tempo
Terça-feira	3 meses IN (COMODO)		O que é artístico?
Não me lembro	Semana passada		Hoje
3 meses atrás MALG	Ontem		Agora zeca
2 meses	O que é isso?		13/03/2017
3 meses IN (COMODO)	Ah! Não sei!		É hoje
Semestre passado	La, pergunta?		Semana passada
Nunca	Nunquinha		Ontem
Ontem 16:09			Hoje
Nem sei			11/09/2001
Não lembro			Hoje
Faz tempo!			Agora- teu olhar me atravessa
Ano passado			Todo dia!
Domingo no shopping 22/04			Ontem
			No último semestre 2016/02

Fonte: acervo da artista/autora. 2017.

Interessante perceber a diversidade de percepções de cada sujeito para as questões, além disso, esse tipo de interação pressupõe a leitura das outras escritas para compreensão do que é pedido. Nesse sentido seja antes, durante ou posterior ao ato de registro das respostas o público acabou pensando sobre o que ali estava sendo questionado.



Figura 12- WREGGE, Raquel. Proposição “Quadro em Branco?” 19-09-2016 até dia 20-04-2017, caneta em quadro branco, colagem.

Fonte: acervo pessoal, 2017.

A proposição “Quadro em branco?” esteve por um período mais prolongado que compreendeu o início das mobilizações relativas à greve e durante a exposição. A proposta foi divulgada dia 19 de outubro de 2016, no facebook do Curso de Artes Visuais da UFPel, com o seguinte anúncio:



Proposição: Quadro em Branco?

Convido a todos do Centro de Artes, para participar deste quadro interativo à espera de muita AÇÃO! Está à disposição para escreverem desenharem, refletirem, fazerem novas propostas...

Local: saguão do Centro de Artes UFPel

Sintam-se livres para desabafar, protestar, dar depoimentos, sensibilizar e movimentar.

Porque só não dá para ficar calado!

O fazer chama para a reflexão, que por sua vez se transforma em re/ação.

Figura 13- WREGE, Raquel. Proposição “Quadro em Branco? ”

Fonte: publicação no facebook, 19-09-2016.

O quadro acabou sendo preenchido durante esse período com palavras referentes a situação educacional da arte, foi disponibilizada uma caneta para que escrevessem ideias relacionadas a esta temática, sendo assim vemos presentes questões da greve e inúmeras percepções:

ARTE/EDUCAÇÃO: escola, manifestação, movimentação, luz, golpe, ação, filosofia, pensamento, parar para pensar, ETRAC, frustração, crítica, berro!, direito, futuro, lutar, desvalorização da arte, expressão, não trabalhe em crise, pense!, reflexão, mobilização, mudanças, cidadão, desenvolvimento, sociedade, bloqueio, cultura, consequência, criatividade, insegurança, qual o campo profissional?, atitude, ativar, angústia, consciência, criar, sensível, conhecimento, formação, Centro de Artes, Artes Visuais, Dança, Teatro, Música, Cinema, Design, contra PEC 241 e MP 476.

Também fez parte da Exposição o “Diário de Bordo” de minha pesquisa contendo minhas percepções relativas à formação e aos acompanhamentos que fiz

durante o estudo nas oficinas junto com os alunos. Em formato de livro de artista o diário trata sobre: projeto da Exposição “*Reflexus*”, algumas reflexões de minha formação no Curso durante a graduação (2012-2015), aspectos que me chamaram a atenção nas oficinas, anotações e planejamentos das atividades...

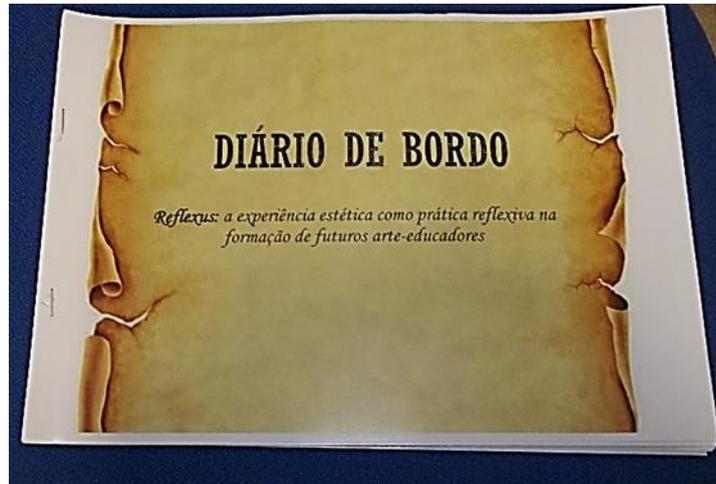


Figura 14- WREGE, Raquel. Diário de Bordo, livro de artista, 2017.

Fonte: acervo da autora, 2017.

Os trabalhos apresentados pela discente Ana Safons apresentaram reflexões sobre sua formação como futura docente de Artes Visuais por meio de duas materialidades distintas. O primeiro foi oriundo das manifestações ocorridas no Centro de Artes com o movimento de “(RE) Existência” a partir da produção serigráfica junto ao ateliê de gravura, tratando das mudanças na Educação a partir das alterações das leis:

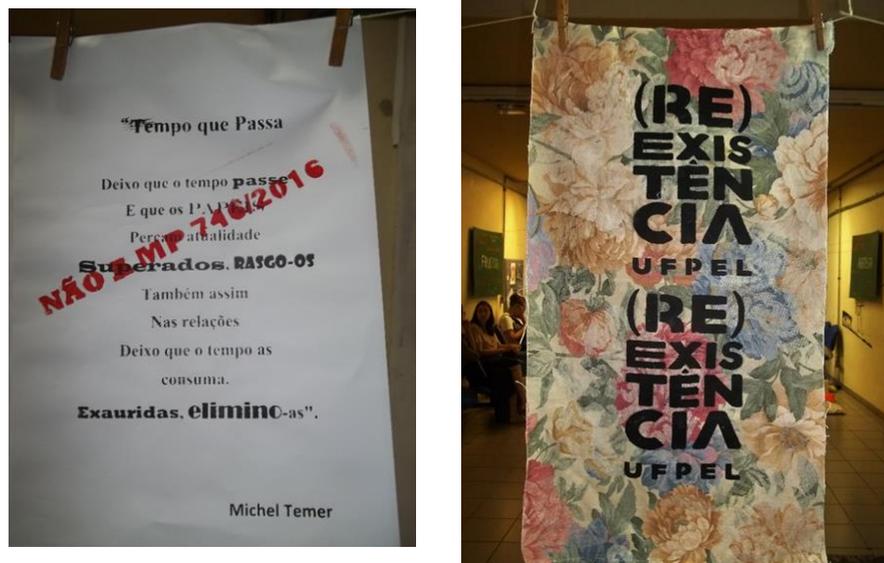


Figura 15- SAFONS, Ana. Re- existir pela arte, varal de serigrafia, 2016.

Fonte: acervo da autora, 2017.

O varal com poemas e imagens serigráficas impressas em tecidos estampados ativaram a entrada da exposição e se estendeu de ponta a ponta do corredor do segundo andar podendo ser observado em diferentes pontos de vista.

O livro de artista “Vida Cinza” apresentado pela discente trazia uma visão poética da formação no Curso de Licenciatura, através de imagens fotográficas produzidas pela aluna na disciplina de “Fundamento Artes Visuais II” em 2014 e sendo esta a primeira exposição do material.

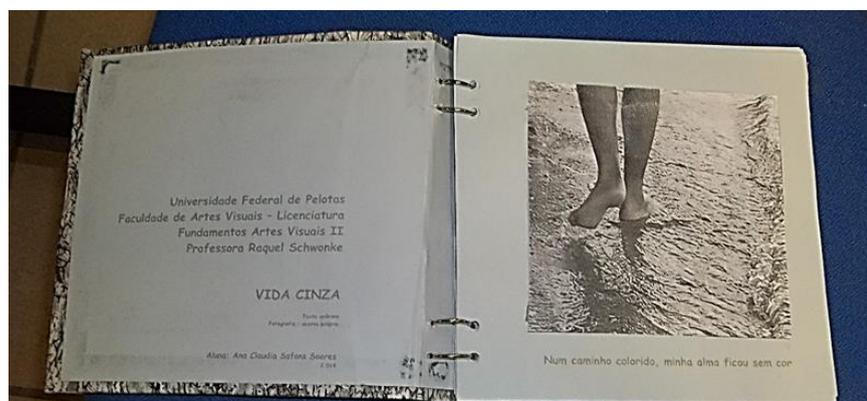


Figura 16- SAFONS, Ana. Vida cinza, livro de artista, 2014.

Fonte: acervo da autora, 2017.

A discente Amanda Delgado trouxe uma imagem presente como metáfora poética no seu Trabalho De Conclusão de Curso, em que procurou discutir sobre as questões das barreiras, ou muros que encontramos na educação, como um dos pontos de diálogo sobre sua formação:

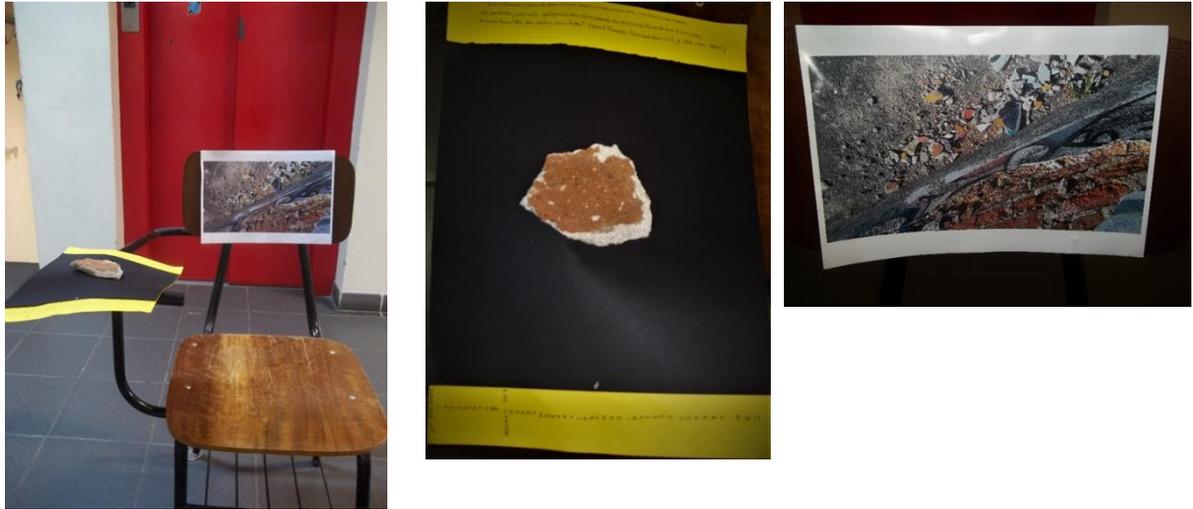


Figura 17- DELGADO, Amanda. Entre muros, foto/objeto, 2016.

Fonte: acervo da autora, 2017.

A obra “Entre muros” foi estruturada sobre uma cadeira escolar de madeira e era composta por: uma imagem fotográfica retratando pedaços de um muro destruído encontrados pela aluna em seu caminho para o estágio a uma escola, o pedaço de um muro de cimento preso em um papel preto e algumas frases escritas ao redor de uma margem com a cor amarela.

A pintura e o texto apresentados por Luciula Anjos abordavam o modo como a estudante percebeu sua formação no decorrer do Curso. Reproduzo abaixo o trecho exposto junto com os dois quadros:

Vejo a formação como um caminho que me leva a arte. Arte esta que já habita em mim.
 Durante a formação somos como um quadro negro ou uma tela, vamos nos construindo no processo.
 Porém nesta construção experimentei diversas sensações que por vezes desperta ou adormece esta arte que já habita em mim.
 Descrição da obra:

Estas telas foram produzidas na cadeira de Introdução à pintura. A tela com a estrada e a palavra arte, vejo como o caminho para ser professor. Professor mediador, questionador, observador, sensível, desafiador... A tela preta, um quadro negro onde dia após dia vamos escrevendo algo “representa a formação”. A cada dia não sabemos o que vai ser escrito, porém são muitas as sensações: medo, possibilidade, estudo, insegurança, mudança, decepção, paciência. Luciula Anjos 17/10/2016 (32:28 horas).



Figura 18- ANJOS, Luciula. ARTEFORMAÇÃOARTE, óleo sobre tela, trecho escrito, 2016.

Fonte: acervo da autora, 2016.

Yanne Roberto trouxe dois trabalhos de variadas materialidades que conversavam entre si (áudio, objetos, fotografias), produzidos durante sua graduação no Rio de Janeiro, antes de ser transferida para UFPel, a aluna estabeleceu uma relação profunda com o contexto de lutas pela valorização da arte atualmente. A obra também vista como uma função de documento aproximou o público da situação de violência contra os professores durante uma manifestação pela educação em 2013 no estado do Rio de Janeiro. Muitos fruidores acabaram dialogando sobre as angústias que envolvem os educadores a partir deste trabalho.



Figura 19- ROBERTO, Yanne. Aula na rua, fotografia/ instalação e Depois da Aula na Rua, objeto/ áudio, 2013.

Fonte: acervo da autora, 2017.

O áudio estava ligado ao objeto tridimensional e foi reproduzido no ambiente, conforme se estabeleceu na concepção da obra: os gritos de protestos dos participantes nas mobilizações de 2013, entrevistas com professores divulgadas pela mídia e gravações dos momentos de violência durante as manifestações. Muitos fruidores foram atraídos pelos sons, sendo que este trabalho teve um número bem ativo de pessoas que se interessaram em observar/perceber a obra. Uma aluna do bacharelado que estava no intervalo de aula acabou interagindo bastante com a obra, em um primeiro momento observou, depois sentou-se perto para ouvir o áudio e fez alguns desenhos no painel em que estava preso o trabalho. Compreende-se neste processo de pesquisa que:

No momento da apreciação vivemos de novo o instante em que o criador viu e agarrou a semelhança oculta. (...) não nos limitamos simplesmente a debruçar-nos sobre o trabalho de alguém. Reativamos o ato criador e nós próprios fazemos de novo a descoberta. (BRONOWSKI, 1974, p.26). A imersão na experiência, vivida com intensidade, traz em si o ato criador, instigado pela problematização que ela mesma nos provoca. (MARTINS, 2006, p.3).

Do mesmo sentido, a exposição leva para novos modos interação com o tema e com diferentes percepções de distintos grupos que circulavam pelo espaço. Permitindo também a criação e novos olhares atentos para o mundo ao redor. Nas imagens abaixo, vemos a relação de fruição da estudante e sua produção artística a partir das impressões que a obra lhe causou:



Figura 20- Interação de uma fruidora, e graduanda do Curso de bacharelado em Artes Visuais, com a obra "Depois da aula na rua".

Fonte: acervo da autora, 2017.

Jeferson Silveira trouxe para a exposição reflexões que surgiram durante as oficinas por meio de dois trabalhos. O primeiro foi a fotografia do seu bloco de anotações sobre a forma como se percebia em sua formação. E a segunda em forma de painel apresentou citações e referências às pesquisas que ele leva para seus pacientes em sua atuação com a arte-terapia no Hospital Espírita de Pelotas:



Figura 21- SILVEIRA, Jeferson. Anotações, Fotografia, 2017 e Arte, a história da sociedade, mural, 2017.

Fonte: acervo da autora, 2017.

Os quatro painéis elaborados durante as oficinas foram expostos conforme planejado no encontro em que se discutiu coletivamente a estruturação das obras. A ideia principal foi ligar os painéis com linhas de muitas cores estabelecendo relação entre os termos destacados (arte, fruidor, artista e professor-artista).

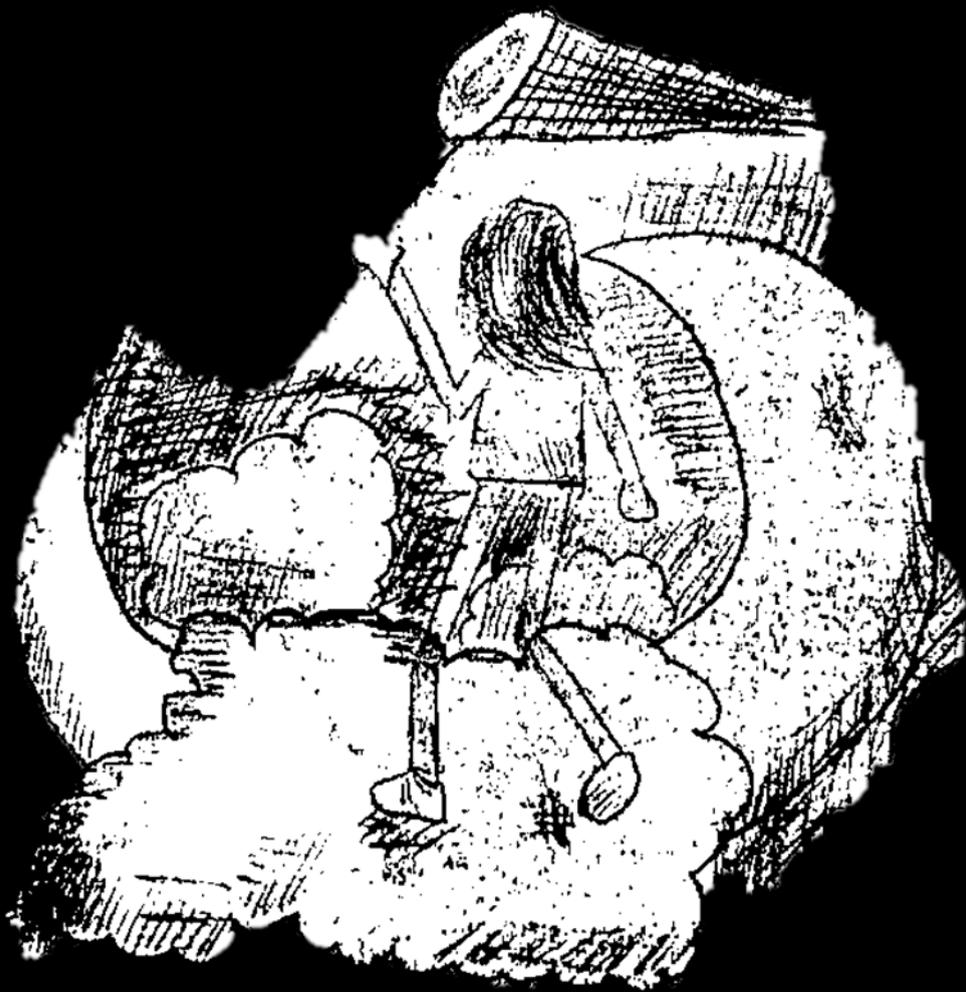


Figura 22- Obra coletiva “Os painéis da formação”. Imagens de elaboração e montagem.

Fonte: acervo da autora, 2017.

Durante os sete dias que foi realizada a Exposição estive sempre observando o espaço e as interações dos indivíduos que circulavam no corredor. Neste período fiz anotações sobre minhas percepções, mediei interessados, registrei com fotografia e gravei áudios.

4. Integrações entre: Mediador/ Provocador/ Propositor



4.1. Arte em ação: interação, relação e provocação

O planejamento das atividades tanto das oficinas quanto a própria exposição integrou em suas práticas os conceitos de mediador/ provocador/ propositor, tendo em vista que a proposta do diálogo prevê momentos de trocas entre os sujeitos do grupo. Compreendo o processo reflexivo por meio da ação mediativa, pelo fato de potencializar o encontro a partir das conversas, instigando o pensar, gerando trocas e ativando a percepção para o tema da formação inicial docente em Artes Visuais.

A figura do mediador para Martins (2005): “(...) é importante para (...) ampliar a leitura e compreensão do mundo e da cultura. Capaz também de abrir diálogos internos, enriquecidos pela socialização dos saberes e das perspectivas pessoais e culturais de cada produtor/fruidor/aprendiz. ” (MARTINS, 2005, p.17). Geralmente o papel do mediador está vinculado ao espaço de museus, bienais ou galerias de arte, sendo este quem efetiva o encontro do público com as obras. Tendo em vista que a relação estabelecida com o fruidor é de desenvolver o diálogo, assim como despertar a percepção e repertórios do sujeito para o material artístico exposto.

Em meu Trabalho de Conclusão de Curso, discuti sobre essa figura tendo em vista um aspecto mais abrangente (não apenas em espaços de arte existe a mediação). Durante a graduação atuei junto ao grupo de mediadores “Patafísica: Mediadores do imaginário”, coordenado pela Professora Caroline Côrrea Rochefort na galeria “A Sala” do Centro de Artes da UFPel, deste modo partilho do grupo o objetivo da mediação artística, que não se basta no mediador como guia ou monitor (somente fornece os dados informativos de obras) mas que procura nas mediações estabelecer trocas e propostas sensíveis para interação com o mundo ao redor. Foi a partir dessas experiências práticas de mediação que tive em minha formação inicial, que passei a entender o docente de Artes Visuais entremeado por esse conceito não só em suas ações na instituição artística, mas o docente como um mediador a todo instante em que estabelece o diálogo com o mundo. Essa forma de interagir com os outros não objetivando respostas prontas e nem transmissão de informações, mas um sujeito disposto a socializar perspectivas. Assim, esta atitude mediadora se faz presente em qualquer lugar não necessariamente em uma exposição de arte ou com objetos artísticos. Podemos mediar colegas ou discentes durante algum assunto em sala de aula ao proporcionar a reflexão no grupo, mediar alguém num elevador do Centro de Artes que nos pergunta algo sobre o prédio, um

discente pode mediar o professor em sala de aula ao gerar novos olhares sobre algum tema que está sendo discutido... ou seja, é a tomada de uma atitude relacional no contato com outros. A mediação é compreendida como sendo a “(...) disponibilidade para o encontro com o outro (...) para abrir brechas de acesso ao seu pensar/sentir, levando-o a tecer diálogos internos que possam gerar ampliações, inquietações e novas relações.” (MARTINS, 2005, p.16). A mediação como “troca, diálogo, encontro”, permitiu durante esta pesquisa o enriquecimento do processo reflexivo junto aos discentes. De modo que, a abertura para o diálogo durante as etapas do projeto, se deu de forma coletiva e partiu de maior interação dos integrantes do grupo que puderam estabelecer contato entre si de forma cooperativa através da sensibilização pela arte.

Durante as “Oficinas de diálogo e proposições” o processo mediativo não se restringiu apenas a minha figura enquanto pesquisadora, pois durante as atividades ao privilegiar o momento reflexivo e de expressão dos discentes eles mesmos nas conversas atuaram como mediadores. Acredito que a oportunidade de dialogarem gerou uma sensibilidade maior, os discentes passaram a questionar mais e perceber de modo mais ativo a temática da oficina. Foi possível notar este posicionamento mediador no modo como o grupo atuou, porque eles passaram a: questionar posicionamentos dos colegas, expor novas perspectivas sobre sua formação, proporcionar diálogo interno e coletivo, interligar ideias, entrecruzar percepções, estimular novas interpretações, desenvolver a interação...



Figura 23- Mediação com novelo de lã. Atividade 1. 23 de agosto de 2016.

Fonte: fotografia da autora, 2016.

Nesta atividade, após uma breve análise de seu histórico escolar cursado, os discentes comentaram em grupo sobre as seguintes questões:

Quais as disciplinas cursadas que mais gostastes? Quais as disciplinas cursadas que não gostas?

Para mediar estes diálogos, utilizamos a linha como interligação entre pontos comuns dos participantes frente ao que se identificavam nas falas dos colegas. Lançada a pergunta, tendo um primeiro discente respondido a linha era repassada para outro integrante que possuía alguma relação comum a resposta anterior, no final ficamos envoltos pelo emaranhado que esta trama se propôs. Com esta prática de mediação os discentes se sentiram mais dispostos para expressar suas percepções, conseguiram se integrar nas falas dos colegas, além de proporcionar uma experiência corporal diferente que é a ideia da trama como conexões entre suas subjetividades. Durante este processo de “despertar”, a ação mediativa foi capaz de ampliar as visões dos discentes para que estivessem por meio da experiência estética mais atentos, sensíveis, acolhedores dessas distintas percepções. Gerar esses momentos de contato possibilitou preparar os estudantes para a multiplicidade de significações que cada um atribuía para sua formação e os conceitos imbricados nela. Como argumenta Martins (2005) o processo mediativo permite essa maior interação de percepções:

A mediação (...) enriquece na troca de pontos de vista de cada um no seu grupo, acrescidos de outros trazidos por teóricos e estudiosos, que podemos apresentar, rompendo com preconceitos estereotipados, ampliando conhecimentos e partindo para novas problematizações. A socialização destes pontos de vista, são, portanto, imprescindíveis para a ampliação da compreensão da arte, ultrapassando o perigo de colocar na voz do mediador (monitor, professor ou teórico) a interpretação que poderia ser colocada como única e correta. (MARTINS, 2005, p. 17)

Com o exercício de ouvir o outro e integrá-lo na conversa, podemos enriquecer nossa forma de experienciar o redor, portanto as atividades não tinham o objetivo de reduzir as visões em apenas uma interpretação. O diferencial do projeto foi justamente garantir espaço para que todos pudessem expressar suas inquietações. O diálogo, assim desenvolvido, permitiu vivenciar os meandros da formação através da arte, preparou o grupo para o exercício de percepção para seu redor e possibilitou reinventar a forma como viam alguns assuntos que experienciaram no decorrer do

Curso. Apresento a noção do diálogo neste trabalho por meio de Lipman, segundo o qual o diálogo parte do desequilíbrio que:

(...) é provocado a fim de forçar um movimento progressivo (...) cada argumento evoca um contra-argumento que se impulsiona a si mesmo além do outro e impulsiona o outro além de si mesmo. (...). Um diálogo é um exame, uma investigação, um questionamento. (LIPMAN, 1995, p.336).

Contextualizando a proposta do autor como referência metodológica para as oficinas, a ideia de constante desequilíbrio envolve o fato de que não se está em busca de certezas e nem de convencer uma pessoa a somente uma resposta. A ideia do dialogar em grupo sobre a formação é permitir o deslocamento. O impulso que a percepção diferente do outro pode gerar em mim, introduz o grupo aos diferentes pontos de vista que podem até mesmo ser complementares, isto aperfeiçoa a compreensão sobre os temas abordados. O verdadeiro diálogo se sucede quando cada um dos integrantes, segundo Oakeshott (1962), "(...) realmente tem em mente o outro, ou outros, em sua existência presente e específica e volta-se para estes com a intenção de estabelecer uma relação mútua estimulante entre si e eles". (1962, p. 199, apud LIPMAN, 1995, p.36). As perguntas iniciais lançadas em cada atividade provocam o olhar mais atento sobre si, seu perfil profissional, sobre o Curso e sobre o que é o Ensino da Arte. Assim nos fala Martins (2012) da mediação como um "estar entre muitos":

(...) ação de mediar (...) nos coloca na posição de quem também há de viver uma experiência, potencializando-a aos outros, pois a vive com intensidade. Na mediação, entre tantos, estamos atentos às falas, aos silêncios, às trocas de olhares, ao que é desvelado e velado, aos conceitos e repertórios que ditam os gostos, os modos de pensar, perceber e deixar-se ou não envolver pelo [con]tato, com a experiência de conviver com a arte. Convívio que nos exige sensibilidade inteligente e inventiva para pinçar conceitos, puxar fios e conexões, provocar questões, impulsionar para sair das próprias amarras de interpretações reducionistas, lançar desafios, encorajar o levantamento de hipóteses, socializar pontos de vistas diversos, valorizar as diferenças. (MARTINS, 2012, p. 62).

Por meio de alguma dúvida que se iniciaram os diálogos nas oficinas, a partir do processo de inquietação. A partir das problematizações pessoais, os discentes conseguiram articular em suas falas e registros toda sua expressividade carregada de sentidos próprios quanto ao tema. A experiência estética do fazer artístico e do contato com a expressão de outros possibilita o processo de transformação dos sujeitos. Por

meio da arte é possível repensar sobre nossos próprios conceitos transformando a percepção do indivíduo no decorrer da produção, assim como durante a fruição.

A concepção da atividade mediativa seguiu também na segunda etapa da pesquisa que envolveu a Exposição. Neste período atuei no espaço estabelecendo diálogo entre as obras dos discentes com o grupo de fruidores que circulavam. Um grupo bastante diversificado que circulava: docentes de diversos Cursos que integram o Centro de Artes, alunos de Artes Visuais tanto do bacharelado quanto licenciatura, funcionários, visitantes, familiares dos expositores... O objetivo de gerar novas reflexões naqueles que por ali passavam, foi possível também por meio das conversas que tive sobre o tema com este grupo mais diversificado. O foco central desta mediação não foi “transmitir” informações sobre o que estava sendo exposto, mas possibilitar outros momentos de diálogo e estabelecer trocas sobre a temática da pesquisa com aqueles que ali se propuseram a interagir. Na mediação assim como no processo de ensino-aprendizagem se discutem as diferenças entre “transmitir e despertar”. É preciso pensar na ação mediativa se o objetivo é estimular uma experiência estética viva ou apenas repassar informações sobre arte. Trago para essa discussão a concepção crítica à “educação bancária”, em que desenvolveu Paulo Freire (1996). Destaco o contexto que envolvem as ideias do pensador, que sofreu perseguições durante a ditadura militar brasileira, a partir de 1964, por tratar de uma concepção educacional baseada na conscientização e “autonomia do aprendiz”. Em uma época em que, disciplinas nas áreas de humanas foram desconsideradas nas escolas por serem consideradas promotoras de pensamento crítico, e assim, sendo impostas disciplinas que levassem os alunos à obediência e alienação de sua situação política. Freire foi considerado criminoso pelos militares, preso por subversão e exilando-se no Chile em 1964, ainda assim desenvolveu consultoria educacional em muitos países e em 2012 por lei é declarado patrono da educação brasileira. Ele contribui com sua crítica à este modelo educacional que pressupõe que o aluno é uma “tábula rasa” e o educador que conduz todo o seu saber depositando em seu educando. Gerando uma formação de sujeitos não questionadores, acomodados ou submetidos ao sistema de poder que vivem:

Saber que ensinar não é transferir conhecimentos, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção. Quando entro em uma sala de aula devo estar sendo um ser aberto a indagações, à curiosidade, às

perguntas dos alunos, as suas inibições; um ser crítico e inquiridor, inquieto em face da tarefa que tenho- a de ensinar e não a de transferir conhecimento.

É preciso insistir: este saber necessário ao professor- que ensinar não é transferir conhecimento- não apenas precisa de ser apreendido por ele e pelos educandos nas suas razões de ser- ontológica, política, ética, epistemológica, pedagógica, mas também precisa de ser constantemente testemunhado, vivido. (FREIRE, 1996, p.15).

Nesse sentido as ações que realizei se basearam em gerar estímulos perceptivos nos fruidores que transitavam pelo espaço, apresentar questionamentos em vez de afirmações e fazer surgir os repertórios de vivências relacionados ao tema da exposição. Assim a figura de mediador no projeto ganhou sentido como um provocador da experiência responsável por despertar nos sujeitos fruidores sentidos críticos em relação ao que vivenciam em sua formação. No próprio Projeto Político Pedagógico do Curso, consta este apontamento de que o ensino-aprendizado contemporâneo busca a figura do docente na visão de um mediador:

A função do professor já não é mais a de ser difusão dos conhecimentos, sua competência deve deslocar-se no sentido de incentivar a aprendizagem e o pensamento. O professor torna-se um mediador e animador da inteligência coletiva dos grupos que estão a seu cargo, uma vez que sua atividade será centrada no acompanhamento e na gestão da aprendizagem. (Projeto Político Pedagógico do Curso de Artes Visuais- Modalidade Licenciatura, UFPEL, 2010, p.33).

Durante as oficinas e através das entrevistas, os alunos que cursaram a disciplina de “Mediação Artística: experiências *poéticoeducativas*”⁴ compreendiam melhor o que se tratava esse processo. Já os que não fizeram parte desta disciplina na graduação demonstravam dificuldades de compreender o que é “mediador”. Assim o diálogo em grupo fomentou esta questão e se conseguiu ampliar a visão de alguns alunos para os papéis que o docente de Artes Visuais pode exercer (fruidor/ educador/ mediador/ propositor). Isto me fez refletir sobre o quanto esta visão nublada do conceito, poderá futuramente influenciar em suas práticas docentes? Porque os alunos compreendem seu papel como professor de arte, mas distanciam este da ação mediadora? O que seria a mediação para estes formandos? Mediar estaria apenas

⁴ Disciplina optativa oferecida no primeiro semestre, apresenta quatro créditos e é disponível para os Cursos de Artes Visuais Licenciatura e Bacharelado, intitula-se “Mediação artística: experiências poéticoeducativas” sendo ministrada pela Profa. Ma. Caroline Rochefort, cuja ementa consta como objetivo: Pesquisar e refletir a mediação como acontecimento poéticoeducativo e promover experiências de mediação em diferentes espaços.

ligado ao Museu de arte ou alcança um aspecto mais abrangente como o Projeto Político Pedagógico propõe? Constatamos que mudanças seguem no currículo através da disciplina optativa, cursos sobre mediação e até mesmo Projetos de pesquisa e extensão desenvolvidos no Centro de Artes. Através destas pontuadas ações a compreensão de mediação passa a ser mais presente para os alunos como se observa neste relato abaixo. Estas questões sobressaíram quando pedi para que os alunos comentassem sobre as disciplinas que mais gostaram na graduação, e um dos alunos comentou:

Eu achava que não sabia nada e lá na mediação tu vê o quanto tu sabes. Eu levei isso pra dentro da escola, interferiu no meu trabalho. Eu sou uma pessoa que falo demais, e lá... apesar de que naquele período da minha vida eu estava vivendo muitos problemas pessoais, e a aula de mediação me ajudou muito. O pessoal foi assim, super parceiro, me escutaram e apoiaram. Muitas vezes eu chorei em aula, até porque as leituras eram muito profundas e nos levavam a refletir sobre o que éramos nós, pra chegar ao ponto da gente trabalhar com a mediação e as pessoas. Fazer mediação entre um trabalho, uma expressão, um artista e o que a pessoa estava sentindo. É tudo muito profundo na mediação, eu venci muitos medos ali, aprendi acho que a escutar um pouco porque eu parava muito e o pessoal falava muito. (Discente F, Degração da Oficina 2, Dia 30 de agosto de 2016).

Durante as oficinas um dos focos das discussões foi explorar conceitos dentre estes o mediador, já que alguns discentes não se familiarizavam com esta figura por diferentes motivos: desconhecimento, medo de mediar, inseguranças internas e até mesmo visões confusas do que seria a mediação.

O aluno A, em suas obras passou a demonstrar uma nova percepção não apenas de si mesmo, mas também quanto ao significado do Ensino da Arte na contemporaneidade. Destacando alguns aspectos de mediador, fruidor e artista como possibilidade para integrar um perfil profissional do educador de Artes Visuais. Ele destacou em sua fala que não se compreendia antes nestes aspectos:

(...). Muitas coisas fui aprender nas oficinas, tais como: eu ser um artista, um mediador e fruidor, pois em minha concepção, eu era apenas um futuro professor, e foi através dos diálogos muito pertinentes e sinceros que fui me informado e esclarecendo que minha atividade me torna um artista também. Fiquei muito feliz em ter isso esclarecido, pois tinha aquele estereótipo de que artista é somente o que desenha bem. Mas ser artista vai além de desenhar bem ou não. (Discente A, Apêndice B, questão 3, 2017).

As discussões permitiram aos discentes a percepção ampliada das capacidades que possuem e que podem se beneficiar como educador para sua futura atuação.

O mediador participa ativamente no processo de experiência estética, pois ele provoca para reflexões, questionamentos ou mesmo a própria situação de diálogo entre: o fruidor, a obra, o pensamento do artista, reflexões sobre o mundo. Cabe ao mediador ter fluidez plena de sua própria experiência estética para poder despertar no outro este estado perceptivo mais aguçado. Como mediador não se está em busca de respostas únicas para si e nem para o outro que é mediado, se está sempre repensando interpretações e percepções acerca daquilo com que se pretende relacionar esteticamente. O mediador que provoca a experiência estética é o oposto da concepção de mediador como aquele que vai guiar o observador para uma leitura da obra. Como trata Martins (2012) a arte é uma área de conhecimento que trabalha com a dúvida:

Por certo, quando trabalhamos com uma pedagogia estética artística, aceitamos que existe um pensamento, uma reflexão sobre o mundo, sobre o homem, sobre as coisas, que não se dá no âmbito do conceito explicativo que vem da solução de problemas armados. Na arte, descobrimos outros domínios pelos quais somos convocados à invenção e levados a perceber o mundo e os seres do mundo (...). Se a arte não responde, pergunta; experiências com a arte são geradas de uma aprendizagem da interrogação pela sensação, emoção e pela razão reflexiva e sensível que nos leva a criar conceitos não explicativos, mas interrogativos sobre a vida. (MARTINS, 2012, p. 128).

Por ser uma experiência através da arte, o sujeito que medeia este processo reflexivo deverá potencializar no outro a criação, gerar uma abertura para novas ideias, percepções e significados. Nesta pesquisa a mediação permeou as duas etapas, tanto nas oficinas pelo modo como os alunos interagiram a partir das proposições, assim como durante a Exposição das obras em que precisei estabelecer o contato com outros sujeitos para a reflexão. Durante a Exposição compreendo que houve relação entre o estímulo ao diálogo das ideias que se despertaram nas oficinas e as percepções de diferentes indivíduos que fruía os trabalhos, foi uma forma de instigar a reflexão. É neste espaço de trocas que se pôde despertar para novas formas de compreender o processo formativo tanto individualmente (eu e minha formação no Curso) como em sentido coletivo (o Curso de Artes Visuais e o Ensino Superior de Artes).

4.2. Das proposições: professor-propositor, artista-propositor e professor-artista.

Adentrar na concepção da arte propositiva (Neoconcretismo, 1959) para trabalhar alguns aspectos constituintes da formação inicial docente em Artes Visuais foi uma forma de explorar nesta pesquisa diferentes percepções dos discentes sobre o tema da formação. E assim, questionar papéis que podem ser desempenhados pelo docente em Artes Visuais. Portanto, foi possível a partir do foco da pesquisa, que trata da formação inicial em Artes Visuais Licenciatura da UFPel, discutir outras questões que se relacionam ao Neoconcretismo:

O que é entendo por professor de Artes Visuais? Analisando a minha formação posso me compreender também como artista? O que significa ser um artista? É possível ser um professor- artista? Como compreendo estes papéis (docente, artista) em meu perfil profissional como educador de Artes Visuais?

As questões relacionadas aos conceitos de “proposição e professor-artista” estiveram muito presentes nas discussões em grupo, diálogos e produções destes estudantes. Por meio de entrevistas/ questionário online e gravação de áudio dos encontros, pude perceber o quanto era difícil para o grupo se compreender a partir destas percepções e como isto era distante para eles de um perfil do educador de arte. Muitos não entendiam como o docente de artes pode trabalhar a partir da concepção de “professor-artista”, além disso não tinha clareza o que significava o artista como um propositor.

Durante a elaboração/planejamento do projeto objetivei levantar estas questões, por perceber que durante minha formação no Curso de Artes Visuais-Licenciatura, também senti dificuldades de me enxergar professora e artista, além do breve contato com a concepção de Arte Propositiva. O primeiro contato que tive foi na Disciplina Optativa de Arte propositiva, no Curso de Artes Visuais Bacharelado, ministrada pela professora Alice Monsell.

Durante as atividades pude constatar que esta abordagem estava apresentando-se como um dos pontos de interesse no grupo, portanto busquei introduzi-los no assunto através das obras e artista. Isso auxiliou na compreensão do educador de arte como potencial artístico e o modo como a proposição se faz presente no Ensino da Arte. Pude notar o progresso que eles tiveram em compreender melhor

o que significava o professor como artista, a partir das relações estabelecidas com vida e obra de artistas: Lygia Clark, Hélio Oiticica, Allan Kaprow. É importante salientar que alguns destes artistas também atuaram no campo da educação em Artes.

Como é o caso de Allan Kaprow (1927-2006), desenvolveu em 1950 o conceito de “*happenings*” e foi nomeado professor emérito do Departamento de Artes Visuais da Universidade da Califórnia em San Diego, onde atuou como docente entre 1974-1993. Kaprow desenvolvia suas produções juntamente com seus alunos: “As Atividades (...) aparecem primeiramente em contextos educacionais – o artista visando realizá-las com seus alunos (...) A participação, o engajamento de estudantes (de artes) na execução de uma série de ações, tendo em vista a formação, a reflexão e o autoconhecimento (...).” (NARDIM, 2011, p.107-108).

Assim como, Lygia Clark que entre 1970-1975 durante sua docência na Faculdade de Artes Plásticas de St. Charles em Paris, desenvolveu atividades coletivas: “Suas aulas eram verdadeiras experiências coletivas apoiadas na manipulação dos sentidos, transformando estes jovens em objetos de suas próprias sensações.”. (Associação Cultural: O Mundo de Lygia Clark. Biografia. Disponível em: <<http://www.lygiaclark.org.br/biografiaPT.asp>>. Acesso em: 28 de dez 2017.)

Aspectos envolvendo a carreira docente dos artistas eram desconhecidos para o grupo de alunos, que pouco sabiam sobre o Neoconcretismo e argumentaram que nunca tinham ouvido na formação sobre estes artistas enquanto educadores. A obra de arte propositiva, ganha destaque nesta pesquisa por proporcionar uma grande alteração no papel do artista e na relação da obra e público. O que este movimento busca é desvinculando a arte apenas como sendo o objeto e apresentar obras que provocam para participação por meio da ação, como argumenta Fervenza:

Elas são propositivas no sentido em que não há um objeto artístico pronto para ser apreciado, mas antes um processo. (...). Aquele que toma parte nesse processo inclui-se como alguém que produz uma experiência de fazer e abre uma experiência de sentir e pensar, ou pensar, sentir, fazer: os termos encontrando-se inter-relacionados e não necessariamente numa ordem estabelecida. (FERVENZA, 2004, P. 138)

Lygia Clark em suas obras convida o fruidor a participar ativamente da ação de fazer a arte, de criar baseando-se na interação com o outro, os sujeitos participantes. Opõe-se à concepção de arte tradicional, em que há apenas a contemplação do objeto físico pelo espectador. No mesmo sentido a obra Tropicália

(1960) de Hélio Oiticica, introduz um cenário social ou a concepção de arte que não é apenas para ser observada como objeto, mas um convite para que o público faça a Arte. É preciso adentrar naquele espaço, na obra e experienciar como Oiticica está o propondo para o fruidor. Trata-se da arte propositiva, movimento Neoconcreto que se inicia no Brasil em 1959, levando a participação e a experiência do público como fundamento principal.



Figura 24- OITICICA, Hélio. Obra Tropicália, 1960.

Disponível em: <<http://institutobybrasil.org.br/helio-oiticica-corpo-movimento-e-arte/>>. Acesso em: 11 de dez. 2017.

O movimento teve como base o “Manifesto Neoconcreto”, publicado em 1959 no suplemento dominical do Jornal do Brasil, que iniciou a Primeira Exposição de Arte Concreta no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro e foi assinado por: Amílcar de Castro, Ferreira Gullar, Franz Weissmann, Lygia Clark, Lygia Pape, Reynaldo Jardim e Theon Spanúdis.

A concepção de “propor algo para outro sujeito realizar”, entendido assim pelo fazer artístico, que nubla os limites e confunde neste processo os papéis de fruidor e do criador. Origina-se nesta conhecida convocatória para a participação e o diálogo que Lygia Clark apresenta em seu Livro-obra (1983):

Nós somos os propositores; somos o molde; a vocês cabe o sopro, no interior desse molde: o sentido da nossa existência. Somos os propositores: nossa proposição é o diálogo. Sós, não existimos; estamos a vosso dispor. Somos os propositores: enterramos a obra de arte como tal e solicitamos a vocês para que o pensamento viva pela ação. Somos os propositores: não lhes propomos nem o passado nem o futuro, mas o agora. (CLARK, 1983, s/p.).

O foco é uma arte baseada na interação, potencializando o entorno e as situações que surgem de um pensar vivo. Este outro modo de compreender a obra de arte, envolve o “estado de abertura”, disponibilidade ou ativação da percepção como aponta Merleau-Ponty (1990). É preciso que o sujeito se ponha disposto para o encontro, a experiência estética e o contato com o outro. Rochefort (2010) explica sobre essa outra postura entre sujeito e arte no Neoconcretismo:

Liberar o objeto artístico de uma aura mítica formalista (...) trazendo a participação ativa do espectador na recepção ou na própria criação da obra (percepção e ação). Esse momento da arte, nos anos 60, é marcado por um forte apelo no sentido sensorial, (...). Esse corpo carente de sentido, de sentir, será convidado a participar, a experienciar a prática artística: a existência do artista, ou seja, a experiência do artista, daquele que cria, pensada até aqui como um fazer especializado, e que implica processos de subjetivação, será compartilhada, ou mesmo realizada por esse outro, antes exterior aos processamentos subjetivos do fazer artístico. (ROCHEFORT, 2010, p.22).

Entra desse modo, o fruidor como participante ativo da obra, expressa por Oiticica ao dizer que: “A ação é pura manifestação expressiva da obra” (OITICICA, 1986, p. 70). A superação do cavalete e do quadro, proposta pelo grupo, era um convite para que o público pudesse interagir por meio de relações sensoriais com a obra. Consideradas proposições artísticas associadas aos posicionamentos políticos que faziam ressurgir a ideia de Antiarte. A proposição que Oiticica faz a partir do “Parangolé” é para que o público saia da condição de espectador e seja ativo em uma ação criadora e expressiva: “É esta obra a verdadeira metamorfose que aí se verifica na inter-relação espectador-obra (ou participador-obra). (...) Parangolé (...) é ele o ‘abrigo’ do participador, convidando-o a também nele participar. ” (OITICICA, 1986, p.71).



Figura 25: OITICICA, Hélio. Nildo da Mangueira, com Parangolé, 1964.

Disponível em:

<http://www.digestivocultural.com/colunistas/coluna.asp?codigo=856&titulo=Parangole:_anti-obra_de_Helio_Oitica>. Acesso em: 11 de dez. 2017.

A arte propositiva sugere que o anterior “observador/ espectador” agora criador da arte, possa adentrar na obra, fazer a obra a partir de sua ação, tocar, interagir, caminhar em seu interior. Do mesmo modo, que Oitica cria ambientes sensórios para o público experienciar em “Tropicália”. Já não basta a condição imóvel de observador frente à obra. Compreende-se melhor este pensamento através dos escritos de Hélio Oitica sobre seus trabalhos. Segundo ele,

O que se propõe é uma proposição participativa do espectador no processo. O indivíduo é que apreende da obra seus significados, e isso se chama Obra Aberta. Não compete ao artista tratar modificações no campo estético como se fora este uma segunda natureza, um objeto em si, mas sim procurar, pela participação total, erguer os alicerces de uma totalidade cultural, operando transformações profundas na consciência do homem que de espectador passivo dos acontecimentos passaria a agir sobre eles usando meios que lhe coubessem: a revolta, o protesto, o trabalho construtivo para atingir essa transformação, etc. (GULLAR apud OITICICA, 1986, p. 95).

Ele traduz em suas produções também questões sociais e políticas, refletindo sobre o estado de passividade e o de ação como transformadora de contextos. Logo, é possível estabelecer conexões entre a arte propositiva e o ensino, levando estas concepções para a educação podemos pensar sobre:

- O artista como educador e o educador como artista;
- A concepção do “professor-propositor” como aquele que provoca os alunos para a criação e entende a aula como uma proposta para a reflexão;
- Diferentes modos de compreender a arte e o contexto que se insere: a arte propositiva integrando o fruidor como autor da obra, ou seja, o público faz a arte pela interação.

Ao abordar com o grupo sobre estes três aspectos acima situados, percebi que os discentes se sentiram mais próximos de se compreender no papel de “artista” e assim puderam falar com mais segurança de como se sentiam tendo em vista estes conceitos de modo interligados “professor-propositor” e “professor-artista”. Também tiveram contato por meio dos encontros com as obras e os artistas/educadores Lygia Clark, Hélio Oiticica, Allan Kaprow... para falar da visão propositiva da arte, assim como da prática de criação de artista intrínseca a do professor. Este diálogo permitiu ao grupo outras referências para suas percepções sobre o tema da pesquisa. Para Hélio Oiticica era possível pensar o artista como educador, conforme o texto publicado no catálogo da mostra "Nova Objetividade Brasileira" (Rio de Janeiro, MAM, 1967), ele argumenta que: “É essa a tecla fundamental do novo conceito de Antiarte: não apenas martelar contra a arte do passado (...) mas criar novas condições experimentais, em que o artista assume o papel de ‘proposicionista’, ou ‘empresário’ ou mesmo ‘educador’.” (OITICICA, 1967, p.167).

Em 2004, Gisa Picosque e Mirian Celeste Martins refletindo a partir da obra “Caminhando” de Lygia Clark dão origem ao termo “professor-propositor”. As práticas pedagógicas do professor como um propositor, um provocador de ideias. Esta concepção permite ao aluno que este se torne um criador, estimulado pelo docente no processo de ensino-aprendizagem, que através do diálogo possam se estabelecer momentos de trocas. A fundamentação do termo “professor-propositor” está disponível no material da “DVDteca Arte na Escola” do Instituto Arte na Escola:

Professor-propositor. (...). Por acreditar na inventividade do educador e no seu olhar dirigido especialmente para os aprendizes que tem à sua frente na sua sala de aula, sejam crianças, jovens, adultos, professores em contínua formação, que ousamos ser também propositores. Não com um rol de atividades a serem seguidas, como numa seqüência pré-estabelecida.

Ao contrário, as proposições que oferecemos são como provocação ao olhar-pensar dos professores, por isso mesmo são muitas, diversas, complementares ou opostas, inusitadas ou velhas conhecidas, como um acervo de virtualidades, como proposições que alimentem as escolhas, as transformações, as investigações em campos conhecidos ou a conhecer, que convoquem para a inventividade e o contágio com a arte. (MARTINS, 2005, P.4)

O “professor-propositor” se origina de “artista-propositor”, com base no próprio conceito do termo propor: “Do lat. *proponere*. Definições: 1. Apresentar como sugestão ou opção; 2. Mostrar-se disposto a. 3. Ter como objetivo. 4. Apresentar (algo) como desafio (a alguém).” (PROPOR. Dicionário Caldas Aulete, 2017. Disponível em: <<http://www.aulete.com.br/propor>>. Acessado em: 17 de dez. 2017). A palavra carrega em seu sentido a interação com o outro, como sujeitos de determinada ação. Pensando de mesma forma, no trajeto de vida e formação destes artista e educadores, como Lygia Clark que fez também atuou como professora e desenvolveu sua criação artística simultaneamente. Para Martins (2005) o educador pode em sala de aula pensar este espaço como um momento de se proporcionar “estados de invenção”, ou seja, experiências de criação com os educandos. De igual modo, a autora explica como a concepção de proposição embasa a ação do educador visto enquanto pesquisador de sua prática educativa: “A inquietude e o mergulho na experiência potencializam a ação de professores propositores. A ação propositiva move a pesquisa da própria prática, move os aprendizes para a experiência, move para problematizações constantes.” (MARTINS, 2006, p.6).



Figura 26: CLARK, Lygia. Caminhando, 1964.

Disponível em: <<http://www.artefazparte.com/2012/09/sempre-em-frente.html>>. Acesso em: 11 de dezembro de 2017.

Clark no texto “A propósito da Magia do Objeto” destaca a partir da obra “Caminhando⁵” de 1964, a ideia de propor algo e que esse ato seja compreendido como arte, ela também reflete sobre a questão de autoria da obra trazendo assim a ideia do “espectador-autor”:

O ato do “Caminhando” é uma proposição dirigida ao homem, cujo trabalho, cada vez mais mecanizado, automatizado, perdeu toda a expressividade que tinha anteriormente, quando o artesão dialogava com sua obra. Talvez o homem não tenha perdido essa expressividade em sua relação com o trabalho- ao ponto de tornar-se totalmente estranho a ele- que para melhor redescobrir hoje seu próprio gesto revestido de uma nova significação. Para que uma tal mudança ocorra na arte contemporânea, é necessário algo mais do que simplesmente a manipulação e a participação do espectador. É necessário que a obra não conte por ela mesma e que seja um simples trampolim para a liberdade do espectador-autor. Esse tomará consciência através da proposição que lhe é oferecida pelo artista. Não se trata aqui da participação pela participação, nem da agressão pela agressão, mas de que o participante dê um significado ao seu gesto e de que seu ato seja alimentado por um pensamento, nesse caso a ênfase de sua liberdade de ação. (CLARK, 1965, p.3)

A partir dessa concepção da artista de que nós “somos os propositores: nossa proposição é o diálogo. Sós, não existimos. ” (CLARK, 1980, p. 31) adentramos no contexto da educação, mais especificamente da Educação pela Arte, e assim poderemos pensar que os alunos podem ter através do educador um “trampolim para liberdade” e adquirir durante uma aula de artes a “consciência através da proposição que lhe é oferecida pelo artista”. Em outro artigo “Arte, só na aula de arte? ”, Mirian Celeste novamente desenvolve o conceito do educador enquanto propositor de experiências. A autora reflete a partir de Clark e Oiticica o que é a proposição na arte para pensar as possíveis relações com os outros sujeitos, e assim repensar os objetivos do Ensino da arte:

Para Lygia Clark e Hélio Oiticica, o artista é o propositor. (...) Como eles, somos também propositores quando lançamos nossos aprendizes na criação, na produção de sentidos, no enfrentamento do não saber... Como na experiência com a fita de Moebius, em Caminhando, obra de Lygia Clark, em

⁵ No livro-Obra, a artista explica a proposição: “Faça você mesmo o Caminhando com a faixa branca de papel, corte-a na largura, torça-a e cole-a de maneira a obter uma fita de Moebius. Tome então uma tesoura, enfie uma ponta na superfície e corte continuamente no sentido do comprimento. Tenha cuidado para não cair na parte já cortada, o que separaria a fita em dois pedaços. Quando você tiver dado a volta na fita de Moebius, escolha entre cortar à direita ou à esquerda do corte já feito. Essa noção de escolha é decisiva e nela reside o único sentido dessa experiência. Se utilizo uma fita de Moebius para essa experiência, é porque ela quebra os nossos hábitos espaciais: direita esquerda, anverso e reverso etc. Ela nos faz viver a experiência de um tempo sem limite e de um espaço contínuo. (CLARK, Lygia. Livro-Obra. Rio de Janeiro, 1964. Disponível em: <http://issuu.com/lygiaclark/docs/1964-caminhando_p/1?e=0>. Acesso em: 29 de dez. 2017)

1954, movemos o outro e a nós mesmos para viver experiências estéticas, não mais da maneira espontaneísta da escola que só valorizava o fazer, mas na consciência de si, na percepção dos próprios processos de criar, pensar, produzir significados, de se colocar vivo na experiência, de compartilhá-la com outros na conversa que se torna espaço do diálogo, do enfrentamento da diferença, da inquietude da desaprendizagem de nossas amarras conceituais. (MARTINS, 2011, p.313).

Para trabalhar nesta perspectiva de “professor-propositor” é preciso desconsiderar os estereótipos que estão associados à figura do artista, como “aquele que desenha bem e expõe obras”, e o professor de artes, como o “sujeito que sabe de história da arte e transmite aos alunos seu conhecimento”. Muito além disso, buscar se constituir na formação como um educador e artista, tendo as ferramentas da proposição para atuar de modo a compartilhar experiências. Ou como diz Utuari (2006): “Não estamos à frente da sala de aula e sim ao lado do aluno compartilhando descobertas. Nesta concepção de aula de arte o professor é um propositor de percursos.” (UTUARI, 2006, p. 56).

Inicialmente foi difícil para alguns alunos compreender a ideia do professor de artes como um artista em potencial, de se verem como criadores de arte e educadores simultaneamente. Tratar do termo propositor, possibilitou uma abertura do grupo para esta concepção e gerou uma identificação maior de si como educador e artista, atuante por meio da arte propositiva. Como podemos observar na resposta de um dos alunos do grupo sobre o seu processo interno de desconstrução dos estereótipos do que é ser professor de artes e a reconstrução de seu perfil como docente: “Fiquei muito feliz em ter isso esclarecido, pois tinha aquele estereótipo de que artista é somente o que desenha bem. Mas ser artista vai além de desenhar bem ou não. (Discente A, Apêndice B, questão 1, 2017).

O questionário foi aplicado após a realização do projeto, e nota-se que o discente destaca como importante o processo de reflexão proporcionado pelos encontros e discussões em grupo, além disso salienta o quanto foi importante a mudança que afirma ter ocorrido sobre a sua concepção do que significava ser educador de artes e a possibilidade de atuar enquanto artista na sala de aula. No primeiro encontro o mesmo estudante ao ser questionado sobre as possibilidades de ser um docente de artes e artista mutuamente, respondeu: “Porque para ser artista tu podes fazer um curso técnico, no “JA” ou tu podes ser um autodidata (...). Quando

alguém pergunta: Tu sabes desenhar bem? Não eu não sei, mas sei os métodos para levar a algum desenho. Eu posso ensinar a técnica. ” (Discente A, Degravação de áudio, encontro 1, 23 de agosto de 2016). Após esta afirmação levantei outras reflexões para o grupo:

Mas e se eu te perguntar: tu não te sentes professor-propositor? Quando tu vais para a sala de aula e tu propões alguma coisa, será que não estás fazendo arte ali? Aí nesse momento tu comesças a te pensar como um professor-artista. E é estranho isso, porque a gente tem a visão do artista muito separada do professor de artes. Isso é muito forte. Por isso mesmo! Porque a gente acha que o artista é aquele que publica ou desenha bem. Mas e se tu chegares na sala de aula e fizer uma proposta diferente daquele professor que se senta na frente da sala e fica falando e não deixa ninguém falar, tu já estas sendo um artista- propositor. Assim como Hélio Oiticica que propunha que as pessoas da exposição fizessem a arte. Que a arte não era aquele objeto dado pelo artista, mas a relação com o público em criar. Então isso muda um pouquinho a visão da gente. (Pesquisadora, Degravação de áudio, encontro 1, 23 de agosto de 2016).

Novamente para proporcionar momentos de reflexão torna-se necessário a partir da História da Arte e de uma contextualização apresentar novas perspectivas para o grupo. Para que possam conhecer estas visões e amadurecer suas percepções. Aos poucos trabalhando com este viés da arte propositiva os discentes desenvolveram uma outra visão, um posicionamento mais crítico, ativo e uma maior compreensão do que significa o educador como propositor e assim conseguiram pensar no aspecto da criação artística em sala de aula.

Outro discente durante o segundo encontro, desabafou que a palavra “professor-artista” ao carregar o termo “artista” lhe gerava uma carga de sentidos, que dificulta a compreensão de si: “(...) quando se fala em professor-artista eu acho complicado. Eu prefiro o professor-propositor, como havíamos falado... esse ser artista é complicado, é um peso no ser artista. ” (Discente G, Degravação de áudio, encontro 2, 30 de agosto de 2016). Neste caso, novamente surge a percepção do estudante não se sentir capacitado para desempenhar o papel de artista, contudo no decorrer do diálogo afirma que a ideia de “propositor” facilita o modo como vê o educador em sala de aula. Assim, a discussão aos poucos vai se desenvolvendo a partir do modo como o grupo entendeu o que cada um desses termos significava dentro de sua formação inicial e na ideia de sua futura atuação docente em aula. Outro integrante do grupo demonstra em sua fala estar mais claro que a Arte Propositiva levada para sala de aula pelo educador pode ser uma forma de trabalhar com o Ensino da Arte:

Aprendemos por meio de exemplos. Estudamos o processo de criação de artista em todo o período da História da Arte. Temos um repertório artístico bem vasto. Experienciamos em ateliês. Preparamos nossas aulas nos estúdios. Ao sermos professores propositores nosso fazer artístico pode e deve ser usado como forma a estimular a produção dos alunos. (Discente B, Apêndice B, questão 1, 2017).

Seguidamente durante as conversas, os discentes criaram parâmetros de comparação entre os Cursos de bacharelado e licenciatura, assim como justificam a falta de produção artística com a dificuldade de administrar o tempo de estudo que o Curso de Licenciatura lhes exige quanto aos aspectos mais teóricos. São reflexões que caem num contexto maior, quando se discute a ideia do perfil docente de Artes Visuais que envolva de modo intrínseco o artista e educador. Esses papéis muitas vezes ficam indissociados numa prática, no entanto os discentes, da licenciatura em sua grande parte, sentem dificuldades de compreender-se por esta concepção. Raramente os discentes são provocados para questionar essa situação, os seus medos e mantém em suas falas tentativas de justificar a produção ou falta de criação de arte na licenciatura. Esta discussão também se fez muito presente nos trabalhos apresentados pelo grupo, e acabou tocando como reflexão o público que interagiu com as obras. Nota-se nesta mesma perspectiva de diálogo o depoimento de um docente do Centro de Artes, que durante a mediação na Exposição estabeleceu um relato sobre o tema da formação: “Assumir o que você quer ser independente do que os outros dizem. (...). Ou eu sou professora e artista, e estas coisas não precisam ser separadas. É uma coisa que eu assumo isso, como profissional e como pessoa. ” (Docente, Degravação de conversa com público da exposição, 2017). O docente expõe que os papéis que o educador desenvolverá em sua prática partem de uma escolha, uma decisão e tudo o que o formou na graduação também acaba reverberando em sua atuação, no seu perfil como educador ou no modo como compreende o Ensino da Arte.

5. Percepções sobre a formação docente em Artes Visuais na UFPel



WREGE, Raquel. Desejo de estar lá... Linóleo, 2014. Fonte: acervo pessoal, 2014.

5.1. O diálogo e a criação através da arte: ativando percepções

As oficinas integraram parte do meu estágio docente, cuja turma escolhida foi Projeto em Artes II, coordenada pela professora Larissa Patron. O objetivo foi trabalhar com este grupo de discentes em fase final de Curso porque acredito ser relevante gerar momentos de trocas quanto às experiências que vivenciaram em sua graduação. As dinâmicas artísticas realizadas nas oficinas constituíram-se de proposições para reflexão por meio do fazer artístico e do diálogo com os discentes sobre a formação.

Nesse sentido, ao falarem sobre suas inseguranças, buscarem entender as escolhas que tomaram no Curso e ouvirem os colegas, o grupo acabou crescendo muito frente às perspectivas de si e da formação que tiveram. Diferentes pontos de vistas entre os integrantes do grupo enriqueceram muito o diálogo e colocou em questão outras perspectivas sobre o tema estudado. O foco principal foi que através da experiência estética de criação em arte, o grupo pudesse se tornar mais atento, sensível e acolhedor de distintas percepções. Sendo assim, o ponto de partida envolveu a disponibilidade dos discentes para estabelecer essa experiência, ou mesmo, na concepção de Merleau-Ponty o “estado de abertura” de cada integrante do grupo para perceber o mundo de um modo mais ativo. Gerar esses momentos de encontro ou mediação, no sentido que trata Mirian Celeste (2012), possibilitou aos estudantes o contato com a multiplicidade de significados sobre a formação e os conceitos imbricados nela. O diálogo permitiu vivenciar os meandros da formação através da arte, preparou o grupo para o exercício de perceber o redor e possibilitou reinventar a forma como viam alguns assuntos sobre o que vivenciaram no decorrer do Curso.

Quando se compartilham as vivências em coletividade os outros integrantes do grupo estabelecem conexões com as suas próprias memórias e isto gera novas percepções. Nas conversas surgiram lembranças de aulas que lhes mudaram a forma de perceber o mundo, situações problemáticas vividas em sala de aula com alguns professores ou colegas, dificuldades em algumas disciplinas, problemas quanto ao aspecto profissional, angústias relativas ao exercer o papel de professor, medos quanto as questões de produção de arte, confusões em relação a alguns termos específicos do Ensino da Arte, deficiências que notaram no decorrer da formação, momentos de criação artística marcantes... Para ativar essa postura mais

reflexiva eles entraram em contato com questões propositivas que objetivavam estimular a partilha. Compreendendo que essa ativação foi possível através do processo propositor, reflexivo e mediativo buscando sempre uma análise mais aprofundada de sua formação. Através da análise das falas dos discentes, ponto alguns fatores que motivaram os alunos a participar do projeto:

- Crise quanto ao perfil profissional que almeja;
- Problemas relacionados ao currículo do Curso (fechar a carga horária necessária para a formação, mudanças de currículo do Curso em relação a outras instituições, concepções de arte diferenciadas de disciplinas do Curso de Artes Visuais bacharelado);
- Decisões quanto à carreira profissional e áreas de atuação como educador de Artes Visuais (arterapia, Ensino de arte na educação infantil, carreira acadêmica como pesquisador, trabalhar no espaço educativo de museus, gostar de trabalhar com Artes Visuais, mas não gostar de dar aula, não se compreender como artista, mas como um artesão);
- Auto-Avaliação das escolhas formativas feitas durante a graduação;
- Reorganização de ideias pessoais sobre os temas discutidos;
- Necessidade de compreender o contexto atual do Ensino da Arte;
- Traumas e dificuldades durante a formação que precisavam superar;
- Tentativa de encontrar sentido para sua formação;
- Busca por construção de novos saberes;
- Necessidade de encontrar novas perspectivas sobre o tema;
- Falta de possibilidade de dialogar e de ser ouvido;
- Formação identitária;
- Vontade de integração com o grupo de colegas de modo mais coletivo, diferente do individualismo que se percebem nas aulas.

Todos estes pontos surgiram no decorrer das conversas com os discentes, em um diagnóstico mais atento do diálogo foram evidenciadas essas percepções. Para provocar a prática reflexiva a pesquisa buscou o desenvolvimento de questões motivadoras. Assim, as ações foram planejadas para que os discentes:

- Levantassem hipóteses, problemas e sugestões de melhoras sobre o Curso e sobre suas escolhas formativas;
- Descobrissem através de suas escolhas o que eles buscavam durante o período de graduação ou que perfil de educador de artes se identificavam;
- Expusessem suas dúvidas em relação ao tema podendo através do diálogo coletivo estabelecer trocas;
- Apontassem suas inseguranças, de modo que no decorrer das oficinas amadurecessem suas percepções de modo positivo;
- Desenvolvessem a atitude reflexiva, postura filosófica e criadora sobre a temática abordada.

Por se tratar da experiência estética, tanto as oficinas quanto a própria exposição “transformam” os sujeitos que saem da “rotina normal” durante a graduação e são convidados a parar para pensar, desacelerar para ativar a percepção para o que antes era passado em branco. Estas propostas feitas aos discentes para que saíssem da ação rotineira e pudessem refletir sobre ela, sobre si, sobre o Curso... são uma forma de sensibilizar o que antes estava adormecido nos sujeitos. São propostas criativas e reflexivas, que inundaram o espaço de sala de aula e o corredor do Centro de Artes, agregaram sujeitos e permitiram o desenvolvimento dos sentidos, estimularam para o estado de abertura reflexivo, despertaram sujeitos para o seu redor.

O diálogo e as trocas motivaram os discentes a compreender a sua própria situação profissional e os ajudou a se reelaborar enquanto sujeitos frente ao Curso que os formou:

(...) a oficina para mim (...) é nela que se percebe as dificuldades, as frustrações e benefícios de ser um professor, pois quando nos reunimos trocamos experiências importantes, de estágios e outros lugares que algum colega trabalhou ou trabalha. Muitas coisas fui aprender nas oficinas, tais como: eu ser um artista, um mediador e fruidor, pois em minha concepção, eu era apenas um futuro professor, e foi através dos diálogos muito pertinentes e sinceros que fui informado e esclarecido, que minha atividade, me torna um artista também. (Discente A, Apêndice B, questão 1, 2017).

As atividades partiram do pressuposto de gerar momentos de criação e de pensamento subjetivo. Desse modo, busquei investigar a forma como os discentes tinham percebido sua formação, os pensamentos que guardavam sobre o Curso, as

dificuldades de tratar de algumas questões sobre o Ensino Superior em Artes Visuais, levando em conta aspectos pessoais e o contexto em que estavam inseridos. As atividades propositivas trabalharam o despertar de ideias através da experiência estética em relação às escolhas formativas. Trato estas ações pelo viés propositivo, assim como explica Solange Utuari (2016):

(...) a Arte não apenas como oportunidade de contemplação e sim de interação. Ideias que nutrem a concepção de ensino artístico que propõem que o educador passa daquele que dá aulas de Arte, para um educador que seja um professor propositor. Assim como Lygia Clark saiba fazer convites para percursos poéticos, estéticos e criativos na aprendizagem da Arte. Um convite que provoque encontros significativos e experiências estéticas e construa conceitos e concepções sobre arte. (UTUARI, 2016, p.1)

Objetivava-se a ampliação do olhar e que esses momentos reflexivos, pensando com base em Nóvoa (2001), auxiliassem no processo da autoformação (através da reflexão sobre sua trajetória formativa na graduação), heteroformação (por meio do diálogo e da reflexão em grupo) e a ecoformação (quanto ao pensamento reflexivo/ crítico e sua criação artística sobre o tema nas oficinas). Como apontam os discentes a possibilidade de dialogar sobre suas vivências os auxiliou em sua percepção enquanto futuros sujeitos formadores. Essas reflexões partem do fazer pedagógico no decorrer do Curso, do envolvimento destes estudantes na sua prática de aprendizagem, assim como, aborda Ensino da Arte no panorama dos discentes e sua ação pedagógica futura.

A reflexão é uma forma de transformação, para repensar de modo crítico as situações na prática. Outro discente apresenta a reflexão no sentido de uma retomada, como se pudesse através do diálogo retomar seu processo formativo: “Aos discentes que estão concluindo é importante refletir e recordar de tudo o que viveu nos anos da graduação” (Discente D, Apêndice B, questão 1, 2017). Nesse aspecto, se tornam mais autônomos e responsáveis sobre suas competências profissionais, colocam em questão as próprias experiências que muitas vezes são esquecidas. E estas experiências que os constituem em sua subjetividade refletem diretamente na forma como interagem com o seu redor e na própria ação de formar. No entanto, estes momentos, como aqui podemos ver sendo valorizados pelos estudantes, para eles deveriam ocorrer com mais constância. Trata-se assim da necessidade da postura reflexiva, ou como explica Perrenoud (2002) com o conceito de “prática reflexiva”:

Todos nós refletimos na ação e sobre a ação, e nem por isso nos tornamos profissionais reflexivos. É preciso estabelecer a distinção entre a postura reflexiva do profissional e a reflexão episódica de todos nós sobre o que fazemos.

Visando chegar a uma verdadeira prática reflexiva, essa postura deve se tornar quase permanente, inserir-se em uma relação analítica com a ação, a qual se torna relativamente independente dos obstáculos encontrados ou das decepções. Uma prática reflexiva pressupõe uma postura, uma forma de identidade, um habitus. (PERRENOUD, 2002, p. 13).

Esta prática reflexiva é uma atitude filosófica frente às coisas que nos atravessam. Aliada a compreensão reflexiva da proposição artística e da criação pela arte, os momentos de reflexão gerados pela pesquisa buscam sentido de experiência, assim como Bondía (2002) define. O autor enfatiza o saber através da experiência como mecanismo de significação que envolve o sujeito e sua percepção sensível. Para ele, pensar é dar sentido ao que somos e ao que nos acontece. Assim, desenvolver a percepção e expressar artisticamente por meio de processos reflexivos é uma forma de criar sentido para o que se vivencia durante o trajeto da formação. Podemos compreender, desse modo, que os momentos de reflexão também exigem do sujeito o “estado de abertura” para a experiência, ou exercitar a postura reflexiva:

(...) requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço. (BONDÍA, 2002, p.24).

Nestes momentos é possível estabelecer trocas de ideias e de sentidos, como argumenta um dos participantes das oficinas: “(...) foi relevante especialmente para escutar o ponto de vista dos colegas”. (Discente C, Apêndice B, questão 1, 2017). O diálogo e a escuta geram encontros e ativam nossas percepções para o redor. Bondía (2002) afirma que a experiência arrebatada, afeta e transforma. O sujeito que vive a experiência se submete, se propõe a receber, a sofrer, ele se ex-põe. O contrário disso é o sujeito que permanece firme, autodeterminado, definido, fechado nas suas ideias e que não consegue de fato ser transformado pela experiência. Se nos deixarmos afetar, sairmos da zona de conforto, podemos ser transformados. É importante destacar a percepção da

experiência como saber próprio de cada sujeito, como afirmam os discentes em suas falas: “expor nosso fazer”, “escutar pontos de vista dos colegas”, “o que tínhamos a expressar era muito valioso do que pensávamos”, “visualizar em forma artística o modo de pensar dos colegas”. Todas essas palavras sobre as atividades relatam essa experiência sensível de contato com a subjetividade estabelecendo relações com os outros no grupo. Isto traduz a ideia de que o saber através da experiência é um saber pessoal, relativo de pessoa para pessoa, subjetivo e particular. Mas que ao ser partilhado, as percepções particulares se transformam novamente, e assim, outras formas de se compreender surgem. Apesar de a experiência acontecer para duas pessoas cada uma tem uma experiência diferente não há verdade absoluta, nem certo ou errado. Não há mais um estado de passividade ou de simples aceitação, como de um sujeito que demonstra indiferença para o que se passa ao seu redor, mas um estado de percepção para o que vivenciaram na sua graduação e disposição de dialogar sobre isso.

De modo geral os discentes que participaram das oficinas argumentam que durante a graduação estes momentos de diálogo são raros ou inexistentes. O discente C explica que, através de sua participação nas oficinas, houve uma transformação em sua subjetividade:

Mudou muito e foi ótimo. E isso que eu te falei agora de ver que alguns colegas não querem ver, na graduação, mais sobre a arte... isso eu só sei, a partir desses nossos encontros. Então para ver a perspectiva dos meus colegas foi muito importante, e eu fico muito feliz de ter essa informação comigo. E gostaria até de ter mais dessas informações comigo. Porque quando a gente ouve o outro a gente repensa muita coisa. Existe uma troca que fortalece e faz pensar em coisas que talvez não fosse pensar. Isso agrega, transforma, coloca em questão suas reflexões. Então isso é muito bom. E eu acho que falta diálogo e reflexão, mas como que falta? Que tipo de diálogo e de reflexão? A gente na época das ocupações teve várias reuniões em grandes grupos, mas as pessoas estavam em estado caótico. Porque essas reflexões não estão acontecendo agora, em estado de maior tranquilidade e realmente com seriedade? A gente tem professores sobrecarregados e eles não conseguem daí fazer uma boa alteração no nosso currículo. Não conseguem pensar na nossa grade curricular direito, não pensam porque estão extremamente presos em outros funcionalismos. (Discente C, Apêndice C, 10 de mar. de 2017).

Ao mesmo tempo em que conseguem expressar seus pensamentos e sentimentos sobre o tema, o grupo acaba entendendo o contexto de modo mais ampliado, através do contato com outras reflexões. Como destaca Martins (2006):

Pela arte somos impulsionados para um encontro sensível e forte trazido pela experiência do outro, tornada nossa. Experiência distinta, mas não

distante; experiência que envolve emoção e pensamento, ação e significação, e por isso dotada de qualidade estética e provocadora da invenção (...). (MARTINS, 2006, p.4).

Por meio do contato com o fazer ou mesmo apreciar artístico, é possível estabelecer um encontro sensível. Trata-se da reflexão na formação inicial, como fundamento para a futura atuação no mercado de trabalho, assim define Perrenoud (2002): “A formação de principiantes tem a ver, acima de tudo, com a formação de pessoas capazes de evoluir, de aprender, de acordo com a experiência, refletindo sobre o que gostariam de fazer, sobre o que realmente fizeram e sobre os resultados de tudo isso.” (PERRENOUD, 2002, p.17).

Quando estávamos no sexto encontro das “Oficinas de diálogo e proposições” pedi para que os discentes começassem a pensar em algo que quisessem levar para a exposição. Inicialmente eles demonstraram certo receio, pois em suas falas achavam que seus trabalhos poderiam ficar ruins, que seriam julgados, que não tinham tempo suficiente para pensar em algo..., mas aos poucos através do estímulo constante para criação sentiram-se aptos de desenvolver sua visão poética sobre o tema proposto nas discussões. A instalação coletiva, foi proposta pelos próprios alunos do grupo a partir das atividades de “*brainstorming*”⁶ realizadas antes de cada encontro.



⁶ O termo em inglês significa “tempestade cerebral”, é uma técnica de dinâmica de grupo para estimular a criatividade, como explica: “Em uma sessão de brainstorming, os participantes são incentivados a expressar todas as ideias que puderem pensar (...)”. (BUCHELE, 2017, p.71)

Figura 27- Os quatro painéis resultados das atividades das oficinas, instalação constituinte da exposição “*Reflexus*”. 09 de março de 2017.

Fonte: fotografia da autora, 2017.

A discussão para elaborar a obra foi feita de modo coletivo tanto o modo como faríamos quanto como seria exposto. A partir desse trabalho fui entrando em contato com os estudantes, para saber se tinham algum projeto que pensavam em expor e que tivesse como foco a temática discutida. No decorrer do semestre, através dos encontros cada um dos cinco participantes foram enviando as ideias e assim, elaboramos a exposição.

5.2. *Reflexus*: Uma exposição artística sobre o olhar de docentes de Artes Visuais

A Exposição “*Reflexus*: a formação docente em Artes Visuais” surgiu como proposta desta pesquisa ao final das Oficinas e objetivou um espaço de criação coletiva sendo projetada para que os visitantes pudessem participar das proposições. O objetivo foi refletir no sentido de retomar o próprio pensamento ou pensar o que já foi pensado. Voltar-se a si mesmo e colocar em questão o que já se conhece.

Como experiência expor para o grupo, de modo geral, foi um processo muito significativo. No Questionário os discentes expositores comentaram sobre como vivenciaram a atividade de criação da obra, em suas diversas etapas: pensar no tema, como expressar, que materialidade usar, como dispor as obras no espaço, o título, o conceito que buscavam tratar.... Assim trata o discente B em sua resposta, sobre sua produção para a exposição:

Ver as obras nos espaços expositivos foi como uma ficha caindo: tenho uma produção artística que em nada se diferencia da produção do bacharelado. Pensar nas obras sempre foi um processo muito intenso, demorado e extremamente doloroso. Nós expomos através de nossa produção. Catamos no fundo da alma, sentimentos e vivências represadas. Os nomes foram sempre “insights” - vieram no meio da noite. (Discente B, Apêndice B, questão 3, 2017).

Quanto a experiência estética através do ato de criação artística, podemos articular a percepção de docência com a de artista, que acabou emergindo dos alunos como processos de pensamentos criativos interligados:

Como diz Pareyson (1984, p. 32) a arte “é um fazer que, enquanto faz inventa o por fazer e o modo de fazer”, como uma produção que nasce da experiência provocadora, pois ao mesmo tempo em que se inventa, transforma também aquele que inventa. (MARTINS, 2006, p. 3).

Outro estudante aborda nesta questão, sobre a relevância de participar de uma exposição sendo estudante da Licenciatura, a própria oportunidade gerada pela pesquisa para o grupo em levar o tema da formação ao público por expressão artística:

Foi muito especial, não foi minha primeira exposição, mas me deu a certeza de que é algo que pode acontecer, que depende realmente de alguém organizar e das pessoas produzirem (...). Além disso, pensar no objeto e no contexto que ele seria exposto me mostrou o quanto a prática de arte ainda faz falta na minha vida, seja no sentido de montagem, como de criação, pois ao projetar para fora, entramos em diversas reflexões a respeito do espaço, do outro, o que de certo modo fica velado na escrita e na teoria, ainda que se faça importante e essencial para ambas. (Discente C, Apêndice B, questão 3, 2017).

Neste sentido, os discentes acabam se pondo frente à possibilidade da criação, e compreendem que mesmo sendo estudantes de licenciatura são capazes também de proporcionar a reflexão por meio do fazer artístico com suas próprias percepções sobre o tema. Aspecto que é salientado pelo discente D “(...) nunca pensei em um objeto artístico como resultado de questionamento sobre o que é ‘ser professor’ em Artes Visuais”. (Discente D, Apêndice B, questão 3, 2017). O objetivo desta proposta de “reflexão na formação” é estar sempre sendo reativada. O estado de reflexão e criação encontra-se em diferentes etapas do projeto:

- Partimos das reflexões, tanto individuais ou coletivas, que fizemos nas oficinas;
- Isto influencia os criadores em suas reflexões na produção artística sobre o tema;
- O objeto ou proposta de arte desenvolvida é um gerador de novas reflexões;

- O evento expositivo também oportuniza momentos de reflexão para o Curso;
- O público/participante em contato com essas percepções produziu outras reflexões sobre o tema através das obras.

Ou seja, é um processo sequencial e contínuo, portanto, é a abertura para uma postura de profissional reflexivo, como aborda Perrenoud (2002):

Também é preciso criar ambientes- que podem ser os mesmos- para o profissional trabalhar sobre si mesmo, trabalhar seus medos e suas emoções, onde seja incentivado o desenvolvimento da pessoa, de sua identidade. Em suma um profissional reflexivo só pode ser formado por meio de uma prática reflexiva (...). (PERRENOUD, 2002, p. 18).

O autor salienta a figura do principiante, que aqui apresento como o graduando, como um sujeito entre suas identidades “(...) abandonando sua identidade de estudante para adotar a de profissional responsável por suas decisões.” (PERRENOUD, 2002, p. 18). Encontra-se nas conversas com os discentes muito presente, apontamentos quanto ao currículo do Curso. Destacam que devido ao “excesso” de disciplinas com caráter mais teórico na Licenciatura, há uma dificuldade maior de produção de material artístico. Um dos discentes destaca esse fator na questão 6:

Confesso que não tive muito tempo, e gostaria de ter feito algo muito mais elaborado, embora com a mesma ideia. Percebo que por ficarmos muito tempo sem produzir acabamos por sempre reiniciar nossa relação com o processo criativo, nos dificultando não apenas nas habilidades manuais que estão adormecidas, mas também nosso poder criador, desse modo parece que sempre estamos retornando ao primeiro semestre, perdendo tudo aquilo que havíamos aprendido, é verdade que isso não é bem o que acontece, mas é a sensação causada. Honestamente hoje vejo que se eu realmente quero me embrenhar na produção artística devo ceder e entrar em um curso de bacharelado, acredito sim na possibilidade desta dupla formação, e inclusive percebo que a falta de didática é uma reclamação constante para os discentes do bacharelado, penso que o interesse é mútuo, e deveria fazer parte do programa acadêmico uma opção que associasse ambas as áreas. O Centro de Artes não enxerga a própria potência que tem no lugar, poderia ser um centro de destaque em Artes no país por ser um local de afeto e com tantas características raras no meio acadêmico, talvez caiba também a nós como discentes descrever mais a respeito deste local, como uma forma de empoderar o Centro de Artes como um oásis acadêmico, ainda que com defeitos, é diferenciado, tenho medo do que posso encontrar longe daqui, sei que nem sempre é assim, e mesmo no Centro de Artes os outros cursos não são tão bons como o nosso. (Discente C, Apêndice B, questão 6, 2017).

Seguidamente durante as conversas, os discentes criaram parâmetros de comparação entre os Cursos de bacharelado e licenciatura, assim como justificam a falta de produção com a dificuldade de administrar o tempo de estudo que o curso lhes exige. São reflexões que caem num contexto maior, quando se discute a ideia de um educador de Artes Visuais que envolva de modo intrínseco o fruidor/artista/professor. Esses papéis muitas vezes ficam indissociados numa prática, no entanto os discentes, da licenciatura em sua grande parte, sentem dificuldades de compreender-se por esta concepção. Raramente os discentes são provocados para questionar essa situação, repensar seus medos, e desse modo, mantem em suas falas tentativas de justificar a produção ou falta de criação de arte na licenciatura. Esta discussão também se fez muito presente nos trabalhos apresentados pelo grupo, e acabou tocando como reflexão o público que interagiu com as obras. Nota-se nesta mesma perspectiva de diálogo o depoimento de um docente do Centro de Artes, que durante a mediação na Exposição estabeleceu um relato sobre o tema da formação:

Em algum momento se pergunta, você é um artista? Meus professores, na época em que eu fui estudante entre 90 e 95, tinha vários professores que tinham esta atitude. Afirmando que o discente não é artista. Parece que reverteu... parece que isto está acabando. Porque tem mais professores que entraram e que são artistas também. (...) meus discentes são do bacharelado, (...) quando eu percebo essas inseguranças, ou qualquer coisa. Aí eu pergunto: você é um artista? Você é artista ou não? O que você quer aí? Eu não vou dizer o que você é, você que tem que assumir. Então eu acho que é mais por conta de assumir. Assumir o que você quer ser independente do que os outros dizem. E eu tenho uma irmã que estudou para ser professora de arte, trabalha com várias coisas. Mas ela disse me formei no mestrado em história de arte, bom agora vou trabalhar como professora, mesmo que não tinha trabalhado... O que que eu sou? Então ela disse assim: para ser professora era só ela dizer para ela mesma eu sou professora. E começou a fazer as coisas que os professores fazem... e ela virou professora. É isso! É em nossa cabeça. E é similar, o artista também. Ou eu sou professora e artista, e estas coisas não precisam ser separadas. É uma coisa que eu assumo isso, como profissional e como pessoa. Se é uma coisa que você escolhe, então o que os outros falam.... Então eu acho que tem um pouco de a pessoa não se assumir, um pouco de imaturidade eu acho... E a cobrança, qualquer tipo de cobrança dificulta. Em vez de cultivar a escolha ela pode te ferir como escolha. (Docente, Degravação de conversa com público da exposição, 2017).

Neste diálogo, nota-se que a interação do público com a exposição abrangeu não somente discentes da licenciatura, como também diversos sujeitos que circularam pelo espaço do Centro de Artes. Essa conversa apresenta um dos objetivos principais da pesquisa, ao abordar o tema de forma mais subjetiva e que

permita os sujeitos o processo de autorreflexão. Tanto o futuro docente quanto o docente em atuação, como neste relato, trazem questionamentos constantes sobre suas ações. É interessante pensar sobre o sujeito que forma, e a ação de se formar como sendo complementares uma a outra. O que se buscou com os trabalhos do grupo foi exatamente colocar em questão essas duas ideias, sendo que a ação de se formar cria uma ênfase maior a partir dos trabalhos dos discentes sobre como se está se constituindo a sua formação no curso de licenciatura. Através das conversas com o grupo discente e docente, percebe-se muito presente na formação do Curso de Artes Visuais Licenciatura da UFPel a concepção do “professor/artista”. Essa ideia para os alunos em foco desta pesquisa surge tanto como cobrança, possibilidade, escolha ou até mesmo uma grande dificuldade. Na fala deste docente a concepção de atuar com ambos os papéis resulta na ação do sujeito se “assumir” como profissional e isto envolve necessariamente a maturidade do sujeito em formação. Nem sempre essa percepção de si fica clara no decorrer do Curso, muitas vezes gera aflição nos discentes por não se sentirem aptos para desenvolverem-se mutuamente nos dois aspectos. Em decorrência disso, que a reflexão sobre sua formação, sobre si e sobre o Curso se torna necessária, por ser um processo que auxilia na tomada de uma atitude mais ativa do seu próprio desenvolvimento. O estudante tendo contato com essas informações sobre o Curso, conhecendo melhor algumas ideias sobre sua formação como futuro docente, trocando ideias com os colegas, refletindo sobre o que objetiva e como é tratado esse tema em sua faculdade desenvolve melhor o modo como compreende seu trajeto durante a formação inicial e isto influenciará muito em sua futura atuação como educador de Artes Visuais. Ainda que seja levantada essa questão do professor/artista no Curso, como uma concepção do próprio Projeto Político Pedagógico do Curso de Artes Visuais Licenciatura da UFPel, os discentes não sentem esse espaço tão conquistado na sua prática. Muitos discentes durante as oficinas comentavam sobre como é distante essa concepção de sua realização, como se fosse algo que precisasse ser mais bem avaliado para se efetivar:

(...) eu vejo que dentro da nossa carga horária a quantidade que a gente tem para se dedicar às outras coisas, ela impossibilita que a gente realmente consiga se empenhar em aprimorar as nossas técnicas artísticas. Porque a gente sabe que por mais que se tenha a sensibilidade artística, é uma coisa que precisa estar sempre trabalhando e se desenvolvendo. (...) senti bastante, uma pressão em relação a se formar. (...) A gente vê que por um

lado se permite ao discente fazer outro currículo, pegar mais disciplinas do bacharelado e se formar em mais tempo. (...), mas ao mesmo tempo isso não é fomentado pelo Curso. Muito pelo contrário. Além disso, quando eu vi as pessoas da licenciatura expondo na galeria A Sala, aconteceu que um dos professores fizeram o seguinte comentário. (...) “Não ficou tão bom o trabalho e eu não sei se as pessoas da licenciatura vão ter espaço para fazer isso de novo, porque caiu o nível.” Então assim: por que caiu o nível? Essa é a questão e não: Ah! Não vai ter espaço porque caiu o nível. Então eu não vejo assim. Mesmo que seja dado o espaço acho que mais do que isso, tem que ser dado o espaço dentro do nosso currículo para isso. E aí sim, porque é realmente é repensar, e vejo que isso já está se movimentando. É preciso repensar o currículo de um professor artista, porque então não é mais viável que a gente seja o professor. E tem outra questão também, muitas pessoas não querem produzir arte. Querem fazer uma licenciatura com menos arte, mas vejo muito isso de medo. Mas é uma questão de pensar qual o perfil de professor que o Centro de Artes quer formar. Porque isso é uma escolha. E o Centro de Artes tem um grupo de professores artistas muito bons, para que a gente fique como se está hoje sem repensar. (...) outra coisa que queria falar, é que eu vejo os professores não aceitando os trabalhos que são feitos nas disciplinas como arte. Eles veem como um exercício. Mas alguns trabalhos dificilmente não vão poder ser vistos como arte, porque são muito potentes. Pois se você entende arte como potência é difícil você considerar esse exercício como não-arte. (...). Então é complicado, eu acho que falta conversar mais sobre isso dentro das próprias disciplinas. No entanto, alguns até no bacharelado veem como exercício o que é feito em sala de aula. Mas outros não porque depois, lhes é dado à oportunidade de fazer uma exposição ou produzir uma peça. Talvez a gente chegue ao final e descubra que foi só um exercício, mas o problema que a gente fica só no exercício. (Discente C, Apêndice C, 10 de mar. de 2017).

Neste depoimento, o estudante aponta diversos aspectos que tratam da formação pondo em foco a ideia do professor como produtor de arte em sua formação inicial, destaca-se nesta entrevista: excesso de carga horária com disciplinas teóricas o que dificulta o desenvolvimento de atividades práticas artísticas em apenas três anos de formação, a problemática de uma formação mais prolongada e a necessidade do Curso em formar os discentes segundo o tempo estipulado, alguns preconceitos analisados pelo estudante em sua graduação quanto o discente licenciado desenvolver um trabalho artístico e expor como artista, a importância em repensar o currículo de modo que seja mais bem elaborada essa proposta do conceito de professor/artista para uma efetivação mais pontual, a compreensão capaz de esclarecer as diferenças entre a obra final de arte e o exercício de prática artística, a decisão de alguns discentes da Licenciatura em manter um currículo com disciplinas mais teóricas por terem “medo” de produzir arte, a falta de oportunidades aos discentes de Licenciatura para exporem seus trabalhos...

Ainda analisando mais profundamente o aspecto do educador ter espaço como artista e levar ao público suas percepções, os discentes apontam que tiveram algumas oportunidades na graduação nas disciplinas de desenho, mas de modo geral

afirmam que deveria ser mais oportunizado o licenciando expor. O discente D argumenta a necessidade de que possa ser dado “(...) mais liberdade e espaços para que os discentes possam demonstrar seu lado artista/professor ou professor/artista.” (DISCENTE D, Apêndice B, questão 4, 2017). Em outra fala, o discente B na entrevista salienta que há dificuldade de acolherem como exposição os trabalhos dos discentes da licenciatura:

(...) não é dado espaço, não é valorizado principalmente que é um trabalho diferenciado do pessoal do bacharelado. As questões que nós trazemos, (...) buscou mais aspectos relacionados à educação e sociais, isso é diferenciado. (...) eu acho que esse espaço deveria também ser oportunizado para o pessoal da licenciatura. (...) quando perguntam se tu tens horas de exposição ou portfólio.... Onde eu iria expor? Quando é que houve a oportunidade de participar de uma exposição? (Discente B, Apêndice C, 10 de mar. de 2017).

O mesmo estudante no Questionário aponta que os espaços expositivos da faculdade são ocupados para mostra de artistas já formados: “Nem os discentes do bacharelado tem um local específico. Se somos ‘docentes de Artes Visuais’, entendo que nossa produção deva ser apresentada em uma exposição final do Curso (...).” (Discente B, Apêndice B, questão 4, 2017). O Discente A, mesmo argumentando que seja oportunizado aos discentes de Licenciatura expor seus trabalhos no Centro de Artes, compreende que é necessário rever esses momentos, pois:

(...) grande maioria das exposições são de pessoas que não são do Centro de Artes, ou já estudaram lá, deveria ter mais espaço, mas não em cadeiras obrigatórias, e sim com sua própria experiência, daí surgiriam grandes mediadores, pesquisadores, fruidores. Daria uma liberdade grande, aos futuros professores, que iriam se animando com esse espaço e criariam bem mais, sem a interferência direta e obrigatória de uma cadeira. (Discente A, Apêndice B, questão 5, 2017).

Nota-se que somente no aspecto de professor/artista os discentes conseguem levantar reflexões muito pertinentes para compreensão de formação e sobre o perfil de educador de Artes Visuais na contemporaneidade. Tanto nos diálogos quanto em suas obras estão constantemente presentes esses questionamentos relacionados ao Ensino da Arte nas mais diferentes abrangências o que inclui a formação docente em Nível Superior. Tendo como partida as discussões nas oficinas, as ações artísticas dos discentes da licenciatura e levar para uma maior abrangência de público essas reflexões, é possível entrar num processo mais vivo de compreensão do papel do educador de Artes Visuais e de como se

pensa o perfil deste futuro profissional. Na maioria das vezes, os discentes saem do Curso sem pensar sobre essas questões, sem serem provocados para refletir como podem mudar essas perspectivas e até mesmo não é dada voz para que novas concepções possam se fazer presentes em comparação com a ideia de formação que foi construída anteriormente. Nota-se neste diálogo que a reflexão permitida ao discente, durante este processo de pesquisa, proporcionou o contato com outras perspectivas sobre a formação de educador de Artes Visuais. Pode-se pensar que todos que tiveram contato com esta fala ou com a produção artística deste discente, que reflete este pensar durante a Exposição, também desenvolveram uma percepção mais ativa ou uma postura mais reflexiva sobre a formação do educador de Artes Visuais. Por tratar justamente de um grupo de indivíduos do Curso de Artes Visuais Licenciatura e do aspecto mais coletivo que abrange o Centro de Artes da UFPel, pode-se compreender que a experiência estética gerada pela pesquisa, desenvolveu um diálogo mais atento do grupo sobre o tema, tornando as ações deste projeto uma prática de reflexão. No momento em que foi dado aos discentes a oportunidade de pensarem e se expressarem sobre o seu processo formativo e de modo mais geral a sua relação com o Curso se desenvolve o processo perceptivo. Neste mesmo sentido, podemos pensar na abordagem de Perrenoud (2002) sobre o indivíduo que durante a formação inicial desenvolve a capacidade de auto-regulação: “Trata-se de uma relação com sua prática e consigo mesmo, uma postura de auto-observação, autoanálise, questionamento e experimentação. Esta é uma relação reflexiva a respeito do que fazemos.” (PERENOUD, 2002. P. 45). Assim, é possível estabelecer a diferença entre uma formação passiva, em que o discente não se questiona e nem busca desenvolver uma consciência sobre a sua própria ação durante o Curso, e uma formação mais ativa, marcada pelo entendimento do que o Curso compreende como perfil profissional e capaz de propor novas reflexões sobre o tema.

5.3. Docência em Artes Visuais na UFPel: aspectos constitutivos da formação

A formação que se efetiva por meio dos Cursos de Artes Visuais, modalidade licenciatura, no Brasil possui fundamento nas Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN's) para o Ensino Superior de Artes Visuais, resolução nº 1, de 16 de janeiro

de 2009. Por meio desta concepção alinham-se os critérios que conduzem os Cursos de Educação em nível superior durante o processo formativo que caracteriza os profissionais desta área de conhecimento. Um dos aspectos fomentados pelas DCN's como parâmetro para o graduando é o desenvolvimento do potencial perceptivo, criativo e reflexivo que pode se dar através do fazer artístico. Neste sentido, se estimula no estudante a capacidade de criação visual como modo de expressão reflexivo. Destaca-se também que o Artigo nº 3 das DCN's define o pensamento reflexivo como algo que se possa apropriar no decorrer da formação. Ou seja, durante o período da graduação o aluno pode apropriar-se da sensibilidade artística, uso de técnicas, sensibilidade estética através da compreensão de criações visuais. Observa-se neste enfoque das Diretrizes uma compreensão do ensino de Arte que objetiva a formação de sujeitos críticos e reflexivos, como um campo de conhecimento voltado para a ativação de sentidos e abertura para o mundo:

Art. 3º O curso de graduação em Artes Visuais deve ensejar como perfil do formando, capacitação para a produção, a pesquisa, a crítica e o ensino das Artes Visuais, visando contemplar o desenvolvimento da percepção, da reflexão e do potencial criativo, dentro da especificidade do pensamento visual, de modo a privilegiar a apropriação do pensamento reflexivo, da sensibilidade artística, da utilização de técnicas e procedimentos tradicionais e experimentais, e da sensibilidade estética através do conhecimento de estilos, tendências, obras e outras criações visuais, revelando habilidades e aptidões indispensáveis à atuação profissional na sociedade, nas dimensões artísticas, culturais, sociais, científicas e tecnológicas, inerentes à área das Artes Visuais. (Diretrizes Curriculares Nacionais dos Cursos de Graduação, 2009, p.1).

Aliada ao processo criativo em artes situa-se a prática reflexiva. Esta pode ser percebida no decorrer de todo o pensamento e fazer artístico, desde o momento de “pesquisa”, ou abertura para o mundo, durante a própria atividade experimental e depois em seu processo de fruição. Portanto estão aliadas de modo integrado a experiência estética e a reflexão, como fundamentos do ensino-aprendizagem em artes. Assim encontra-se de igual maneira o foco no processo de reflexão pela arte, na Lei nº 9.394/96 (nova LDB) que apresenta apontamentos para o perfil profissional em Artes tanto na educação básica como superior desde 1996. No Artigo nº 43 da Lei de Diretrizes e Bases do Ensino da Arte, consta que a Educação Superior tem por finalidade “I - estimular a criação cultural e o desenvolvimento do espírito científico e do pensamento reflexivo.” (Nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação, Lei nº 9.394/96). A LDB nº 9.394/96 define tanto o

bacharel quanto o licenciado como pesquisador no campo das artes estimulando a produção cultural e este pensamento reflexivo como entendimento do sujeito no mundo. A proposta que o graduando possa por meio de sua formação atingir “competências intelectuais que reflitam a heterogeneidade das demandas sociais.” (Diretrizes Curriculares Nacionais dos Cursos de Graduação, 2009, p.3). Ambos os documentos caracterizam a construção de um perfil docente, compreende-se que este perfil pode ser definido de modo subjetivo pelo estudante através de diferentes possibilidades no decorrer da graduação (disciplinas obrigatórias/optativas, horas complementares em cursos/seminários/apresentação de trabalhos, participação em grupos de pesquisa/extensão/ensino, exposições e eventos culturais diversos).

O Curso de Artes Visuais, licenciatura da Universidade Federal de Pelotas/ Rio Grande do Sul foi reconhecido pelo Decreto de nº 81.606 de 1978. O Projeto Político Pedagógico do Curso de Artes Visuais Licenciatura da UFPel foi reformulado pedagogicamente e as novas mudanças foram aplicadas no primeiro semestre de 2010. Consta como argumento dessa revisão que: “A melhoria do ensino nas escolas passa, sem dúvida, pela melhoria na formação de professores.” (Projeto Político Pedagógico do Curso de Artes Visuais- Modalidade Licenciatura, UFPel, 2010, p.2). Assim, a constante atitude mais ativa dos estudantes durante sua formação colabora para um “maior domínio das ações educativas” (ibid. p.2) auxiliando a revisar como estas concepções do perfil docente previsto no Projeto Político Pedagógico se efetivam na prática. Em muitas falas dos alunos entrevistados e durante as oficinas, notam-se questionamentos sobre a relação entre teoria e prática assim como dificuldades apontadas entre o que se aprende e como isto é aplicado, este trecho do Projeto destaca esta situação:

Nesse contexto, é certo que há uma enorme distância entre o perfil de professor que a realidade exige e o perfil que a realidade até agora criou. Essa circunstância implica instaurar e fortalecer processos de mudanças na formação do professor. Faz-se necessária uma revisão profunda dos diferentes aspectos que interferem nessa formação, tais como: a organização institucional, a estruturação dos conteúdos para que respondam as necessidades da atuação do professor, os processos formativos que envolvem aprendizagem e desenvolvimento das competências do professor, a vinculação entre curso de formação e as escolas de educação básica e os sistemas de ensino. (Projeto Político Pedagógico do Curso de Artes Visuais- Modalidade Licenciatura, UFPEL, 2010, p.17).

Trata-se de uma abrangente ideia formativa, na qual é preciso atentar para como se constitui a formação e propor mudanças necessárias que influenciarão

também na ação futura docente. Argumenta-se sobre esse mesmo ponto, a percepção do aluno a partir do seu processo de aprendizagem como um modo de conhecer melhor sua atuação docente:

(...) consciência do professor sobre seu processo de aprendizagem. Isso possibilita ao futuro professor conhecer e reconhecer seus próprios métodos de pensar, utilizados para aprender, desenvolvendo a capacidade de auto-regular a própria aprendizagem. (Projeto Político Pedagógico do Curso de Artes Visuais- Modalidade Licenciatura, UFPEL, 2010, p.34).

A perspectiva de profissional reflexivo é retomada de modo constante no documento, em que é traçado o sentido do termo “prático reflexivo” por Kenneth Zeichner pesquisador sobre a área de formação docente e desenvolvimento profissional de professores:

Em Zeichner (2007) está a alternativa para pensar a formação de professores que aponta para o professor como um prático reflexivo, um agente ativo responsável por seu desempenho docente, um produtor do seu saber teórico, prático e teórico-prático. Encontro aí as bases para falar da formação dos professores, da relação teoria e prática, ou seja, saber e fazer artístico. (Projeto Político Pedagógico do Curso de Artes Visuais- Modalidade Licenciatura, UFPEL, 2010, p.3).

Perrenoud (2002) outro autor que aborda o conceito de “prática reflexiva”, argumenta que esta ao ser adquirida durante a formação inicial, permanece como saber nas ações em sala de aula desde que se torne parte da identidade profissional destes sujeitos. Sendo assim, a necessidade de estimular o processo de reflexão desde a graduação e retomá-lo também na formação continuada é o modo de gerar uma postura ativa desses sujeitos. O Projeto conduz esta noção salientando a aprendizagem reflexiva que se dá nas experiências vivenciadas na formação:

Assim, o professor que forma professores atuará como um prático reflexivo de sua própria experiência como um caminho seguro para a melhoria do ensino, da experiência com os alunos, das condições sociais do ensino, que influenciam o trabalho dentro da sala de aula e da própria instituição a que este professor pertence. (Projeto Político Pedagógico do Curso de Artes Visuais- Modalidade Licenciatura, UFPEL, 2010, p.31).

A “prática reflexiva” é um convite a ultrapassar as meras informações e cargas de conteúdos que nos deparamos durante a formação, e por meio da ação transformar isto em saberes exercitando a capacidade crítica frente à realidade. Como toda mudança que se busca na educação leva tempo e para isto é necessário ajustar algumas medidas para melhor efetivar as concepções que estes documentos

nos esclarecem. Através do diálogo, da expressão e manifestação de percepções é possível construir uma formação inicial mais consciente e autônoma. Desenvolver esta atitude é formar uma compreensão de si e do coletivo, assegurando-se que é por meio da própria prática como um aprendizado contínuo que se revelam os “saberes da experiência” ⁷.

A ação reflexiva abarca o fazer artístico e pedagógico, como destaca em um dos objetivos específicos no perfil do Curso de Licenciatura em Artes Visuais: “Possibilitar a formação de um profissional prático-reflexivo na área artístico-pedagógica, capacitando para enfrentar os desafios da sociedade contemporânea nas atividades de ensino-aprendizagem, artísticas e culturais (...).” (Projeto Político Pedagógico do Curso de Artes Visuais- Modalidade Licenciatura, UFPEL, 2010, p.13). O Projeto mantém como foco uma formação docente ligada ao fazer artístico, esta compreensão está vinculada a associação dos conteúdos da prática artística, saber artístico e pedagógico. Ou seja, aponta para uma formação que integre o perfil educacional com o sujeito de criação artística, pensando o educador em sua potencialidade criadora:

No caso o Curso de Artes Visuais, modalidade Licenciatura, deve assegurar ao professor uma prática-teórica do saber e do fazer artístico conectada a uma concepção de arte e de ensino da arte na perspectiva da construção do conhecimento e a consistentes propostas pedagógicas e, ainda, a formação de um professor agente de seu próprio desenvolvimento, desempenhando um papel ativo na formulação tanto dos propósitos e objetivos de seu ensino como dos meios para atingi-los. (Projeto Político Pedagógico do Curso de Artes Visuais- Modalidade Licenciatura, UFPEL, 2010, p.18).

O texto apresenta como um dos objetivos de formação capacitar para diversas formas de lidar com a experiência estética, interconectando o pensamento teórico sobre arte às experiências com a linguagem visual para melhor condução da expressividade. É ressaltado que o papel central da Arte na Educação é “(...)

⁷ Discute-se neste trecho a relação dicotômica entre a mera aquisição de informações e a experiência como fonte de um saber para a vida, segundo Larrosa (2002): “(...) a experiência é cada vez mais rara. Em primeiro lugar pelo excesso de informação. A informação não é experiência. (...) O sujeito da informação sabe muitas coisas, passe seu tempo buscando informação (...) com essa obsessão pela informação e pelo saber (mas saber não no sentido de ‘sabedoria’, mas no sentido de ‘estar informado’), o que consegue é que nada lhe aconteça. (...) gostaria de dizer sobre o *saber de experiência* é que é necessário separá-lo de saber coisas, tal como se sabe quando se tem informação sobre as coisas (...). Depois de assistir uma aula ou a uma conferência, depois de ter lido um livro (...) podemos dizer que sabemos coisas que antes não sabíamos, que temos mais informação sobre alguma coisa; mas, ao mesmo tempo podemos dizer também que nada nos aconteceu, que nada nos tocou, que com tudo o que aprendemos nada nos sucedeu ou nos aconteceu. (LARROSA, 2002, p. 21)

alicerçado na teoria-prática-reflexão do conhecimento, na construção de uma prática discursiva através da relação ensino, pesquisa e extensão universitária. ” (Projeto Político Pedagógico do Curso de Artes Visuais- Modalidade Licenciatura, UFPEL, 2010, p.3). Tendo em vista que a ação pedagógica baseada na relação teoria-prática deve ser acompanhada do processo reflexivo tanto durante sua formação docente como em sua atividade educativa futura. Assim o Projeto Político Pedagógico esclarece que, o discente tendo esta atitude sendo desenvolvida na graduação futuramente será habilitado para: "(...) produção através do trabalho com valor social, uma prática refletida na teoria que é devolvida à prática." (Projeto Político Pedagógico do Curso de Artes Visuais- Modalidade Licenciatura, UFPEL, 2010, p.10). Destaca-se como argumento a concepção que alia o ao pedagógico e surge também a figura do “mediador”:

Daí este projeto propõe uma prática pedagógica reflexiva considerando que ela:

- Coloca o professor como mediador do conhecimento e o professor-artista como agente de construção do saber e do fazer artístico;

- Evidencia o professor que tem consciência das finalidades da educação da arte e seu ensino, de suas relações com a sociedade e dos meios necessários para realização do seu ensino. Ele é professor sem deixar de ser artista; (Projeto Político Pedagógico do Curso de Artes Visuais- Modalidade Licenciatura, UFPEL, 2010, p.31).

Da mesma forma dentre os aspectos levantados para “Competências e habilidades” as DCN’s (2008) apontam para que o profissional possa “V - estimular criações visuais e sua divulgação como manifestação do potencial artístico, objetivando o aprimoramento da sensibilidade estética dos diversos atores sociais. ” (Diretrizes Curriculares Nacionais dos Cursos de Graduação, 2008, p.5). Desse modo, percebe-se que a formação curricular que o acadêmico se propõe reflete diretamente em sua prática como educador, pois é a articulação para um saber integral. As experiências que irão definir a graduação influem diretamente na forma como a arte é compreendida nas escolas e espaços educativos não formais. Levantar estas questões e discutir sobre estas concepções de ensino auxilia no processo de compreensão destes indivíduos. A relevância de pontuar estes pensamentos baseados nos regimentos é possibilitar ao discente perceber-se enquanto um profissional mais atento para as finalidades do ensino da arte e capacitado para pensar sua unicidade com a sociedade e sobre os meios que são fundamentais para a efetivação destas mudanças.

6. Considerações Finais



Este estudo sobre a formação inicial de educadores em Artes Visuais desenvolvido na Universidade Federal de Pelotas/ RS, teve como público-alvo inicialmente o grupo de discentes do último semestre do Curso do ano de 2016 e posteriormente a discussão do tema foi ampliada para docentes, familiares de alunos, funcionários e graduandos de diferentes áreas que circulavam pelo espaço do Prédio I do Centro de Artes.

Através desta pesquisa foi possível estabelecer o diálogo entre teoria e prática, aliando os conceitos de “ação- reflexiva” e “experiência estética”, na perspectiva da formação inicial do docente de Artes Visuais. Como foi apresentado através dos resultados, torna-se necessário desenvolver a percepção mais ativa dos discentes, futuros educadores de Artes, sobretudo durante a graduação. Destaco alguns pontos que surgiram como fatores de eminente importância: discutir sobre as práticas educativas do Ensino da Arte que constituem o Curso, compreender a formação nos aspectos individuais e abranger para os coletivos, reelaborar percepções sobre o trajeto durante a formação (escolhas, medos, inseguranças, pontos positivos, interesses...), questionar representações estereotipadas do que é ser artista ou professor, além disso, pensar sobre os possíveis papéis (fruidor, artista, educador, mediador/ propositor) que o profissional voltado para a área de Educação em Artes pode desempenhar na sociedade contemporânea. O desenvolvimento das atividades de pesquisa tratadas pelo viés expressivo/artístico despertou diferentes olhares para a temática abordada, suscitou experiências formativas, ampliou questionamentos sobre o Ensino da Arte, estimulou trocas e sensibilizou os indivíduos envolvidos. Além disso, a reflexão sobre o processo formativo também foi permeada pelas vivências que tive no Curso de Artes Visuais- licenciatura na UFPel durante o período de 2012 até 2015, de modo que pude juntamente com o grupo levantar questões e estabelecer o diálogo sobre o contexto estudado. As experiências propostas desencadearam reflexões de minha própria existência profissional, enquanto docente de Artes Visuais, colocando em ação o fazer pedagógico propositivo como gerador da atitude ativa para o mundo ao redor.

As reflexões da pesquisa foram sustentadas em minhas vivências de graduação no Curso. Também durante a análise dos dados, juntamente com o estudo teórico, o processo de criação artística foi desenvolvido sobre o tema servindo como base para esta escrita dissertativa. Sendo assim, foram fundamentos

na concepção e realização deste estudo, três aspectos intrinsicamente relacionados que se apresentam como base dos resultados analisados: a constituição do profissional reflexivo, a experiência estética para desenvolvimento da percepção dos sujeitos e a intencionalidade para que se realizassem todas as ações aqui discutidas:

- I) O decorrer da formação exige uma postura para que se realizem as escolhas profissionais e o pensamento de um perfil como educador que este graduando objetiva, portanto, as decisões ou incertezas também fazem parte deste perfil. Sendo assim, a ação-reflexiva (que neste estudo compreende a ação de refletir na formação docente sobre a formação individual, no aspecto coletivo e sobre o significado de formar outros sujeitos) permite desenvolver uma postura ativa e de consciência crítica dos indivíduos para o mundo ao seu redor (o Centro de Artes da UFPel, os colegas de sala de aula, outros graduandos, o Ensino da Arte na contemporaneidade...). A proposta é mover para o pensar sensível, transformar a atitude passiva de indiferença para a formação e/ou de apenas tecer críticas negativas ao Curso. É importante, durante a graduação ter oportunidade de avaliar perspectivas do ensino da Arte em nível superior em sua instituição de origem, desse modo ajudar a construir novas inquietações sobre o significado que o Curso apresenta.

- II) A experiência estética apresenta-se como geradora de uma nova postura mais sensível com o redor. Esta experiência atenta, capaz de perceber esteticamente, pode se tornar presente durante: uma mediação, ao ouvir um colega nos momentos de diálogo estabelecendo trocas, no desenrolar do processo de criação que parte da percepção inicial sobre um problema e que leva à *poiésis*, assim como ao fruir as obras no espaço da exposição. Através deste estudo foi possível desenvolver no contexto da formação a percepção sensível (o modo como o sujeito absorve mundo ao seu redor) e por meio de uma relação sensível e racional, tentar compreender de modo integral o que embasa o futuro profissional da educação através da arte. A partir da ativação do processo perceptivo se possibilitou ao grupo externalizar através da expressão poética o que significaram as vivências ou experiências obtidas na graduação.

III) Para abordar a experiência estética, como conceito Fenomenológico, é preciso destacar um dos pontos fundamentais da pesquisa que envolve a “intencionalidade”. Para que a transformação criadora e o movimento do pensar reflexivo se realizassem foi necessário que os sujeitos se colocassem em presença, dispostos para o fazer. A intenção de: dialogar, partilhar percepções, colaborar com as conversas, estabelecer trocas, se mover para a criação artística... enfim o querer do grupo em participar do projeto, não apenas pelo esforço da disposição intencional, mas também através de uma relação de entrega, de abertura e de afetividade para que de fato a experiência fosse transformadora de sentidos. Isso os desacomodou de sua rotina habitual na graduação buscando novas situações que propunham refletir sobre seu contexto.

Foi constatado através da análise dos dados, que os discentes percebem a falta de oportunidades durante a graduação para tratar sobre o tema. Todos que responderam ao questionário/entrevista apontaram a necessidade de haver mais momentos de diálogo sobre a formação. Eles demonstraram ter sido importante falar sobre o processo que os constituiu como educadores de Artes Visuais, e consideraram que:

- As atividades desenvolvidas através da pesquisa permitiram o desenvolvimento de uma poética própria. Na criação artística o grupo pode expressar os pontos de vistas e as inquietações que envolvem o educador de Artes Visuais na atualidade;

- As oficinas de “Diálogos e proposições” foram momentos em que eles puderam adquirir novas perspectivas na medida em que estabeleciam contato com diferentes percepções dos colegas e então poder reconhecer novos modos de interpretar a formação;

- A proposta de reflexão é muito interessante, pois permitiu aos alunos em fase de conclusão do Curso recordar e dar sentido para o caminho percorrido durante a graduação;

- Deveriam ser oferecidas mais oportunidades e espaços no Centro de Artes para que os alunos de Artes Visuais licenciatura da UFPel possam ter a experiência de produzir arte e expor seus trabalhos regularmente. Pois, argumentaram que somente algumas disciplinas ou projetos na graduação possibilitam a divulgação de seus trabalhos artísticos;

- Seria importante que fosse abordado durante a graduação as possibilidades do contexto de mercado de trabalho em que o licenciado em Artes Visuais pode atuar;

- É importante discutir sobre a temática da formação inicial. Sugeriram que houvesse palestras e/ou encontros tratando sobre o assunto, e então abordar estas questões com os discentes no decorrer da graduação.

A pesquisa de campo permitiu o contato com inúmeras questões trazidas pelos alunos dentro do assunto maior que foi “a formação inicial de docentes em Artes Visuais”. Considero que é de suma importância as sugestões apresentadas pelo grupo através dos diálogos que foram registrados. Através das atividades propostas e por meio da análise dos dados coletados, observa-se que se torna necessário o diálogo, como forma de retomada sobre o trajeto percorrido pelos graduandos do Curso de licenciatura em Artes Visuais. Por meio da expressão artística foi possível desenvolver uma postura reflexiva ou atitude filosófica enquanto estudante, mas principalmente como futuro educador de Artes.

A reflexão aliada à experiência estética sobre a formação inicial de professores de arte apresenta para o atual contexto da educação uma inquietude ou ação ativa para pensar sobre o processo de construção da docência. Ao longo do Curso muitas vezes não temos como prática a retomada para pensar a formação, sem a oportunidade da prática da consciência autoformativa surge assim a passividade, a anestesia diante do contexto em que vivemos e a alienação sobre tudo que constitui esse processo. Portanto, o convite para buscar uma compreensão da formação individual e coletiva acolhido pelo grupo foi muito enriquecido pelas experiências salientadas, pelos alunos, como transformadoras. Foi

possível notar também, a mudança do posicionamento dos estudantes e fruidores diversos que passaram a ter uma ação crítica e estética sobre o tema.

Saliento que durante a formação os alunos deveriam ter maior contato com os documentos que regem o Ensino Superior em Artes Visuais, pois o grupo demonstrou desconhecimento sobre como o Curso está organizado e o que essa concepção influencia na constituição de seu perfil profissional. A concepção do perfil docente que o Curso desenvolve, como foi destacado através dos regimentos, tem bases fundadas no “profissional reflexivo” e objetiva a articulação subjetiva dos aspectos formativos prezando pela autonomia do estudante nas escolhas de sua formação.

Através desta proposta de reflexão, a consciência crítica do grupo: levantou problemas, mostrou o que precisa ser modificado, provocou questões e também permitiu que o grupo pudesse se compreender neste processo valorizando os pontos positivos e percebendo que suas escolhas são importantes e determinaram sua formação no Curso. Desse modo, houve uma mudança de posicionamento no momento em que se percebem não apenas como estudantes passivos de uma rotina de aprendizado, mas desenvolvem a consciência de que é preciso desde a graduação construir responsabilidade profissional através de uma postura reflexiva e ativa. Nestes momentos o pensar crítico aliado à expressividade artística foram muito significativos para todos os envolvidos. Os resultados obtidos reverberam muitas reflexões baseadas no contexto das vivências destes indivíduos.

Referências

ALMEIDA, Célia Maria de Castro. **Ser artista, ser professor: razões e paixões do ofício**. São Paulo: Editora UNESP, 2009. p.166.

ALVES, Rubem. **Conversas com quem gosta de ensinar**. São Paulo: Cortez, 1980. p.91.

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **Filosofia da educação**. São Paulo: Moderna, 1989.

ARENDT, Hannah. **The life of mind**. New York: Harcourt Brace Jovanovich, 1977. p.283.

Associação Cultural: O Mundo de Lygia Clark. **Biografia**. Disponível em: <<http://www.lygiaclark.org.br/biografiaPT.asp>>. Acesso em: 28 de dez 2017.

BARTHES, Roland. **Aula**. São Paulo: Editora Cultrix, 1977.

BRASIL, Ministério da Educação e Cultura. Conselho Nacional de Educação. **Diretrizes curriculares Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Artes Visuais, bacharelado e licenciatura**; Resolução CNE/CP nº 1/2002, Brasília: MEC, 2008.

BRASIL, Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional- Lei Darcy Ribeiro- Nº 9.394/1996**.

BRONOWSKI, J. **Ciência e valores humanos**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1974.

BUCHELE, G. T.; TEZA, P.; SOUZA, J.A. **Métodos, técnicas e ferramentas para inovação: o uso do brainstorming no processo de design contribuindo para a inovação**. Revista Pensamento & Realidade, São Paulo, ano: XX, v. 32, n. 1, p. 61-81, 2017.

CAMPOS, Neide Pelaez. **A construção do olhar estético-crítico do educador**. Florianópolis: Ed. Da UFSC, 2002. 177 p.

CLARK, Lygia Clark. **A propósito da Magia do Objeto**. Disponível em: http://www.lygiaclark.org.br/arquivo_detPT.asp?idarquivo=20. Acesso em: 17 de dez 2017.

_____. **Caminhando**, 1964. In: revista Artcultura, Uberlândia, v. 10, n.17. P. 143-158. Dez. 2008.

_____. **Livro-Obra**. Rio de Janeiro, 1964. Disponível em: <http://issuu.com/lygiaclark/docs/1964-caminhando_p/1?e=0>. Acesso em: 29 de dez. 2017

_____. **Coleção Arte Brasileira Contemporânea**. Rio de Janeiro: FUNARTE, 1980, p.31.

_____. **Livro-obra**. Rio de Janeiro, 1983.

_____. **Obra Caminhando**, 1964. Fonte: <<http://www.artefazparte.com/2012/09/sempre-em-frente.html>>. Acesso em: 11 de dez 2017.

DEWEY, John. **Como pensamos**. 3. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1959. 289 p.

_____. **El arte como experiência**. Mexico: Fondo de Cultura Economica, 1949.

_____. **John Dewey on Education: Select Writings**. Chicago: University of Chicago Press, 1974.

DUARTE Júnior, João. **A montanha e o videogame**: Escritos sobre educação. São Paulo: Papirus, 2010.

_____. **O sentido dos sentidos**: a educação (do) sensível. Curitiba: Criar, 2004.

DUFRENNE, Michel. **Estética e Filosofia**. São Paulo: Perspectiva, 2008.

EISNER, E.W. **El ojo ilustrado**: indagación cualitativa y mejora de la práctica educativa. Barcelona: Paidós, 1998.

FERVENZA, Helio. Considerações da arte que não se parece com arte. **Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFSM**: Estética e Arte Contemporânea: entre a crise e a crítica. n. 28/29. Jan./dez. 2004. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/letras/issue/view/649/showToc>>. Acesso: 28 de dez 2017.

FONSECA, J. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GERHARDT, Tatiana. Et al. **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

JUNG, Carl G. **O homem e seus símbolos**. Tradução de Maria Lúcia Pinho. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1964.

HEIDEGGER, Martin. **La esencia del habla**. In: De camino al habla. Barcelona: Ediciones del Serbal, 1987.

LARROSA, Jorge. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. Revista de Educação. Jan/Fev/ Mar/ Abr/ 2002, nº19.

_____. **Linguagem e Educação depois de Babel**. Tradução de Cynthia Farina. Belo Horizonte: Autêntica, 2004

LIPMAN, Matthew. **O pensar na educação**. Tradução de Ann Perpétuo. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

MARTINS, Mirian Celeste. Arte, só na sala de aula? In: **Revista Educação**. Porto Alegre, v.34, n.3, p. 311-316, set./dez. 2011.

_____. **Cadernos para o professor propositor**. São Paulo: Instituto arte na escola, 2004 a 2007.

_____. **Entrevistas**: a inquietude de professores-propositores. In: Educação. Ed. 2006. V. 31. Nº.02. jul. /dez. 2006. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/reeducacao/article/view/1540>>. Acesso em: 11 de dez 2017.

_____ (org). **Mediação**: provocações estéticas, Universidade Estadual Paulista, Instituto de Artes. Pós-Graduação. São Paulo, v.1, n. 1, outubro, 2005.

MARTINS, Mirian Celeste; PICOSQUE, Gisa. **Mediação cultural para professores andarilhos na cultura**. 2ª edição. São Paulo: Intermeios, 2012.

_____. **A aventura de planar numa DVDteca**. Arte na escola. São Paulo, n. 38, p 4-5. Jul, 2005. Disponível em: <<http://artenaescola.org.br/sala-de-leitura/artigos/artigo.php?id=69345>>. Acesso em: 17 de dez 2017.

_____ (org). **Mediação**: provocações estéticas, Universidade Estadual Paulista, Instituto de Artes. Pós-Graduação. São Paulo, v.1, n. 1, outubro, 2005.

MEIRA, Marly. **Filosofia da criação: reflexões sobre o sentido do sensível**, Porto Alegre: Mediação, 2003.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **O visível e o invisível**. São Paulo: Perspectiva, 1992.

_____. **O Primado da Percepção e suas Consequências Filosóficas**. Campinas: Papyrus Editora, 1990.

_____. **Fenomenologia da Percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

NARDIM, Thaise. **As atividades de Allan Kaprow**: artes de agir, obras de viver. Revista-Valise, Porto Alegre, v.1, n.1, ano 1, julho de 2011.

NOVARINA, Valère. **Teatro dos ouvidos**. Disponível em: <<http://www.7letras.com.br/dramaturgias/teatro-dos-ouvidos.html>>. Acesso em: 22 de maio 2015.

OITICICA, Hélio. **Aspiro ao Grande Labirinto**. Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

_____. Esquema Geral da Nova Objetividade. In: FERREIRA, Glória; COTRIM, Cecília. **Escritos de artistas**: anos 60/70. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006

_____. **Obra Tropicália**, 1960. Disponível em: <<http://institutobybrasil.org.br/helio-oitica-corpo-movimento-e-arte/>>. Acesso em: 11 de dez 2017.

_____. **Nildo da Mangueira com Parangolé**, 1964. Disponível em: <http://www.digestivocultural.com/colunistas/coluna.asp?codigo=856&titulo=Parangol e:_anti-obra_de_Helio_Oitica>. Acesso em: 11 de dez 2017.

OAKESHOTT, M. **The voice of poetry in the conversation of mankind**. In: M. Oakeshott, Rationalism in politics. New York: Basic Books, 1962.

PAREYSON, Luigi. **Os problemas da estética**. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

PAUL KLEE, LE SILENCE DE L'ANGEL. (Tradução para o português: "PAUL KLEE: O DIÁRIO DE UM ARTISTA"). Direção de Michael Gaumnitz e Produção Alegria. França: Michael Gaumnitz. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=tl-mW8mZfjU>>. Acesso em: 10 de nov 2017.

PEREIRA, M.V. **A estética da professoralidade:** um estudo interdisciplinar sobre a subjetividade do professor. 1996. Tese (Doutorado em Supervisão e Currículo) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

PERRENOUD, Philippe. **A prática Reflexiva no ofício de professor:** Profissionalização e razão pedagógica. Porto Alegre: Artmed Editora, 2002. p. 232.

PROPOR. Dicionário Caldas Aulete, 2017. Disponível em: <<http://www.aulete.com.br/propor>>. Acesso em: 17 de dez. 2017.]

REFLEXÃO. Dicionário Caldas Aulete, 2017. Disponível em: <<http://www.aulete.com.br/reflex%C3%A3o>>. Acessado em: 05 de ago. 2016

REFLETIR. Site de etimologia, 2017. Disponível em: <<http://origemdapalavra.com.br/site/palavras/reflexo/>>, acessado em: 19 de set. 2017

ROCHEFORT, Carolina Corrêa. **A marca corporal como registro de existência e a pele como superfície de experiência:** o contato como paradigma para as imagens impressas do corpo. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/27879>>. Acesso em: 11 de dez 2017.

ROSE, Nikolas. Inventando nossos eus. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Nunca fomos humanos: nos rastros do sujeito.** Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

SCHÖN, Donald. **Educando o profissional reflexivo:** um novo design para o ensino e a aprendizagem. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000, p.256.

SILVA, U. R. **A Infância do Sentido**: ensino de filosofia e racionalidade estética em Merleau-Ponty. 1. ed. Pelotas: Editora e Gráfica da UFPel, 2011. v. 1, p. 198.

_____. **A infância do sentido**: aportes para o ensino de filosofia a partir de uma racionalidade estética. Pelotas, 2009. Disponível em: <http://repositorio.ufpel.edu.br/bitstream/123456789/1723/1/Ursula_Rosa_Silva_Tese.pdf>. Acesso em: 13 de out 2016.

SOARES, Maria Luiza Passos. **Estética e formação de professores**: construindo significados e sentidos a partir de vivências. In: Reunião da ANPED, 30, 2007, Caxambu. Anais GE 01- Educação e Arte. São Paulo: USP, P. 1-17, 2007.

TIBURI, Márcia. **Conversar é uma forma de amar**. Disponível em: <<http://www.marciatiburi.com.br/textos/conversareumaforma.htm>>. Acesso em: 9 de ago 2016.

TRIVIÑOS, Augusto. **Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

Universidade Federal de Pelotas/ Projeto Político Pedagógico, Reformulação **do Curso de Artes Visuais** – modalidade Licenciatura, Centro de Artes da UFPel/RS, Pelotas: 2010.

UTUARI, Solange. **Professor Propositor**. In: SEMINÁRIO DE ARTE E EDUCAÇÃO. n. 25. 2016. Montenegro. Anais Poéticas, Pesquisa e docência. 2016.

WESTBROOK, Robert. Et al. **John Dewey**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010.

WREGGE, Raquel Casanova dos Santos. **Da navegação à deriva**: Um estudo sobre a Experiência Estética na formação superior em Artes Visuais - Licenciatura. 2015. 61 f. Monografia (Graduação em Artes Visuais Licenciatura) – Centro de Artes, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2015.

ZEICHNER, Kenneth M. **Uma análise crítica sobre a “reflexão” como conceito estruturante na formação docente.** Revista Educação e Sociedade, Campinas, vol. 29, n. 103, p. 535-554, maio/ago. 2008 535 Disponível em: <<http://www.cedes.unicamp.br>>. Acesso em: 17 de jan 2017.

Apêndices

Apêndice A-

Questionário desenvolvido e publicado através do Google Formulários, acessado através do link: <<http://zip.net/bptLCW>>

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS CENTRO DE ARTE PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES VISUAIS

Questionário referente ao **processo de diálogo nas oficinas** durante a disciplina de Projeto em Artes II (TCC) e o processo de Exposição montado no saguão dois do Centro de Artes da UFPel (**Exposição Reflexus A formação docente em Artes Visuais, realizada em março de 2017**).

- Não será mencionado o nome ou identidade do entrevistado durante este processo de pesquisa.
- Escreva suas percepções com clareza e sinceridade, sobre as questões aqui tratadas.
- É totalmente livre para sua forma de escrita e de respostas que achares pertinente e relevante para abordar.

Desde já, agradeço pela sua atenção!

SOBRE AS OFICINAS: (PENSE SOBRE OS ENCONTROS EM QUE PARTICIPASTES)

1. Como foi para ti participar dos momentos de diálogo que tivemos nas oficinas “Diálogos sobre a formação docente em Artes Visuais”? Achou relevantes essas reflexões?
2. Você sentiu falta de momentos de diálogo, sobre sua formação na licenciatura em Artes Visuais, durante o período de sua graduação?

SOBRE A EXPOSIÇÃO “Reflexus A formação docente em Artes Visuais, realizada em março de 2017”:

1. Como foi para você participar desta exposição em sua formação? (Fale sobre: o que achou? Se já tinha experienciado anteriormente ser expositor? Como foi pensar na obra, escolher nome, transferir a ideia para o objeto artístico? Ver a obra no espaço expositivo?).
2. Tivesse durante sua graduação em Artes Visuais Licenciatura outras oportunidades de expor seus trabalhos artísticos? Existe algum espaço oportunizado pela faculdade para que discentes da Licenciatura possam apresentar seus trabalhos artísticos?
3. Como vê essa questão de discentes da licenciatura expor no Centro de Arte? Você percebe que essa iniciativa é bem oportunizada para os estudantes durante a formação?
4. Como foi para você enquanto licenciado produzir arte para uma Exposição? Como se sente em relação ao educador de Artes Visuais ser compreendido enquanto produtor de arte e de reflexão?

Apêndice B-

Respostas obtidas através da pesquisa por Questionário online

1. SOBRE AS OFICINAS: (PENSE SOBRE OS ENCONTROS EM QUE PARTICIPASTES) Como foi para ti participar dos momentos de conversas e criação que tivemos nas oficinas “Diálogos sobre a formação docente em Artes Visuais”? Achou relevantes essas reflexões que tivemos em grupo?

DISCENTE A- Por mais que se estudem muitas teorias, a prática em sua maioria sempre vai nos trazer uma habilidade extra, claro que a teoria é importante, mas a oficina para mim é 70% ou mais em grau de importância, pois é nela que se percebem as dificuldades, as frustrações e benefícios de ser um professor, pois quando nos reunimos trocamos experiências importantes, de estágio e outros lugares que algum colega trabalhou ou trabalha. Muitas coisas fui aprender nas oficinas, tais como: eu ser um artista, um mediador e fruidor, pois em minha concepção, eu era apenas um futuro professor, e foi através dos diálogos muito pertinentes e sinceros que fui me informado e esclarecendo que minha atividade me torna um artista também. Fiquei muito feliz em ter isso esclarecido, pois tinha aquele estereótipo de que artista é somente o que desenha bem. Mas ser artista vai além de desenhar bem ou não. Ser um fruidor é magnífico, pois abrange um todo algo que me faz sentir especial, importante para alguém sejam alunos, pacientes ou pessoas interessadas em conhecer algo, principalmente de Artes.

DISCENTE B- Muito relevante. Abriu um espaço para expormos o nosso fazer artístico. Afinal, somos arte- educadores. Nossa arte tem que ser vista.

DISCENTE C- Sim, foi relevante especialmente para escutar o ponto de vista dos colegas.

DISCENTE D- Acredito que estes encontros foram momentos propícios à reflexão. Aos alunos que estão concluindo é importante refletir e recordar de tudo o que se viveu nos anos da graduação.

2. Você sentiu falta de momentos de diálogo, sobre sua formação na Licenciatura em Artes Visuais, durante o período de sua graduação?

DISCENTE A- Sim, claro, teve diálogos, mas foram poucos, e me sentia sem voz, como só ouvissem quem fez estágios em grandes escolas. E nas periferias, o discurso era sempre o mesmo. Das dificuldades, dos problemas encontrados nas periferias, onde muitos desistem da graduação ou se formam, e nunca mais querem saber de uma sala de aula. Não que isso não deva ser dito, das dificuldades, mas pouco se falam da maravilha que é passar o conhecimento, por quê? Vejo que o próprio sistema acadêmico peca por não incentivar os futuros formandos na maravilha que é a arte, como um todo, não só a pintura, o rabisco, mas a própria História da Arte, que é lida e que é a história da humanidade, se não fossem os registros de muitos pintores

escultores, grande parte do passado, da história, seriam apenas textos, pois a verdade vem das imagens, como as de Jean-Baptiste Debret, Michelangelo Buonarroti, Tarsila do Amaral, como tantos outros. Quando fui fazer meus estágios, nenhum aluno do 5º ano conhecia Tarsila do Amaral. Isso que eu digo, a arte não deveria se prender apenas ao estereótipo do desenho no papel, mas sim como um todo. Durante a formação deveriam passar mais isso para nós, a necessidade de informarmos melhor nossos alunos nas escolas, que a arte é grande gigantesca, que vem desde a arte rupestre, e não é apenas pintura, é um conhecimento extraordinário, que nos faz viajar além dos limites, que nos dá grandes benefícios e aos outros também.

DISCENTE B- Sim. Falta de desenvolvimento de uma poética individual.

DISCENTE C- Sim, especialmente em decorrência da minha facilidade de falar, por conta disso, eu me manifestava em momentos que não eram sempre os mais apropriados, me colocando em situação desconfortável, o que poderia ser evitado, por exemplo, com acertos e discussões frequentes.

DISCENTE D- Deveria ter mais palestras, seminários ou encontros com os alunos da universidade sobre a temática.

1. SOBRE A EXPOSIÇÃO “Reflexus A formação docente em Artes Visuais, realizada em março de 2017”: Como foi para você participar desta exposição em sua formação? (Fale sobre: o que achou? Foi sua primeira exposição? Como foi pensar na obra, escolher nome, transferir a ideia para o objeto artístico? Ver a obra no espaço expositivo?).

DISCENTE A- Ver a obra é de uma emoção que não tem preço, ainda se tratando de um trabalho de Mestrado, *Reflexus*, foi um divisor de águas para mim, pois já tinha feito mediações com escolas, mas na faculdade para os futuros formandos não. É diferente e gratificante, ainda mais pelo tema proposto, que todos esses anos não tinha visto ninguém abordar, se tratando de uma preocupação com os futuros professores. Pensar nessa obra não foi fácil, foi através do diálogo importante com a professora Raquel CSW, que puder melhor abordar, até porque usei minha própria experiência de trabalhos acadêmicos e do hospital que trabalho, usando a sensibilidade, a humanização, dentro de um contexto totalmente artístico, falando sobre a arte como terapia, mostrando que os futuros professores têm outras possibilidades de atuar, não apenas numa classe de sala de aula, mas em outras áreas, como CAPS e hospitais, aplicando a arte, de forma gradual e muito prazerosa.

DISCENTE B- Não foi a primeira vez. Houve outro momento quando apresentamos nossa produção no ateliê de escultura. Ver as obras nos espaços expositivos foi como uma ficha caindo: tenho uma produção artística que em nada se diferencia da produção do bacharelado. Pensar nas obras sempre foi um processo muito intenso, demorado e extremamente doloroso. Nós expomos através de nossa produção. Catamos no fundo da alma, sentimentos e vivências represadas. Os nomes foram sempre “*insights*”- vieram no meio da noite.

DISCENTE C- Foi muito especial, não foi minha primeira exposição, mas me deu a certeza de que é algo que pode acontecer que depende realmente de alguém organizar e das pessoas produzirem, e que o tínhamos a expressar era muito mais valioso do que pensávamos. Além disso, pensar no objeto e no contexto que ele seria exposto me mostrou o quanto à prática de arte ainda faz falta na minha vida, seja no sentido de montagem, como de criação, pois ao projetar para fora, entramos em diversas reflexões a respeito do espaço, do outro, o que de certo modo fica velado na escrita e na teoria, ainda que se faça importante e essencial para ambas.

DISCENTE D- A exposição foi o momento de conclusão e reflexão das conversas sobre o ser docente. Foi interessante visualizar em forma artística o modo de pensar dos colegas de aula. Não foi a minha primeira exposição, mas nunca pensei em um objeto artístico como resultado de questionamento sobre o que é "ser professor" em Artes visuais. Eu planejei expor nos objetos artísticos, o professor como o questionador. Mesmo a profissão sendo desvalorizada, nunca podemos perder a voz.

2. Tivesse durante sua graduação em Artes Visuais Licenciatura outras oportunidades de expor seus trabalhos artísticos? Existe algum espaço oportunizado pela faculdade para que discentes da Licenciatura possam apresentar seus trabalhos artísticos?

DISCENTE A- Sim existe. Somente nas cadeiras obrigatórias como Desenho II, onde fazíamos exposições de nossas obras.

DISCENTE B- Tive outro momento, como dito acima. Mas os espaços expositivos existentes, são ocupados por exposições de artistas. Nem os discentes do bacharelado tem um local específico. Se somos "arte- educadores", entendo que nossa produção deva ser apresentada em uma exposição ao final do Curso, nos mesmos moldes do bacharelado.

DISCENTE C- Apenas nas disciplinas da Nádia. Este ano os alunos se reuniram com este intuito, para a venda de arte, achei muito importante.

DISCENTE D- Sim. Poderiam dar mais liberdade e espaços para que os alunos possam demonstrar seu lado artista/professor ou professor/artista.

3. Como vê essa questão de discentes da licenciatura expor no Centro de Arte? Você percebe que essa iniciativa é bem oportunizada para os estudantes durante a formação?

DISCENTE A- Sim bem oportunizada, porém a grande maioria das exposições é de pessoas que não são do Centro de Artes, ou já estudaram lá, deveria ter mais espaço, mas não em cadeiras obrigatórias, e sim quando um aluno quisesse expor, com sua própria experiência, daí surgiriam grandes mediadores, pesquisadores, fruidores. Daria uma liberdade grande, aos futuros professores, que iriam se animando com esse espaço e criariam bem mais, sem a interferência direta e obrigatória de uma cadeira.

DISCENTE B- Não existe essa possibilidade. As que surgiram vieram em situações excepcionais.

DISCENTE C- Não é bem oportunizada e como a prática artística fica distante da licenciatura, diversas vezes não sabemos sequer por onde começar, como lidar com editais, tudo soa muito amedrontador, e impossível. Assim, tudo que fazemos acaba tendo uma "particularidade mercadológica" inferior e perdemos espaço de exposição na universidade, pois somos comparados com os alunos do bacharelado.

DISCENTE D- Poderiam dar mais liberdade e espaços para que os alunos possam demonstrar seu lado artista/professor ou professor/artista.

4. Como foi para você enquanto licenciado produzir arte para uma Exposição? Como se sente em relação ao educador de Artes Visuais ser compreendido enquanto produtor de arte e de reflexão?

DISCENTE A- Produzir arte é inexplicável, mesmo me faz sentir realizado, importante para mim mesmo e para outro, a mediação é tudo, é o infinito, pois quando você expõe algo, está passando conhecimento, e o conhecimento não vale nada se ficar parado, deve ser passado adiante, seja na escola, num hospital, e numa sala, no museu. Por isso defendo que o diálogo, a oficina soa de extrema importância, pois sem eles, não temos a trocas de experiências, que é mega importante. A produção de arte varia muito com o público alvo, e o local. Enquanto professor de arte, vou citar uma bela frase de Clóvis de Barros: "Feliz daquele que consegue enxergar na alegria do outro o resultado das suas ações do seu investimento de sua dedicação e do seu empenho". Viva a arte, viva a vidaaaaaaaaaa!!!!!!!!!!!!!!

DISCENTE B- Aprendemos por exemplos. Estudamos o processo de criação de artista em todo o período da História da Arte. Temos um repertório artístico bem vasto. Experimentamos em ateliês. Programamos nossas aulas nos estúdios. Ao sermos professores propositores nosso fazer artístico pode e deve ser usado como forma de estimular a produção dos alunos.

DISCENTE C- Confesso que não tive muito tempo, e gostaria de ter feito algo muito mais elaborado, embora com a mesma ideia. Percebo que por ficarmos muito tempo sem produzir, acabamos por sempre reiniciar nossa relação com o processo criativo, nos dificultando não apenas nas habilidades manuais que estão adormecidas, mas também nosso poder criador, desse modo parece que sempre estamos retornando ao primeiro semestre, perdendo aquilo tudo que havíamos aprendido, é verdade que isso não é bem o que acontece, mas é a sensação causada. Honestamente hoje vejo que se eu realmente quero me embrenhar na produção artística devo ceder e entrar em um curso de bacharelado, acredito sim na possibilidade desta dupla formação, e inclusive percebo que a falta de didática é uma reclamação constante para os discentes do bacharelado, penso que o interesse é mútuo, e deveria fazer parte do programa acadêmico uma opção que associasse ambas as áreas. O Centro de Artes não enxerga a própria potência que tem no lugar, poderia ser um Centro de destaque

em Artes no país por ser um local de afeto e com tantas características raras no meio acadêmico, talvez caiba também a nós como alunos descrever mais a respeito deste local, como uma forma de empoderar o Centro de Artes como um oásis acadêmico, ainda que com defeitos, é diferenciado, tenho medo do que posso encontrar longe daqui, sei que nem sempre é assim, e mesmo no Centro de Artes os outros cursos não são tão bons como o nosso.

DISCENTE D- Há uma grande responsabilidade após a formação. E depende da experiência de cada um para aplicar esta aprendizagem nas escolas. A realidade é outra. E todos nós sabemos que o Ensino da arte ainda é desvalorizado em comparação a outras disciplinas. O Ensino da Arte funciona como uma arma de grande poder, pois gera a reflexão ao todo, a partir da autorreflexão.

Apêndice C-

Entrevistas realizadas dia 10 de março de 2017, durante o primeiro dia de abertura da exposição. E depoimento de um docente do Centro de Artes que visitou a exposição e foi mediado.

Discente B

Obras do discente B: Varal de reexistência pela arte e Livro de Artista “Cinza”.

Entrevistadora: Como foi para ti ter a oportunidade de participar de uma exposição da Licenciatura na tua graduação? Tu achas que o pessoal da Licenciatura tem espaço para expor? Como tu percebeste essa experiência?

Discente B: Acho extremamente importante porque as únicas exposições que são feitas são na disciplina de Percepção tridimensional e de Escultura. E realmente não é dado espaço, não é valorizado principalmente que é um trabalho diferenciado do pessoal do bacharelado. As questões que nós trazemos, são questões que não existem num padrão de arte. A gente buscou mais aspectos relacionados à educação e sociais, isso é diferenciado. Então até o olhar do estudante de bacharelado quando ele vê a nossa produção, chega a ser um olhar de desdém. Eu acredito que eles, apesar de estarem se preparando para serem artistas... falta um pouco de sensibilização. Não de sensibilização de aceitação do trabalho do colega, mas de sensibilização no sentido social. De olhar e perceber o que a gente está querendo dizer, expressando e a que público a gente está tentando despertar? Porque o trabalho que a gente procura desenvolver, também se pode comentar dentro de uma sala de aula. Mas essa percepção eles não têm. Pois, eles só vão ter apreciadores de Artes se a gente estimular o aluno a ser um apreciador. Acho que o trabalho começa conosco na licenciatura, para depois atingir o pessoal do bacharelado nas exposições.

Entrevistadora: Tu achaste relevante levar para outras pessoas, expressar essas percepções que a gente guarda? Achou importante ter uma exposição e participar?

Discente B: Eu acho importante, mas ter esse tipo de exposição que esse levantamento seja feito ao final e início de cada bimestre. E que haja, assim como o pessoal do bacharelado tem, ao final do curso fazer um espaço de apresentação

dentro da sala de aula. Acho que esse espaço deveria também ser oportunizado para o pessoal da licenciatura. Não digo nem misturar, porque iria misturar os olhares, e novamente nosso trabalho seria olhado com desdém. Mas de serem duas formas de expressão valorizadas, uma do bacharelado e outra da licenciatura. E nesses quatro anos que eu estou aqui eu só vi do bacharelado. As poucas da licenciatura foram da disciplina da professora Helene Sacco e esta aqui do projeto.

Entrevistadora: A gente consegue perceber, até mesmo na fala dos colegas, o medo do pessoal da licenciatura em expor. Alguns até disseram que consideram o seu trabalho “feio” em relação ao bacharelado... Como tu vê isso?

Discente B: Eu acho isso um contrassenso, se tu trabalhas com a estimulação do olhar sensível e tu tens medo de mostrar? Por isso que eu acho que essa separação entre bacharelado e licenciatura não deu certo, porque é extremamente preconceituoso. Quando perguntam se tu tens horas de exposição ou portfólio.... Onde eu iria expor? Quando é que houve a oportunidade de participar de uma exposição? E aí tu ficas olhando o trabalho do pessoal do bacharelado, e pensa porque eles criticam? Se essa linha divisória muitas vezes até é inexistente. Por isso que eu apoio a ideia da unificação, nem que seja por dois anos e depois escolhe, pois não é obrigado a fazer a parte teórica relacionada à educação. Mas justamente para ter uma compreensão de que o papel do educador de Artes Visuais é primordial para o desenvolvimento do trabalho deles. Tu só vais ter público se tiver pessoas formadas. Claro que alguns tem aptidão para o trabalho em sala de aula, outros para o fazer artístico porque ninguém é obrigado a exercer os dois juntos... mas tem que se valorizar os dois lados, pois eles caminham juntos. É um absurdo o bacharelado não ter como obrigatório o estudo da História da arte, das formas de fazer, das opções que existem... tem que saber como foi o processo. Também tem que se pensar na questão deficitária do nosso curso de ateliê. Fica restringido, na realidade se tem pouco tempo para tanta coisa, não só para questões de educação como também do ateliê.

Discente C

Obra do discente C: Entremuros

Entrevistadora: Como tu enxergas essa oportunidade de exposição do pessoal da licenciatura na tua graduação? Tivesses outras oportunidades de expor enquanto aluna da licenciatura? Percebes que não é muito fomentada essa iniciativa de licenciatura expor? Percebes algum tipo de preconceito em relação a essa proposta?

Discente C: Em primeiro lugar, acho que o momento que eu me encontro que é o período de conclusão de curso, eu não pude me dedicar na produção desta peça o quanto eu gostaria. E eu acho que esta questão que eu começo falando compreende todo o curso. Porque eu vejo que dentro da nossa carga horária a quantidade que a gente tem para se dedicar a outras coisas, ela impossibilita que a gente realmente consiga se empenhar em aprimorar as nossas técnicas artísticas. Porque a gente sabe que por mais que a gente tenha a sensibilidade artística, é uma coisa que precisa estar sempre trabalhando e se desenvolvendo. A gente está aqui para isso, e tem pessoas que entram no bacharelado só para isso. Então o desenvolvimento é importante, acho que isso edifica a obra, edifica o artista e até o professor. Só o que eu vejo dentro do Curso, é que foram pouquíssimas as possibilidades.... Aí a gente tem também, e eu senti bastante, uma pressão em relação a se formar. Enfatizando quantos se formam duas, três pessoas. A gente vê que por um lado se permite ao discente fazer outro currículo, pegar mais disciplinas do bacharelado e se formar em mais tempo. Pode. Isso é uma opção, mas ao mesmo tempo isso não é fomentado pelo Curso. Muito pelo contrário. Além disso, quando eu vi as pessoas da licenciatura expondo na galeria “A Sala”, aconteceu que um dos professores fizeram o seguinte comentário... Professores muito bons, que inclusive não tenho o que falar deles, mas que automaticamente fazem comentários que a gente não concorda, ou que diagnosticam uma situação. Essa pessoa falou: “Não ficou tão bom o trabalho e eu não sei se as pessoas da licenciatura vão ter espaço para fazer isso de novo, porque caiu o nível.” Então assim: por que caiu o nível? Essa é a questão e não: Ah! Não vai ter espaço porque caiu o nível. Então eu não vejo assim. Mesmo que seja dado o espaço acho que mais do que isso, tem que ser dado o espaço dentro do nosso currículo para isso. E aí sim, porque é realmente é repensar, e vejo que isso já está se movimentando. É preciso repensar o currículo de um professor- artista,

porque então não é mais viável que a gente seja o professor. E tem outra questão também... muitas pessoas não querem produzir arte. Querem fazer uma licenciatura com menos arte, mas vejo muito isso de medo. Mas é uma questão de pensar qual o perfil de professor que o Centro de Artes quer formar. Porque isso é uma escolha. E o Centro de Artes tem um grupo de professores-artistas muito bons, para que a gente fique como se está hoje sem repensar. Aí quem se inscreve no Curso, vai saber o Curso que está se inscrevendo quanto a carga ser maior de coisas do bacharelado ou não. Acho até que nem somente do bacharelado, mas de permissão para que você consiga produzir mais dentro do seu... e até mesmo dentro das próprias disciplinas de educação se produzir arte. Outra coisa que queria falar, é que eu vejo os professores não aceitando os trabalhos que são feitos nas disciplinas como arte. Eles veem como um exercício. Mas alguns trabalhos dificilmente não vão poder ser vistos como arte, porque são muito potentes. Pois se você entende arte como potência é difícil você considerar esse exercício como não-arte. Então eu tenho um trabalho de autorretrato, e eu acho muito bom. Eu penso se eu visse outra pessoa fazendo isso, eu iria achar muito bom então eu acho muito bom. Esses dois autorretratos conseguiram me transformar, eu consegui sair de uma fase da minha vida para outra a partir deles. Foram feitos juntos e foram expostos várias vezes aqui, porque a Nádia promove exposição. Só que ao mesmo tempo eu não posso dizer que aquilo é arte porque foi um exercício. Então é complicado, eu acho que falta conversar mais sobre isso dentro das próprias disciplinas. No entanto, alguns até no bacharelado veem como exercício o que é feito em sala de aula. Mas outros não, porque depois lhes é dada a oportunidade de fazer uma exposição ou produzir uma peça. Talvez a gente chegue ao final e descubra que foi só um exercício, mas o problema que a gente fica só no exercício.

Entrevistadora: E como percebestes esses momentos que tivemos no projeto de conversa e de diálogo? Tu achaste que foi relevante? Quero saber como tu enxergas, porque a ideia mesmo era de promover a reflexão. Como tu vê isso? Achas que falta no curso esse diálogo? Ou tu vê que não mudou nada, ou que foi ruim?

Discente C: Mudou muito e foi ótimo. E isso que eu te falei agora de ver que alguns colegas não querem ver, na graduação, mais sobre a arte... isso eu só sei, a partir desses nossos encontros. Então para ver a perspectiva dos meus colegas foi muito importante, e eu fico muito feliz de ter essa informação comigo. E gostaria até

de ter mais dessas informações comigo. Porque quando a gente ouve o outro a gente repensa muita coisa. Existe uma troca que fortalece e faz pensar em coisas que talvez não fosse pensar. Isso agrega, transforma, coloca em questão suas reflexões. Então isso é muito bom. E eu acho que falta diálogo e reflexão, mas como que falta? Que tipo de diálogo e de reflexão? A gente na época das ocupações teve várias reuniões em grandes grupos, mas as pessoas estavam em estado caótico. Porque essas reflexões não estão acontecendo agora, em estado de maior tranquilidade e realmente com seriedade? A gente tem professores sobrecarregados e eles não conseguem daí fazer uma boa alteração no nosso currículo. Não conseguem pensar na nossa grade curricular direito, não pensam porque estão extremamente presos em outros funcionalismos.

Entrevistadora: Realmente isso que falas, a gente nota muito ainda mais na nossa área de Arte educação, que as coisas são sempre feitas com muita luta. Quase que em uma perspectiva caótica para mudar.

Discente C: Sim isso é igual a medida provisória, que deveria ter sido feita a reforma na educação para ontem. Mas quando fazem é assim em cima da hora e “nas coxas”. Daí vem as tentativas... Eu até falei da arte como potência, a gente tem que enxergar a arte como vanguarda. É preciso parar de se enxergar só como constituinte histórico dos outros e arrastar a história junto com a gente. A história ela está aí e é importante, eu já fiz um trabalho só sobre a história inclusive a história da arte. Mas a gente é vanguarda e a gente tem como instituir as coisas, sugerir coisas. A carga que se tem do passado, é inevitável que ela venha mesmo, mas a gente pode promover coisas. Então a gente tem que se colocar nessa posição, e não necessariamente de uma maneira rápida. A gente pode vir de uma maneira mais reflexiva, e depois da reflexão mudar. Para quando chegar um estopim a gente falar: olha! Tudo aquilo que a gente falou.... Está vendo isso aqui funcionou. Então a constância nos diálogos, nas conversas e nas reflexões ela faz com que, ao chegar essas situações a gente consiga partir de um ponto que já existe. E não se é pego de supetão.

Entrevistadora: Como tu achas que a exposição está se relacionando com o grupo e o espaço do Centro de Arte?

Discente C: Olha eu acho que ficou dentro das nossas condições realmente um trabalho muito bom. Que quem parar para ver vai ter o que ver. Agora se vão parar

para ver.... é outra história até porque a gente expõe muitas coisas aqui. Então ficam um pouco apáticas em relação ao ver. Acho que se alguém ler aqui uma palavra que lhe chamou a atenção, essa pessoa já vai parar para pensar.

Gravações de conversas com o público interagindo durante a exposição:

Depoimentos de um docente do Curso de Artes Visuais:

Docente: Em algum momento se pergunta, você é um artista? Meus professores, na época em que eu fui estudante entre 90 e 95, tinham vários professores que tinham esta atitude. Afirmando que o discente não é artista. Parece que reverteu... parece que isto está acabando. Porque tem mais professores que entraram e que são artistas também. Mas eu... meus discentes são do bacharelado, então eu falo assim de vez enquanto. Bom quando eu percebo essas inseguranças, ou qualquer coisa. Aí eu pergunto: você é um artista? Você é artista ou não? O que você quer aí? Eu não vou dizer o que você é, você que tem que assumir. Então eu acho que é mais por conta de assumir. Assumir o que você quer ser independente do que os outros dizem. E eu tenho uma irmã que estudou para ser professora de arte, trabalha com várias coisas. Mas ela disse me formei no mestrado em história de arte, bom agora vou trabalhar como professora, mesmo que não tinha trabalhado... O que eu sou? Então ela disse assim: para ser professora era só ela dizer para ela mesma eu sou professora. E começou a fazer as coisas que os professores fazem... e ela virou professora. É isso! É em nossa cabeça. E é similar, o artista também. Ou eu sou professora e artista, e estas coisas não precisam ser separadas. É uma coisa que eu assumo isso, como profissional e como pessoa. Se é uma coisa que você escolhe, então o que os outros falam.... Então eu acho que tem um pouco de a pessoa não se assumir, um pouco de imaturidade eu acho... E a cobrança, qualquer tipo de cobrança dificulta. Em vez de cultivar a escolha ela pode te ferir como escolha. Eu não estou cobrando. Tenho discentes que produziram muito pouco este semestre só que eu não estou fazendo uma avaliação quantitativa. Ainda mais com a bagunça que foi este ano. Eu não cobre, porque se eu for propor num terceiro ano da disciplina de desenho, desenhos específicos para eles. Vou propor desenhos que não tem a ver com eles e eles não vão estar preparados para o TCC, então eu quero que eles assumam o próprio caminho deles. A gente está chegando ao final do semestre e tem pouca

produção. Mas eu vinculo eles dois. Eles podem fazer mil desenhos maravilhosos e eu vou dar uma nota para cada um e assim todo mundo fica satisfeito. E eles vão formar e não vão ter ferramentas para fazer uma produção sozinha. Então agora eu estou pensando muito mais sobre essas ferramentas e não dar notas para desenhos bem feitos. Mas eu acho que é a minha tática agora... eu mudo de tática de acordo com a situação e os limites da própria escola. Como este ano, que está realmente..., mas eu achei super bom que está gerando uma discussão!

Mediador: Bom, acho que é essa a ideia de reflexão mesmo. Pois se tem muitos medos, de desenhar, de não se sentir professor, não se sentir artista.... Pelo menos na licenciatura se percebe muito isso.

Docente: É o medo da página em branco..., mas o medo do julgamento...

Mediador: Tem isso também pelo o que os outros vão dizer.

Docente: Bom eu tenho tentado tirar das minhas aulas esse julgamento. Comparado quando eu entrei aqui em 2009, existia muito mais o julgamento. Não tinha tanto, mas tinha mais do que hoje. Eu usava mais as palavras: certo e errado. E aos poucos fui tirando aquilo. Agora falo processo de tentativa e erro. E agora processo de tentativa e tentativa. Como professor eu tenho muito que cuidar as palavras que vou usando.

Apêndice D

Tabela 6- Análise do planejamento de atividades das oficinas.

Oficinas de diálogo e proposições			
Período Ano de 2016		Atividades	Alunos
1.	23-agosto	<p><i>Brainstorming</i> com a palavra: ARTE</p> <p>Responder as seguintes questões: -O que levou a escolha do curso de Artes Visuais Licenciatura? -Como foi vista essa escolha quando falaram para as outras pessoas?</p> <p>Mediação com novelo de lã Análise do histórico escolar: -Quais as disciplinas cursadas que mais gostastes? Explique os motivos da preferência. - Quais as disciplinas cursadas que não gostas? Explique o motivo.</p>	8
2.	30-agosto	<p><i>Brainstorming</i> com a palavra: PROFESSOR-ARTISTA</p> <p>Falar a primeira palavra que vier a cabeça referente ao “professor-artista”. Anotei as respostas no quadro. Depois cada aluno escolheu 3 das palavras que mais identificam com o termo para anotar no seu caderno.</p> <p>Para trazer no próximo encontro: - Escrever um pequeno parágrafo usando essas três palavras que cada um escolheu, tentando responder à questão: Como eu compreendo o professor-artista?</p>	4
3.	06-setembro	<p>Filme de Paul Klee “O diário de um artista”. Durante o filme anotar frases ou palavras que chamaram a atenção. Discutimos sobre professor-artista</p> <p><i>Brainstorming</i> com a palavra: ARTISTA</p>	11
4.	13- setembro	<p><i>Brainstorming</i> com a palavra: FRUIDOR</p>	3

		<p>-Levei 4 pedaços de papéis coloridos e em cada um estava escrito: artista, professor, mediador e fruidor. Cada aluno irá elaborar visualmente como se enxerga quanto a estes aspectos em sua formação. Tirar uma foto.</p> <p>Buscando responder a seguinte questão como te compreendes hoje frente a esses papéis na sua formação?</p>	
5.	04-outubro	Discutindo elaboração dos trabalhos para a exposição planejamento do projeto expositivo	3
6.	11-outubro	Reunião do AGA discussão MP 746	12
7.	18 de outubro	Leitura do Projeto Político Pedagógico Gravação de áudio e imagem com a chama da vela	4
GREVE			
8.	22-novembro	Confecção do material para exposição	2

Fonte: acervo da autora, 2016.

Apêndice E

Relatório de acompanhamento de discussões através do facebook

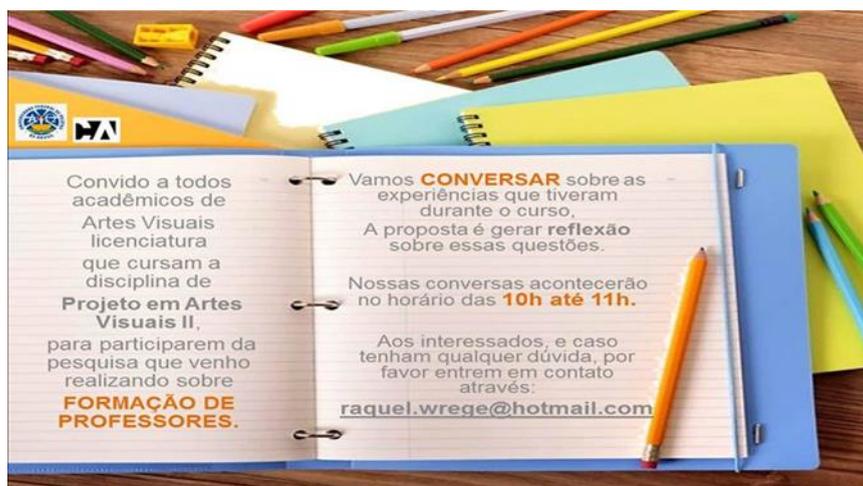


Figura 28- Convite online para participação do projeto.

Fonte: acervo pessoal, 2016

A primeira etapa das atividades após as observações das aulas, foi a elaboração de um convite via internet para os discentes da disciplina de Projeto em Artes II. O convite foi enviado através de mensagem no facebook e e-mail de cada discente da disciplina, este tipo de meio comunicacional foi escolhido por facilitar a divulgação abrangendo todos os estudantes.

No primeiro encontro de atividades conversamos sobre a relevância de um grupo no facebook, além do e-mail. O objetivo era facilitar o acompanhamento e planejamentos das atividades de modo mais efetivo, assim também auxiliar os discentes que não pudessem comparecer e para os que estiveram presentes aprofundar ideias. Com o decorrer da pesquisa, pude observar que as atividades dos discentes no grupo foram muito poucas (apenas um discente publicou questões relacionadas aos assuntos discutidos, sendo que a maioria somente visualizava as publicações, mas não se pronunciavam nas postagens). Devido à grande infrequência de alguns participantes do grupo e a inconstância da participação nas oficinas, decidi perguntar aos acadêmicos os motivos que levavam a falta de atuação nas conversas. Dentre os apontamentos: falta de tempo por estarem fazendo o TCC, que os horários

de orientação eram depois da aula e não era possível continuar, ou que estavam doentes e não puderam ir às aulas.

A partir do dia 30 de agosto, após o segundo dia de encontro, foi criado o grupo no facebook com os discentes interessados em participar da pesquisa. O grupo ficou intitulado “Formação em Artes Visuais Licenciatura”. Segue a baixo as ações de manutenção dos diálogos via internet com o auxílio do programa:

30 de agosto-

- Criação do grupo do facebook.
- Publicação do relato das atividades realizadas no dia 23 agosto
- Publicação do relato de atividades realizadas no dia 30 de agosto
- Criação do álbum de imagens sugestivas para pensarem na visualidade e materialidade dos “blocos de anotações”:

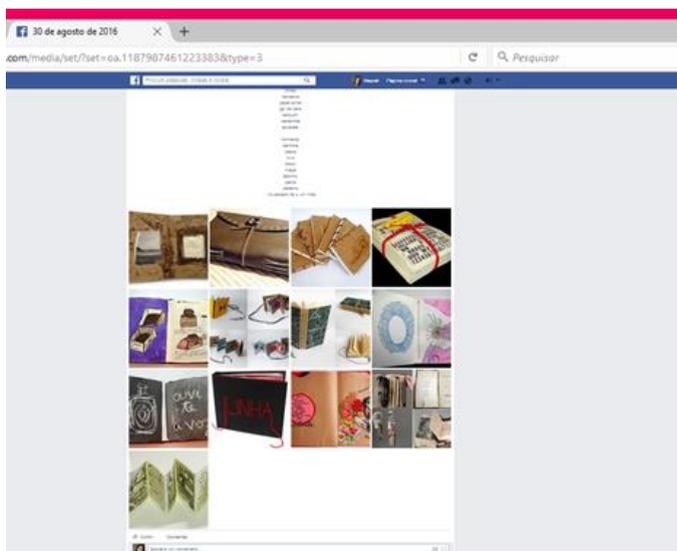


Figura 29- Álbum virtual com sugestões de ideias para a confecção dos blocos, imagens retiradas do Google com a palavra-chave “livro de artista”.

Fonte: acervo pessoal, 2016.

Armazém de ideias para livros de artista-

Pessoal, queria que fossem pensando no formato do material de registro de vocês, quanto mais tiver a cara de vocês melhor.

Coloquei aqui umas inspirações para vocês verem que tem materiais bem simples e fáceis de achar e que dão efeitos bem legais para se expressar.

Acho que podem acrescentar sugestões também, e o legal é que já dá para irem pensando na visualidade dos trabalhos de TCC de vocês!

SUGESTÕES:

colagem

música

poemas
 desenhos
 pintura
 obras de arte
 trechos de citações do TCC ou autores de vocês
 papelão
 papel vegetal
 linhas
 barbante
 papel jornal
 giz de cera
 nanquim
 canetinha
 aquarela

formatos:
 sanfona
 pasta
 livro
 bloco
 mapa
 labirinto
 pasta
 caderno



Figura 30- Descrição da atividade feita no dia 23 de agosto.

Fonte: acervo pessoal, 2016



Figura 31- Descrição da atividade feita no dia 30 de agosto.

Fonte: acervo pessoal, 2016.

13 de setembro-

- Publicação do relato de atividades realizadas dia 13 de setembro
- Publicação de uma enquete sobre quem gostaria de participar da exposição
- Publicação do relato de atividades realizadas dia 06 de setembro
- Publicação de um dos discentes sobre os trabalhos que realiza com um grupo no Hospital Espírita.
- Publicação de um dos participantes da pesquisa no grupo sobre a atividade realizada no encontro do dia 13 de setembro



Figura 32- Descrição da atividade feita no dia 13 de setembro.
Fonte: acervo pessoal, 2016.



Figura 33- Enquete sobre a participação na exposição e oportunidade de encontros em outros horários para pesquisa.

Fonte: acervo pessoal, 2016.



Figura 34- Descrição da atividade feita no dia 06 de setembro.

Fonte: acervo pessoal, 2016.



Figura 35- Publicação de um dos participantes da pesquisa no grupo sobre o trabalho que desenvolve no Hospital Espírita.

Fonte: acervo pessoal, 2016.



Figura 36- Publicação de um dos participantes da pesquisa no grupo sobre a atividade realizada no encontro do dia 13 de setembro.

Fonte: acervo pessoal, 2016.

04 de outubro-

- Publicação de um artigo no Diário Popular sobre a Exposição “Pequeno Mapeamento de Espaços Experienciados”, da professora e artista Kelly Wendt.

Este convite para que os discentes interajam mais com o espaço expositivo do Centro de Artes, A Sala, e também percebam como pode haver relação da prática artística de um docente em Artes Visuais.

- Publicação de um discente sobre o papel do professor na escola. Interessante a citação postada pelo discente de Rubem Alves, salientando o papel de provocar ou despertar nos discentes em vez de ser um professor transmissor de conhecimento. Posso perceber que as reflexões dos encontros têm estabelecido uma atitude mais atenta para estas posturas dos discentes (professor x educador)
- Publicação de um discente sobre o Filósofo Sérgio Cortella.
- Publicação do relato de atividades realizadas dia 04 de outubro.



Figura 37- Publicação sobre uma exposição realizada na Galeria A Sala do Centro de Artes da UFPel, na qual saliento sobre a relação professor-artista.

Fonte: acervo pessoal, 2016.



Figura 38- Publicação de um dos participantes da pesquisa, citação sobre o que é ser professor segundo Rubem Alves.

Fonte: acervo pessoal, Data: 04 de outubro de 2016.



Figura 39- Publicação de um dos participantes da pesquisa sobre vídeo do filósofo Sérgio Cortella “O que importa é saber o que importa!”, em que o discente relaciona com o Ensino de professores.

Fonte: acervo pessoal, Data: 04 de outubro de 2016.



Figura 40- Descrição da atividade feita no dia 04 de outubro.

Fonte: acervo pessoal, 2016.

Dia 08 de outubro-

•. Tendo em vista, a proposta de realizarmos uma exposição pedi para que me enviassem os dados necessários.

•. Surgiu com o decorrer do tempo dificuldades de efetiva participação dos discentes durante as atividades presenciais. Portanto, achei interessante aumentar mais o nível de conversação com o grupo que não estava indo aos encontros através do bate-papo no facebook. Pois, a conversa fica mais individual e eles poderiam expressar melhor suas subjetividades comigo. Dentre os cinco discentes que enviei a mensagem para perguntar se ainda se interessavam em participar a maioria me respondeu que iria tentar fazer as atividades à distância devido à infrequência, mas que colaborariam com a pesquisa.



Figura 41- Organizando a documentação dos participantes da exposição.

Fonte: acervo pessoal. Data: 08 de outubro de 2016.



Figura 42- Mudança de estratégia para a realização das atividades, possibilidade de entrega dos trabalhos pela internet.

Fonte: acervo pessoal. Data: 08 de outubro de 2016.

Dia 10 de outubro-

- Postagem sobre a atividade 6, realizada no dia 11 de outubro, em anexo foi um link explicando o que é o Projeto Político Pedagógico do Curso.
- Postagem do Projeto Político Pedagógico do Curso de Artes Visuais da UFPel, documento em PDF para acessarem caso tivessem interesse



Figura 43- Postagem sobre atividade 6, chamada para participação da gravação do áudio.

Fonte: acervo pessoal. Data: 10 de outubro de 2016



Figura 44- Postagem sobre o Projeto Político Pedagógico do Curso documento para download.

Fonte: acervo pessoal. Data: 10 de outubro de 2016

Dia 13 de outubro-

- Publicação de um discente sobre o filme “Como estrelas na Terra”

Dia 17 de outubro-

- Convite para reunião Geral do Centro de Artes (PDU da unidade e demandas, Projeto caminhões do Porto, Medida Provisória sobre ensino Médio 746).

Dia 18 de outubro-

- Após a participação na Reunião Geral, fizemos a Gravação de áudio sobre o Projeto Político Pedagógico do Curso de Artes Visuais da UFPel.

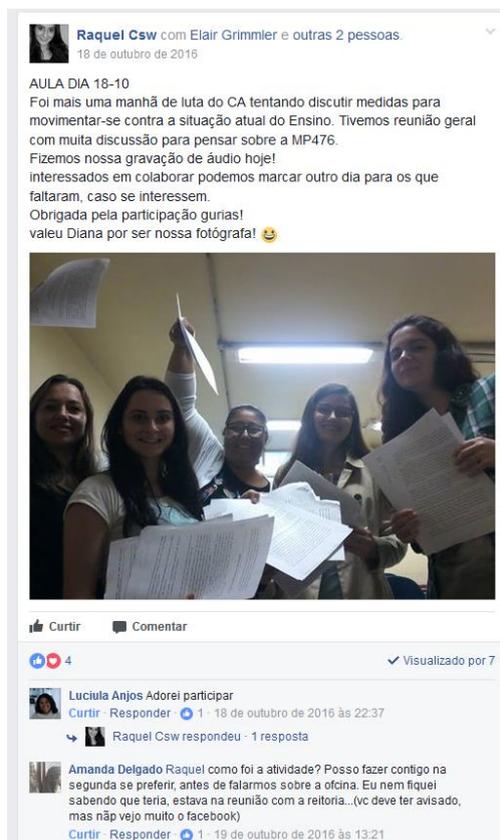


Figura 45- Postagem sobre gravação de áudio do PPP.

Fonte: acervo pessoal, 2016.

Dia 19 de outubro-

- Postagem no grupo geral do Centro de Artes e para o de pesquisa, sobre a proposição de ativar o espaço quanto às questões relativas ao Ensino da arte nas escolas. Realizei uma atividade propositiva para que escrevessem no quadro quem se interessasse sobre a situação que a Ensino da Arte estava passando quanto as alterações na lei. O quadro ficou no saguão de entrada do prédio e muitos discentes se dispuseram a escrever.

Raquel Csw
3 de novembro de 2016 · Pelotas

oi grupo!
VAMOS NOS REUNIR SEMANA QUE VEM PARA ORGANIZAR OS PAINÉIS PARA EXPOSIÇÃO???

faz tempo que não nos reunimos, mas mesmo assim podemos dar continuidade ao nosso projeto de exposição nesse período da greve. Também se torna importante continuarmos atentos para os eventos que tem acontecido no Centro de Artes e participarem, pois aprendemos muito e damos um significado maior com a ação de todos nesse movimento.

A ideia, é marcamos um dia na semana que vem para mim poderia ser quarta de tarde umas 15h, o que acham???? dai vamos se juntar em algum local no centro de artes para começarmos a montar os painéis, vou levar o papel paraná pronto para facilitar e escrevemos juntos com giz de quadro ou pastel, nossas palavras que surgiram no brainstorm. por favor me falem sobre as disponibilidades de vocês horarios ou datas que preferirem para colaborar com nossa exposição.



👍 Curtir 💬 Comentar

🔴 Jefersonrenato Dez ✓ Visualizado por 7

Ver mais 1 comentário

Luciula Anjos Eu trabalho a tarde nem pensar
Curtir · Responder 1 · 3 de novembro de 2016 às 22:13

👤 Amanda Delgado respondeu · 2 Respostas

Jefersonrenato Dez Oi, qualquer dia depois das 17hs!! ok, abração megaaa!!!!
Curtir · Responder 1 · 4 de novembro de 2016 às 19:07

Figura 47- Organizando para montagem dos painéis.
Fonte: acervo pessoal, 2016.

Raquel Csw compartilhou a foto de **Maristani Zamperetti**.
3 de novembro de 2016



Maristani Zamperetti
2 de novembro de 2016

👍 Curtir 💬 Comentar

🔴 Jefersonrenato Dez ✓ Visualizado por 6

Jefersonrenato Dez O horror..... triste eç País!!!!!! nao vamos deixar!!!!!!
Curtir · Responder 2 · 4 de novembro de 2016 às 19:08

Figura 48- Centro de Artes mobilizações sobre a MP 746.

Fonte: acervo pessoal, 2016.

Dia 14 de novembro-

- Preparando os painéis com tinta verde



Figura 49- Pintura dos painéis.

Fonte: acervo pessoal, 2016.

Dia 22 de novembro-

- Participação de dois integrantes do grupo para pintura dos painéis



Figura 50- Trabalho coletivo para confecção dos painéis.

Fonte: acervo pessoal, 2016.

Dia 6 de dezembro-

- Postagem sobre o filme “A sociedade dos Poetas Mortos”, promovendo reflexões sobre a relação entre arte e vida, para entender o papel do Ensino da Arte nas Escolas.

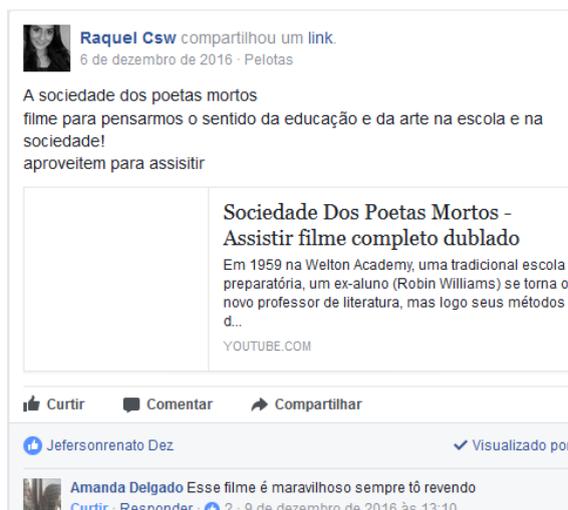


Figura 51- Filme a Sociedade dos Poetas Mortos para discutir o papel do professor de arte no sistema escolar.

Fonte: acervo pessoal, 2016.

Dia 11 de dezembro-

- Publicação de um dos discentes sobre as dúvidas e experiência.



Figura 52- Publicação de um discente sobre Jung.

Fonte: acervo pessoal, 2016.

Dia 16 de dezembro-

- Anúncio da greve da UFPel.

Dia 13 de janeiro de 2017-

- Grupo de arte *J20 Art Strike*, tratando e formas de resistência pela arte.



Figura 53- Grupo J 20, manifesto sobre arte e a relação com a política na atualidade para trabalhar sobre as mobilizações contemporâneas.

Fonte: acervo pessoal, 2017.

Dia 14 de janeiro de 2017-

- Retomada de todas as atividades que realizamos nas oficinas, última tentativa de entrega dos blocos de anotações dos discentes.

Dia 13 de fevereiro de 2017-

- Retomada de atividades após as férias dos discentes

Oi pessoal

Retornando as atividades

Nossa exposição sai agora em março

Queria que nesta próxima terça levassem os blocos de anotações de vocês quem tiver

E vamos pensar em fazer algum trabalho individual de vocês para expor.

Temática: Como compreendo minha formação em artes visuais licenciatura.

Levem as ideias de vocês pode ser qualquer tipo pintura, escultura, fotografia, montagem, livro...

Dia 18 de fevereiro de 2017-

- Postagem de discente sobre Nietzsche



Figura 54- Publicação de discente sobre uma citação de Nietzsche relacionada à Arte.

Fonte: acervo pessoal, 2017.

Dia 06 de março de 2017-

- Recolhendo os materiais para exposição



Figura 55- Reunião pré-exposição.
Fonte: acervo pessoal, 2017.

Dia 09 de março de 2017-

- Montagem da exposição e divulgação do cartaz/ convite

Reflexus:
A formação docente em Artes Visuais

Curadoria:
Mestranda Raquel Wrege
Orientadora:
Ursula Rosa da Silva

Artistas:
Amanda Delgado
Ana Safons
Jeferson Silveira
Luciula Anjos
Yanne Roberto
Raquel Wrege

Abertura da Exposição:
09 de março de 2017, quinta, 15 horas.

Local:
Centro de Artes- UFPEL
Rua Aberto Rosa, 62,
Pelotas, RS.

UFPEL **ARTES VISUAIS MESTRADO**
CENTRO DE ARTES - UFPEL

Raquel Csw em Centro de Artes - UFPEL
10 de março · Pelotas

Curtir Comentar

Amanda Delgado e Jefersonrenato Dez Visualizado por

Jefersonrenato Dez Parabéns mega DEZZZZZ. Prof. Raquel Csw, vc merece muito, ééééé abração!!!!!!!!!!!! VIVA A ARTE, VIVA A VIDA!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!
Curtir · Responder · 2 · 10 de março às 17:01

Figura 56- Convite da exposição.
Fonte: acervo pessoal, 2017.

Dia 09 de abril de 2017-

- Artigo sobre “*slow art day*” apreciar as obras com mais calma.



Figura 57- Artigo tratando sobre a fruição de obras com mais calma, denominada “*slow art day*”.

Fonte: acervo pessoal, 2017.

Dia 31 de março de 2017-

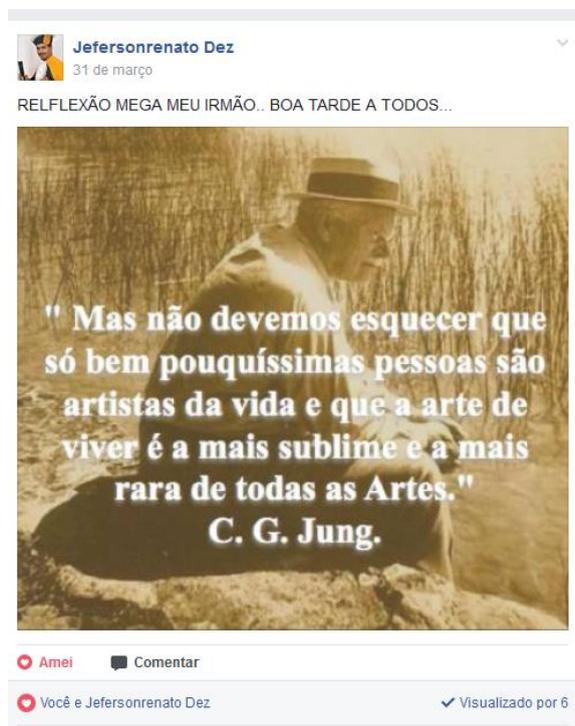


Figura 58- Publicação de discente sobre Jung tratando da relação entre arte e vida.

Fonte: acervo pessoal, 2017.

Dia 31 de maio de 2017-

 **Raquel Csw** compartilhou um link.

Olá galera!!!
 Gostaria se pudesse, que respondesse algumas questões, para ajudar na minha pesquisa. É bem simples, só acessar o link abaixo e preencher o formulário: <iframe src="https://docs.google.com/.../1FAIpQLSfioYm_ZPN3zT48G.../viewform..." width="760" height="500" frameborder="0" marginheight="0" marginwidth="0">Carregando...</iframe>

Agradeço muito pela sua colaboração!!! 😊😊

Pesquisa sobre "Reflexão na formação docente em Artes Visuais"

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
 CENTRO DE ARTE
 PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES VISUAIS-LINHA DE PESQUISA ENSINO E EDUCAÇÃO ESTÉTICA

Questionário referente ao processo de diálogo afirmado nas oficinas durante a disciplina de Projeto em Artes VISUAIS e Educação ministrada no segundo semestre do Centro de Arte da UFPEL (Disciplina Reflexão A formação docente em Artes Visuais, realizada em março de 2017).

- Não será mencionado o nome ou identidade do entrevistado durante esta pesquisa;
- Encha sua participação com clareza e sinceridade, sobre as questões aqui tratadas.
- É totalmente livre para sua forma de escrita com respostas que achar mais pertinentes e relevantes.

Obrigado, já, agradeço muito pela sua atenção!

Email address *

Your email

Pesquisa sobre Reflexão: a formação docente em Artes Visuais

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS CENTRO DE ARTE PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES VISUAIS Questionário referente ao processo de...

DOCS.GOOGLE.COM

Figura 59- Link para participar do questionário online da pesquisa

Fonte: acervo pessoal, 2017.

Apêndice F—

Diário de campo I- Relatório das oficinas

Atividade 1

23 de agosto de 2016

Explicação do motivo da pesquisa, apresentação do estudo e convite para a participação dos estudantes.

1. Brainstorming- Arte
2. Como foi escolher fazer o curso de artes visuais licenciatura?
3. Como foi visto esta escolha quando falaram para os outros?
4. Análise do histórico cursado pelos discentes. Cada um imprime e coloca no seu bloco. Quais as disciplinas que gostaram? Explique os motivos. Quais as disciplinas que não gostaram? Explique os motivos.

Ao todo na aula são 12 discentes, ficaram para a conversa somente 8. Eu decidi deixar de livre escolha a participação ou não nas atividades, quero que o grupo esteja nas conversas por interesse próprio. Demarquei o período de diálogo para 1 hora depois das aulas de Projeto, esta ação não está vinculada a disciplina, meu estágio é uma parte diferente, mas que incluiu as oficinas para coleta de dados. Inicialmente pensei que se gravasse as conversas poderia intimidar os estudantes, mas no decorrer eles mesmos disseram que eu deveria gravar como documentação das atividades. Achei interessante neste primeiro momento, saber por que havia discentes que não quiseram participar? O que pensam sobre essas atividades? Levantei inúmeros motivos:

Não é obrigatória e não vale nota, perda de tempo, tenho outras coisas para fazer, não gosto de me expressar, quero ir para casa, conversar sobre isso é chato...

No entanto, são dados que não interessam para minha pesquisa no atual momento, pois quero é realizar um processo reflexivo e pensar os resultados disso, e não focar nos motivos que uma parcela do grupo não se interessou em participar. Acho que a pesquisa tem disso, temos que estar toda hora voltando ao nosso foco inicial e lembrando qual a questão que motiva o estudo.

A primeira proposta com o grupo foi o brainstorming com a palavra arte. Inicialmente ficaram bem intimidados para falar sobre, então para motiva-los fiz duas perguntas:

O que é arte? Qual o valor da arte na nossa sociedade?

Aos poucos foram falando as palavras que vieram na cabeça.

Arte= professor-artista, escapismo, morte do artista, cores, artesanato, arte menor, potencia, expressão, devaneio, desafio, reflexão, impulso, expiração, inspiração, discentes de artes visuais licenciatura como produtores de artes, cotidiano, delírio, arte-terapia, momento para nós mesmos, luz da vida.

Depois dessa conversa inicial, pedi para irmos para a segunda etapa da aula, na qual relatam sobre escolher o curso de artes visuais licenciatura. Percebi que este tipo de diálogo permite que haja maior produção de pensamento e os discentes buscam por si tentar achar soluções, levantar problemas, repensar praticas, discutir questões de educação... um dos integrantes imediatamente levantou uma grande angustia interna. Segundo o discente, não conseguia perceber a ideia de uma formação de professor-artista sendo efetivada e que isso no curso era muito separado. A conversa se prolongou fortemente para esse aspecto, pois outros discentes também pensavam assim. Relataram experiências traumatizantes. Discutimos a partir disso, sobre o currículo atual, sobre as mudanças no Ensino da Arte no ensino superior, as dificuldades na relação professor-discente, o desestímulo durante o curso nessa percepção de professor-artista, que tipo de artista eles se referiam, outros tipos de formação em outras universidades, a ideia do professor propositor, a falta de didática dos docentes na universidade... Logo após, fizeram a atividade das escolhas das disciplinas na graduação, demonstraram enorme dificuldades quanto as que gostaram, a maioria só salientou os problemas e o que não gostou. Achei curiosa essa situação, pois o que leva os estudantes no fim do curso apenas problematizarem sua formação pelo aspecto negativo? Como sairão do curso que os forma defendendo somente o que não gostaram?

Atividade 2

30 de agosto de 2016

1. Brainstorming- Professor-artista

2. Falar a primeira palavra que vier a cabeça referente ao “professor-artista”. Anotei as respostas no quadro. Depois cada discente escolheu 3 das palavras que mais identificam com o termo para anotar no seu caderno.

3. Atividade do novelo de lã: cada discente fala a disciplina que gostou de cursar e o porquê? Depois passa o novelo de lã para outro integrante da roda que apresenta interesse semelhante, e assim segue a conversa.

Neste dia choveu bastante e participaram 4 discentes. Escolhi trabalharmos com esta palavra, por ter percebido que no encontro anterior faziam muitas referências a este termo quanto suas angústias e medos. Essa prática acabou enfatizando esta situação, suas expressões mostraram muita negatividade do grupo referente ao pessimismo, medo e inseguranças. Suas palavras faziam muitas referências à crise de formação quanto ao Curso sentiam-se confusões quanto ao termo “artista” para o professor de artes.

Professor-artista= livros, fronteiras, matriarcal, decepção, referências, cobrança, grande problema da minha vida, possibilidade, mentira, maternal, estudar, expressão, maturidade, fragilidade, imaturidade, drama, não existe empoderamento, negação, paciência, não é possível, medo.

Na segunda etapa expliquei sobre a dinâmica com o novelo, e iniciei a roda de conversas. Falei sobre a disciplina de mediação que cursei e o quanto isto me ajudou na graduação para pensar a ideia do ser professor de artes. Percebi que muitos do grupo tinham participado desta optativa, de modo que a linha foi passada pelos interesses em comum. No entanto, no decorrer da atividade o grupo de modo geral tendeu a fala para pontos negativos, tendo dificuldades de apontar o que gostou no Curso. Assim começavam uma breve introdução do que houve de bom e seguiam nos pontos negativos. Talvez sentissem mais necessidade de expressar estas angústias internas, como foi notado na primeira atividade em que se notam essas percepções quanto ao professor-artista. A grande maioria dos discentes passou a comentar relatos de “traumas” ou situações que lhes marcaram no decorrer da formação.

A1- falou do impacto que foi sair da concepção de Curso de Artes Visuais Licenciatura no Rio de Janeiro, que trabalhava muito com a ideia de professor-artista, referente à sua graduação na UFPel, que não apresentou muito essa concepção em sua prática.

A2- falou de uma situação traumatizante de um professor no Curso que falou que ela não poderia ser artista porque era professora de artes.

A3- forte negação de estar acabando uma licenciatura, mas não querer atuar no espaço da escola e impacto grande na vida dela o fato de não se considerar uma artista.

A4- dificuldade de se entender no Curso de Artes, pois veio das Letras, além de não se ver possibilidade de professor ser um artista.

Todos os discentes se cobram muito em relação a ideia de professor-artista, negando que o conceito é longe de ser praticado. Inúmeras vezes em suas falas, argumentavam a importância deste espaço reflexivo, da chance que estavam tendo com o projeto de parar para pensar e como era complicado se expressar.

Atividade 3

06-setembro-2016

1. Filme
2. Brainstorming- artista

Este encontro houve um número maior de discentes, pois substitui a aula em função de estágio docente. Levei para a turma, o filme “Paul Klee: O diário de um artista”, 2011 produção da Alemanha. O filme conta sobre a vida e obra do pintor do século XX, que viveu durante a Alemanha nazista e mostra partes do diário que ele escreveu enquanto assumiu suas atividades como professor na Escola Bauhaus em Weimar. Desse modo, levantei mais discussões sobre a importância do papel docente que Paul Klee trabalhou em diálogo com sua atuação artística. Esse filme possibilitou pensar sobre o papel de professor-artista que tanto discutíamos. Pedi para anotarem tudo o que lhes chamasse atenção no filme.

Em nossa conversa, surgiram questões sobre:

- O artista como professor
- Relação do artista e sua produção com o contexto em que vive
- Desconstrução do estereótipo do artista como intuição e gênio, mas como sujeito dedicado à criação e estudo rotineiro sobre sua produção reflexiva.

- A importância dos estudos do professor, no preparo de suas aulas como sendo possível um objeto de arte e reflexão.

Todos participaram ativamente da conversa, ficaram motivados com a temática do filme e elogiaram o projeto em tratar deste tema.

Artista= mente aberta para novas experiências, pensamento, humano, expressão, sensibilidade, revolução, produzir, todos nós somos artistas, criação, ser você mesmo.

Atividade 4

De setembro de 2016

1. Brainstorming- fruidor
2. Papéis em discussão, como você compreende sua formação (sou artista, professor, mediador e fruidor?)

Os discentes tiveram muita dificuldade com o termo “fruidor”, comentaram que não sabiam o sentido, alguns que nunca tinham ouvido falar e me pediam resposta do que era. Para que se inteirassem sobre o assunto, expliquei questões de mudança na história da arte sobre a apreciação do público com as obras. Mas pedi para que pesquisassem em casa sobre o termo e que pusessem em discussão para o grupo os significados encontrados. Aos poucos foram entendendo como sinônimos de espectador, público de arte, interação com a obra...

Após esta atividade, entreguei para cada estudante 4 recortes de papéis de diferentes cores escrito separadamente: artista, professor, fruidor e mediador. Pedi para que organizassem visualmente esses papéis do modo como se compreendiam em sua formação e como percebiam ou não relações entre esses papéis.

A primeira fala negou alguns dos papéis e disse que se via como uma artesã. Que nunca estudou mediação e não sabia o que era. Que desconhecia a palavra fruidor... foi a partir desta fala que os próprios colegas atuaram mediando de modo espontâneo a atividade e proporcionando reflexão no grupo. Discutiram sobre o que era ser artista, como o mediador pode estar inserido em situações que não precisam ser somente de arte...

A segunda fala mostrou uma interação mais ampliada com a proposta, tendo facilidade de comunicar sobre os termos e o modo como se percebia no curso.

O terceiro organizou os papéis de modo coerente para si, e explicou com facilidade a forma como se sentia, afirmando que somente por meio das oficinas que passou a se compreender como artista quando dava as aulas. Também apontou outro papel falando sobre o curador.

Fruidor= observar o todo, observar, sentir, experiência, troca com os discentes, curtir, fruidor na vida, absorver, fruidor em casa, apreciar, fluir, fruir só arte, desuso desta palavra, interação, propostas que o professor traz.

Atividade 5

04 de outubro de 2016

1. Reflexões sobre qual a última vez que você: visitou uma exposição, realizou mediação, foi mediado e criou algo artístico?
2. Ideias de trabalhos, elaboração dos painéis coletivos.

Os discentes pediram para sair mais cedo então definimos que as respostas fossem trazidas no próximo encontro. Utilizamos o dia para organizar ideias da exposição, falamos sobre a instalação do trabalho coletivo, como seria o espaço e a forma como iriam trazer os trabalhos.

Atividade 6

11 de outubro de 2016

1. Reunião do Grupo AGA junto com a diretoria do Centro de Artes, para discutir com os discentes sobre a Medida Provisória 746.

O Centro de Artes frente às alterações que se prevê na Lei sobre o Ensino Médio, passou a realizar atividades de mobilização contra as ações tomadas. Neste dia, também houve uma importante discussão sobre a Arte na educação e os movimentos anteriores pela arte. O chamado da AGA aos discentes era para lutarmos pelo campo profissional e mudar esta percepção. Convidaram os discentes para atuarem nos movimentos.

Atividade 7

18 e outubro de 2016

1. Reunião Geral do Centro de Artes sobre mobilizações, demandas dos discentes, PDU, MP 746, Projeto Porto Cultural, fórum interdisciplinar.

2. Realização da gravação de áudio sobre o Projeto Político Pedagógico do Curso com os discentes.

Após a reunião convidei os discentes para fazer uma gravação de áudio para uma das obras do grupo, falando sobre o Projeto Político Pedagógico. Com o documento em mãos, sentamos em roda e cada um falava em voz alta quando quisesse algo que achou interessante em sua leitura. Discutimos sobre o trabalho e o documento, para pensar em uma obra audiovisual.

22 de novembro

Dois discentes compareceram para preparar os painéis do trabalho coletivo.

Apêndice G—

Diário de campo II- Relatório de atividades vinculadas à Exposição “*Reflexus*”

9 de março de 2017

- Dia de montagem dos trabalhos
- Os discentes levaram pela manhã os trabalhos e expuseram no espaço de acordo com suas preferências
- Anotei título, material da obra e ano.
- Fiquei registrando os fruidores no espaço por meio de fotografias
- Elaboração de horários para expor e recolher os trabalhos dos discentes, para não ter danificação ou perdas no material.

10 de março

- Estabeleci a abertura da exposição às nove horas da manhã e encerramento para guardar as obras às 17 horas
- Alguns visitantes mostraram interesse pelos trabalhos, muitos ficaram curiosos pelo trabalho que tinha áudio, mediei dois fruidores do bacharelado em Artes Visuais.

- Confecção de um convite e cartaz para a exposição
- Divulgação

13 de março

- Procurei colocar no espaço do corredor as cadeiras de espera em forma de círculo centralizadas
- Os discentes passaram a ficar mais perto das obras e distribui almofadas para que o espaço ganhasse uma maior afetividade e ligação aos discentes
- Mediei docentes que mostraram interesse em saber mais sobre a exposição, falaram experiências próprias sobre o tema e comentaram sobre arte propositiva e relacional.

14 de março

- Discentes começaram a interagir no espaço, desenharam nos painéis, escreveram no trabalho do cartaz e se reuniam nos intervalos para conversar no espaço.

15 de março

- Bastante circulação de discentes, muitos paravam para analisar as obras com atenção, demonstraram bastante surpresa quando mediados ao comentar que era uma exposição de licenciatura.

- Discentes do bacharelado comentaram que eles também queriam ter espaço para expor no Centro de Artes e que sentem falta desta oportunidade

16 de março

- Precisei reorganizar alguns trabalhos inserindo mais informações de cartaz e organizar obras que estavam com estrutura frágil

- Notei que quando não estava muito evidente no espaço havia mais movimentação de fruição, talvez ficassem intimidados com alguém observando, passei a me distanciar para observá-los.

17 de março

- Último dia de exposição

Apêndice H—

Degração de áudio das “Oficinas de Diálogos e Proposições”:

Encontro 1

Dia: 23 agosto de 2016

Discente e- A falta de estímulo dos professores no quesito de profissão... São raros os que trabalham sobre uma profissão. A maioria dos professores separa muito, dizendo que se está fazendo licenciatura e tu tens que ser professor. E a meu ver isso não é uma coisa que se separa.

Discente c- Também tem aqueles professores que estimulavam essa questão do professor-artista, e eles mesmos descrendo do próprio estímulo. Isso quase me derrubou agora no TCC. Alguns professores te apoiam até mesmo para continuar para um bacharelado, quando de repente esse mesmo professor está duvidando de você enquanto artista porque você nunca fez uma exposição.

Pesquisadora- Seria um tipo de legitimidade?

Discente c- Eu acho que também isso, mas falta ter consciência porque nós somos a vanguarda artística. Não são mais eles infelizmente, e quando a gente estiver terminando nosso doutorado será a gente com os nossos alunos.

Pesquisadora- Mas é interessante pensarmos nisso, porque querendo ou não nossos professores são pessoas que passaram por uma formação que é bem diferente da atual.... Essa questão de ser professor-artista, podemos lembrar que aqui no Brasil temos com o Neoconcretismo: Lygia Clarck e Hélio Oiticica eles eram professores não somente artistas. E porque é tão difícil de enxergar isso? E só de pensar que no nosso Curso de licenciatura, raramente falam disso para a gente, que eles eram artistas, mas também professores... preparavam aulas, tinham alunos e faziam arte simultaneamente como profissão. Lá de vez em quando alguém nos fala: Olha esse artista também foi professor! E para quem tem dificuldade de se enxergar como professor-artista, eu sempre pergunto: Tu não és um propositor na sala de aula? Porque no momento que tu te enxergares como propositor na sala de aula, tu estás sendo um artista. Só que assim, precisamos pensar que nossos professores são pessoas que tem uma formação bem diferente da gente, só que estão tentando mudar,

nesse caso, eu quero que tu sejas um professor-artista, mas ao mesmo tempo eu não estou fazendo isso. Ou falar e nem eu mesmo me sinto assim, não consigo dar uma aula deste tipo. E fica muito controversa essa atitude, só que devemos pensar que nós é quem podemos mudar isso. Pensando que nós somos contemporâneos, quase ninguém compreende a arte contemporânea, porque nós estamos vivendo isso e fica difícil de saber se está vivendo. Então a ideia de ser um professor-artista é somente uma possibilidade, uma ideia diversificada para a formação. E a mediação também entra como uma proposta disso, de mudar essa concepção do professor que só fala, transmite e só sabe teoria da arte, mas isso é uma ideia que é recente no Curso. Então temos que perceber que é uma visão muito recente. Mas o que é legal é que o Curso tem buscado essa transformação através das horas livres ou complementares, ele propõe a escolha e para cada um refletir sobre o que lhe interessa, vocês não acham? Você ter a oportunidade de participar de uma disciplina optativa no bacharelado ou de um projeto de artistas isso vocês não acham que já é um tipo de abertura?

Discente c- Eu acho que nos projetos de Extensão mais do que na formação livre. Eu acho que as formações livres vêm com uma carga de obrigação, que a pessoa tenta fazer o possível. E acaba pegando qualquer um que der para fazer, mas o projeto já envolve uma questão de escolha.

Pesquisadora- Ainda se tem esse tipo de aversão, que tem sido difícil juntar as duas coisas, mas está tendo uma pequena abertura. Falta esse conhecimento, até mesmo de se olhar o Projeto Político Pedagógico, porque lá se pensa nessa possibilidade de que a gente pode ser um professor-artista, mas em compensação como isso acontece na realidade?

Discente e- Na prática para mim isso não acontece. Porque tu chegas aqui e ouvi de um professor que te diz: Professores são professores!

Discente c- Pior é você ouvir de duas pessoas que são professores que você admira em aula, falar várias vezes o oposto disso. Eu perdi o ânimo total pelo Centro de Artes. Mas foi ótimo porque eu trabalho com o desapaixonar.

Discente e- Mas você está saindo do Curso... E outra coisa que eu percebi, porque estou passando pelo processo de seleção do Pet, e eu escrevi um projeto pensando nisso. Porque para nós eu sinto que não existe um espaço ou possibilidades

para a gente expor os nossos trabalhos, nós da licenciatura. Porque do bacharelado tu vê o pessoal expondo, querendo expor, tanto que na “Sala” o pessoal que é do bacharelado expõe.

Discente c- Mas dessa última vez teve espaço para o pessoal da licenciatura e o pessoal estava comentando que os trabalhos estavam muito iniciais. Mas é claro, porque o pessoal não tem experiência. Como você vai fazer um trabalho maravilhoso se você só fez dois trabalhos?

Discente e- Não tem esse estímulo. Tem o fato de que a gente estuda a teoria, eu sei disso, tem que estudar mais texto. Mas a gente tinha que ter um estímulo, e não tem o mínimo.

Discente d- Mas realmente assim, eu vim pra UFPel e eu senti muito. É muito focado em licenciatura e a gente fica meio sufocado. Eu vim de transferência e quando eu estava aqui me senti muito trancada em só ser professor, eu vim do Curso de Artes Visuais Licenciatura do Rio de Janeiro. Só que aí quando eu cheguei aqui, era muitas teorias só que nesse Curso de lá eles estimulavam muito os alunos da licenciatura todo semestre a produzir trabalhos e expor. Então tinha essa preocupação, e aqui os alunos só falam da sala de aula e tem outras formas de educação.

Discente e- E eu entendo de certa forma isso, os professores sempre dizem que a gente tem que pensar uma proposta sendo aplicada dentro da sala de aula. Está bem e daí tem que ser. Mas não é só isso. Como que eu vou chegar numa sala de aula e falar de arte se eu não produzo.

Discente c- Uma coisa é questão, o Curso de Bacharelado não tem conteúdo. Isso é uma coisa que eles reclamam muito. A gente tem muito mais conteúdo artístico do que eles. Então também não é uma coisa que eu queria estar fazendo o Curso de bacharelado, mas é uma coisa que falta também muito da prática, mas a gente não tem o que perder em teoria. Mas o problema é mais o foco do que os professores dão. Você está na teoria e daí você tem que puxar para a educação. Eu acho que você tem que puxar para a educação, sim. Porque é um curso de licenciatura, mas acho que não é só. Eu até vou fazer um convite que tem o grupo “Diálogos da arte e natureza”, em que vocês vão me ver lá brigando com isso. Porque a gente é um grupo que tem teoria, tem leitura, mas eu estou puxando bastante para a prática e eu vou fazer de

tudo para que no final do ano a gente tenha espaços expositivos para esse grupo. A gente está trabalhando também propostas educativas, mas eu coloquei algumas pessoas do bacharelado no grupo. Eu acho que vai trazer essa possibilidade de se colocar como artista e não separar o artista do professor. Não virar de costas para a educação. Que é um medo que eu tenho, porque a escola é um espaço muito denegrido, muito rejeitado, a gente fala com muita negatividade. Muitas vezes a gente acaba usando o ser artista como uma fuga para não se professor. Porque a gente começa a sentir angústia na educação. E eu acho que também não seja isso. Eu acho que ser artista, sim. Ser professor, se você quiser.

Discente d- É uma coisa que também não precisa ser separado...

Discente c- Mas às vezes é separado, nesse momento eu sou artista...

Discente d- Seria uma alternativa de formação, na realidade. No meu TCC eu falo sobre isso e a minha orientadora me disse: Mas tu não podes pensar que tem que ser artista-professor. Porque tem gente que não se sente artista, e isso também não é um problema. Eu acho que em vez da gente afirmar, a gente tem que pensar que está é uma das possibilidades, como uma alternativa. Mas como vocês estão falando isso é um campo que tem que crescer. Porque, se ninguém estimular isso na gente, como é que a gente vai escolher? Escolher o tipo de professor que a gente quer ser?

Discente h- Eu acho que aqui se mata muito essa coisa do artista-professor. Tu entras aqui desenhando, pintando, tendo criatividade para algumas coisas. E eu vejo queixas de colegas que a pessoa foi morrendo, morrendo e ficou teórico e morreu isso. E chega uma hora que tu não pegas nem um lápis para pintar. Que é o que eu tenho em casa lá, eu tenho um monte de lápis esperando que eu faça, mas só consigo fazer teoria.

Pesquisadora- E tu ficas com um sentimento de culpa. Meio que assim, se tu vais desenhar tu pensas “eu tinha que estar escrevendo o meu TCC eu não deveria estar desenhando”. E isso vale para situação da arte, a gente mesmo dentro de nós mesmos, no próprio Curso da gente acabamos desvalorizando o que se tem de artístico. Porque a gente acha: Ah! Eu estou perdendo meu tempo! Ah! Eu não sei desenhar. Eu não vou fazer isso aqui...

Discente h - Eu acho que outra coisa que às vezes é muito condenado aqui, é aquela questão do que é arte e o que é artesanato. Tem muita gente que entra aqui fazendo artesanato e hoje em dia a pessoa diz que não tem nada a ver, que artesanato não dá. Poxa! Mas a primeira veia que a gente começa a se alimentar é disso. E acaba que no final vai morrendo e aí tu tentas provar para o professor lá... e tu é impedido.

Discente d- E no final tu não fazes mais nada.

Discente h - Nem o artesanato que tu fazias...

Discente c- Engraçado que o primeiro artigo que eu fiz aqui, que eu nunca fiz artesanato, se chamava "O artesanato como arte menor". Eu quis entender porque é visto como arte menor. E hoje em dia o meu trabalho fala sobre hierarquias, dicotomias. E o que eu realmente vejo aqui é o professor na defensiva. Mas é engraçado, porque o professor ele se doa o tempo todo, ele está sempre diluindo barreiras. Aí de repente você vê esse professor levantando barreiras como artista, porque de certa forma ele também não consegue admitir que você produz arte. Porque ele é artista, ele se vê como artista, ele já começou a ser reconhecido. Eu vejo muito isso, a pessoa entrar na defensiva e te boicotar como artista porque sem querer ela tem esse medo, essa angústia. Isso é assustador! Assim como eu vi em vários momentos a mesma pessoa tentava te diluir e tentava te chamar para ser artista junto também. A gente está lidando com humanos, então estamos lidando com o lado bom e o ruim de todo mundo o tempo todo.

Discente h - Eu vejo que tem começado a mudar de alguns colegas assim no meio. Está havendo algumas disposições, alguns colegas estão começando a trabalhar isso de uma forma diferente. "Eu faço artesanato!", mas eu também vejo um lado envolvido com a arte. Começa a associar, a trabalhar e bater por isso.

Pesquisadora- Como a gente estava falando.... Nossos professores tem uma formação mais antiga e diferente da nossa de hoje. E a gente está tendo essa oportunidade de mudar essa visão. Às vezes eles querem mudar isso, mas ao mesmo tempo estão repetindo uma coisa do passado que eles dizem para a gente não fazer. E isso a gente vê muito aqui. "Não façam isso na sala de aula", mas eles estão fazendo igual. E aí, como se vai mudar se não tem o exemplo? Seja um professor-artista, mas ao mesmo tempo está te cortando essa possibilidade. Eu acho que a educação tem

muito disso, porque ela está sempre mudando, sempre vai estar em crise. Porque é no meio da crise que a gente para e começa a pensar as coisas. A gente entra em muitas crises existenciais: Ah! O que eu estou fazendo nesse Curso? Porque eu existo? Enfim, a gente sempre tem alguma crise. E começa a pensar nos motivos e então se começa a ter argumento e base para ir fazer uma ação e mudar isso. Seja na sala de aula, ou seja, num projeto como vocês falaram que estão fazendo. É uma pequena ação, mas ela já está modificando. Outro aqui disse que está trabalhando com o professor de artes no colégio na educação infantil. E isso é uma ação para modificar essa visão. Não podemos achar que não estamos fazendo nada, nós estamos fazendo muito. Educação é isso, é a gente estar mudando muitas coisas assim, como a gente pode estar traumatizando pessoas. E pode ser com alguma coisa muito simples, é uma palavra que tu falas na sala de aula e que pode mudar a vida de uma pessoa e ela ir atrás disso. Como pode ser uma palavra que aquela pessoa vai ficar chocada pelo resto da vida. E se essa pessoa for inteligente ela vai a partir disso conseguir mudar essa visão. Ou outros vão ficar sofrendo com isso e não vão modificar nada. Mas a gente sempre tem que ver alguma forma de mudar. Para o pessoal que recém chegou nós fizemos um *brainstorm*, com palavras relacionadas a arte. Vocês querem colaborar? Qual o valor da arte? O que é arte?

Discente a- Arte para mim, até por causa do meu próprio trabalho, é a minha luz da vida. Sim, porque a gente vive num mundo muito corrido, as pessoas não têm tempo para parar mais. Então arte- terapia, que é a proposta do meu TCC ela mostra que todos nós precisamos de um momento para nós mesmos. E a arte ela faz isso. No meu projeto que eu faço com os pacientes. Tem diversos grupos tanto pessoal que não tem estudo, quanto quem tem grau superior. Voltando ao nível do professor-artista, eu sou um professor que não me vejo como artista.

Pesquisadora- Tu te vêes como professor, mas não como artista?

Discente a- Não, porque eu acho que não há a necessidade dessa cobrança.

Pesquisadora- É uma alternativa.

Discente a- Porque o ser artista tu podes fazer um curso técnico, no “JA” ou tu podes ser um autodidata. Tem gente que pinta e nem fez curso nenhum. Então ser artista é de cada um de nós. Quando alguém pergunta: “Tu sabes desenhar bem? Não

eu não sei, mas sei os métodos para levar a algum desenho. Eu posso ensinar a técnica.”.

Pesquisadora- Tu estás falando do artista tecnicamente.

Discente h - Sim, eu acho que a sociedade toda nos vê assim. Tu estás numa Faculdade de Artes e tu és obrigado a ser bom artista.

Pesquisadora- Bom aí temos um pensamento para repensar. Ser artista é: aquele que publica? Que é legitimado? É quem desenha bem? Aqui quem é o artista? O que é a arte? Então acho que a gente se encaminha para essa pergunta.

Discente h - É que na visão do leigo é isso.

Pesquisadora- Mas e se eu te perguntar tu não te sentes professor propositor? Quando tu vais para a sala de aula e tu propões uma coisa, será que não estás fazendo arte ali? Aí nesse momento tu comesças a te pensar como professor-artista. E é estranho isso, porque a gente tem a visão do artista muito separada do professor de artes muito forte. Por isso, porque a gente acha que o artista é aquele que publica ou desenha bem. Mas e se tu chegares na sala de aula e fizer uma proposta diferente daquele professor que se senta na frente da sala e fica falando e não deixa ninguém falar, tu já estas sendo um artista propositor. Assim como Hélio Oiticica que propunha que as pessoas da exposição fizessem arte. Então isso muda um pouquinho a visão da gente.

Discente a- É realmente eu não tinha prestado a atenção nisso.

Pesquisadora- Minha pesquisa vem um pouco disso, porque eu me sentia muito com medo de desenhar, não penso que sou artista e essa foi minha formação aqui no Curso. Mas ao mesmo tempo tu te perguntas e olha essa outra visão. Na qual também pode ser um professor- propositor. E aí tu comesças a se enxergar como artista. E assim, ajuda a se sentir mais artista pensando nessa possibilidade. Hoje temos algumas questões: como vocês decidiram fazer o Curso de Artes Visuais Licenciatura? Como foi essa decisão? Depois através do histórico impresso pelo cobalto peço que vocês separem as disciplinas que gostaram de fazer e as que não gostaram durante o Curso. Logo após, escrever o motivo que vocês gostaram de fazer. Peço para que vocês pensem sobre essas propostas, e podem continuar escrevendo

sobre isso em casa se quiserem. Para o pessoal que quiser sair, envio essa proposta depois e quem chegou agora gostaria de mais algumas palavras.

Discente G- Eu estou vivendo um dilema, não quero falar...

Pesquisadora- Mas fala sobre esse dilema. Pensa sobre como foi fazer a escolha pelo Curso e como foi recebida essa notícia quando falaram para os outros?

Discente G- Ah! Tu és doida... (risadas)

Discente a- Pediram para explicar o que é isso que eu ia fazer.

Pesquisadora - Sim.... Muitas pessoas não sabem o que é Artes Visuais. Já viram como isso é impressionante? Artes Visuais é design para a maioria.

Discente G- Mas antes era Educação Artística.

Pesquisadora - Sim ou Artes Plásticas teve o nome de Belas Artes também, olhem só as nomenclaturas que já teve...

Discente a- Olha só o trechinho que uma paciente escreveu: vinte sete anos, pós-graduada em Educação, meio social médio, diagnóstico dela é depressão. E eu botei: "Sua opinião em relação ao tratamento seu e de outros pacientes em se tratando de arte-terapia: a arte-terapia resgatou um pouco de mim que havia esquecido. Como o desenhar desenvolvendo em mim o raciocínio lógico não só meu como de outros pacientes através das diversas atividades as quais, não são impostas pelo coordenador, mas pela vontade própria da paciente. Ao perceber que algumas das atividades já fazem parte da vida de cada um. Em alguns momentos acabam por interagir e com isso acabam até por se comunicar uns com os outros tão diferentes ou iguais", que aqui ela colocou. "Como não há uma imposição por parte do coordenador, os pacientes sentem até mesmo falta das didáticas quando tem horário reservado para as visitas", nesse caso é quando eu não vou lá. Por isso que eu digo que a arte é também a luz da vida, porque quando eu não estou lá eles sentem falta. "Bah! Vós não viestes hoje, não vens no final de semana? ".

Pesquisadora- A arte ela proporciona o que para ti? Uma expressão das pessoas?

Discente a- Ah! Para mim ela é como uma realização de ver e de ajudar os outros para algo mais humano.

Pesquisadora - E aí tu te enxergas como professor-propositor?

Discente a- Isso, aí sim!

Pesquisadora - Tu vê como o Hélio Oiticica que criou aquele espaço e diz que é preciso do público para aquilo se tornar arte? Ele era um artista propositor, e como que a gente não tem como se enxergar como propositor? Pensa que tu és quem chega lá e faz as pessoas darem valor para aquilo que elas estão vivendo, através da arte. Mas tu precisas daquelas pessoas para tornar arte.

Discente a- Sim, é que lá eles têm muito essa carência também de atividade.

Pesquisadora - E aí tem essa outra relação também: será que o afetivo, o sentimento, a emoção, não é uma forma de conhecimento? Porque acho que a arte também trabalha com isso. Claro que a gente não está trabalhando só com sentimento ou emoção. Mas isso é a base de uma experiência que pode mudar a vida daquelas pessoas, é fundamental no ser humano isso. E como foi escolher o Curso e essa experiência?

Discente a- Para mim foi muito boa, eu me atrasei na faculdade, mas foi por umas questões pessoais minhas, embora não tenha dado certo com alguns professores..., mas a culpa realmente foi minha. Porque quando tu queres nenhuma pessoa vai te impedir de passar.

Pesquisadora - Mas isso também foi bom para ti por que a maturidade que tu tens hoje com certeza são diferentes se tu tivesses feito de outro modo. E isso é importante no Curso, porque a gente tem que escolher as coisas porque a gente realmente quer fazer, e não porque tem que se formar em 4 anos. Tem que fazer no tempo que quiser, até porque o TCC é o que a gente vai sair daqui como profissional é o que a gente carregou desse Curso. O que foi importante para a gente e não o que o professor disse que tinha que ser. Ele está aqui mais para te impulsionar.

Discente a- Eu adorei os estágios, quando eu entrei no Ginásio do Areal no ensino médio, depois do Lacantini no Porto que eu peguei a sexta série, quando eu trabalhei com ensino médio achei que era um bicho de sete cabeças. Só que aí tem o

negócio do sistema que te bloqueia. Quando eu cheguei lá tinha o projeto de falar sobre movimentos artísticos, mas aí a professora já me disse para escolher um ou dois movimentos. Aí eu pensei que era pouco e ela disse que eles não vão fazer nada. Aí tinha a parte de informática que eu levei eles para fazer pesquisa lá. E ela: “Não meu filho, não faça isso! Eles vão ficar só jogando”. Aí eu pensei vou levar eles lá, e ela de novo: “Não, porque lá é Linux e ninguém sabe mexer” e eu disse que eu vou lá e mexo. E ela: “Não porque lá não tem internet”. (Risos)

Pesquisadora - Quantas experiências ela estava impedindo daquelas pessoas vivenciarem?

Discente a- Eu usei um site, fiz uma pesquisa, criei uma apostila e coloquei nos computadores. E deu tudo certo e os alunos pesquisaram ali.

Pesquisadora - E se tu não tivesses insistido isso não existiria. É difícil sair do sistema, é mais fácil repetir o que os outros professores fazem impedir de as pessoas pensarem e refletirem. É muito mais fácil eu estar aqui repetindo coisas para vocês do que deixar que vocês falem. Vocês já veem como o movimento é difícil, metade da turma saiu e eu tive que voltar e explicar de novo. Mas esse é o movimento se a gente quer mudar o contexto. É mais fácil eu estar aqui largando informações do que conversando com vocês. É diferente e isso é bom para todos. E porque as pessoas não querem fazer? Porque muda esse sistema, muda tudo o que já foi dito.

Discente d- Quando chega no estágio sempre tem um monte de empecilho, tu conversas com a professora: “Ah! Não eles não fazem isso, não querem isso”, mas e ela já pensou em fazer de uma forma diferente? Quando eu cheguei no primeiro dia de aula a professora me deu um texto pronto e eles tinham que ler. E aí quando eu fui ler eu não entendia o texto que ela me deu. Ou seja, eles só repetem e respondem.

Pesquisadora - Eles não têm uma experiência, né?! É isso que a gente está falando aqui. É muito mais fácil tu repetir, tu dares um texto e o pessoal escrever na prova se está certo ou errado, já está ótimo. Mas e se tu botares uma imagem e fazer aquela pessoa escrever? Para o professor vai ser mais complicado corrigir? E para o aluno é muito complexo também. Eu pedi para o pessoal do ensino médio escrever sobre o que viam na imagem. Mas a dificuldade para escrever foi alta, eles não sabiam o que colocar, porque não era para copiar era para pensar sobre a obra de arte.

Porque a professora dava uma prova que eles tinham que ler um texto e responder: qual obra, que ano e que artista? E eles ficaram espantados: “Como assim? Escrever sobre o quê? Por que eu tenho que escrever sobre o que eu penso? ”.

Discente d- Até quando eu fui corrigir esse texto que a professora passou você não tem como avaliar aquilo dali. Tem alguns alunos que tem dificuldade de responder aquilo.

Pesquisadora - É que nem interpretação de texto, né? Você pode interpretar de mil formas, mas tem uma resposta ali que é a certa. Mas cada um entende de uma maneira diferente...

Discente d- Muitos repetiram a mesma frase, mas tinha alguns que eu achava incrível: “Em minha opinião acho...” E a professora não investiu nisso? Na criança dar a opinião própria.

Pesquisadora- E é isso que a gente vê no Curso, que vocês estão falando da formação que impede de ver outros horizontes. Ou porque a gente está condicionado desde o Ensino Básico a fazer isso “O professor pergunta e a gente responde, o professor chega na aula e diz façam isso e a gente faz”. Que quando alguém te dá liberdade e te deixa falar, tu ficas assim.... O que eu vou falar? O que eu vou desenhar? O que eu vou fazer? De fato, não estamos acostumados com isso: façam! Se expressem! A gente precisa que alguém dê uma ordem para fazer.

Discente a- É até um senhor internou sábado lá e ele viu que eu estava passando PVA com cola numa tela para eles pintar, e aí ele perguntou o que eu fazia. E eu disse estou me formando em Artes. E ele: então tu és artista? Aí eu falei não. Eu falei o que na época eu não tinha esse pensamento e agora me deu essa luz: eu sou professor de artes não sou artista. Mas na realidade eu sou também artista como tu falaste agora.

Pesquisadora- Tu podes ser se tu quiseres.

Discente a- Aí ele falou é, mas eu não sei desenhar nada. E eu disse: quem disse que o senhor não sabe desenhar? O senhor não sabe fazer uns rabiscos? Então o senhor sabe desenhar.

Pesquisadora - Então percebe que tu já estás mudando uma visão. Se tu fosses lá e dissesse para ele: então eu te ensino a desenhar. Você já está podendo uma pessoa ali, porque ela tem capacidade. Como tu dissestes tu fazes rabisco e já é desenhar. Podemos pensar que a letra é um desenho e a pessoa não percebe isso. Porque ninguém te diz isso.

Discente a- Aí eu dei para ele a tela. E ele: o que eu faço? Eu disse o senhor faz o que o senhor quiser. E ele ficou esperando.

Pesquisadora - Sim porque ele quer alguém que diga: faz uma paisagem tal. Que nem no colégio quando diziam para fazer um texto sobre as férias.

Discente a- Aí ele ficou feliz porque nunca desenhou. E agradeceu, mas eu disse: eu só dei a vara de pescar e o senhor pescou o peixe.

Pesquisadora - Você é um artista ou professor-propositor. Assim como Hélio Oiticica, que deu o espaço e a arte foi feita pelas pessoas que vivenciaram aquilo que estava ali. Que mais que é arte?

Discente G- Eu acho que é um desafio, tanto pessoal quanto para a vida.

Pesquisadora - Desafio! Olha que palavra boa. Desafio para a gente todo dia aqui na faculdade, desafio para o professor na escola...

Discente G- Sim e até para quem começa uma obra, eu acho que ela é sempre um desafio. Só para começar já é um desafio terrível e tem aquele desenrolar todo.

Pesquisadora - Legal ver o que o pessoal já está fazendo aqui no Curso para mudar essas visões e se enxergar comopositor.

Discente G- O livro é para colocar essas questões e responder?

Pesquisadora - Sim, vou enviar para vocês por e-mail tudo, mas eu quero que a gente comece as discussões aqui em sala de aula, que vocês falem os medos as inseguranças e se expressem. Que falem sobre as coisas que vocês estão fazendo para mudar isso. Aí vocês vão escrevendo nesse caderno como um diário. Coloquem sobre: como eu me sinto, como foi, como está acontecendo, os medos. Podem colocar música, trabalhos que vocês fazem, citações de autores que vocês estejam lendo. Eu

estou sendo uma propositora aqui para vocês, eu quero vocês façam isso como acharem melhor. Nesta parte aqui é do currículo, tu trouxeste o teu histórico?

Discente G- Sim. Eu já marquei as que eu gostei.

Pesquisadora- Quais as disciplinas que vocês cursaram no Curso e que vocês gostaram. Por exemplo, gostei de fazer mediação, gostei de fazer desenho ou história da arte. Tem o desenho técnico, matérias da educação... O que vocês no Curso gostaram de fazer? Qual disciplina? O porquê vai desde o professor, desde uma motivação, algo que mudou em vocês. Por exemplo, gostei de fazer mediação, mas não gostei do professor. Mas eu gostei de fazer mediação porque eu nunca tinha visto mediação, ou tinha medo de mediação, não me sentia mediadora, isso me ajudou em tal coisa. Ou porque a professora, não precisa citar nomes, me ajudou a enxergar de outra maneira, me deu uma aula diferente. Porque não me fez decorar texto, me fez pensar.

Encontro 2:

Dia: 30- 08- 2016

Pesquisadora: Escrevam três palavras dessas que falaram agora e anotem no bloco de vocês. Palavras que para vocês estejam relacionadas ao termo professor-artista.

Discente F: Para mim? Neste momento?

Pesquisadora: Sim, sintam-se à vontade para pensar mais sobre. Quem quiser falar porque já acabou, pode falar para a gente.

Discente C: Eu escolhi: mentira, maternal e fronteiras.

Pesquisadora: Mais alguém?

Discente F: Eu escolhi: não existe, mentira e fragilidade.

Discente D: Eu quero uma explicação do que é mentira.

Pesquisadora: Oi! Chegou mais gente.... Assim, hoje a palavra-chave é professor-artista, daí podes me falar o que vier na tua cabeça relacionado a isto.

Discente G: Deixa eu pensar...

Discente C: Alguma palavra que vem na tua mente sobre professor-artista?

Pesquisadora: Como tu vêes isto na tua vida? Se existe uma possibilidade ou não?

Discente G: Não! Para mim isto não é possível. Eu não quero ser professor. Eu só estou concluindo o Curso.

Pesquisadora: Mais alguma coisa?

Discente C: Cobrança!

Discente G: Medo, insegurança.

Pesquisadora: Assim, cada um de nós aqui escolheu três palavras e anotou no seu bloco.

Discente D: Eu escolhi: maturidade, livros e possibilidade.

Pesquisadora: Gente se sintam bem à vontade, não precisa ser alguma coisa negativa, caso alguém se sinta um artista... total liberdade para falar sobre isso. O objetivo é que vocês falem mesmo o que sentem.

Discente D: Para mim isto é engraçado. Porque quando eu estava em outra Universidade era positivo e quando eu cheguei aqui isto ficou negativo.

Pesquisadora: Sente que te desestimulou isso?

Discente D: É, mudou isso..., mas eu quero ouvir a explicação de vocês das escolhas antes.

Pesquisadora: Estas palavras gente são para ficar com vocês anotem que depois vamos discutir mais sobre o assunto. Aviso por e-mail o que é para fazer. Agora vamos fazer uma atividade complementar à da aula passada, que não tivemos tempo de fazer. Então peço que se juntem mais, vamos formar uma roda, se aproximem. E eu vou sentar aí junto com vocês. Bom, esta é uma atividade bem simples, eu vou

escolher alguma disciplina que eu fiz durante a Graduação e que eu gostei muito. Se alguém aqui na roda compartilha da mesma percepção então eu passo a diante esta linha do barbante para esta pessoa assim como eu antes possa falar. É legal que sejam as disciplinas em comum, mas se não for a gente vai trocando o novelo para o colega seguinte falar. Vamos começando então? Eu posso começar... acho que umas das disciplinas que eu mais gostei de fazer foi a optativa de mediação. Porque eu tinha muito medo de fazer mediação e no início não me sentia mediadora. Esse meu medo com o tempo, eu fui perdendo e vendo que não era um bicho de sete cabeças e isto mudou muito minha vida. Hoje me sinto mais capaz de conversar com as pessoas em vez de chegar a aula e sair explicando tudo que está num quadro. A mediação me ajudou a ouvir as pessoas e me ajudou muito. Foi ministrada com a Carolina Rochefort, uma das professoras que mudou bastante minha perspectiva do que é ser professor. Alguém gostou de fazer mediação?

Discente D: Vou falar sobre mediação também, eu me inscrevi porque me disseram que a professora era ótima e eu nunca tinha conhecido a Carol. E aí eu fui e experimentei, mas não sabia o que era e procurei pela ementa... Daí eu fiz e gostei muito, gostei mais pelo fato da Carol fazer tudo super bem, uma ótima didática. E até escrevi sobre isso que às vezes a gente escolhe a disciplina pelo professor e não propriamente pelas coisas que acontecem. E o que eu gostei também que vou citar aqui foi cerâmica com a Ana Paula, das práticas que a gente já fez todas da Universidade gostei mais das aulas de cerâmica. Tanto pela liberdade de fazer, quanto sei lá... posso ter uma cozinha assim em casa e aquele trabalho eu gastei mais tempo para fazer, mas eu gostei realmente de fazer aquilo ali. Diferente de outros como desenho, porque eu não gosto de desenho.

Pesquisadora: E o que isso te mudou no decorrer? Fosses com medos?

Discente D: Tu dizes mudou como professora ou como pessoa?

Pesquisadora: É as duas, porque eu vejo que isto é meio interligado, não é? Quase junto.

Discente D: Ah! Não sei, eu acho que a análise do tempo. Porque na cerâmica tem muito disso, de tu esperar, da paciência. E meio que tu extravasar, porque às vezes tu vais fazer um trabalho e tem tanta angústia para fazer aquele trabalho, já na

cerâmica tu estas livre para pensar. E eu gostei muito do ambiente da sala, na minha outra Universidade não tinha isso.

Discente F: Para mim também foi mediação e escolhi pela Carol, era a primeira vez que teria essa turma. E assim a Carol é uma figura aqui dentro da Universidade que não tem igual. Eu nunca vi um aluno dizer que não goste dela, e ela tem um carisma assim com o aluno, e mesmo que tu não queiras ter uma amizade com ela a gente tem. E ela é muito positiva, eu vi na Carol o que eu não vejo em mim. Eu fui cheia de medos, e a minha experiência de mediar foi junto com a Raquel. Eu achava que não sabia nada e lá na mediação tu vê o quanto tu sabes. Eu levei isso para dentro da escola, interferiu no meu trabalho. Eu sou uma pessoa que falo demais, e lá... Apesar de que naquele período da minha vida eu estava vivendo muitos problemas pessoais, e a aula de mediação me ajudou muito. O pessoal foi assim, superparceiro, me escutaram e apoiaram. Muitas vezes eu chorei em aula, até porque as leituras eram muito profundas e nos levavam a refletir sobre o que éramos nós, para chegar ao ponto de a gente trabalhar com a mediação e as pessoas. Fazer mediação entre um trabalho, uma expressão, um artista e o que a pessoa estava sentindo. É tudo muito profundo na mediação, eu venci muitos medos ali, aprendi acho que a escutar um pouco porque eu parava muito e o pessoal falava muito. Não venci meu medo de escrever, ali parece que me bloqueei mais e não consigo escrever. Mas não sei acho que agora tem a ver com o Curso mesmo nem tanto com aquilo ali. Para mim foi superpositivo, eu fiz muita propaganda até... porque eu saí outra pessoa de lá. O encerramento foi muito legal, onde a gente pode colocar e avaliar tudo o que a gente fez e o que falta das outras disciplinas. Porque a gente tem as disciplinas de história da arte, e tem um monte de trabalho e ninguém para... e dizem que pode mudar as ementas..., mas não é no início que a gente tem que mudar, é depois no final que tem que fazer o professor avaliar: gostaram? Não gostaram? Foi produtivo? O que aprenderam? E aí sim, no próximo semestre mudar. Eu vejo que o Curso, o que eu me deparo... eu tenho conversado com muita gente que está saindo do Curso, muito decepcionado. Que está saindo e não quer voltar, isto está me preocupando. Está bem que ele não precise disso, não precise dar aula, mas enquanto meu amigo ele me disse que ficou saturado. Porque esta saturação? Que triste... porque o Curso é muito bom. E nisso que eu não me vejo com a possibilidade de ser professor-artista, eu acho que se tinha alguma possibilidade de ser artista morreu.

Discente D: Acho que até esta disciplina de mediação fala um pouco desse ponto de professor-mediador também.

Pesquisadora: Alguém mais, gostou dessas que falamos? De cerâmica?

Discente G: Eu queria falar... eu fiz cerâmica e também gostei.

Discente C: Se fosse me perguntar não ia imaginar que foi a tua preferida senão já teria se manifestado. Porque eu não fiz mediação.

Discente G: Não, eu fiz cerâmica e não fiz mediação. Mas se fosse me perguntar agora o que eu gostei, aí eu não diria nenhuma delas.

Pesquisadora: Certo, bom então pode falar...

Discente C: Então a minha favorita foi desenho de figura humana. Uma coisa que é importante de falar, é que eu não estava conseguindo achar a disciplina favorita e eu estava sendo um pouco ingrata achando que eu não gostei de nenhuma. Mas acho que não, acho que é um pouco pelo contrário, eu gostei de muitas. Acho que quem fez algum outro Curso que não tem tanto a ver consigo sabe o quanto a gente tem sorte em algumas disciplinas daqui do Centro de Artes. Eu acho que sim tem muitos problemas, mas a gente tem que perceber que assim se a gente estivesse num Curso de exatas ou até num Curso de humanas a gente estaria se deparando com professor muito mais agressivos e muito mais desagradáveis. A gente entra aqui e aprende a relativizar as coisas, a gente tem muita liberdade que não se tem em outros lugares. Eu até vou falar um pouco mais sobre isso, porque eu não vejo o pessoal elogiar e é um problema muito grande isso. Mas por exemplo na Filosofia você entra e não escolhe se você quer amar Nietzsche ou adora o Hegel e só o Hegel está certo. E aqui a gente aprende a compreender com profundidade as coisas, e faz com que se consiga relativizar. E se apropriar de muitos universos, a gente aqui é respeitado. Temos pouca prova e muitos trabalhos, que realmente a gente precisa pensar para fazer. A gente não pode esquecer, que aqui a gente tem muitos problemas e todos esses problemas geralmente estão ligados justamente a esta diluição. A gente tem um mundo acadêmico e todas as cobranças e desgostos do mundo acadêmico e têm todas essas liberdades e isto gera uma náusea. Porque a gente acaba se encantando muito com o outro lado e a parte acadêmica traz essa náusea, para a gente ficar muito maior na gente, porque a gente tem momentos positivos aqui. E nos

outros cursos é geralmente tudo tão negativo, é aquela pressão tanta e tão agressiva do começo ao fim. Essa constância de agressividade que nos causa essa sensação de estar em um navio. E por isso, eu falei aquela palavra mentira, pois vejo que muitas vezes os professores pregam sermos capazes de ser professor-artista, mas acabamos nos distanciando porque a academia é Curso e o nome Licenciatura nos distancia um pouco da arte. Algumas pessoas não querem ser artistas, algumas pessoas só querem ser professoras e elas se sentem muito cobradas quando elas ouvem o termo professor-artista. Se sentem cobradas em trazer a pedagogia junto com a arte. Quando na verdade a gente está tendo aula com professores que se quer tenham cursado licenciatura. A Lygia Clark é tratada como artista quando na verdade ela já foi por muito tempo artista... acho que foi você que ressaltou isso na semana passada. Eu sabia, mas ninguém fala. E eu mesma não estava assimilando isso, então porque eu gostei da disciplina de desenho de figura humana? Primeiro motivo porque desconstruiu muito a questão da nudez, acho que somos de um país em que o erotismo é muito forte. E o erotismo gera inibição, preconceito... também tem a questão que eu fiz disciplinas da dança e isso me ajudou muito. Porque eu pude ver corpos nus com respeito, pessoas que estavam ali nem pelo valor, mas por amor à arte. E na questão de professor-artista, essa disciplina mexeu comigo porque eu vi na Nádia, pouco discurso e muita prática. No quesito que ela te faz entrar em uma prática artística e não te puxa o tempo todo para práticas educativas. Quando você não tem o discurso de professor-artista, mas você dá o recurso artístico para aquela pessoa aprender a ser artista, você está fazendo um trabalho muito melhor. Eu realmente só me senti artista até hoje por causa da Nádia, vendi quadros por causa da Nádia. De outros professores que sempre falam muito sobre ser professor-artista eu cheguei a ouvir que eu não era artista e que eu era uma teórica. Com licença, não é porque eu sou boa na teoria que não posso ser boa numa prática. Não é porque você não vai ver uma exposição minha que eu não sou artista. E acho que a Nádia nunca colocou isso em questão, ela simplesmente me deixou ser. Eu fiz dois autorretratos na disciplina dela que mexeram muito comigo eu coloquei todo o meu personagem artístico naquele autorretrato, então isso é muito intenso. Uma coisa que a gente pode aproveitar aqui, mas por isso eu falei da mentira. Se torna uma mentira quando os professores não acreditam e não conseguem ver na prática aquilo. Pessoas que muitas vezes são utópicas e esperançosas elas muitas vezes caem na mentira. Elas se frustram e

deixam de acreditar naquilo que estão pregando. A honestidade está na ação e não no discurso.

Discente D: Às vezes as pessoas só repetem e não percebem o que fazem.

Discente C: Então talvez falar menos o que é o termo professor-artista, e estimular mais o que é artista e o que é professor. E aí num momento de maior maturidade no Curso, e acho que é quase uma consultoria que é um dever de todo o professor quando na escola se deve mostrar as profissões que o aluno pode seguir. Aqui também isso deveria acontecer. Este currículo te possibilita a educação, artista e pesquisador...

Discente F: Mediação! Ninguém fala sobre isso...

Pesquisadora: Ninguém deixa vocês falarem?

Discente C: Reclamaram que no currículo a gente tem problema mercadológico, que se fala pouco... a Neiva fala as possibilidades.

Discente F: E outros não falam nada.

Discente C: Então eu acho que é mais uma questão de maturidade e sair dessa figura maternal que o Curso assumiu. E ir para uma figura mais profissional e menos hierárquica. Acho que os professores estão com muito medo, depois das ocupações a gente teve uma atmosfera de mudança. Toda essa tentativa, essa abertura ficou insegura.

Pesquisadora: Também vou pegar a linha para matéria de desenho, porque eu tinha muito medo. Eu realmente tinha medo de desenhar e de ser artista, e essa matéria me fez perceber que o meu artista era muito utópico que expunha em galerias e desenhava super bem. E eu fui percebendo que assim como todos, o artista é também um profissional. E como nós professores temos que preparar a aula e perceber que o teu plano de aula pode virar uma obra de arte, no momento que tu estimular teus alunos e fazer eles pensar ou criar. Sair dessa figura do artista que é ideal que tem inspiração e que é o gênio da arte. Para o sujeito que todos os dias se esforça, e trabalha em um projeto. E acho que a Nádia mostrava isso, vamos olhar, vamos desenhar, vamos criar...

Discente F: Eu também, eu lembro que tinha o monitor e ele vinha e me ajudava. E cada passo novo ele falava: que legal! Tu consegues! E isso me lembrou muito eu em sala de aula com meus alunos e a cada palavra que escreve eu apoio. Então foi bem básico, mas me ajudou muito. Lembro de quando eu fiz o personagem, e assim todo aquele medo que eu tinha de desenhar foi embora. Hoje eu consigo desenhar, senão criar eu consigo copiar ou imprimir alguma coisa de mim naquele desenho. E com o Damé na cerâmica eu também vivi isso, gostei da fala dele a gente vai trabalhar isso, mas se vocês quiserem a gente muda. E eu realmente vi que se precisasse ele iria mudar.

Discente C: Eu gosto muito de professor que dá dez para todo mundo, ele menospreza a academia e fala assim: o que vale aqui é a experiência!

Pesquisadora: Isso é importante, porque muda essa nossa mentalidade que vem da escola. De que é preciso tirar dez nas aulas, no TCC. Não é isso, o TCC carrega tudo o que ele viveu ali, e não interessa se são três ou quatro anos fazendo um Curso. O que se discute aqui é o que te mudou, a maturidade que tu levas naquele trabalho. Se é só um TCC não vale, se é só um TCC que ganhou uma nota e daí?

Discente C: Tem a Bonilha que às vezes te dá 9,8, querendo dizer que ela segue alguma lógica dela e que dentro da proposta você saiu. Assim, como tem um pensamento sobre a nota, tanto o que te dá 10 ou diferente é interessante. Agora o professor que dá nota porque não foi com a sua cara...

Discente G: Bom, vou falar que gostei de cerâmica porque nunca tinha mexido antes. Mas eu gostei bastante foi de gravura eu amei. Eu fiz a primeira cadeira com a Helena e a segunda com a Márcia, mas eu odiei. Porque eu fui lá querendo aprimorar uma técnica e não aconteceu isso.

Discente C: Ah, mas isso aconteceu porque tu foste para o dois, o ateliê é assim....

Discente G: Eu queria era aprimorar e saber muito sobre a gravura só que na prática. Eu queria que me ajudasse e me ensinasse. Eu até li num livro que a técnica te liberta, porque a partir do momento que eu aprendo uma técnica eu consigo criar, fazer outras técnicas e voar ir além. Eu precisava saber a técnica para me expressar através dela.

Discente C: Eu iria querer fazer a dois, justamente pelo o que você falou que não gostou eu iria querer fazer. Porque como eu tive na um todas as técnicas, eu não iria querer ouvir falar de técnica, eu já sei e daí quero me libertar.

Discente G: Ok, mas o que acontece? Tu vê pinceladas, tu vê uma técnica em um trabalho. Mas e as outras coisas que tu aprimoras de domínio? Saber mais coisas eu queria ir muito além.

Pesquisadora: É que geralmente o ateliê livre de gravura... pressupõe que tu te capacitas como artista e te aproprie daquele espaço para criar. Isso se torna uma dificuldade em um currículo que te põe como Licenciatura e precisa aprender todas as técnicas em apenas um semestre. E se tu queres ser um artista, um gravurista.... Então tu vais para o ateliê, porque tu és capacitado imaginasse como um artista. Mas é uma pressão demais, tanto a técnica ou liberdade demais é uma pressão para a pessoa. Mas aí cabe ao professor entender as especificidades de cada aluno.

Discente G: Mas eu falei para ela que eu queria aprender coisas novas. Mas não saiu assim. Depois eu até larguei de mão e não procurei mais.

Discente C: Deveriam explicar melhor as disciplinas.

Pesquisadora: Esse é um dos pontos para funcionar melhor: essa liberdade de currículo do nosso Curso.

Discente D: Deveria ter no site da UFPel, para a gente ver as disciplinas. Isso é parte da ementa, mas não funciona só quando começa o semestre.

Discente G: Tem um monte de gente que chegou aqui no Curso de Artes, sem querer fazer Artes, porque a nota foi para o que deu. E isso tem em vários Cursos eu fiz Geografia e me transferi para Artes. Mas na Geografia tem uma penca de gente que chega lá com a nota para o que deu. Por isso, quando se fala em professor-artista eu acho complicado. Eu prefiro o professor-propositor, como havíamos falado... esse ser artista é complicado, é um peso no ser artista.

Pesquisadora: O termo tu dizes?

Discente G: É um termo pesado quando tu só despenaste aqui dentro e não quer fazer Artes.

Pesquisadora: Aí entra a discussão do que você entende por ser artista...

Discente G: A pessoa nem se entende como artista, então é muito mais fácil tu aprenderes a ser professor-propositor, que vai chegar lá e vai mudar a realidade sem carregar aquele próprio peso.

Pesquisadora: Ao mesmo tempo que a gente vê essas palavras é possível perceber o peso que a gente carrega delas na gente. Tu falas dopositor, porque eu toquei isso aqui com vocês, mas eu só fui aprender em uma matéria optativa que cursei sozinha... E pouco se fala disso para a gente.

Discente G: Não me sinto artista não me vejo como professor-artista.

Pesquisadora: É preciso pensar que ser artista é uma outra profissão também e nesse caso, tu aliar os dois juntos para muitos é uma utopia. É maravilhoso isso quem consegue, mas a maioria de nós não se forma assim no Curso. Como a colega antes falou, ela veio de uma formação em que isso foi possível, mas quando chegou aqui não foi mais assim. É porque isso acontece? Porque a ponte entre o que se quer para o Curso e o que se faz na prática é tão grande? Tu disseste que lá no Rio de Janeiro já se saia artista, creio que seja uma união de modificar esse olhar no projeto, professores e alunos. E essa ponte entre o que querem que aconteça e o que acontece parece grande nessas conversas, a gente percebe que não acontece assim.

Discente F: Essa história de cair de paraquedas eu entrei nas Letras, mas queria Artes. Eu tinha nota para Letras, mas não para Artes. E quando eu entrei no Curso de Artes, eu fui questionada lá na porta, pois entrei com moletom de Letras: o que tu estás fazendo aqui? O próprio secretário do Curso na época disse que eu estava saindo de um curso nobre, um curso superior para um curso inferior e que eu não poderia voltar. E eu expliquei que não queria ser professora de Letras de Literatura e queria ser de Artes. Ainda perguntei quando eu saberia se consegui a reopção e ele me disse claro que tu já conseguiste. E depois durante o semestre eu sofri com essa angústia, porque ouvi de professores em aula me dizer que eu não poderia falar, porque eu resolvi dizer que eu já era professora e dava aula. Foi um conflito muito grande porque tudo o que ela falava eu sabia como era em uma escola a realidade, e aquilo ali era uma mentira. E eu tive que calar. Por isso a palavra mentira eu falei aqui. Mesmo ela tendo um lindo discurso de ter sido professora não era o que acontecia,

apesar de se achar que na escola não ocorrem mudanças... as mudanças ocorrem sim todos os dias. Todos os dias as pessoas que entram naquela escola elas saem diferentes. A escola não é sempre a mesma coisa. Isso sempre foi o meu grande problema aqui dentro, e inclusive falo isso no meu TCC. Esse foi um drama aqui, eu entrei na faculdade e desempenhava dois papéis como professora que tinha as suas dificuldades e enxerga a escola de uma maneira em relação a quem está se graduando. Nos primeiros semestres ninguém me mostrava uma boa perspectiva do que acontece em uma escola e eu não consigo entender como um Curso que forma professores e te desestimula totalmente tu a ser professor.

Discente C: Eu acho que o grande problema que vocês estão falando é a questão dos termos. Eu falo disso no meu TCC sobre as hierarquias, e essas hierarquias fazem crescer muros. E quando se tenta dissolver elas a gente também faz crescer muros porque se assusta. É como a xenofobia você começa a ver pessoas de outros países entrando, e você quer cultivar a sua cultura e acaba que cria um muro. É a mesma coisa quando você quer diluir a barreira entre professor e artista, de certo modo você vai criar mais motivos porque o artista vai contaminar o professor e o professor vai contaminar o artista.

Pesquisadora: O problema de se ver isto ainda muito separado e tem esse peso.

Discente D: Eu queria falar um pouco sobre o currículo. Aqui na UFPel tem bastante ateliê e isto para mim influencia para ser um professor-artista. De onde eu vim eles eram mais focados em ser professor, claro que tinha disciplinas artísticas, mas era mais adaptado para você colocar isto na escola. Isto eu senti falta aqui, pois o aluno vai chegar na escola não tem massa de modelar, canetinha ou tesoura... então esta Universidade auxiliava neste processo. O aluno que não tem um pincel, o que eu preciso fazer para que tenha contato com este material sem ter um pincel? Sei lá fazer com um palitinho. O que eu senti falta aqui de ter muito o ateliê te influenciando para ser o artista.

Pesquisadora: É uma boa observação também. Pois o ateliê pressupõe o teu lado mais artista, mas se eu quero trabalhar isto em sala de aula como vou levar? A visão alternativa da produção artística, no caso de uma xilogravura com todos os materiais específicos que a gente experimenta aqui, por ser um Curso que trabalha

em ateliês de produção livre também..., mas como trabalhar a gravura em uma escola? Os professores dificilmente conseguem transitar esse diálogo entre o nível alto da produção artística mais profissionalizada para um fazer que na realidade escolar é outro e bem diferente.

Discente G: Que nem foi na aula de fotografia, aprender a fazer a câmera com cano. Mas como que eu vou fazer aquilo com crianças em sala de aula? A gente gastou e demorou um monte nisso, só que não tem como dar uma aula em escola assim. Se eu que fiz fotografia e não sei lidar com a minha máquina digital que eu tenho em casa. O que os alunos têm? Provavelmente o celular. E o que você pode trabalhar da fotografia em um celular? Mudar artisticamente da fotografia falando de um celular e eu nem sei... e a minha câmera digital também não sabia. Ficamos em cinco aulas fazendo a máquina de cano que eu jamais vou fazer em sala de aula. Eu odiei fotografia.

Pesquisadora: Precisamos pensar nisso, se mal conseguimos encontrar material de revelação e fotografia para a gente... imagina como fazer com trinta alunos em uma aula de menos de trinta minutos?

Discente G: Se eu não vou usar isso para fazer na sala de aula eu acho que condensa isso, apresenta só a ideia e usa o tempo livre para coisas que eu vou fazer em sala de aula.

Pesquisadora: Pensar em de repente ter o contraponto, uma aula vamos fazer a gravura em madeira e depois como fazer isso em sala de aula? Provocar um movimento de criação de como trabalhar aquilo na realidade.

Discente G: A realidade não te oferece essa possibilidade então tu dá uma pincelada.

Discente D: Minha aula de gravura era pegar aquele isopor de carne que a gente compra, a criança tem isso, e usar na escola. Não tem como se usar esses tipos de coisa... ah! Mas traz a criança na Universidade e não é tão simples assim.

Discente G: Aquelas goivas a gente não tem para levar na aula... então essa parte que tu falas a gente realmente não tem.

Discente D: Eu comentei a de pré-estágio e eu acho que tinha que reformular. Tem três de pré-estágios que poderiam ser condensados, pois é muita coisa para a mesma coisa.

Pesquisadora: Acho que é importante a gente falar mais sobre os nossos estágios, porque a gente acaba na escola e poucos professores querem discutir o que acontece, você simplesmente está lá. E a gente necessita falar sobre um Discente com síndrome de Down e como trabalhar com eles..., mas não acontece isso. Acho que a ação prática do estágio aliada a um pensamento reflexivo disso teria mais sentido do que os pré-estágios encerrados em leituras e teorias. Queres falar das palavras que escolheste?

Discente G: Eu acho que mais seria a ideia de um artista-propositor em vez de professor-artista. Quando tu estás disposto a dar o melhor de si consegue ser um artista-propositor. Tu vais lá com essa bagagem que se leva e consegue com vontade ser um artista propositor em vez de professor-artista. Eu na verdade não quero ser nada, eu não quero ser professor, eu quero é sair correndo. Mantém a ideia do medo. Eu na verdade não quero ser professora... nem artista, nem professora, nem propositora, nada!

Pesquisadora: Como tu queres expressar isso?

Discente G: Coloca negação! Quando eu fui para o meu estágio e fiquei na frente e olhei aquele monte de gente. Eu pensei: eu não quero ser professora. Quero ir embora. E fiquei feliz com o meu estágio quando eu acabei. Só que eu estou repetindo isso demais dentro de mim e está ficando meio caótico. Pode ser que eu mude e seja uma fase da vida, mas agora está tudo dentro de mim assim....

Pesquisadora: Bom independente da mudança o importante é tu assumires. Por exemplo, eu não gosto disso. Agora como tu vais transformar isso positivamente? Queres fazer outro Curso? Refletir sobre outra forma de agir na tua vida, ou buscar formas alternativas que não a sala de aula como espaço de trabalho quanto tua formação aqui. Ou pensar mais sobre esse teu não gosto disso, se é algum medo alguma coisa que tu sofreste e que te causou traumas. E isso não está te ajudando. Sempre tem que pensar porque a negação te impulsiona para algum horizonte. Te leva para algum lugar, a negação nem sempre é negativa... ela pode ser parte do

momento de mudança. A crise, não é? A palavra crise tem dentro a palavra crie. É dentro da crise que a gente se movimenta. Se tudo ficasse perfeito não acontece e fica parado. Tu pensas não tenho dinheiro para comprar merenda hoje então vou levar pipoca e eu levo e todo mundo gosta. É o não que muda! E todo mundo tem que passar pela crise, eu acho que o momento de fim de Curso é importante por causa disso, te faz ver o que aconteceu.

Discente E: Pode ser também que ela esteja saturada.

Discente G: De repente daqui um tempo eu possa mudar ou não, ver para que lado vai a vida...

Pesquisadora: Mas é bom poder refletir sobre isso, se eu deixar guardado dentro de mim não sai nada. Mas se tu pegar o teu caderno e escrever sobre isso, o que te aconteceu, o que tem de bom... ajuda.

Discente G: Eu acho assim.... o Jeferson trabalha no hospital. Ele é um professor, mas não chamado de professor, porque trabalha em um hospital e faz propostas relacionadas à arte. A relação com os pacientes é diferente do ser professor. As pessoas que vão ao laboratório dele, vão porque querem não tem uma cobrança. São livres para se expressar. Diferente da escola e isso que não gosto da escola. O aluno tem que estar lá sentado e não quer fazer, mas a escola não está preparada às vezes para receber o professor de Artes e o aluno não está preparado para uma aula de Artes. E isso gera uma bagunça, e no trabalho do hospital é diferente. Eu me sentiria muito bem num ambiente assim.

Pesquisadora: Anota isso no teu caderno, porque tem várias profissões dentro do Curso de Artes, pode ser professor, arte-terapeuta, trabalhar aliada a psicologia, mediador em um museu...

Discente D: E talvez seja muito do público, lidar com crianças ou pessoas mais velhas muda. Eu me sinto forçada, como eu vou ter influência diante de cinquenta cabeças na minha frente?

Discente G: É isso o que eu penso sabe. Eu não quero ser a dona de uma verdade.

Pesquisadora: Tem que ter a sensibilidade dependendo da situação social que tu estás inserido. Num ensino fundamental, não dá para querer ensinar altas técnicas de pintura e pensar que as crianças vão fazer uma aula que nem estivessem na faculdade. O contexto é outro, muitas vezes lidar com carências das mais diversas nesses espaços e é completamente diferente de outros ambientes. Tem que estar preparado para lidar com isso.

Aluna G: Mas isso só descobri na prática indo lá.

Pesquisadora: É na negação que tu se descobres. Eu não quero ser essa professora de escola. Claro, se eu precisar como sobrevivência vou fazer isso. Mas aí entra aqueles professores em sala de aula que não querem fazer aquilo. Sem perguntar o que se quer, e vai dar valor para isso?

Aluna G: A experiência que eu tive lá eu não quero, já tive filhos e sempre muitas crianças eu estou saturada disso.

Pesquisadora: Escreve sobre isso, pois tudo te forma como sujeito diferente de mim e dela. Pensar sobre o que tu queres nesse Curso, como foi chegar aqui, o que as pessoas te disseram? Tudo isso são coisas que marcam.

Aluna G: Para mim foi superimportante ter as aulas de História da Arte. A gente houve muito as pessoas dizerem que as obras de arte contemporânea não dão para entender nada e não servem para nada. Só que elas não sabem dessa trajetória da história que teve a arte. E a arte dá para entender a sociedade que a gente vive. Ouvir uma música louca..., mas a vida está louca. Não diz nada com nada e só repete, e se fosse traduzir em outra forma de arte ia dar a mesma bagunça ali. Não iria entender nada. Só que não é só a arte que está louca e não se entende, a própria sociedade não entende.

Pesquisadora: Bom aí se vê a Arte como um documento que reflete o contexto. Contemporâneo mesmo é mais difícil de decifrar porque é o que a gente está vivendo, o presente mais recente. Assim como teu TCC e tua formação não fogem muito do que você é. Assim é a obra de arte, não foge da subjetividade daquele artista que viveu num determinado contexto.

Encontro 3:

Dia: 06-09-2016

Discussão após o filme “Paul Klee: O diário de um artista”.

Pesquisadora: Eu escolhi esse filme, pois fala de um artista muito conhecido o Paul Klee e acredito que já tenham ouvido sobre ele na graduação. Mas poucos de nós sabia que ele era também um professor. E durante a nossa formação, muito se fala sobre esses sujeitos apenas como o papel de artista e se desconsidera que tenham sido também professores. E talvez a profissão de professor os sustentou como artista. Esse filme traz de fato a história baseada no diário dele, aquelas imagens que são apresentadas são desse caderno e trata muitas vezes da elaboração de aulas dele. Também se vê o contexto de vida dele. Era na Alemanha nazista e ele estava dando aulas na Bauhaus. E o quanto isso influenciou na vida dele, algo que se reflete na obra diretamente. Então vamos abrir para uma roda de conversa, para vocês falarem sobre alguma ideia, palavra que tenham achado interessante sobre o filme.

Discente C: Eu vou começar falando uma frase. Eu gostei muito da frase: “traços enriquecidos de acaso e transferência”, acho importante mostrar os processos que ele fazia os desenhos. E que era uma técnica dele mesmo, que não usava algo pronto, achei isso bem legal, entre outras coisas que me identifiquei...

Pesquisadora: É importante destacar isso, porque o filme mostra o fazer, o trabalho dele como artista e professor... não mostra simplesmente como um gênio da arte, com uma ideia inspiradora. Vocês viram os desenhos dele, não existe aquela coisa da perfeição anatômica, são livres e isso que mexe com a gente.

Discente f: Eu gostei daquela parte da transformação da linha e do círculo que ele faz. Achei interessante, porque ele explora em formas tão simples quantas outras formas podem surgir. E como tu dissestes de ele ser professor, acho que é bom de explorar isto até com os alunos. Eu gostei de uma frase que ele disse: “a arte não represente um artista ela é um artista”. Então é ser um professor e nos rabiscos dele ele já estava desenvolvendo a arte dele. Até mesmo quando ele faz os fantoches, alguns podem olhar e dizer que é uma coisa horrível mas tem todo um sentimento ali. Mesmo quando ele fez os fantoches pensando no filho, tem um pouco dele ali, uma carga de sentimento. E a gente como professor, enquanto se prepara e pensa no aluno

é um pouco artista. E a gente tinha falado sobre o professor-artista, e fiquei refletindo a semana toda sobre isso, então acho que a gente coloca um pouco e acaba sendo mesmo sem perceber.

Discente a: Eu gostei muito da frase: “que na arte nunca se precipita em nada”. Essa frase causa muito medo nas pessoas, porque as pessoas ficam ansiosas porque tem que desenhar bem. E aí quando alguém mostra, e quero até te parabenizar pelo trabalho e acho que deveria ter mais na faculdade. Porque é muito fácil ler tal, pesquisem tal e nem todo mundo tem o tempo todo para ler aquilo. Então é a primeira vez que eu estou vendo, não sabia desta questão e gostei muito do vídeo. Também da parte que fala que o cara tinha nove mil desenhos, as pessoas nem tem nove e já... é muita pressa que as pessoas tem. Que nem da folha na natureza que a folha vai se moldando. E como o Cézanne que pinta sempre a mesma paisagem no verão...

Discente c: E aí também fala de vontade e disciplina!

(Todos concordam afoitos com esse tema).

Discente b: Achei interessante que ele demonstra bem para quem está assistindo, que a obra não é imediatista. Que o ser artista não é algo divino que cai do céu. Tem todo o esforço dele, toda tentativa, estudo, envolvendo outras áreas de conhecimento...

Discente a: Física, Música...

Discente b: Para ele chegar ao ponto que tu olhas e pensas: “ah! É tão infantil, primário e simples.”

Pesquisadora: A frase que se ouve muito: “até uma criança faz isso”.

Discente b: Sim, daí tu vêes que se para a gente já é difícil, imagina para uma criança o esforço de juntar o conhecimento. Não é assim, vou desenhar e já vou virar um grande artista.

Discente h: E o que eu noto assim, que mesmo com essa disciplina toda no trabalho dele, ele não deixa de perder a sensibilidade. Eu vejo que assim, a gente mesmo muitas vezes levando para o nosso cotidiano pensando nos trabalhos muitas vezes acaba ficando insensível. Eu acho que a maioria de nós sabe isso lá no fundo,

mas fica com o olhar aberto e se tem essa sensibilidade. Mas isso para sair, para gente pôr para fora tudo isso... ela puxa a gente.

Discente b: É que tudo requer o tempo, não é?

Discente h: Ali mesmo tem a questão da guerra que bate na porta dele, na vida dele....

Pesquisadora: Sim, porque os nazistas destruíram a imagem dele dizendo que era um degenerado, e queimam os trabalhos e desenhos. E ele tem a consciência de que era uma questão maior envolvendo a sociedade. Tanto que tem uma fala dele que quando o “povo tem que pensar ele não pensa”. No sentido de que muitos estavam seguindo um líder.

Discente i: Eu vou falar um pouco desta questão das formas de representação. Tipo eu não desenho, para mim eu não desenho, mas daí tu vêes o trabalho dele e é muito simplificado. Tu levas para a escola e o pessoal diz: “ah eu não quero desenhar professora”. E eu vejo o pessoal aqui falando da sensibilidade, a gente teve colegas que dentro da graduação pararam de desenhar. E tipo tem essa questão da acadêmica que te bloqueia de desenhar.

Pesquisadora: No sentido de desenhar o perfeito anatômico, naturalismo mais real mesmo?

Discente c: A gente trabalha com hipertrofias no Centro de Artes. A gente da Licenciatura hipertrofia a cabeça e o pessoal do Bacharelado hipertrofia a mão.

Discente f: Eu tive uma experiência muito boa no estágio, que a professora sugeriu que levasse os meus trabalhos para eles. E eles gostam muito de ver os trabalhos que a gente faz, eles sentem mais real. Claro é nosso papel mostrar as imagens, mas mostrar os teus abre um caminho. E os desenhos meus são muito primários, nas oficinas de desenho. E acho que a coisa rendeu. E eles esperavam que eu apresentasse alguma coisa, e eles se surpreenderam por ser mais comum.

Discente i: Eu também trabalhei com vídeos e levei os meus próprios, e quando dei aula na quarta série levei trabalhos da Diana, do Leo e do Luan. E mostrei que era trabalho dos meus colegas. E eles adoraram, porque não é só aquela coisa que os professores mostram. E daí eles queriam saber os programas de desenho

digital. E eu vim da aula de desenho do professor Zeca e era muito técnico e eu me travei um pouco, já na aula de desenho da Carol Rochefort eu me senti mais livre.

Discente j: Eu achei interessante essa busca dele por se aprimorar, dos cursos que ele fazia baseados na natureza.

Discente g: Ele fala ali o “invisível se torna visível.” Mas eu acho que é mais assim, um olhar para os detalhes.

Discente j: O que eu gostei mais foi da parte das marionetes. Mesmo achando meio macabro. (Risos). Ele fala que o teatro de marionetes deles é o mundo imaginário. E muitas das obras dele aparecem aquilo ali. Não sei se na visão dele as pessoas eram manipuladas, não sei o que ele quis representar na maioria dos trabalhos dele....

Discente m: Eu achei interessante a parte que ele vai para a Tunísia e começa a fazer relação com as cores, de sobreposição de cores que eu não conhecia. Conhecia muito de desenho e linhas, e achei interessante essa busca pela cor.

Pesquisadora: A gente sai para viajar e não pensa em olhar a cor dos lugares. E saí dessa coisa de pegar a aquarela e vou pintar. Ele estava nas ruas e parava para desenvolver essa percepção.

Discente h: Acredito que ele tinha muita influência da música. A música ela te move.

Pesquisadora: Então tem muito da música, do teatro, das marionetes tudo isso permite ele criar no visual junto. A gente se prende ao desenho, mas muitas vezes uma música ou filme te levam para criar. Isso quebra esse estereótipo que fica na nossa cabeça do artista que cria por inspiração e talento. Do que é ser artista?

Discente n: Eu acho que os artistas que mais se cobram... eles estão sempre em construção. Tem essa busca...

Pesquisadora: Eu gostaria de pedir para vocês antes de irem embora, que me falem uma palavra o que vier na cabeça do que é ser artista para vocês?

Discente i: Eu acho que é ser você mesmo.

Discente g: Sensibilidade.

Discente m: Pensamento.

Discente h: Humano.

Discente a: Criação, produzir.

Discente n: Revolucionário, procurar algo novo.

Discente o: Mente aberta para novas experiências.

Pesquisadora: Falta alguém falar sobre o filme?

Discente p: O que mais me chamou a atenção é que ele é um artista, mas ao mesmo tempo muito disciplinado. Eu acho que tem muito essa visão de que quem é artista e produz vem uma luz divina e sai tudo aquilo sem.... No caso eu vejo isso até comigo, porque eu trabalho com fotografia e aí tem muito assim disso: ah! Faz uma foto, ou vamos fazer um ensaio..., mas não é assim, porque se for fazer um ensaio tem que ver quem é essa pessoa, como ela age, quais elementos vais usar, porque vai usar. Não é sair assim agora e sair fazendo.

Discente n: Eu acho até interessante de falar que não sei se você conhece o Joseph Beuys, ele também tem um trabalho que trata do pensamento crítico, reflexivo que você está falando aqui com seus alunos. Ele também era professor, eu fui a uma exposição em São Paulo e tinha muitos trabalhos dele, ele era alemão... Tem alguma coisa do tipo “todo mundo é artista” e a arte como algo revolucionário, pode te ajudar no seu trabalho. Ele foi professor numa faculdade e foi expulso.

Pesquisadora: Olha só pessoal, interessante isso que a colega esta compartilhando com a gente. Vocês conhecem o Joseph Beuys? Ele era artista, mas também professor!

Discente n: Eu acho até que Joseph Beuys deveria estar na grade curricular da UFPel.

Pesquisadora: Todos eles: Lygia Clarck, Paul Klee, Allan Kaprow... todos deveriam estar, mostrados como professores. E porque só são referências como artistas? Não acha?

Discente n: Eu acho que esse artista revolucionou muito na Alemanha, da mesma linha revolucionária que Lygia Clarck e o Oiticica. E eu não sei porque eles esquecem tanto esses artistas. Na Bienal que teve eles deixaram a banca aberta da Abramovich ela fez uma performance que demorou menos tempo que eles deixaram a stand dela lá do que o dele.

Pesquisadora: É um peso... que a gente carrega de não falar deles também no processo de ensino. Somente olhar pelo lado da criação do artista como algo desvinculado de sua prática docente que na maioria das vezes é acompanhada até mesmo como pesquisa de processo na criação de uma aula.

Encontro 4:

Dia: 13- 09- 2016

Pesquisadora: Bom, vamos começar a maioria foi embora..., mas a gente segue. Hoje pergunto: o que é fruidor? Podem falar o que acharem que é, não precisa ser exatamente o conceito...

Discente g: O que é isso?

Pesquisadora: Bom... não queria que tivessem apenas uma resposta, até porque ela é a partir da minha interpretação. Mas para a gente começar a ideia... Fruidor também é conhecido por espectador quando se observa uma obra num museu, por exemplo. Isso mudou bastante na concepção dos anos 60 com Lygia Clarck e Oiticica, em que o fruidor passou a ser aquele que faz a obra. Mudando essa noção de apenas observar, mas tornando mais ativa a posição do sujeito espectador e o autor da obra já não é apenas o artista como único foco. Fruir arte é também um processo de experiência estética com uma obra, mas tu não precisas só ter experiência estética com uma obra de arte. É possível haver experiência estética em uma aula, em uma conversa com alguém na rua... em outras relações que não somente com a arte. Fruidor envolve também isso que falei, mas o que vier na cabeça de vocês sobre o assunto, não se prendam a isso o que eu disse. Até que se vocês não sabem o que é, podem dizer isso. Qualquer palavra mesmo...

Discente a: Tem a ver com fluir, na minha imaginação tem sentido de fluir... como um sinônimo.

Discente g: É eu achei que era isso também, fluir ou absorver.

Discente h: O que é?

Pesquisadora: O que vocês acham que é fruidor? O que vocês entendem pela palavra fruidor? Não precisa somente estar ligado à arte, pode ser ao ver uma obra numa galeria. Mas também em sala de aula a gente frui. Um exemplo, quando o professor de pintura expõe os trabalhos de todos na turma e a gente tem que fruir o trabalho de um colega. Mais ou menos isso e também a gente pode pensar quando se envolve com um objeto de pesquisa, como no TCC de vocês nesses momentos de relação, refletir profundamente sobre algo a ponto de ser transformado a criar.

Discente h: Eu para mim, eu associo muito com aquela coisa de interação. Se não existe interação não existe fruição. (Risos)

Pesquisadora: Sim pessoal! Estou gostando de ver. Estão se expressando bem, porque a maioria das pessoas que eu conversei não sabe bem o que é, não entendem mesmo. Legal isso que tu falaste porque se pegar o exemplo de uma obra do Oiticica, a pessoa tem que estar dentro do fazer artístico senão é outra proposta, né? Aí tu vais ver o “Parangolé” numa exposição parado na parede, intocável. Mas como tu vai assimilar se o propósito da obra era outro era a relação comigo? Complica bastante essa relação da fruição, percebem?

Discente G: É que não é uma palavra muito comum, então ela é difícil da gente... parece tão complicada.

Pesquisadora: Ela parece longe, mas ao mesmo tempo ela foi tratada aqui no Brasil muito nos anos 60. Uma coisa fundamental e a gente está e formando não é...., mas não sabe o que é.

Discente G: Como que tu vai explicar essa palavra?

Discente h: Eu confesso que tem umas coisas de arte que assim.... eu não entendo nada que estou lendo. Pego e digito no computador porque tem coisas que...

Pesquisadora: Até ia dizer isso, se quiserem pesquisem sobre o assunto na internet e coloquem no caderno de vocês. Para mim é importante isso, que a gente

organize um material e leve para exposição, portanto, que participem também como produtores de pensamento reflexivo. Porque a pesquisa é isso.

Discente H: Eu tenho algumas coisinhas de bloquinhos. Da própria formação né?

Pesquisadora: Sim escrevam sobre o que percebem o que chamou atenção de vocês nesse assunto.

Discente g: Já que eu não costumo usar essa palavra, acho que entra ali o desuso dela. E tu Raquel, fala o que tu pensas?

Pesquisadora: Eu não posso falar, até porque eu pesquiso exatamente a falta de saber sobre isso. Que eu também senti eu fui buscar.

Discente G: Então é um desuso total isso.

Discente h: São palavras que estão no nosso cotidiano inserido e a gente não sabe...

Discente a: Tem outras que eu custo a entender e se ouve muito falar: corroborar. (Risos)

Discente h: Tem uma palavra que eu custo a entender que é: pictórico. Tem uma listinha num caderno meu, que eu vou analisando e escrevendo no TCC... Por que... Olha!

Pesquisadora: Mas isso é importante, pois a gente termina a formação e desconhece bastante coisa, e daí entra o ato da pesquisa.

Discente h: Eu tenho até uma listinha que tive que imprimir e colar para tentar entender.

Pesquisador: Isso é uma coisa para se questionar, é o lado do profissional que vai sair e desconhece muitas coisas... é que nem chegar num médico e dizer que tem dor de cabeça e ele não souber o que significa. Por que na nossa área da arte isso pode ficar assim? Por que a gente nem se quer sabe o que é fruir? Como que ficam essas falhas na prática?

Discente h: Agora eu também tenho que lidar com um problema judicial, e tem um monte de palavras que eu não sei. Daí eu tenho que pesquisar para entender na hora lá, não ser tão ignorante.

Discente g: Estas pesquisando.

Discente a: Quantos dos alunos de fundamental e médio querem ser professores?

Discente g: Dia desses tinha uma menina na venda e aí a mãe dela pediu uma coisa e ela disse: Mae eu não tenho dinheiro! Quem mandou me incentivar a ser professora?

Discente h: Ah! Que horror!

Discente g: É para passar necessidade.

Discente h: Eu acho que não dá para dizer... é que está desvalorizada essa carreira.

Pesquisadora: Tem muito essa coisa de nasceu para ser professor, amor por ensinar. Mas não é só isso, se estuda muito para ser professor e quando se chega lá... tu és a base de tudo.

Discente g: Não existe nenhum curso sem um professor. Tu ensinas para todos os profissionais e ganhas aquele salariozinho de morto de fome. Ai eu não quero, prefiro ser vendedor de loja.

Discente h: Acho que tinha também que ter uma pesquisa para entender o que é, mas o que se faz depois da graduação? Quem não busca uma especialização vai fazer o quê?

Discente g: Um monte de gente se forma na Licenciatura e não pratica.

Discente a: Colégio particular não chama, concurso a gente tem que ficar esperando para sair...

Pesquisadora: Realmente se formar encontra esses outros obstáculos para que se possa ter a prática. Bom... para adiantarmos hoje vamos discutir os papéis para pensarmos na formação de vocês. Trouxe aqui justamente pedaços de papéis, e

queria que vocês separassem cada um os quatro papéis e organizassem eles de modo a explicar como é a formação de vocês em relação a esses aspectos. Pode ser na mesa organizar como se sentem em relação a eles, visualmente expressar o que eles representam na formação de vocês.

Discente a: Em uma ordem?

Pesquisadora: Pode ser o que vem primeiro, ou por um encima do outro porque são iguais, ou organizar em formas de esquemas... bem livre para poder expressar isso. Frente a formação que tiveram na faculdade e ao modo como irão sair daqui, como organizariam eles representando vocês?

Discente g: Raquel, eu nunca fui e uma galeria de arte e nunca tive um mediador.

Discente h: Nunca visse uma exposição que tivesse um mediador?

Discente g: Não, nunca. Nunca participei de mediação como disciplina... esse conceito é tão vago como o de fruidor.

Pesquisadora: Escreve sobre isso, de serem vagas para ti, anota! Porque é possível também pensarmos assim, talvez tua formação aqui não privilegiou esses quesitos e os professores que tu tivesses contato não trataram.

Discente g: Como nunca fui em uma exposição com mediador não sei isso e como nunca vivenciei isso aqui não sei o que é....

Discente a: Mas quando trouxemos os alunos aqui na turma da Cláudia, lembra? Isso foi uma mediação. Em fundamentos da educação, trazer os alunos na faculdade e na galeria ali debaixo.

Discente g: Essa apresentação?

Pesquisadora: Tu entendes isso como mediação?

Discente a: Entendo porque a gente apresentou a galeria para eles.

Discente g: Tá, então explica para mim o que é a mediação?

Pesquisadora: É que assim, não quero interferir com respostas para vocês, porque eu busco nesse processo exatamente o modo como percebem a formação e se isso é falta então pode expor aqui. Depois podemos conversar caso tu queiras saber mais sobre o assunto, ou fazer uma pesquisa na internet sobre o tema e a gente discutir com exemplos na prática disso. Como você se enxerga hoje dentre esses papéis?

Discente g: Bom, professor nem que a “vaca tussa”. Mediador é confuso. Artista eu não me considero porque me vejo mais como uma artesã. Fruidor que é uma experiência estética, eu ou muito assim.... uma apreciadora de arte. Eu adoro observar, curtir, sentir... meus olhos brilham quando vejo arte. Acho que isso me fez parar aqui e descobrir que aqui não é o meu lugar. Deveria estar até no Bacharelado e não aqui. Mas artista também eu não sou, eu não sou uma artista! Eu sou artesã.

Discente h: Eu acho que... e eu vou falar porque eu conheço os trabalhos que a Elair faz. É extremamente caprichosa no que faz e realmente ela não se vê uma artista, mas se enxerga como artesã.

Discente g: Sim como artesã.

Discente h: Mas ela não sabe que o que ela produz é arte. Falta isso, sabe? Eu acho que ela precisa fazer a mediação para se sentir uma artista.

Discente g: Talvez é.

Discente h: Só assim, tu vais ser uma professora e ter uma expectativa de fruidora.

Discente g: Mas isso seria digamos assim o ideal né?

Discente g: Na verdade tu és isso aqui e não sabe que é. Conforme fores conhecendo isso aqui tu vais sendo isso aqui. (Organizou os papéis na mesa de forma a ilustrar a fala, referindo-se “aqui” como esses papéis de mediador, fruidor, professor e artista) Conforme tiveres certeza disso, tu vais estudar e começar a se ver como uma professora, porque tem essa formação. Mas a partir do momento que tu fores uma professora tu vais ser uma fruidora. Isso já está dentro de ti, mas tem que lapidar. Falta uma lapidação aqui. Eu te conheço porque vivo a mais tempo na formação

contigo, e conheço o teu trabalho eu sei que tu és uma artista. Conheço teu trabalho como artista e já vi mediares algo, embora tu aches que não foi mediação.

Discente g: Exatamente por não saber direito essa coisa aqui, eu não sei. (Apontou para o papel escrito mediador).

Discente h: Eu não vi dares aula como uma professora. Mas a maneira como ela media...

Discente g: Eu acho que como professora eu entendo muito bem, mas eu não gostei de ser professora.

Discente h: Eu acho que é uma experiência que não deu para ti curtir.

Discente g: Não deu...

Discente h: Eu acho que falta... para ti seres um professor e te dar o direito todos aqui de ser professor... é que a gente não tem muito contato com alunos na formação.

Discente g: Estágio é muito pequeno, quando se vai para sala de aula a turma está pronta e estabelecida, contato com determinados professores fixos e o nível de respeito e interação é daqueles professores. Nós somos intrusos naquela rotina da escola. Não consegue se mobilizar, nem ir para a própria escola. Cheio de barreiras dentro da escola e os alunos não tem a mesma interação com outros professores a mais tempo. O que para mim é o que dificulta.

Discente h: Mas acho que mesmo o estagiário ele pode ativar coisas e levar coisas diferentes que eles precisam conhecer.

Discente g: No meu estágio era uma festa quando eu chegava. Mas mesmo assim, eu não gostei.

Discente h: Porque a gente tem muito daquela coisa assim.... da cadeira e tem que estar sentados. Os alunos sentadinhos, e daí pedir para falar... sabe? Então às vezes isso não funciona principalmente como um artista com a arte. Não funciona! E vem aquela coisa assim automática, de tu começares a mediar as coisas das mentes, absorver da mente deles e mediar eles. Achar um caminho, na verdade está mediando eles e mediando a ti mesmo. E automaticamente tu passas a fruir! Tu passas a ser um

fruidor. Os alunos começam a te perguntar e questionar coisas. E a gente tem que tirar proveito também das frustrações que se vive.

Discente g: É.... na verdade eu sou uma fruidora digamos da própria arte em si. Arte! Não da questão professor-aluno. Entendeu?

Pesquisadora: Pode ser também, é uma possibilidade. Eu vejo que a Silvia e o Jeferson compreendem dessa questão do fruidor na sala de aula. E tu não. Na tua concepção fruidor está apenas relacionado ao sujeito com a arte. Talvez a exposição...

Discente g: É! Nesse curtir a arte em si. Como eu ainda estou nessa negação do professor dentro de mim.

Discente h: É.... tem que trabalhar essa professora.

Discente g: É! E como eu nego isso o tempo inteiro. Não fruí e não vai.

Pesquisadora: Tu visses o filme aquele que eu trouxe do artista? O que tu achaste?

Discente g: Ah! Eu vi...

Pesquisadora: O que tu achaste? Tu negas ele como professor? Tu não te vêes como ele? Tu vêes ele mais como artista do que um professor? Pode estar vinculado a isto?

Discente g: Eu vou ter que rever aquele vídeo de novo!

Pesquisadora: Definiram fruidor como algo ligado a sala de aula também?

Discente g: É se fruir é tu teres essa experiência. Tu fruis em qualquer lugar. Pode-se fruir a vida, não é?

Discente h: Tu podes fruir até dentro da tua própria casa!

Discente g: É até em casa. Mas se a gente for restringir essa palavra até somente a nossa vida aqui. Então seria um fruidor dentro da sala de aula? O que vem dessa interação do professor-aluno.

Discente h: Essas propostas que tu trazes para que eles fruam e criem.

Discente g: Mas como eu, no caso, não fruí e não quero.

Discente h: Até no momento que tu tens o primeiro dia numa sala de aula que tu queres conhecer teus alunos... ou em uma brincadeira. A minha foto tem que ser assim porque eu não consigo achar uma ordem. Para mim está tudo separado.

Pesquisadora: Tu não vês junto e não entende duas palavras fruidor e mediador.

Discente g: Agora até que foi e eu entendi fruidor.

Pesquisadora: Acho que nesse diálogo a gente conseguiu captar a experiência estética. Porque ela pode estar na vida, nas coisas não com arte somente. Pode ser até mesmo nessa conversa, esse estado de abertura para o diálogo, o processo de transformação que vocês experienciam.

Discente h: Eu fiz essa frase: “para ser professora eu sou mediadora. E como artista eu prefiro observar para compor a fruição.” Eu sou muito de observar as coisas, olhar. E isso eu sou desde pequena e depois vem a minha criação artística. O meu ser artista se resume na criatividade.

Discente a: A arte-terapia é meu TCC, baseada na criatividade.

Pesquisadora: Te percebes como um artista? Como isso fica para ti?

Discente h: Eu acho que como artista eu crio pouco. Quando eu me proponho a criar hoje primeiramente eu entro em pânico. Será que eu vou agradar? E assim fica aquela coisa será que vai fruir? Alcançar um objetivo? Mas como eu sou criativa, gosto de observar e criar... depois vai ficando mais leve. Leve! Mas hoje eu me vejo como professora. E como professora eu mudei o meu olhar. Para mediar alunos, mentes. É perigoso isso de preparar mentes, mas é importante dar essa informação de tudo que tu tens de conhecimento tu transmitir. O professor é um mediador. E não é todas as pessoas que vão seguir o que tu vais falar, mas absorvem alguns. Eu tive bons professores e absorvi coisas deles até os que não ensinaram muitas coisas tenho outras visões. Hoje quando vou para a sala de aula, vou com a questão do PIBID da pesquisa. Pesquisando pessoas e alunos. E o Curso precisa ser mudado nesse sentido, a gente tem que estar mais na sala de aula. A gente tem dificuldades na escola, o não do professor ou diretor para o que é bom e diferente. E teu trabalho é

bom e está sendo criticado. E quem perde com isso? A escola e a sociedade. Tem que mediar paciência e mentes. Enxerguei isso na cadeira de mediação que sensibiliza e entende o ser humano. Tem professores sem essa visão de entender as pessoas. A sociedade está cheia disso, falta. A arte está a todo tempo na nossa volta, mas não é valorizada e vista. A menos que seja um grande espetáculo e grande mídia.

Pesquisadora: Pensamos na capitalização desse saber. Na escola educação física e artes é desvalorizada, nem se foca nesses pontos. Mas para pagar fora desse espaço um curso de desenho, dança, música ou ir em uma academia. É super caro. Porque isso é distante? Na escola o professor que dá a disciplina na escola ninguém dá interesse, mas o fotógrafo e a escola de tênis é outro pensamento, é tão restrito a pequenos grupos. Estranho isso.

Discente g: Artes substitui tudo, é igual a nada. Mas para que fazer artes, eu fazia geografia. Penso nisso para que estudar artes se chega na escola e não tem o menor valor. Quando eu fiz EJA se jogava futebol dentro da sala de aula. Era a professora entrar para ver ela gritar.

Discente h: Mas as aulas de artes eu percebo essa mudança, não é tão assim.

Discente g: Eu pensei em fazer geografia eu disse para o meu marido para que artes se não tem o menor valor. Geografia pelo menos tem uma certa valorização e respeito. Mas fiz um ano de Geografia e pensei estou no lugar errado.

Pesquisadora: Mas é estranho porque estamos toda a hora em contato com esses saberes no nosso dia a dia, arte na fotografia na propaganda em uma revista, na televisão tem futebol toda hora, tem questão do físico e do jogo..., mas na escola são matérias desestimuladas.

Discente h: E não é só Artes Visuais, mas Dança e Teatro. Eu estou fazendo o PIBID e apareceu numa escola dezenove crianças para fazer dança! A escola tem uma sala com espelho, para fazer Dança de graça. E o projeto começou, mas foi uma dificuldade para abrir essa sala de aula e fazer uma oficina. E a escola barra muito.

Pesquisadora: A gente precisa disso para vida, e não consegue fazer um Curso de dança e de esporte seja qual for.... porque é muito caro. Ao mesmo tempo que é uma necessidade humana a escola não provoca para isso, mas socialmente

estamos necessitados. E pensando no mercado de trabalho nosso, porque se vai abrir um curso de pintura, por exemplo, sempre tem gente querendo. Bom falta um falar?

Discente g: Eu tenho esses papéis aqui da cabeça para baixo. E mediador quando tu falas é com a vida, que tu tens que ser tolerante, saber escutar, e isso envolve a mediação e acaba fruindo. Mas esses outros vou deixar... (risos)

Discente a: Bom eu botei artista porque estou relacionado a arte e pacientes. E até veio da conversa aqui naquele outro dia. Porque eu também não me achava um artista, e essa visão me mudou isso. Segundo eu coloquei o professor, pelos estágios que eu fiz e minha busca pelo conhecimento, tenho buscado formas e métodos de trabalho. Mediador é mistura do artista e do professor, porque possibilita a informação, estar em formação e assim buscar a transformação.

Pesquisadora: Olhem que interessante, para ti mediador é essa mistura de artista e do professor!

Discente a: É na verdade eu acho que, até ela falou na vida. Mas quando você está mediando alguma coisa se está ensinando se passa um conhecimento. E o fruitor eu coloquei no papel da observação das imagens, comportamentos de pacientes e alunos. Pois eu trabalho num hospital, observar tudo em uma análise mais aprofundada. É como se fosse uma pesquisa de cada um, um processo mais complexo pois se trata de vidas humanas. Cada um no seu ritmo, suas qualidades e dificuldades.

Pesquisadora: Muito interessante que não necessariamente a gente tem que se enxergar nesses papéis todos. Mas como ela disse também vocês relacionam isso do mediador com o professor, mas gostei muito na conversa que tivemos. Que esse fruitor não está apenas na galeria de arte, ele está na sala de aula, em uma conversa... e isso é difícil de se entender. Quando eu entrevistei no ano passado na minha turma, e a maioria não sabia o que era o fruitor... dizia que não gostava de ser fruitor porque não tinha contato com a arte. Mas aí é difícil porque tu estas num Curso de Licenciatura, e és um professor de arte que vai atuar, mas se nem tu que é especializado no assunto gosta de arte! Então quem vai se interessar por arte? Quem vai valorizar. É uma visão limitada. Quando se escolhe obras para levar para sala de

aula, és um fruidor. Quando se põe em prática alguma proposta de ensino artístico alguma experiência com os alunos, você sai transformado desse processo.

Discente g: Essa questão também passa pela troca. A troca que se tem com os alunos, a experiência da aula toda é uma fruição ne?

Discente h: Mas para ti isso não é também ser professor?

Pesquisadora: Eu acho que é aí o ponto. Essa experiência está dentro de ti, mas não queres conceitualizar. Mas está integrado dentro de ti.

Discente h: Tem um exercício bom que se faz. Pega tudo o que se faz na graduação e escreve, tudo! Teus trabalhos e artesanato.

Pesquisadora: Reflitam sobre o que é arte para vocês. Para mim arte é tudo aquilo que me move a sair do senso comum. Que nos provoca a pensar e expressar. Algo que muda o que se faz comumente em nosso cotidiano, pode ser arte. Essa é a minha opinião de Raquel!

Discente h: É isso é o ready made!

Pesquisadora: Pensei na latinha de tomate, se vê elas amontoadas no supermercado para vender, no objetivo que se conhece utilitariamente. Mas foi lá e alguém colocou aquilo dentro de uma galeria, e as pessoas pararam para pensar de modo diferente sobre aquilo. Quem fez isso foi Andy Warhol, mas só ele teve essa sacada.

Discente h: A latinha também é arte, tem uma serigrafia e um design. Eu reflito muito isso também nessa questão do artesanato como arte. E pensar no momento de criação que é único para cada coisa. Nunca vai ser igual. Mesmo que eu queira reproduzir ela... uma boneca de novo nunca vai ser a mesma coisa. Pelo aspecto da pesquisa e do pensamento criativo.

Pesquisadora: Nem tão longe está se pensar no professor. Que também tem isso de criação como processo quando o professor prepara uma aula propositiva, diferente e que mexe com o pensar e o sentir dos sujeitos. Provocando outro olhar. Enxergam-se como artista?

Discente h: Nenhuma turma é igual, são diferentes.

Discente a: Era uma parede vazia no hospital, em agosto eu consegui que eles fizessem um desenho e fora se falar dos que já foram vendidos.

Pesquisadora: E se vê assim o papel do mediador, que está mediando as pessoas no contato com a arte, mediando a sensibilidade, provocando...

Discente h: Sim para sensibilizar.

Discente a: Eu fui lá fiz, nunca ninguém tinha mudado, enchi a parede de quadros. Todo mundo gostou, a chefe lá adorou e agora tem um espaço.

Pesquisadora: Acho que a pesquisa surge assim, quando a gente sente falta de saber uma coisa, vai atrás e muda. E daí muda tanto que pode as outras pessoas começar a assimilar esse processo de outra forma. Mas tem alguém movido por essas questões. E às vezes a gente começa sozinho.

Discente a: Mas a arte é assim transformadora. Eu vejo um outro clima, os pacientes chegam assim: ah! Não tem um pincel para pintar hoje? Eles querem fazer. A arte é muito assim pode mudar.

Discente h: Eu quero falar da arte como um retorno social, um objetivo, a arte como função social. De dar outra visão para mudar.

Pesquisadora: Às vezes a gente precisa de outra pessoa com esse olhar para mudar, assim como o Jeferson.

Discente h: A sociedade nossa está doente, não se enxergam nossas dificuldades e dores. Ser humano não enxerga a dor do outro. Sensibilizar! Aquele aluno que precisa falar e está batendo e brigando.

Discente g: É a forma de expressar isso.

Pesquisadora: O que é mais carente, a violência vira canal de expressão. A arte pode trabalhar nisso. No fundo só quer chamar a atenção.

Discente h: Ele é tido como marginal. E não tem alguém que diga. Para! Respira! Escreve tudo isso que está sentindo. Fala para mim. Mas tem muitos professores que dizem: Ah! Isso não é problema meu. Tu vês colegas dizendo que preferem trabalhar na bolsa de valores que ganharia mais do que ser professor. A

gente estava arrumando taquinhos de madeira da sala de dança para o projeto e diz isso! Poxa! Espera um pouco, né! Vai ser essa pessoa que vai sair para educar?

Pesquisadora: A maioria das vezes essas pessoas não pensam nisso. Ninguém senta junto para conversar sobre o que significa essa graduação. É um movimento ao contrário. Se fala muito do professor que está dando aula... vocês teriam essa oportunidade aqui de hoje, falar sobre essas questões?

Discente a: Não.

Discente h: Não isso não existe.

Discente g: Não isso é muito pouco.

Pesquisadora: Aí tu deparas com essas pessoas com esses conceitos. E ela não teve a oportunidade de modificar isso, não precisa de um professor. Pode ser um colega em uma conversa. Alguém puxa a orelha. Teu papel como professor o que é? Isso falta pode ser um problema que vem da graduação.

Discente h: Eu fico admirada quando ela aqui diz: eu não me sinto professora! Ela está sendo sincera.

Pesquisadora: Pior é quem vai para a sala de aula assim, e na verdade tem um pensamento todo contrário e não percebe isso. Falamos também de uma forma de ser pesquisador, porque há uma dúvida. O medo é o que te move a modificar. E isso te faz ter um trabalho criativo mais do que alguém que vai para a sala de aula e pensa nem queria estar aqui, para que fazer isso?

Discente g: Eu nos meus estágios dei o melhor de mim, eu fiz um bom trabalho. Mesmo eu não querendo ser hoje professora como profissão de vida. Mas eu fiz o melhor que pude, só não faria na vida. Fui até homenageada na formatura deles. Eu gostaria de ter uma atividade como Jeferson fora do espaço de sala de aula.

Pesquisadora: É importante se perceber, decifrar essas diferenças que estão na gente guardadas. E refletir o que realmente você busca aqui no Curso e na sua vida.

Encontro 6:

Dia: 11-10-2016

Reunião com representantes da AGA- Associação Gaúcha de Arte-educadores, para discutir sobre a Medida Provisória 476 que retira as Artes do Ensino Médio no Brasil. A iniciativa do Centro de Artes em discutir com os acadêmicos partiu da ideia de que é preciso mobilizar e discutir essa questão que se faz presente no contexto atual da educação. Como estratégia para ter maior número de alunos os professores uniram duas turmas em horário de aula e a reunião teve duração de uma hora e meia. Importante salientar que os alunos de Projeto em Artes II, disciplina na qual realizo atividade de estágio, estiveram presentes durante a reunião para reflexão coletiva proporcionada pelos docentes do Curso de Artes Visuais Licenciatura e os dois representantes da AGA professora Alberto Coelho e Auta Inês. Dentre os pontos levantados pelos professores abordou-se a necessidade de os estudantes se mobilizarem juntamente com as escolas para refletir sobre a Medida Provisória. No entanto, os alunos pareciam desmotivados e sem “voz ativa” para tratar dessa temática. Ficou evidenciado na reunião que a falta do Diretório Acadêmico Estudantil e a desmotivação dos estudantes em se envolver politicamente, no sentido de tomar uma postura frente às questões que envolvem a educação na contemporaneidade, são aspectos que acabam dificultando a crítica deste panorama de crise que assola a arte e a educação de modo geral. Os professores apontaram situações problemáticas referentes às decisões tomadas no governo do atual presidente interino Michel Temer e que se vinculam diretamente ao aspecto de valorização da arte, da educação e do mercado de trabalho para docentes: a polêmica sobre a extinção do Ministério da Cultura, a Medida Provisória 476 que retira Artes da obrigatoriedade do Ensino Médio e a Proposta de Emenda à Constituição (PEC) 241, que prevê o congelamento de salários do funcionalismo e restrição do reajuste do salário mínimo a apenas inflação dos gastos públicos pelos próximos 20 anos. De modo geral, a reunião envolveu muita discussão sobre o que o Centro de Artes, centro formador de futuros docentes em Artes Visuais Licenciatura, poderia organizar como protesto frente as questões abordadas acima. Como pesquisadora, sobre a formação docente nesta unidade da Universidade Federal de Pelotas focada no Curso de Artes Visuais Licenciatura, propus que realizássemos algum evento de protesto e mobilização, em que os alunos poderiam ministrar oficinas de arte vinculados aos projetos do Curso para as escolas

da região apontando como foco principal a valorização das artes para a sociedade. De modo, que a discussão não se restringisse apenas ao Centro de Artes, mas que ganhasse amplitude aliada às redes de Ensino da região. Assim como, insisti na importância de usarmos a arte como forma de protesto dentro do próprio prédio, através de intervenções e instalações para abordar o descontentamento geral dos docentes e discente pela situação que estamos vivenciando. Além disso, os alunos comentaram sobre organização de passeatas como forma de protesto. Relevante esclarecer que todos esses movimentos seriam vinculados a Associação Gaúcha de Arte-educadores, como forma de fundamentação das ações, já que a AGA apresenta como base todo um processo histórico de mais de quarenta anos lutando pelos direitos da arte-educação.